



S·E·G·R·E·D·O

Sem julgamentos

Sem limites

Sem vergonha

L·M·A·R·I·E·A·D·E·L·I·N·E



*Sem Julgamentos.
Sem Limites.
Sem Vergonha.*



Cassie, uma viúva de 35 anos que vive sem nenhum luxo em um quarto alugado, trabalha como garçoneiro em Nova Orleans e tem uma vida amorosa nula, deixa para trás as incertezas que a marcaram durante seu casamento com um marido alcoólatra e egoísta para descobrir seu potencial como mulher.; Cassie é chamada a participar de uma sociedade secreta essencialmente feminina, que tem por objetivo "ajudar mulheres a entrar em contato com seu lado sexual.

E, assim fazendo, elas tornam a ter contato com a parte mais poderosa de si mesmas. Um passo de cada vez", e 10 Passos no total. Dentro de S.E.G.R.E.D.O., as integrantes são convidadas a redescobrir sua feminilidade e sensualidade a partir das fantasias que elas mesmas escolhem (mesmo sem saber ao certo como ou quando elas se realizarão). Os homens, neste contexto, apenas ajudam a organização a realizar os desejos mais íntimos das participantes em cada um de seus 10 Passos. Ao longo dessas etapas, elas ganham a confiança para buscar novos amores: o seu amor próprio e o de uma nova paixão. Para identificá-la como membro da organização, Cassie ganha um bracelete no qual vai adicionando talismãs, que recebe a cada etapa completada.

Os 10 Passos começam pela Rendição e testam sua Coragem, Fé, Generosidade, Destemor, Confiança, Curiosidade, Bravura, Exuberância e, por fim, dão a Cassie uma Escolha: a chance de continuar como parte de S.E.G.R.E.D.O. ou optar por uma vida fora da sociedade. E você, aceitaria o convite?



Capítulo 1

Garçonetes são hábeis em ler linguagem corporal. Bem como esposas furiosas que viveram sob o mesmo teto com um bêbado furioso. Eu fui ambas: mulher de um por catorze anos e garçonete por quase quatro. Parte de meu trabalho era saber, às vezes até antes de os clientes sequer terem ideia, o que eles queriam. Eu conseguia fazer o mesmo com o meu ex também, prever exatamente o que ele queria no exato segundo em que ele cruzava a porta. E, no entanto, quando eu tentava utilizar essa habilidade comigo mesma, para antecipar minhas próprias necessidades, não conseguia.

Eu não tinha planejado virar garçonete. Alguém planeja isso? Consegui o emprego no Café Rose depois que o meu ex morreu. E nos quatro anos seguintes, enquanto eu passava da tristeza e da raiva a uma espécie de limbo entorpecido, eu servia. Servia às pessoas, servia ao tempo, servia à vida. Ainda assim, eu gostava do tipo de trabalho que fazia. Trabalhando em um lugar como o Café Rose, em uma cidade como New Orleans, você tem os seus fregueses de sempre, os seus favoritos e alguns que tenta repassar aos seus colegas de trabalho. Dell não suportava atender os excêntricos locais, porque eles davam péssimas gorjetas. Mas era deles que eu escutava, por acaso, as melhores histórias. Então, fizemos uma troca.

Eu ficaria com os excêntricos e os músicos se ela atendesse os estudantes ou qualquer tipo de gente com bebês e carrinhos.

Meus favoritos absolutos eram os casais, um em particular. Talvez soe estranho dizer isso, mas eu sempre sentia um frio na barriga quando eles entravam; a mulher estava com seus trinta e tantos anos e era bonita à maneira de algumas mulheres francesas — pele luminosa e, mesmo de cabelos curtos, um ar inegavelmente feminino. Seu homem, o sujeito com quem ela sempre vinha, tinha um rosto que parecia sincero, com cabelos castanhos raspados bem rente à cabeça. Ele era alto, com um corpo esguio e vigoroso, e era

um pouco mais jovem do que ela, acho. Nem o homem nem a mulher usavam aliança, então eu não estava certa da natureza exata de seu relacionamento. Mas, fosse o que fosse, era íntimo. Eles sempre pareciam ter acabado de fazer sexo ou estar prestes a isso depois de uma rápida refeição.

Todas as vezes que se sentavam, eles faziam o mesmo ritual: ele colocava os cotovelos sobre a mesa, abrindo as mãos diante da mulher. Ela esperava por um segundo e, então, colocava delicadamente os cotovelos sobre a mesa à frente dele, e eles suspendiam as mãos, com as palmas bem abertas, a um centímetro um do outro, como se houvesse uma força suave impedindo-os de se tocar — apenas por um segundo, antes que ficasse brega ou se tornasse perceptível a qualquer outra pessoa além de mim. Em seguida, seus dedos se entrelaçavam. Ele beijava a ponta dos dedos dela, emoldurados pelas costas de suas próprias mãos, uma após a outra. Sempre da esquerda para a direita. Ela sorria. Tudo isso acontecia rapidamente, muito rapidamente, até que eles separavam as mãos e davam uma olhada no cardápio. Observá-los, ou tentar olhar sem parecer que eu estava assistindo à cena, desencadeava um anseio profundo e familiar em mim. Eu podia sentir o que ela sentia, como se fosse a mão dele acariciando a minha, ou o meu antebraço, o meu pulso.

Na vida que eu levava não cabiam tais anseios. Ternura não era algo familiar para mim. Nem necessidades. Meu ex-marido, Scott, conseguia ser gentil e generoso quando estava sóbrio, mas, no final, quando a bebida o havia derrubado por completo, ele não era mais nada. Depois que ele morreu, chorei por toda a dor que ele sentira e por toda a dor que causara, mas não senti sua falta. Nem um pouco. Algo se atrofiou em mim e então morreu, e logo cinco anos se passaram desde a última vez em que eu tinha feito sexo. Cinco Anos. Eu costumava pensar nesse celibato acidental como se ele fosse um cachorro magro e velho, sem outra opção senão me seguir. Cinco Anos ia comigo a toda parte, a língua pendendo para fora, trotando na ponta das patas. Quando eu experimentava roupas, Cinco Anos ficava ofegante no chão do vestiário, com os olhos reluzindo, ridicularizando minha tentativa de parecer mais bonita em um vestido novo. Cinco Anos estacionou também sob cada mesa de cada encontro morno a que insisti em ir, caído aos meus pés.

Nenhum dos encontros a que fui me levou a um relacionamento que valesse a pena. Aos trinta e cinco anos eu tinha começado a acreditar que “aquilo” nunca mais aconteceria. Ser desejada, ser intensamente cobiçada, da forma como aquele homem desejava aquela mulher, parecia algo saído de um filme estrangeiro, em uma língua que eu jamais aprenderia, com legendas que se tornavam cada vez mais embaçadas.

“Terceiro encontro”, meu chefe resmungou, me assustando. Eu estava em pé, ao lado de Will, atrás do balcão de doces, enquanto ele limpava as manchas no vidro da máquina de lavar louça. Ele notara que eu observava o casal. E eu notei os braços dele, como sempre fazia. Will vestia uma camisa xadrez, enrolada até os cotovelos, e eu podia ver os antebraços musculosos e cobertos de pelos macios, clareados pelo sol. Embora fôssemos somente amigos, de vez em quando eu me sentia um pouco agitada por sua sensualidade, que era reforçada pelo fato de ele ser completamente alheio a ela.

“Talvez o quinto encontro, você não acha? Não é esse o tempo que as mulheres esperam antes de dormir com um cara quando estão namorando?”

“Eu sei lá.”

Will revirou seus olhos azul-escuros. Ele já não tolerava que eu ficasse me lamentando por causa da minha falta de namorado.

“Aqueles dois são assim desde o primeiro dia”, eu disse, olhando para o meu casal. “Eles estão totalmente sintonizados.”

“Eu dou seis meses para eles”, disse Will.

“Cínico”, respondi, balançando a cabeça.

Fizemos isso muitas vezes — especular sobre o relacionamento imaginário entre dois clientes. Era a nossa brincadeirinha, um modo de passar o tempo.

“Ok, olhe pra lá. Está vendo o velho dividindo um prato de mexilhões com a jovem?”, disse ele, apontando discretamente com o queixo para um casal diferente.

Estiquei o pescoço, tentando não ser óbvia demais ao encará-los, um homem mais velho com uma mulher muito mais jovem.

“Aposto que ela é filha do melhor amigo dele”, disse Will, baixando a voz. “Ela afinal se formou e quer um estágio no escritório de advocacia dele. Mas, agora que ela tem vinte e um, ele vai se atirar para cima dela.”

“Eca. E se ela for só a própria filha do sujeito?”

Will deu de ombros.

Examinei o ambiente, surpreendentemente agitado para uma tarde de terça-feira. Ainda apontei para outro casal, sentado em um canto, que finalizava sua refeição. “Agora, está vendo aqueles dois ali?”

“Sim.”

“Acho que eles estão prestes a terminar”, eu disse. Will dirigiu-me um olhar que indicava quão longe eu estava indo com minha fantasia. “Não há quase nenhum contato olho no olho entre eles, e ele foi o único a pedir sobremesa. Eu levei duas colheres, mas ele nem sequer ofereceu um pedaço a ela. Mau sinal.”

“Sempre um mau sinal. Um homem sempre deve compartilhar a sobremesa dele”, disse ele, piscando. Tive que rir. “Ei, você pode terminar de polir os vidros? Eu tenho que pegar Tracina. O carro dela quebrou de novo.”

Tracina era a garçonete do turno da noite que Will namorava havia pouco mais de um ano, depois de ele ter me chamado para sair e isso não tê-lo levado a lugar algum. No começo, fiquei lisonjeada pelo interesse dele por mim, mas eu não estava em condições de tomar uma atitude a respeito daquilo. Eu precisava de um amigo, mais do que namorar meu chefe. Além disso, acabamos cruzando tão profundamente a zona-limite da amizade que, apesar da minha atração por ele, não chegou a haver uma luta para manter as coisas no nível platônico... exceto pelos momentos ímpares em que o flagro trabalhando até tarde no escritório, com o botão superior da camisa aberto, as mangas arregaçadas, correndo os dedos pelos cabelos cheios e grisalhos. Mas consigo neutralizar a sensação.

Então, ele começou a namorar Tracina. Certa vez, eu o acusei de tê-la contratado só para que pudesse sair com ela.

“E daí se eu fiz isso mesmo? É uma das poucas vantagens de ser o patrão”, disse ele.

Depois que terminei de polir os vidros, imprimi a conta do meu casal e caminhei lentamente até a mesa deles. Foi aí que notei pela primeira vez a pulseira da mulher, uma grossa corrente de ouro decorada com pequenos talismãs, também dourados.

A pulseira era incomum, de um amarelo pálido e acabamento fosco. Os talismãs tinham algarismos romanos gravados sobre eles de um lado e, do outro, palavras que não consegui distinguir. Havia quase uma dúzia deles pendurados na pulseira. O homem também parecia fascinado por aquela joia. Ele corria os dedos pelos pingentes enquanto acariciava com as duas mãos o pulso e o antebraço da mulher. Seu toque era firme, possessivo, de um jeito que me atravessava a garganta e esquentava a parte que fica bem atrás do meu umbigo. Cinco Anos.

“Aqui está”, eu disse, minha voz subindo uma oitava. Deslizei a conta pela parte da mesa que não estava ocupada por seus braços. Eles pareceram surpresos com minha presença.

“Ah, obrigada!”, disse a mulher, endireitando-se.

“Estava tudo certo?”, perguntei. Por que eu estava tímida diante deles?

“Perfeito, como sempre”, disse ela.

“Estava ótimo, obrigado”, acrescentou o homem, procurando sua carteira.

“Deixe que eu pague esta. Você sempre paga.” A mulher se virou para o lado, puxou a carteira de sua bolsa e me deu um cartão de crédito. Sua pulseira tilintava enquanto ela se movia. “Aqui está, queridinha.” Ela era da minha idade e estava me chamando de “queridinha”? Sua autoconfiança permitia que ela se saísse com uma tirada dessas. Quando apanhei o cartão de crédito, pensei ter visto um quê de preocupação em seus olhos. Será que ela tinha notado as manchas na minha camisa de trabalho marrom? A que eu sempre usava porque combinava com a cor da comida que invariavelmente acabava caindo sobre ela? De repente, fiquei consciente de minha aparência. Percebi que não estava usando maquiagem. Ah, meu Deus, e os meus sapatos — marrons e sem salto. Sem meia-calça —

meias soquete, acredita? O que acontecera comigo? Quando foi que, tão cedo, me transformei em uma desleixada de meia-idade?

Meu rosto ardia enquanto me afastava da mesa, enfiando o cartão de crédito no avental. Fui direto para o banheiro, jogar água fria no rosto. Alisei meu avental e me olhei no espelho. Eu usava aquela roupa marrom porque era prático. Não posso usar vestido. Sou uma garçonete. Quanto ao meu rabo de cavalo bagunçado, os cabelos precisam ficar presos para trás. É o regulamento. Acho até que eu poderia mantê-los escovados para trás, mais alisados, em vez de prendê-los de qualquer jeito com um elástico, como um punhado de aspargos. Meus sapatos eram os de uma mulher que não prestava muita atenção aos seus pés, apesar de quanto já me haviam dito que eram belos. E era verdade que eu não ia a uma manicure profissional desde a noite anterior ao meu casamento. Mas essas coisas são um desperdício de dinheiro. Mesmo assim, como eu deixara chegar a esse ponto? Eu tinha me desleixado oficialmente. Cinco Anos despencara contra a porta do banheiro, exausto. Voltei para a mesa com o recibo do cartão de crédito, evitando estabelecer contato visual com qualquer um dos dois.

“Você já trabalha aqui há muito tempo?”, perguntou o homem, enquanto a mulher rabiscava a sua assinatura.

“Cerca de quatro anos.”

“Você é muito boa em seu trabalho.”

“Obrigada.” Senti aumentar o calor no rosto.

“Vemos você na semana que vem”, disse a mulher. “Eu simplesmente amo este velho lugar.”

“Ele já viu épocas melhores.”

“É perfeito para nós”, acrescentou, entregando-me a conta e piscando para o homem.

Olhei para a assinatura dela, esperando algo complexo e interessante. Pauline Davis parecia simples e pequeno, o que, para mim, naquele momento, foi um tanto reconfortante.

Meus olhos seguiram o casal enquanto eles saíam, passando pelas mesas, e até chegarem ao lado de fora, onde se beijaram e se separaram. Assim que passou pela janela da frente, a mulher olhou

para mim e acenou. Eu devia parecer uma imbecil, ali, em pé, encarando-os. Acenei timidamente para ela através do vidro empoeirado.

Meu transe foi quebrado por uma idosa, sentada na mesa ao lado. “Aquela senhora deixou cair alguma coisa”, disse ela, apontando para debaixo da mesa.

Inclinei-me para apanhar um caderninho de notas, cor de vinho. Parecia bastante usado e era suave ao toque. A capa tinha as iniciais PD gravadas a ouro, o mesmo ouro que banhava as extremidades das páginas. Abri a primeira página com cuidado, procurando o endereço ou o número de Pauline, e acidentalmente vislumbrei um pouco do conteúdo: ... sua boca em mim... nunca me senti tão viva... aquilo me atravessou como algo branco e quente... vindo sobre mim em ondas, redemoinhos... curvou-me sobre o...

Fechei o diário com um estalido.

“Você ainda consegue alcançá-la”, disse a mulher, lentamente, mastigando um folhado. Notei que lhe faltava um dente da frente.

“Acho que ela já foi”, eu disse. “Eu vou só... guardá-lo. Ela vem sempre aqui.”

A mulher deu de ombros e arrancou outra mordida de seu croissant. Meti o caderninho em meu bolso de garçonete, senti um arrepio de emoção percorrendo a espinha. Pelo resto de meu turno, até Tracina chegar espalhando seu insuportável cheiro de chiclete, os cachos em espiral balançando no rabo de cavalo preso no alto da cabeça, o caderninho parecia vivo no bolso da frente de minha roupa. Pela primeira vez, em muito tempo, New Orleans ao anoitecer não parecia um lugar tão solitário.

Ao caminhar até em casa, fui contando os anos. Fazia seis anos que Scott e eu havíamos chegado a New Orleans, vindo de Detroit, em busca de um recomeço. A moradia aqui era barata, e Scott tinha acabado de perder o último emprego que ele tinha esperanças de manter na indústria automobilística. Nós dois pensamos que um novo começo, em uma nova cidade, que tentava se reerguer depois de um furacão, seria um bom pano de fundo para um casamento com a mesma expectativa.

Encontramos uma bela casinha azul na rua Dauphine, em Marigny¹, que era para onde outros jovens estavam migrando. Tive um pouco de sorte ao conseguir um emprego como assistente de um veterinário em um abrigo de animais em Metairie². Mas Scott estragou oportunidades em diversas vagas em plataformas petrolíferas e, então, jogou pela latrina dois anos de sobriedade ao transformar uma noite de bebedeira em uma farra que durou duas semanas. Depois que ele me bateu pela segunda vez em dois anos, eu sabia que estava tudo acabado. De repente, tive a sensação de que ele fazia um esforço enorme para evitar me bater de novo desde a primeira vez que acertara minha cara com seu punho de bêbado. Mudei de casa para um lugar a alguns quarteirões de distância, um apartamento de um quarto, o primeiro e único que eu havia procurado.

Uma noite, alguns meses mais tarde, Scott me telefonou perguntando se eu me encontraria com ele no Café Rose para que ele pudesse se desculpar por seu comportamento, e eu concordei. Ele disse que havia parado de beber, dessa vez para sempre. Mas suas desculpas soaram ocas, e seu comportamento ainda parecia duro e defensivo. Ao final de nossa refeição, eu já lutava para conter as lágrimas, e ele estava colado em mim, sussurrando seus últimos pedidos de desculpa sobre minha cabeça abaixada.

“Eu realmente sinto o que estou dizendo. Sei que não parece muito, mas em meu coração, Cassie, tenho que viver todos os dias com o que lhe fiz. Não sei o que fazer para que você supere isso”, disse ele, e então saiu correndo.

É claro que ele me deixou com a conta.

Enquanto eu saía, notei um anúncio de vaga para garçoneiro, para trabalhar no horário de almoço. Fazia muito tempo que eu pensava em desistir do meu emprego na clínica veterinária. Lá, eu cuidava dos gatos e passeava com cães no turno da tarde, mas os animais abandonados depois do Katrina não eram adotados, então meu trabalho consistia sobretudo em tosar pelos nas pernas magras

¹ Vizinhança de New Orleans também conhecida como Faubourg Marigny, onde os efeitos do Furacão Katrina não foram tão devastadores quanto em outras áreas da cidade. (N. T.)

² Principal subúrbio de New Orleans. (N. T.)

de animais que, apesar de saudáveis, eram preparados para ser sacrificados. Começara a odiar ir para o trabalho todos os dias. Eu odiava olhar para aqueles olhos tristes e cansados. Naquela noite, preenchi o formulário para o emprego no restaurante.

Aquela foi também a noite em que Scott derrapou na estrada perto de Parlange³, atirando seu carro no rio False⁴, e se afogou.

Cheguei a me perguntar se aquilo havia sido um acidente ou um suicídio, mas, felizmente, a nossa companhia de seguros não questionou a situação — ele estava sóbrio, apesar de tudo. E como as barreiras de segurança estavam enferrujadas, obtive da prefeitura um acordo financeiro satisfatório. Mas o que Scott estaria fazendo ali naquela noite? Bem típico da parte dele fazer uma retirada grandiosa que me deixasse carregada de culpa. Não fiquei feliz em vê-lo morto. Tampouco fiquei triste. E era ali, naquele limbo dormente, que eu permanecia desde então.

Dois dias depois de voar de volta de seu funeral, em Ann Arbor — onde me sentei sozinha, porque a família de Scott me culpava pela morte dele —, recebi um telefonema de Will. A princípio, seu timbre de voz meio que me quebrou, porque era muito parecido com o de Scott, exceto pela língua enrolada de meu ex-marido.

“Estou falando com Cassie Robichaud?”

“Sim. Quem fala?”

“Meu nome é Will Foret. Sou dono do Café Rose. Você deixou seu currículo aqui na semana passada. Estamos à procura de alguém para começar imediatamente, no turno da manhã e no almoço. Eu sei que você não tem muita experiência, mas senti uma energia legal em você quando nos encontramos no outro dia, e...”

Uma energia legal?

“Quando nos conhecemos?”

“Hã, quando você deixou o currículo aqui.”

³ Parlange Plantation House, chalé de dois andares no estilo tropical típico da Louisiana, construído em torno de 1750, ainda aberto a visitas. (N. T.)

⁴ Rio False já foi o principal canal do rio Mississippi em sua área, antes de 1722. (N. T.)

“Ah, me desculpe, é claro que me lembro. Desculpe, posso começar na quinta-feira.”

“Quinta-feira está bom. Por volta de dez e meia. Vou lhe mostrar a rotina.”

Quarenta e oito horas depois eu estava apertando a mão de Will e sacudindo a cabeça pelo fato de não ter me lembrado dele — isso mostrava quão alheia a tudo eu estivera naquela noite. Agora ríamos daquilo (“Sim, aquele dia em que te atropeliei, causando uma grande primeira impressão, tanto que você nem se lembrou de mim!”), mas eu estava em tal estado de cegueira após a briga com Scott que poderia ter falado até com Brad Pitt sem perceber. Então, ao reencontrar Will, fiquei surpresa com sua beleza despretensiosa.

Will não prometeu que eu faria ali grande fortuna; o Café fica um pouco ao norte dos locais mais frequentados e não abre à noite. Ele mencionou algo sobre expandir para o andar de cima, mas isso seria só dali a alguns anos.

“Em sua maioria, quem aparece para comer são os moradores daqui. Tim e os caras da loja de motos de Michael. Músicos à beça. Alguns, você vai encontrar dormindo na porta porque passaram a noite inteira tocando na escadaria. Figuras locais que gostam de ficar aqui por horas. Mas todos eles bebem muito café.”

“Parece bom.”

O treinamento para o trabalho consistiu em dar uma volta no local sem nenhum entusiasmo, por onde ele ia apontando e murmurando instruções sobre como usar a máquina de lavar louça e o moedor de café e onde guardava o material de limpeza.

“A prefeitura diz que você tem que usar seu cabelo preso para trás. Fora isso, não sou muito exigente. Não temos uniforme, mas há bastante movimento na hora do almoço, então seja prática.”

“Prática’ é o meu apelido”, eu disse.

“Tenho planos para fazer uma reforma”, disse ele, quando me viu observando uma lasca no piso e, mais tarde, um ventilador de teto oscilante. O lugar estava degradado, mas parecia hospitaleiro e ficava a apenas dez minutos de caminhada do meu apartamento entre as ruas Chartres e Mandeville. Ele me contou que batizara o

Café Rose em homenagem a Rose Nicaud, ex-escrava que vendia a própria mistura de café em um carrinho pelas ruas de New Orleans. Will me explicou que era parente distante de Rose, pelo lado da mãe dele.

“Você precisa ver nossas fotos de reunião de família. Parecem fotos de um grupo das Nações Unidas. Todas as cores estão representadas... Então, quer o emprego?”

Concordei com entusiasmo, e Will apertou minha mão novamente.

Depois disso, minha vida limitou-se a alguns quarteirões essenciais de Marigny. Às vezes, eu ia até Tremé⁵ para ouvir Angela Rejean, uma das amigas de Tracina que trabalhava na Maison. Ou vagava pelas lojas de antiguidades ou de segunda mão na rua Magazine. Mas eu raramente ia além dessas áreas, e parei de ir ao Museu de Arte e ao parque Audubon⁶. Pode parecer estranho dizer isso, mas eu poderia ter passado o resto da vida na cidade sem jamais ver a água.

Eu chorava, isso era fato. Afinal, Scott fora o primeiro e único homem com quem já estivera. Eu começava a chorar em momentos estranhos, como em um ônibus, ou enquanto escovava os dentes. Acordar de um longo cochilo em um quarto escuro sempre me fazia desabar em lágrimas. Mas eu não chorava apenas por Scott. Chorava pela perda de quase quinze anos de minha vida, que desperdicei a ouvi-lo me reprimir e reclamar. E foi isso que me restou. Eu não sabia como desligar a voz crítica, que, na ausência de Scott, continuava a observar minhas falhas e destacar os meus erros. Como você ainda não fez matrícula em uma academia de ginástica? Ninguém quer uma mulher com mais de trinta e cinco. Tudo o que você faz é ver televisão. Você poderia ser muito mais bonita se fizesse um pouco de esforço. Cinco Anos.

Eu me joguei de cabeça no trabalho. O ritmo era adequado para mim. Servíamos o único café da manhã da rua, nada muito chique: ovos de vários jeitos, salsicha, torradas, frutas, iogurte, doces

⁵ Bairro histórico, um dos mais antigos de New Orleans. No início da história da cidade, era a região onde moravam os negros libertados. Hoje, é o centro da cultura créole na cidade e da cena musical de brass bands. (N. T.)

⁶ Originalmente, Plantation de Boré, parque batizado em homenagem ao artista John James Audubon. (N. T.)

e croissants. O almoço também nunca foi muito elaborado: sopas e sanduíches, ou às vezes um prato feito em uma só panela, como bouillabaisse⁷, ensopado de lentilhas ou jambalaya⁸, caso Dell chegasse cedo e sentisse vontade de comer alguma coisa. Ela era melhor cozinheira do que garçoneiro, mas não suportava ficar na cozinha o dia inteiro.

Eu trabalhava quatro dias por semana, de nove da manhã às quatro da tarde, às vezes até depois se eu ficasse para uma refeição e passasse algum tempo com Will. Quando Tracina estava atrasada, eu começava a atender as mesas dela. E nunca reclamei disso. Sempre me mantive ocupada.

Eu poderia fazer mais dinheiro à tarde, mas gostava do turno da manhã. Amava limpar no início da manhã a sujeira da calçada, feita na noite anterior, com jatos de água da mangueira. Amava como o sol iluminava as mesas no pátio. Amava arrumar a caixa de doces na vitrine, enquanto o café era preparado e a sopa fervia. Amava fechar o caixa calmamente, espalhando o dinheiro em uma das mesinhas bambas perto das amplas janelas da frente. Mas sempre havia algo de solitário em ir para casa.

Minha vida começara a tomar um ritmo estável e confiável: trabalho, casa, leitura, sono. Trabalho, casa, leitura, sono. Trabalho, filme, casa, leitura, sono. Não custaria nenhum esforço sobre-humano alterar um pouco essa rotina, mas eu simplesmente não conseguia fazer nenhuma mudança.

Pensei que depois de um tempo eu começaria a viver de novo, até a namorar. Pensei que surgiria um dia mágico em que a rotina fosse implodir e eu me juntaria ao mundo novamente. Como um interruptor que é ligado. A ideia de fazer um curso passou pela minha cabeça. Pegar meu diploma. Mas me sentia muito displicente para conseguir me comprometer. Eu me arrastava em direção à meia-idade sem freios, e minha gata malhada gorducha, Dixie, que eu apanhara na rua, envelhecia comigo.

⁷ Sua receita leva pelo menos três tipos de peixe, e é um prato tradicional da culinária provençal. (N. T.)

⁸ Feito com carne e vegetais, originário das ilhas caribenhas; é um tradicional prato créole. (N. T.)

“Você diz que tem uma gata gorda como se fosse algo que ela mesma tivesse provocado”, Scott me dizia. “Ela não chegou aqui gorda. Você é que fez isso com ela.”

Scott não cedia a Dixie e seus constantes choramingos por comida. Comigo, ela insistia até eu ceder, sempre. Eu não tinha determinação, e esse era o provável motivo de ter aguentado Scott por tantos anos. Levei algum tempo para perceber que eu não era a causa das bebedeiras dele e tampouco podia fazê-lo parar, mas havia uma sensação permanente de que poderia tê-lo salvado se tivesse tentado o suficiente.

Talvez se tivéssemos tido um bebê, como ele queria. Eu nunca disse a ele como me senti secretamente aliviada ao saber que não podia ter filhos. Barriga de aluguel seria uma opção, mas era muito caro para nós, e, para minha sorte, Scott não estava interessado em adoção. O fato de eu nunca ter querido ser mãe jamais foi discutido. Porém eu ainda esperava por um propósito na vida, algo para ocupar esse espaço que o anseio por filhos nunca tomara.

Poucos meses depois que comecei a trabalhar no Café e muito antes de Tracina roubar o coração de Will, ele deu a entender que poderia conseguir ingressos para um cobiçado show no festival de jazz. No início, pensei que estivesse me contando sobre os ingressos que conseguira para uma namorada, mas, afinal, era comigo que ele queria ir. Senti um lampejo de pânico com o convite.

“Então... você está perguntando se eu quero sair com você?”

“Huumm... sim.” Houve aquele olhar de novo, e por um segundo pensei ter visto alguma dor cintilar em seus olhos. “Primeira fila, Cassie. Vamos. É uma boa desculpa para você colocar um vestido. Se você parar pra pensar, nunca vi você de vestido.”

Eu sabia que teria que desapontá-lo. Eu não podia ir. Eu não podia sair com ele. Meu patrão. De jeito nenhum eu iria perder um emprego de que realmente gostava por um homem que, quando passasse um pouco mais de tempo comigo, veria logo quão chata eu era. Além disso, o homem era muita areia para o meu caminhãozinho. Eu estava paralisada de medo e pela perspectiva de ficar sozinha com ele, fora do contexto de nossa relação de trabalho.

“Você não me viu de vestido porque não tenho um”, eu disse.

Mentira. Eu simplesmente não podia me imaginar usando um. Will ficou calado por alguns segundos e enxugou as mãos no avental.

“Sem problema”, disse ele. “Muitas pessoas querem ver essa banda.”

“Olha, Will, acho que ter sido casada com um tamanho desastre por tantos anos pode ter me transformado em alguém do tipo... não namorável”, eu disse, soando como um psicólogo de rádio, tarde da noite.

“Essa é uma boa maneira de dizer: ‘Não é você, sou eu’.”

“Mas é comigo. É, sim.”

Descansei a mão no antebraço dele.

“Acho que vou chamar para sair a próxima garota atraente que eu contratar”, brincou.

E chamou mesmo. Ele chamou a impressionante Tracina, de Texarkana, com seu sotaque sulista e aquelas pernas intermináveis. Ela tinha um irmão mais novo com autismo, de quem cuidava com todo o empenho, e tinha mais botas de caubói do que qualquer pessoa precisa. Foi contratada para o turno do início da noite, e, embora sempre tenha sido um pouco fria comigo, nos demos razoavelmente bem, e ela parecia fazer Will feliz. Dizer boa-noite para ele tornou-se uma coisa bastante desoladora, porque eu imaginava que ele passaria a noite com Tracina, em vez de pernoitar no andar de cima do Café. Não é que eu estivesse com ciúme. Como eu poderia sentir ciúme? Tracina era exatamente o tipo de garota com quem Will deveria estar — engraçada, inteligente e sensual. Ela tinha a pele cor de cacau perfeita. Às vezes, deixava seu cabelo afro solto e selvagem, como um monte de algodão-doce, e outras vezes o domava em tranças feitas com habilidade. Tracina era desejada. Era vivaz. Tracina encaixava-se e pertencia àquele lugar. Eu, simplesmente, não.

Naquela noite, com o caderninho ainda esquentando em meu bolso da frente, presenciei Tracina preparar-se para servir a turma do jantar. Foi a primeira vez que admiti que sentia um pouco de inveja dela. Não porque ela tivesse Will. Eu tinha inveja de como ela caminhava em torno do salão com tamanha facilidade e simpatia. Algumas mulheres tinham aquela habilidade de inserir-se

diretamente na vida — e parecer tão boas nisso. Elas não eram observadoras; estavam bem no meio da ação. Elas estavam... vivas. Will a convidou para sair, e ela disse: “Eu adoraria”. Sem hesitar, sem ambiguidades, apenas um grande, um gigante SIM.

Pensei no caderno, nas palavras que eu havia vislumbrado, naquele homem à mesa, na maneira como ele acariciava o pulso de sua parceira e beijava os dedos dela. Como ele dedilhara sua pulseira, sua urgência. Desejei que um homem pudesse sentir aquilo por mim. Pensei em um punhado de cabelos em minhas mãos, minhas costas pressionadas contra a parede da cozinha do restaurante, uma mão levantando minha saia. Espere um segundo, o homem com Pauline tinha a cabeça raspada. Eu estava imaginando os cabelos de Will, a boca de Will...

“Um centavo por seus pensamentos”, disse Will, interrompendo meu devaneio absurdo.

“Eles valem muito mais do que um centavo”, respondi, e sabia que meu rosto explodia em vermelho. De onde viera aquilo? Meu turno acabara. Era hora de ir.

“Boas gorjetas hoje?”

“É, não foi nada mau. Tenho que correr, e, Will, não me interessa se você dorme com ela. Diga a Tracina para reabastecer o açúcar nas mesas antes de ir para casa hoje à noite. Os açucareiros devem estar cheios para o meu turno no café da manhã.”

“Sim, chefe”, disse ele, fazendo-me uma continência. Enquanto eu me dirigia à porta, ele acrescentou: “Planos para esta noite?”

Ver o que tem de bom na televisão. O lixo reciclável está acumulando. O que mais?

“Sim, grandes planos”, eu disse.

“Você deveria sair com um homem, e não ficar em casa com um gato, Cassie. Você é linda, você sabe.”

“Linda? Você não acabou de me chamar de ‘linda’. Will, é exatamente isso que os homens dizem para as mulheres com mais de trinta e cinco que não viraram um maracujá, mas estão bem encaminhadas para a aposentadoria romântica. ‘Você é linda, mas...’.”

“Que nada, Cassie. Você tem que se mostrar mais por aí”, disse ele, empurrando o queixo para a porta da frente.

“É exatamente para onde estou indo”, eu disse, já na rua e quase sendo derrubada por um ciclista em alta velocidade.

“Cassie! Caramba!” Will correu em minha direção.

“Viu só? É isso que acontece quando me mostro por aí. Sou atropelada”, eu disse, acalmando meu coração e tentando rir da situação.

Will balançou a cabeça, e eu me virei e desci a rua Frenchmen⁹. Pensei ter sentido que ele ainda permanecia ali, me observando enquanto eu ia embora, mas eu era tímida demais para virar para trás e verificar.

⁹ Rua conhecida por suas casas de show noturnas, restaurantes e bares. (N. T.)



Capítulo 2

É possível se sentir muito jovem e muito velha ao mesmo tempo? Eu estava cansada até os ossos enquanto me arrastava pelos quatro quarteirões até a minha casa. Adorava olhar para as pequenas e desgastadas casas do meu bairro, apoiando-se umas nas outras, algumas revestidas de várias camadas de tinta, cercadas de ferro forjado e enfeites em tantas janelas ornamentadas que pareciam dançarinas envelhecidas em trajes e maquiagem de palco. Meu apartamento ficava em cima de uma casa de três andares, na esquina da Chartres com Mandeville. Era pintada de verde pálido, com arcos e persianas verde-escuros. Eu morava no andar superior, mas aos trinta e cinco ainda vivia como uma estudante. Meu quarto alugado tinha um sofã-futon, prateleiras de caixa de leite que faziam as vezes também de mesa e uma coleção crescente de saleiros e pimenteiros. O quarto ficava em uma reentrância, com um amplo arco de estuque e três mansardas viradas para o sul. A escada era tão estreita que impedia a passagem de móveis grandes; tudo tinha que ser portátil, flexível e dobrável. Quando me aproximei do meu prédio e olhei para cima, percebi que um dia seria velha demais para viver no último andar, especialmente se continuasse a trabalhar em pé. Algumas noites me sentia tão cansada que tudo o que conseguia fazer era me arrastar por aquela escadaria acima.

Eu começara a notar que, conforme meus vizinhos envelheciam, eles não saíam dali, apenas se mudavam para um piso inferior. Fazia alguns meses que as irmãs Delmonte tinham feito a mudança, depois que Sally e Janette, outra dupla de irmãs, haviam sido transferidas para um asilo. Quando o acolhedor dois-quartos foi liberado, eu as ajudei a transportar seus livros e suas roupas do segundo para o primeiro andar. Havia uma diferença de idade de dez anos entre Anna e Bettina, e apesar de Anna, aos sessenta, ainda poder enfrentar a escadaria por mais alguns anos, Bettina a obrigara a mudar-se quando fez setenta. Anna foi quem me contou que assim que aquela habitação familiar fora convertida em cinco

apartamentos, nos anos 1960, tornou-se conhecida como o Hotel das Solteironas.

“Sempre foi das mulheres”, disse ela. “Não é que você seja uma solteirona, minha querida. Sei que as mulheres solteiras de certa idade são muito sensíveis a essa palavra nos dias de hoje. Não que haja algo de errado em ser uma solteirona, mesmo que você fosse uma solteirona. Coisa que você com certeza não é.”

“A propósito, eu sou uma viúva.”

“Sim, mas é uma jovem viúva. Tem muito tempo ainda para se casar e ter filhos. Bem, para se casar de novo, pelo menos”, disse Anna, arqueando uma sobrancelha.

Ela entregou-me uma nota de dólar para pagar por minha ajuda, um gesto ao qual havia muito eu parara de resistir, pois a nota acabaria fatalmente dobrada oito vezes e enfiada por debaixo da minha porta, algumas horas depois.

“Você é um tesouro, Cassie.”

Eu era uma solteirona? Eu tinha ido a um encontro no ano passado com o melhor amigo do irmão mais jovem de Will, Vince, um magrelo moderninho que engasgou quando eu lhe disse que tinha trinta e quatro anos. Então, para disfarçar a surpresa, ele se inclinou sobre a mesa e me disse que sentia uma “coisa” por mulheres mais velhas — isso vindo de alguém da madura idade de trinta. Eu deveria ter socado aquela cara estúpida. Em vez disso, depois de uma hora de encontro, comecei a olhar para o relógio. Ele falava demais sobre a porcaria de banda que estava tocando e como a carta de vinhos do lugar era ruim, e quantas casas arruinadas ele iria comprar em New Orleans, porque o mercado iria se acertar a qualquer momento. Quando me deixou em frente ao Hotel das Solteironas, pensei em chamá-lo para subir. Pensei no Cinco Anos debruçado no banco de trás. É só transar com esse cara, Cassie. O que a impede? O que sempre a impediu? Mas, quando o apanhei cuspidando o chiclete para fora da janela, decidi que não podia tirar a roupa na frente daquela criança com corpo superdesenvolvido.

Pensei em muitas coisas sobre aquele último encontro, enquanto preparava um banho e tirava minha roupa de garçom. Eu queria lavar de mim o cheiro do restaurante. Olhei para o

caderninho no corredor, na mesa ao lado da porta da frente. O que eu deveria fazer com ele? Parte de mim sabia que não o deveria ler, e a outra parte foi impotente em resistir. Então, durante todo o meu turno eu adiará, pensando: Quando você chegar em casa. Depois do jantar. Depois de um banho. Quando você for para a cama. Pela manhã. Nunca?

Dixie circulou entre meus tornozelos suplicando por comida, enquanto a água e as bolhas enchiam a banheira. A lua pairava sobre a rua Chartres, e o som das cigarras abafava o ruído do tráfego. Olhei no espelho e tentei me ver como alguém que me olhasse pela primeira vez. Não é que meu corpo fosse horrível. Era um bom corpo, não muito alto, não muito fino. Minhas mãos estavam ressecadas e maltratadas, mas no geral eu estava em boa forma, talvez por trabalhar como garçomete o dia todo. Eu gostava do formato da minha bunda, que era bem arredondada — mas é verdade o que se diz sobre seus trinta e tantos anos: tudo começa a amolecer. Segurei com as mãos meus seios de tamanho médio e levantei-os ligeiramente. Lá. Imaginei Scott, não, não Scott. Will, também não. Ele pertencia a Tracina, não a mim. Imaginei aquele cara, o do restaurante, vindo por trás e colocando as mãos sobre mim assim, inclinando-me para a frente e em seguida... Pare com isso, Cassie!

Parei de fazer aquelas estúpidas depilações completas depois que Scott morrera. O resultado delas sempre me perturbava, como se fosse para eu ficar parecida com uma menininha ou algo assim. Deixei a mão viajar até a minha... o quê? Do que você a chama quando está sozinha? Vagina sempre me soou algo juvenil e clínico. Bocetinha era o tipo de termo que um cara usaria, e senti que era muito vulgar para mim. Xereca? Não. Era demais. Mexi meu dedo lá embaixo e descobri, para minha surpresa, que eu estava molhada. Mas eu não poderia juntar energia e esforço nem fazer nenhuma coisa a respeito disso.

Eu estava sozinha? Sim, é claro. Mas ia desligando partes de mim devagar, aparentemente para sempre, como uma grande fábrica que fica no escuro, setor por setor. Eu tinha apenas trinta e cinco anos e nunca havia feito sexo realmente grandioso, alucinante,

liberador, delicioso como o sexo a que aquele caderninho parecia aludir.

Havia dias em que eu sentia que era apenas uma roupa de carne puxada sobre um conjunto de ossos, desabando para dentro e para fora de ônibus e táxis, perambulando por um restaurante, alimentando gente e limpando o que sujassem. Em casa, meu corpo era um lugar quente para a gata dormir. Como isso acontecera comigo? Como isso havia se tornado a minha vida? Por que eu não podia juntar meus pedaços e sair por aí, como Will sugerira?

Olhei no espelho novamente: toda aquela carne, tudo disponível e macio, mas de alguma forma trancado. Entrei na banheira e me sentei, então deslizei inteira sob a água, submergindo a cabeça sob a espuma por alguns segundos. Eu podia ouvir meu coração debaixo d'água, batendo um eco triste. Isto, pensei, é o som da solidão.

Era raro eu beber, quanto mais sozinha, mas de alguma forma aquela noite pedia um copo de vinho branco gelado e um roupão quente. Eu tinha uma caixa de Chablis na geladeira, apesar de ela morar ali havia uns dois meses, mas teria que servir. Enchi um copo grande. Então me acomodei no canto do sofá-futon, com a gata e o caderninho. Segui com o dedo as iniciais PD na capa. Dentro dele havia uma placa de identificação com Pauline Davis impressa, porém sem informações de contato. A essa página seguia-se uma tabela de conteúdo manuscrita, que relatava passos, de um a dez:

Primeiro Passo: Rendição

Segundo Passo: Coragem

Terceiro Passo: Fé

Quarto Passo: Generosidade

Quinto Passo: Destemor

Sexto Passo: Confiança

Sétimo Passo: Curiosidade

Oitavo Passo: Bravura

Nono Passo: Exuberância

Décimo Passo: A Escolha

Ai, meu Deus, o que será que eu tinha nas mãos? O que era aquela lista? Eu estava quente e gelada ao mesmo tempo, como se tivesse descoberto um segredo perigoso, mas delicioso. Levantei-me do sofá para fechar as cortinas de renda. Destemor, Coragem, Confiança, Exuberância? Essas palavras haviam saltado da página sobre mim, enevoando-se diante de meus olhos. A própria Pauline seguia esses passos? E, se assim fosse, em que etapa ela estaria na lista? Sentei-me de novo, li os passos mais uma vez e em seguida virei a página para o título seguinte: “Notas sobre a Fantasia do Primeiro Passo”. Eu não conseguia parar. Comecei a ler:

Não posso te dizer o quanto eu estava com medo, com medo de que eu iria amarelar, cancelar, correr. É o tipo de coisa que eu faço, certo? Quando as coisas ficam avassaladoras, em especial no sexo. Mas pensei na palavra aceitação e me tornei aberta à ideia de que deveria aceitar aquilo, aceitar a ajuda do S.E.G.R.E.D.O. Porém quando ele entrou silenciosamente no quarto do hotel e fechou a porta atrás de si, eu soube que queria prosseguir...

Eu podia sentir meu coração batendo, como se estivesse no quarto do hotel quando esse estranho abriu a porta...

Esse cara! O que posso dizer? Matilda estava certa. Ele era tão sensual... Ele caminhou devagar em minha direção, como um gato, e fui recuando até que a cama me fez parar quando encostei a parte de trás dos meus joelhos nela. Então, ele me jogou para trás com um empurrão suave, levantou minha saia e abriu minhas pernas. Puxei um travesseiro por cima do meu rosto depois que ele pronunciou as únicas palavras daquele dia: Você é foda de tão bonita. E me levou a uma espécie de êxtase que realmente não posso descrever aqui, mas vou tentar...

Fechei o caderno de novo. Era errado ler aquilo. Era tão cru. Aquilo não era da minha conta. Eu tinha que parar.

Depois de mais um Passo, eu pararia. E, definitivamente, guardaria aquele caderninho.

Abri-o aleatoriamente no meio, passando à frente por páginas de palavras sensuais:

Uau. Primeiro foi estranho! Eu não vou mentir. Mas criava esse efeito incrível de preenchimento. Esta é a única maneira de descrevê-

lo. Como se eu tivesse tudo dentro de mim. Como se eu não pudesse ir mais longe e depois descobrisse que podia. Eu não me importava em estar gritando tão alto. Suas mãos trabalhavam em mim durante todo o tempo. A sensação era tão incrível! Graças a Deus a Mansão é à prova de som, ou ao menos assim me disseram. Deve ser, caso contrário todos iriam saber o que estava acontecendo em cada um desses quartos. Mas eu vou lhe contar: a melhor sensação veio do outro cara, Olivier, que estava embaixo de mim, meu adorável estranho de cabelos escuros, com um braço cheio de tatuagens, que chupava a minha...

Fechei o caderninho com um estalo. Ok, eu tinha que parar. Aquilo era demais. Dois homens? De uma só vez? Olhei para o topo da página. Aquele era o Quinto Passo: Destemor. Fiquei chocada por ter ficado úmida entre as pernas. Em geral não leio coisas eróticas, e nas ocasiões em que me deparei, por acaso, com pornografia, raramente achei excitante. Mas aquilo? Aquilo tratava de desejo. Eu queria ler a coisa toda, mas não o faria. Segurei o caderninho fechado em meu colo.

Pauline, com seu cabelo curto e visual clean, não parecia esse tipo de mulher. Mas o que é “esse tipo”? Qual era a coisa mais ousada que eu já fizera com um homem? A mais arriscada? Uma punheta às risadinhas em um cinema na época do colégio com um menino com quem saí enquanto Scott e eu estávamos “dando um tempo”. Eu havia feito alguns boquetes. Talvez não muito bem, e nem sempre os terminava. Em matéria de sexo, eu era bastante inexperiente. Dixie rolou de costas para uma postura apropriadamente lasciva.

“Ah, gatinha, você deve ter se divertido mais nas ruas do que eu em meu quarto.”

Eu tinha que guardar o caderno. Ler mais do que já havia lido seria violar a privacidade de Pauline irrevogavelmente e me entregar à mera distração. Levantei-me e quase com raiva empurrei o livreto para o fundo da gaveta da mesa de telefone, ao lado da porta da frente. Depois de dez minutos, transferi-o para o bolso de uma velha jaqueta de esqui que eu trouxera de Michigan e deixara pendurada no fundo do armário. Ainda assim, ele me chamava. Então, coloquei-o na grelha abaixo do fogão a gás. Mas e se o piloto acendesse?

Decidi guardar o caderninho na bolsa, para que não esquecesse de levá-lo ao trabalho no dia seguinte, no caso de Pauline voltar para reavê-lo. Ai, Deus, e se ela achasse que eu o li? Mas como eu não leria? Bem, pelo menos não li tudo, pensei, retirando o caderno da bolsa e, por fim, trancando-o no porta-malas do carro.

Dois dias depois, passado o horário de pico do almoço, os sinos da porta alardearam a chegada de Pauline. Meu estômago embrulhou, como se ela estivesse vindo para me prender. Dessa vez, ela não estava com seu homem sensual, mas com uma bela mulher mais velha, talvez de cinquenta ou sessenta anos, bem conservada, com cabelos ondulados vermelhos, vestindo uma túnica coral pálido. Ambas tinham uma expressão um tanto tristonha enquanto se encaminhavam para uma mesa vazia próxima a uma janela. Alisei minha camiseta e me endireitei ao me aproximar da mesa. Tente não olhar para ela por muito tempo. Tente parecer indiferente, normal. Você não sabe de nada, porque você nunca leu o caderno.

“Olá. Começamos com café?”, perguntei, os lábios bem cerrados sobre os dentes, meu coração explodindo contra a caixa torácica.

“Sim, por favor”, disse Pauline, evitando contato visual comigo e olhando diretamente para a mulher de cabelos vermelhos. “Você?”

“Eu vou tomar chá verde. E traga dois cardápios, por favor”, respondeu ela, olhando para Pauline.

Senti uma onda de vergonha. Elas sabiam de algo. Elas sabiam que eu sabia alguma coisa.

“É c-cla-claro”, gaguejei, voltando-me para a mesa.

“Espere. Eu estava pensando...”

Meu coração saltou pela boca.

“Sim?”, eu disse, virando-me para trás, as mãos enfiadas no fundo do bolso largo da frente, ombros grudados nas orelhas.

Pauline era quem havia falado. Ela estava tão nervosa quanto eu. O rosto de sua amiga estava sereno, solidário. Senti da parte dela um leve aceno de incentivo para Pauline. Notei que a ruiva também usava uma daquelas belas pulseiras de ouro, com o mesmo acabamento escovado, pálido, e talismãs pendurados.

“Esqueci alguma coisa aqui no outro dia? Um pequeno caderninho. Mais ou menos do tamanho deste guardanapo. Cor de vinho. Ele tem as minhas iniciais, PD. Você o achou?” Sua voz estava trêmula. Ela parecia à beira das lágrimas.

Meus olhos corriam dela para o rosto calmo de sua acompanhante.

“Huumm, não sei, mas deixe-me ver com Dell”, eu disse, de maneira bem animada. “Volto logo.”

Andei com dificuldade de volta para a cozinha, dei um soco na porta para abri-la e fiquei com as costas contra a parede de azulejos frios. Todo o ar abandonou meus pulmões. Olhei para a velha Dell, que limpava a enorme panela que havia usado para fazer o prato especial de chilli. Embora mantivesse seu cabelo afro quase branco preso bem rente ao crânio, ela sempre usava uma redinha de cabelo e um uniforme profissional de garçonete. Eu tive uma ideia brilhante.

“Dell! Você tem que me fazer um favor.”

“Eu não tenho que fazer coisa alguma, Cassie”, disse ela, com seu leve balbucio. “Use suas boas maneiras.”

“Tudo bem. Vou ser rápida. Aquelas clientes lá fora. Uma delas deixou algo aqui, um caderno pequeno, e não quero que ela pense que o li. Porque eu li. Quero dizer, não li tudo. Mas tive que ler um pouco. De que outro modo eu poderia saber de quem era, certo? Mas era como um diário, e pode ser que eu tenha lido demais. E era pessoal. Muito pessoal. Mas não quero que elas saibam que li. Posso dizer que foi você quem o encontrou? Por favor?”

“Você quer que eu minta.”

“Não, não, eu é que vou falar essa parte da mentira.”

“Garota de Deus, às vezes não entendo as mulheres jovens de hoje, com todos os seus dramas e suas histórias e coisa e tal. Você não pode simplesmente dizer: ‘Aqui, eu encontrei isto?’”

“Não, dessa vez, não. Não posso.”

Eu estava na frente de Dell, minhas mãos entrelaçadas, suplicante.

“Tudo bem”, disse Dell, abanando as mãos diante de mim como se eu fosse uma mosca. “Desde que eu não tenha que dizer nada. Jesus não me criou para mentir.”

“Eu poderia beijá-la.”

“Você não poderia, não”, disse ela.

Corri para o meu armário, retirei o caderno do topo de uma pilha de camisetas sujas e anotei mentalmente que deveria levá-las à lavanderia. Eu estava sem fôlego quando cheguei à mesa. As duas mulheres se viraram para mim, ao mesmo tempo, em expectativa.

“Então! Perguntei a Dell. Ela é a outra garçonete que trabalha durante o dia, bem ali...”

Naquele momento, Dell obedientemente saiu da cozinha e fez um gesto cansado com o braço, nossa maneira de legitimar minha completa mentira.

“Ela encontrou isto”, eu disse, triunfante, puxando o caderno da minha bolsa. “Foi isto que você...?”

Antes que eu pudesse terminar a frase, Pauline arrancou o caderno dos meus dedos e depositou-o em sua bolsa.

“É isto, sim. E muito obrigada”, ela me disse, expirando. Então, virou-se para a outra mulher. “Sabe de uma coisa? Tenho que ir agora, Matilda. Fico chateada, mas acontece que não tenho tempo para almoçar hoje, está bem?”

“Tudo bem. Me ligue mais tarde. Mas eu estou morrendo de fome”, disse Matilda. E se levantou para abraçar sua amiga atormentada, despedindo-se dela.

Eu podia sentir o alívio e a aflição percorrendo Pauline. Tinha conseguido o caderninho de volta, mas ela sabia que ele havia lançado alguns de seus segredos em algum lugar, para alguém, e parecia que ela não podia esperar para ir embora dali. Depois do rápido abraço, Pauline correu para a porta.

Matilda recostou-se de volta em sua cadeira, tão relaxada como um gato estirando-se sob uma nesga de sol. Olhei ao redor do restaurante. Eram quase três horas, e o local estava quase vazio. Meu turno acabaria dali a pouco.

“Volto logo com o seu chá verde”, eu disse. “O cardápio está ali na parede.”

“Obrigada, Cassie”, disse ela enquanto eu me afastava.

Senti como se meu estômago tivesse sido perfurado. Ela sabia meu nome. Como ela sabia meu nome? Eu assinava minhas contas. E Pauline era uma freguesa regular. Era isso. Com certeza.

Não houve complicações no restante do meu turno. Matilda tomou um gole de chá, olhando pela janela. Ela pediu um sanduíche de salada de ovos, e picles separadamente, metade dos quais comeu. Não trocamos mais palavras além das brincadeiras comuns de garçomete servindo cliente. Entreguei-lhe a conta, e ela deixou uma boa gorjeta.

Foi por isso que fiquei chocada quando vi Matilda aparecer, no dia seguinte, depois do horário de pico do almoço, dessa vez sozinha. Ela acenou para mim e apontou para uma mesa. Balancei a cabeça, percebendo que minhas mãos tremiam um pouco quando caminhei até ela. Por que eu estava tão nervosa? Ainda que ela soubesse que eu mentira, o que havia de tão ruim no que eu tinha feito? Como poderia qualquer pessoa normal resistir à leitura de um caderninho com conteúdo tão atraente? Além disso, era Pauline quem poderia sentir-se traída, com sua privacidade violada, não essa mulher.

“Olá, Cassie”, disse ela, oferecendo um sorriso genuíno.

Dessa vez notei seu rosto. Ela tinha olhos brilhantes e arregalados, castanho-escuros, e uma pele impecável. Usava pouca maquiagem, o que causava um efeito adicional de tornar sua aparência mais jovem do que provavelmente ela era; agora eu suspeitava que estivesse mais perto dos sessenta do que dos cinquenta. Matilda tinha um rosto em formato de coração, que terminava em um ponto agudo no queixo, e ela era, francamente, de uma beleza extraordinária, à maneira como as mulheres com características incomuns às vezes conseguem ser. Estava de preto dos pés à cabeça — calça preta bem justa, que delineava um corpo bastante em forma, e um top de malha preto que dançava em torno dela de modo atraente. E aquela pulseira de ouro, agora brilhando contra a manga preta de seu top.

“Olá de novo”, eu disse, deslizando um cardápio sobre a mesa.

“Eu vou comer exatamente o que pedi ontem.”

“Chá verde e salada de ovos?”

“Certo.”

Levei o chá e o sanduíche minutos depois, e mais tarde tornei a colocar água quente em sua xícara quando ela me fez o pedido. Quando terminou de comer e eu já ia retirar o prato, Matilda me pediu para juntar-me a ela na mesa. Congelei.

“Só por um segundo”, disse ela, empurrando a cadeira a sua frente.

“Estou trabalhando”, eu disse, sentindo-me fechada e um pouco acuada. Eu podia ver Dell na cozinha pela pequena janela atrás do bar. E se essa mulher me fizesse perguntas sobre o caderno?

“Tenho certeza de que Will não vai se importar se você se sentar um pouco”, disse Matilda. “Além disso, o lugar está vazio.”

“Você conhece Will?”, eu disse, afundando devagar na cadeira.

“Conheço um monte de gente, Cassie. Mas não conheço você.”

“Bem, eu não sou muito interessante. Sou apenas eu. Sou apenas uma garçonete e... é isso.”

“Nenhuma mulher é somente uma garçonete, ou somente uma professora, ou somente uma mãe.”

“Eu sou apenas uma garçonete. E acho que sou uma viúva também. Mas, sobretudo, sou apenas uma garçonete.”

“Viúva? Sinto muito por ouvir isso. Você não é nascida aqui em New Orleans, é? Consigo detectar um leve sotaque do Meio-Oeste. Illinois?”

“Perto. Michigan. Nos mudamos para cá há cerca de seis anos. Meu marido e eu, antes de ele morrer. Obviamente. Hum, como é que você conhece Will?”

“Eu conhecia o pai dele. Este lugar era dele antes — vinte anos se passaram desde que ele morreu, acho. Talvez, a última ocasião em que fui freguesa aqui. Não mudou muito”, disse ela, olhando ao redor.

“Will diz que ele vai reformar. Expandir lá em cima. Mas é caro. E tudo o que um restaurante consegue fazer nesta cidade é permanecer aberto.”

“Isso é verdade.”

Ela olhou para suas mãos, e eu consegui examinar melhor sua pulseira, que parecia ter muito mais talismãs do que a de Pauline. Eu ia comentar sobre sua beleza, mas Matilda tornou a falar:

“Então, Cassie, preciso te perguntar uma coisa. Esse caderno que... Dell encontrou. Minha amiga está um pouco preocupada com o fato de que alguém possa tê-lo lido. É uma espécie de diário com muita coisa bastante pessoal. Você acha que Dell pode ter lido?”

“Ai, Deus, não!”, eu disse, com exagerada convicção. “Dell não é desse tipo.”

“Desse tipo? O que quer dizer com isso?”

“Bem, quero dizer, ela não é intrometida. Ela não está realmente interessada na vida das outras pessoas. Só neste lugar, na Bíblia, talvez em seus netos.”

“Você acha que seria estranho perguntar a Dell? Para saber se ela leu o caderno ou o mostrou a alguém? É importante que nós saibamos.”

Ai, Deus! Por que não inventamos uma história direito? Como Dell encontrou o caderno e como ela o guardou em seu armário de trabalho até que seu dono foi encontrado? Porque nunca pensei que haveria um interrogatório, é por isso. Apenas um grato proprietário fazendo o caminho mais curto para fora do restaurante, para nunca mais ser visto. Agora essa mulher, Matilda, enrolando minhas tripas em volta do meu pescoço.

“Ela está superocupada agora, mas posso ir até lá e perguntar a ela, que tal?”

“Ah, não me importo de perguntar eu mesma”, disse ela, levantando-se da mesa. “Só vou pôr a cabeça para dentro da janelinha...”

“Espere!”

Matilda sentou-se lentamente, lançando seu olhar sobre mim.

“Eu encontrei o caderno.”

O rosto de Matilda relaxou um pouco, mas ela não deu resposta. Apenas apertou as mãos sobre a mesa e se inclinou um pouco mais para perto.

Olhei ao redor do Café vazio e continuei: “Me desculpe, eu menti. Só li um pouco, o suficiente para encontrar um nome, algum tipo de informação de contato. Mas juro, você pode dizer a Pauline, eu parei depois de uma página... ou duas. E, bem, eu estava... envergonhada, acho. Não queria que ela se sentisse mais desconfortável do que já parecia estar. Então, eu menti. Sinto muito. Eu me sinto uma idiota.”

“Não se sinta mal. Em nome de Pauline, agradeço por devolver o caderno a ela. Nosso único pedido é que você não diga nada sobre o que leu; a ninguém. Absolutamente nada. Posso confiar em você quanto a isso?”

“É claro. Eu jamais faria isso. Você não tem com o que se preocupar.”

“Cassie, você não entende como isso é importante. Você deve manter isso em segredo.” Matilda tirou uma nota de vinte de sua carteira. “Aqui está, pelo almoço. Fique com o troco.”

“Obrigada”, eu disse.

Então ela ofereceu um cartão com o nome dela. “Se você tiver alguma dúvida sobre o que leu no caderninho, recomendo-lhe que me telefone. Falo sério. Caso contrário, não vou voltar aqui. Nem Pauline. É assim que você consegue falar comigo. Dia ou noite.”

“Ah, ok”, eu disse, segurando o cartão com cuidado, como se fosse radioativo. Matilda Greene, e seu número de telefone. Na parte de trás havia um acrônimo, S.E.G.R.E.D.O., e três frases: Sem julgamentos. Sem limites. Sem vergonha. “Você é terapeuta ou algo assim?”

“Dá para dizer isso. Eu trabalho com mulheres que chegam a uma encruzilhada na vida. Normalmente na meia-idade, mas nem sempre.”

“Como uma preparadora para a vida?”

“Mais ou menos. Mais como uma guia.”

“Você trabalha com Pauline?”

“Eu não falo sobre minhas clientes.”

“Eu acharia útil receber alguma orientação.” Eu teria dito isso em voz alta? “Mas eu não posso pagar.” Sim, eu disse.

“Bem, isso pode surpreender você, mas você pode pagar o que eu cobro, porque trabalho de graça. O problema é que eu escolho minhas clientes.”

“O que significam essas letras?”

“Você quer dizer S.E.G.R.E.D.O.? Isso, minha querida, é um segredo”, disse ela, brincando com um sorriso malicioso. “Mas, se você me encontrar de novo, conto tudo sobre isso.”

“Ok.”

“Você é alguém de quem eu gostaria de saber mais a respeito. E falo sério.”

Eu sabia que estava usando minha expressão cética, aquela que fazia com que me parecesse demais com meu pai, o homem que me dissera que nada na vida é de graça, tampouco é justo.

Matilda levantou-se da mesa. Quando ela estendeu a mão para que eu a cumprimentasse, sua pulseira brilhou ao sol.

“Cassie, foi bastante agradável conhecer você. E agora você tem meu cartão. Obrigada por sua honestidade.”

“Obrigada por... não pensar que eu sou uma completa idiota.”

Ela soltou minha mão e segurou meu queixo, como uma mãe o faria. Eu podia ouvir os talismãs tilintando uns contra os outros, tão perto estavam de meus ouvidos.

“Espero que nos encontremos de novo.”

O sino da porta avisou que ela partia. Eu sabia que, se não ligasse para ela, nunca mais a veria, o que fez com que me sentisse inexplicavelmente triste. Coloquei o cartão com cuidado no bolso da frente.

“Vejo que está fazendo novas amizades”, disse Will, atrás do bar. Ele estava esvaziando uma embalagem de água com gás na geladeira.

“O que há de errado com isso? Amigos poderiam me fazer bem.”

“Aquela mulher é meio doida. Tipo wicca-hippie-vegana ou algo assim. Meu pai a conhecia na época dele.”

“Ela me contou.”

Will começou uma longa cantilena sobre estocar mais bebidas não alcoólicas, porque as pessoas estavam bebendo bem menos, mas que poderia cobrar mais por água com gás e por aqueles refrigerantes especiais e sidras e provavelmente ainda obter boas margens, mas tudo em que eu pensava era no diário de Pauline, e nos dois homens, um atrás dela e o outro embaixo, e na maneira como seu namorado sensual passou suas mãos firmes pelo seu antebraço e a puxou para seu abraço na rua, na frente de todos...

“Cassie!”

“O quê? O que foi?”, reagi, balançando a cabeça. “Nossa, você me assustou!”

“Pra onde você viajou agora?”

“Lugar nenhum, estou bem aqui. Estive aqui o tempo todo”, disse eu.

“Bem, vá para casa, então. Você parece cansada.”

“Eu não estou cansada”, disse, e era verdade. “Acho que nunca estive mais desperta.”



Capítulo 3

Levei uma semana para telefonar a Matilda. Uma semana fazendo a mesma coisa, andando até o trabalho e voltando para casa, sem depilar as pernas, arrancando meu cabelo do rabo de cavalo, alimentando Dixie, regando as plantas, comendo qualquer coisa que eu pedia pelo telefone, secando pratos, dormindo, e depois acordando e fazendo tudo de novo. Foi uma semana observando o entardecer sobre Marigny da minha janela do terceiro andar, percebendo que a solidão havia obliterado qualquer outro sentimento em mim. Tornara-se para mim como a água para um peixe.

Se eu tivesse que descrever o que me impulsionou a telefonar para Matilda, acho que poderia dizer que senti como se meu corpo não suportasse mais aquilo. Mesmo que minha mente estivesse tremendo com a ideia de pedir ajuda, meu corpo me obrigou a pegar o telefone da cozinha do Café e discar.

“Olá. Matilda? Aqui é Cassie Robichaud, do Café Rose.”

Cinco Anos aguçou seus ouvidos.

Ela não pareceu surpresa ao me ouvir. Tivemos uma breve conversa sobre o trabalho e o tempo, e então marquei uma consulta para a tarde seguinte em seu escritório no distrito de Lower Garden¹⁰, na rua Third, perto do Coliseu.

“É a pequena casa adjacente à grande mansão, na esquina”, disse ela, como se eu soubesse exatamente onde ficava. Sempre evitei pontos turísticos, multidões, pessoas em geral, mas disse que eu não teria nenhuma dificuldade em encontrá-la.

“Há uma campainha no portão. Reserve duas horas para isso. A primeira consulta é sempre a mais longa.”

¹⁰ Subdistrito da região de Central City/Garden District. (N. T.)

Dell entrou na cozinha enquanto eu arrancava o endereço da parte de trás do cardápio de papel em que o anotara. Ela olhou para mim com um jeito severo por sobre os óculos de leitura.

“O quê?”, grunhi.

Que espécie de ajuda essa Matilda iria me oferecer? Eu não tinha ideia, mas se fosse do tipo que acabaria com um homem fegoso a minha frente em uma mesa, seria o tipo de ajuda bem-vinda. Ainda assim, fiquei preocupada. Cassie, você não sabe quem é essa mulher. Você está bem em seu próprio canto. Você não precisa de ninguém. Você está bem. Esta era minha mente falando, mas meu corpo dizia para ela calar a boca. E foi isso que deu cabo de tudo.

No dia de nosso encontro, deixei meu turno da manhã sem esperar por Tracina ou Will. Assim que o salão do restaurante pareceu morto, gritei adeus para Dell e fui para casa tomar um banho. Do fundo do armário, peguei o vestido branco que havia comprado para o meu aniversário de trinta anos. Scott me dera um bolo naquela noite, e não cheguei a usá-lo. Cinco anos no Sul haviam escurecido minha pele, e quatro anos como garçõete haviam torneado meus braços, e fiquei chocada ao ver que o vestido realmente parecia melhor em mim agora. Em pé em frente ao espelho de corpo inteiro, mantive a mão sobre meu estômago nervoso. Por que eu estava enjoada? Porque eu sabia que estava deixando algo entrar em minha vida, algum elemento de emoção, talvez mesmo perigo? Tentei me lembrar dos passos do diário, Rendição, Generosidade, Destemor, Coragem. Eu não conseguia me lembrar de todos, mas ter ponderado sobre eles durante aquela última semana criara um impulso tão incrível, direto das minhas entranhas, que fazer aquele telefonema foi mais uma compulsão do que uma decisão.

O ônibus da rua Magazine estava lotado de turistas e senhoras da limpeza indo para o Garden District. Saltei na Third, parando em frente de um bar chamado Tracey's. Pensei em colocar para dentro duas doses para acalmar os nervos. Scott e eu chegamos a fazer um tour pelo Garden District quando nos mudamos para cá, embasbacados com as mansões coloridas, revivals de arquitetura grega cor-de-rosa, aquelas de arquitetura italiana, portões de ferro forjado e dinheiro escorrendo por toda parte. New Orleans era um

estudo de contrastes. Bairros ricos próximos dos pobres, o feio perto do belo. Aquilo frustrava Scott, mas eu gostava desse aspecto da cidade. Era uma cidade de extremos.

Encaminhei-me para o norte. Na rua Camp, me confundi. E se eu tivesse ido longe demais na direção errada? Parei abruptamente, causando um pequeno engavetamento entre as pessoas.

“Sinto muito”, disse eu para uma jovem mulher assustada atrás de mim, segurando as mãos de uma criança e um bebê com o rosto sujo. Subi a Third, colando-me às casas para que um grupo de turistas passasse por mim.

Faça meia-volta, Cassie, e vá para casa. Você não precisa de ajuda.

Mas eu preciso! Uma consulta. Uma, talvez duas horas com Matilda. Que mal poderia me fazer?

Cassie, e se eles te obrigarem a fazer coisas horríveis? Coisas que você não quer fazer?

Isso é ridículo. Isso não vai acontecer.

Como você sabe?

Porque Matilda foi gentil comigo. Ela espiou para dentro da minha solidão e não riu dela. Ela me fez sentir como se fosse uma condição temporária, talvez até mesmo curável.

Se você é tão solitária assim, por que simplesmente não vai a bares, como todo mundo?

Porque sinto medo.

Medo? E isso é menos assustador?

“Sim, francamente, é!”, murmurei.

“Cassie? É você?” Eu me virei. Era Matilda, na calçada atrás de mim, com uma linha de preocupação em sua testa. Ela carregava um saco plástico em uma das mãos e um punhado de palmas holandesas na outra. “Você está bem? Achou difícil encontrar aqui?”

Eu estava distraidamente agarrando um portão de ferro, utilizando-o tanto para me segurar em pé quanto para não fugir.

“Ah, meu Deus. Oi. Sim. Não. Eu acho que cheguei cedo demais. Pensei em me sentar por aqui um pouco.”

“Você chegou na hora certa. Venha, vamos lá, e eu vou te dar algo gelado para beber. Hoje está muito quente.”

Eu não tinha escolha. Não poderia voltar atrás. Tudo o que eu precisava fazer era seguir a mulher até o portão, em que ela agora digitava um código de segurança elaborado. Olhei para baixo, pela Third, e vi Cinco Anos afastar-se sem olhar para mim.

Segui Matilda por um pátio exuberante com videiras e árvores. Minha mente ainda estava agarrada às pernas de minha mãe como uma criança assustada. Estávamos nos dirigindo para a porta vermelha de uma pitoresca casa branca colada à esquerda de uma mansão enorme, que era pouco visível da rua. Uma onda de tontura me atravessou.

“Pare. Espere. Eu não sei se consigo fazer isso, Matilda.”

“Fazer o quê, Cassie?” Ela se virou para mim, as flores vermelhas emoldurando seu rosto, como o início de um caminho para seu cabelo vermelho.

“Isso, seja lá o que isso for.”

Ela riu. “Por que você não descobre do que se trata e depois se decide quanto a isso?”

Fiquei imóvel, as palmas das mãos encharcadas de suor. Resisti a limpá-las em meu vestido.

“Você pode dizer não, Cassie. Eu só estou fazendo uma oferta. Pronta?” Ela parecia mais estupefata do que impaciente.

“Sim”, respondi, e eu estava. Chega de confusão. Desliguei minha mente relutante; ou melhor, abri-a.

Matilda foi na frente. Eu a segui. Meus olhos foram atraídos para a mansão coberta de hera e seu jardim exuberante. Abril em New Orleans significava videiras e flores em plena floração. As magnólias floresciam tão rapidamente que era como se da noite para o dia tivessem jogado toucas de banho ornamentais dos anos 1950 por ali. Nunca tinha visto um jardim tão exuberante, verde e vívido.

“Quem mora lá?”, perguntei.

“Aquela é a Mansão. Apenas membros podem entrar.”

Contei uma dúzia de mansardas ornadas com ferro trabalhado, suspensas sobre as janelas como franjas de renda. A torre era coberta por uma coroa branca. Apesar de tudo ser branco, ela passava uma estranha sensação, como se fosse assombrada, mas talvez por fantasmas muito atraentes.

Depois que chegamos à casa geminada e Matilda digitou outro código de segurança, passamos por uma grande porta vermelha e estávamos lá dentro. Fui atingida por uma rajada de ar condicionado. Se o exterior era de aparência comum e maciça, o interior era um estudo de minimalismo de meados do século. As janelas eram pequenas, mas o pé-direito era alto, e as paredes eram brancas. Sobre elas pendiam várias pinturas deslumbrantes, de tons vermelho e rosa vivos, salpicados de amarelos e azuis. Velas decorativas piscavam acesas nas soleiras, dando ao local a atmosfera de um spa caro. Relaxei os ombros, que haviam se encolhido até as orelhas. Nada de ruim poderia acontecer em um lugar como este, pensei. Era tão imaculado... No fundo da sala havia portas que deviam ter dez metros de altura. Uma jovem com cabelos pretos em corte chanel perfeitamente reto e óculos de aros pretos grossos se levantou de sua mesa e cumprimentou Matilda.

“O Comitê vai estar aqui em breve”, disse ela, apressando-se em torno da mesa para pegar as compras e as flores das mãos de Matilda.

“Obrigada, Danica. Danica, esta é Cassie.”

Comitê? Eu estaria interrompendo uma reunião? Senti o coração afundar em meu estômago.

“É tão bom conhecê-la finalmente”, disse Danica. Matilda dirigiu-lhe um olhar severo.

O que ela quis dizer com finalmente?

Danica apertou um botão abaixo de sua mesa, e uma porta se abriu por trás dela, expondo uma pequena sala, bem iluminada, forrada em madeira de nogueira, com um tapete de pelúcia rosa redondo no centro.

“Meu escritório”, disse Matilda. “Entre.”

Era um espaço acolhedor, de frente para um pátio exuberante, com apenas uma pequena faixa de rua visível além do portão. Da janela de seu escritório eu também conseguia ver a porta lateral da imponente mansão ao lado, uma empregada de uniforme varrendo os degraus. Sentei-me em uma poltrona preta larga, do tipo que faz você se sentir como se estivesse sendo amparada pela palma da mão do King Kong.

“Você sabe por que está aqui, Cassie?”, perguntou Matilda.

“Não, eu, não. Sim. Não, desculpe. Não sei.” Eu queria chorar.

Matilda sentou-se atrás de sua mesa, apoiou o queixo nas mãos e esperou que eu terminasse. O silêncio parecia doloroso.

“Você está aqui porque leu algo no diário de Pauline que a levou a entrar em contato comigo, não é mesmo?”

“Acho que sim. Sim”, respondi. Olhei ao redor da sala para outra porta, que poderia me levar ao pátio e para longe desse lugar.

“O que acha que instigou você?”

“Não foi apenas o livro”, deixei escapar. Pela janela vi um casal de mulheres entrando pelo portão do pátio.

“O que foi, então?”

Pensei no meu casal, seus braços entrelaçados. Pensei no caderninho, em Pauline recuando em direção à cama, e no homem...

“Foi Pauline, o jeito como ela age com os homens. Com o namorado. Eu nunca fui assim com ninguém, nem mesmo com meu marido. E ninguém nunca foi assim comigo. Ela parece tão... livre.”

“E você quer isso?”

“Eu quero. Acho. É algo que você trabalha na pessoa?”

“Esta é a única coisa em que trabalho”, disse ela. “Agora, por que não começamos por você? Conte-me um pouco sobre você mesma.”

Não sei por que tudo parecia tão fácil, mas minha história entornou boca afora. Conteí a Matilda como foi crescer em Ann Arbor. Como minha mãe morreu quando eu era jovem e como meu pai, um empreiteiro de cercas industriais, quase nunca estava por perto e, quando estava, alternava seu humor entre azedo e

excessivamente afetuoso, em especial quando estava bêbado. Cresci arredia e alerta em relação a como um ambiente podia mudar do nada. Minha irmã, Lila, saiu de casa assim que pôde e se mudou para Nova York. Mal nos falamos hoje.

Depois contei a Matilda sobre Scott, o doce Scott e o Scott desgraçado, o Scott que dançava música country comigo lentamente em nossa cozinha, e o Scott que me bateu duas vezes e nunca parou de implorar por um perdão que eu não podia lhe conceder. Contei a ela como nosso casamento se deteriorou conforme as bebedeiras dele aumentaram. Contei como sua morte não me libertou, mas me relegou a um limbo reservado, um cativo seguro que eu mesma criara. Eu não tinha ideia de quanto precisava falar com outra mulher, como havia me tornado isolada, até que comecei a me abrir para Matilda.

Então falei sobre “aquilo”. Simplesmente jorrou de mim: o fato de que fazia anos que eu não tinha relações sexuais.

“Quantos anos?”

“Cinco. Quase seis anos, acho.”

“Não é incomum. Mágoa, raiva, ressentimento pregam peças terríveis no corpo.”

“Como você sabe? Você é uma terapeuta sexual?”

“Mais ou menos”, disse ela. “O que fazemos aqui, Cassie, é ajudar mulheres a entrar novamente em contato com seu lado sexual. E, assim fazendo, elas tornam a ter contato com a parte mais poderosa de si mesmas. Um passo de cada vez. Será que isso a interessa?”

“Acho que sim. Claro”, respondi, tão nervosa quanto na época em que tive que contar ao meu pai que havia menstruado pela primeira vez. Sem mulher alguma na casa comigo enquanto eu crescia, exceto pela namorada apática do meu pai, eu nunca falara sobre sexo em voz alta com ninguém.

“Será que vou precisar fazer alguma coisa... estranha?”

Matilda riu.

“Não. Nada estranho, Cassie, a menos que seja uma coisa sua.”

Ri também, o riso desconfortável de alguém que passara do ponto de poder voltar atrás.

“Mas o que eu faço? Como isso funciona?”

“Você não tem que fazer nada, além de dizer ‘sim’ para o Comitê”, disse ela, olhando para o relógio, “que, meu Deus, está se juntando enquanto estamos aqui conversando.”

“O Comitê?” Ai, o que eu havia feito? Era como se tivesse caído em um buraco profundo.

Matilda deve ter sentido meu pânico. Ela me serviu um copo de água do jarro sobre a mesa.

“Cassie, tome um gole e, por favor, tente relaxar. Isto é uma coisa boa. Uma coisa maravilhosa, confie em mim. O Comitê é simplesmente um grupo de mulheres, mulheres amáveis, muitas delas como você, e querem ajudar. Elas recrutam participantes e criam as fantasias. O Comitê faz suas fantasias acontecer.”

“Minhas fantasias? E se eu não tiver nenhuma?”

“Ah, você tem. Você só não sabe disso ainda. E não se preocupe. Você nunca vai ter que fazer algo que não queira, e jamais terá que ficar com alguém com quem não queira. O lema do S.E.G.R.E.D.O. é: Sem julgamentos. Sem limites. Sem vergonha.”

O copo de água balançou em minha mão. Tomei um gole grande e engasguei.

“S.E.G.R.E.D.O.?”

“Sim, é como se chama o nosso grupo. Cada letra representa algo. Mas toda a nossa razão de ser é a libertação por meio da completa submissão a suas fantasias sexuais.”

Lancei meu olhar a meia distância, tentando livrar-me da imagem de Pauline com dois homens...

“Foi isso que Pauline fez?”, soltei.

“Sim. Pauline completou todas as dez etapas do S.E.G.R.E.D.O. e agora está vivendo no mundo, por inteiro, sexualmente viva.”

“Dez?”

“Bem, tecnicamente há nove fantasias. O Décimo Passo é sua decisão. Você pode permanecer no S.E.G.R.E.D.O. por um ano, recrutando outras mulheres como você, treinando participantes de fantasias, ou ajudando outros membros a viabilizar fantasias. Ou você pode decidir usar seu conhecimento sexual em seu próprio mundo, talvez em um relacionamento amoroso.”

Sobre o ombro direito de Matilda, através da janela do pátio, já conseguia ver mulheres de várias idades, cores e tamanhos passando em pares e trios pelos portões. Eu podia ouvi-las entrando no lobby, rindo e conversando.

“É o Comitê?”

“Sim. Vamos nos juntar a elas?”

“Espere. Isso tudo está indo rápido demais. Preciso perguntar: se eu disser que sim, o que exatamente acontece depois?”

“Tudo o que você quiser. Nada que você não queira”, respondeu ela. “Sim ou não, Cassie. É realmente muito simples.”

Meu corpo estava inteiro a favor, e minha mente afinal se libertou de suas restrições temporárias para desencadear suas dúvidas.

“Mas eu não a conheço! Não sei quem você é, quem são essas mulheres. E tenho que sentar aqui e contar minhas mais profundas, mais particulares fantasias sexuais? E nem sei se tenho alguma, muito menos nove, já que só dormi com um homem em toda a minha vida, só um. Então, como posso dizer sim ou não para isto?”

Matilda permaneceu plácida durante meu pequeno discurso, à maneira como uma boa mãe mantém-se presente enquanto uma criança faz birra. Nada do que eu dissera poderia fazer meu corpo dar meia-volta e retornar para casa agora, e eu sabia disso. E ela também. Minha pobre mente estava perdendo aquela luta.

“Sim ou não, Cassie?”, repetiu Matilda.

Olhei ao redor da sala, na estante atrás de mim, as janelas antigas voltadas para o pátio, a cerca viva, e em seguida de volta para o rosto gentil de Matilda. Eu precisava ser tocada. Precisava liberar meu corpo para um homem, antes que ele tivesse uma morte

lenta e solitária. Eu sentia isso como algo que tinha que ser feito a mim. Comigo.

“Sim.”

Ela bateu palmas suavemente.

“Estou muito feliz. Ah, e ainda vai ser divertido, Cassie. Vai ser divertido!”

Com isso, Matilda removeu um pequeno livreto de sua gaveta da mesa e deslizou-o a minha frente. Ele tinha a mesma capa cor de vinho do diário de Pauline, só que era mais comprido e fino, como um talão de cheques.

“Vou deixá-la sozinha para que você possa preencher este curto questionário. Ele nos dará uma ideia do que você está procurando, do que você... gosta. E em que ponto você se encontra. Você vai escrever fantasias específicas mais tarde. Mas este é um começo. Leve quinze minutos. Basta ser honesta. Venho buscá-la quando você tiver terminado. O Comitê está se reunindo. Chá? Café?”

“Chá seria bom”, eu disse, sentindo-me muito cansada.

“Cassie, o medo é a única coisa que se interpõe entre você e sua vida real. Lembre-se disso.”

Depois que ela saiu, eu estava tão nervosa que não conseguia nem olhar para o livreto. Levantei-me e fui até uma estante nos fundos do escritório. O que eu achava que era um conjunto de enciclopédias eram cópias encadernadas do Kama Sutra completo, A alegria do sexo, O amante de lady Chatterley, Meu jardim secreto, A prostituta feliz, Fanny Hill e A história de O. Alguns daqueles livros cheguei a encontrar nas casas onde trabalhei como baby-sitter quando era adolescente, os livros em que eu passava os olhos e que me deixavam confusa enquanto era levada de volta para casa pelos pais das crianças à noite. Eles estavam encadernados no mesmo couro cor de vinho, como o livreto e o formulário, os títulos gravados em ouro. Percorri um deles com um dedo, respirei fundo e depois voltei para o meu lugar.

Sentei-me e abri o questionário.

O que você tem nas mãos é completamente confidencial. Suas respostas são apenas para você e para o Comitê. Ninguém mais as

verá. Para que o S.E.G.R.E.D.O. possa ajudá-la, precisamos saber mais sobre você. Seja minuciosa, seja honesta, seja destemida. Por favor, comece.

O que se seguiu foi uma lista de perguntas, com espaço entre cada uma delas para as respostas. As perguntas me deixaram tonta com sua especificidade. Enquanto eu testava a caneta, ouvi uma batida suave na porta.

“Pode entrar.”

O corte chanel perfeito e preto de Danica surgiu por uma fresta da porta. “Desculpe interromper”, disse ela. “Matilda disse que você gostaria de um pouco de chá.”

“Ah, obrigada.”

Ela entrou e gentilmente dispôs um jogo de chá de prata a minha frente.

“Danica, você já fez isto? Esta coisa?”

Ela abriu um grande sorriso.

“Não. Vê?”, disse ela, segurando seu pulso nu. “Não tenho pulseira. É assim que você sabe. Matilda diz que pode ser que eu nunca precise me juntar ao grupo, se eu jogar as cartas certas desde o início com meu namorado. Além disso, você tem que ser ‘velha’ — mais de trinta. Mas acho que é muito legal”, acrescentou ela, fiel a cada centímetro dos vinte e um ou vinte e dois anos de idade que provavelmente tinha. “Basta responder com honestidade, Cassie. Depois tudo ficará fácil. Isto é o que Matilda sempre diz.”

Então, ela se virou e saiu, fechando a porta atrás dela, deixando-me sozinha mais uma vez com o questionário e minha mente em alta velocidade. Você pode fazer isto, Cassie. E assim eu comecei.

1. Você já teve quantos amantes? Como é fisicamente o seu amante ideal? Por favor, especifique altura, peso, cor dos cabelos, tamanho do pênis e quaisquer outras preferências físicas.

2. Você consegue atingir o orgasmo através do sexo vaginal?

3. Você gosta de sexo oral (receber)? Gosta de sexo oral (dar)? Explique.

4. Você se masturba com qual frequência? Qual é seu método preferido?

5. Você já teve sexo casual, de uma noite só?

6. Você tende a dar o primeiro passo quando sente atração por alguém?

7. Você já fez sexo com uma mulher, ou com mais de um parceiro ao mesmo tempo? Explique.

8. Você já fez sexo anal? Gostou? Se não, por quê?

9. Você usa qual tipo de contraceptivo?

10. Você considera quais zonas erógenas como pessoais?

11. Você tem qual opinião sobre pornografia?

E assim por diante. Você gosta de sexo quando está menstruada? Palavras feias? S & M¹¹? Bondage¹²? Luzes acesas ou apagadas?... Era daquilo que eu tinha mais medo: sentir-me sobrepujada. Era como aqueles sonhos terríveis de testes-surpresa que me atormentaram depois que saí da universidade. Eu tivera apenas um parceiro sexual. Não tinha ideia sobre minha preferência de pênis, e sexo anal era uma ideia exótica, remota, como tatuar o rosto e furtar coisas em lojas. Mas eu tinha que responder com honestidade. Qual era a pior coisa que poderia acontecer? Que eles iriam descobrir minha inépcia sexual completa e conduzir-me até a porta? Pensar nessa possibilidade fez o resto do exercício parecer absurdamente divertido. Afinal, o que eu tinha a perder? Não tinha vindo aqui justamente por causa da minha pouca experiência sexual?

Comecei com a pergunta mais simples, a primeira, que era bastante fácil — Um. Eu tive um amante. Scott. Um. E apenas um. Quanto ao meu tipo físico, pensei em todas as estrelas de cinema e músicos que sempre achei atraentes, e me surpreendi preenchendo todo o espaço com nomes e ideais. Em seguida, mudei para a próxima pergunta: orgasmos vaginais? Pulei essa. Eu não tinha a menor ideia sobre isso. Aquela pergunta sobre zonas erógenas quase

¹¹ Sadismo e Masoquismo. (N. T.)

¹² Fetiche relacionado ao sadomasoquismo, no qual o prazer é obtido em ser ou se ter o parceiro amarrado e imobilizado. (N. T.)

me levou a procurar um dicionário na estante. Eu não poderia responder aquilo. Nem a questão seguinte, nem aquela outra sobre ficar com mulheres. Respondi o restante do questionário da melhor maneira que pude. Finalmente, voltei-me para a última página do folheto, onde havia um espaço em branco para que eu adicionasse algumas considerações.

Tentei responder a essas perguntas, mas eu só fiz sexo com meu marido. Nós fazíamos, sobretudo, o estilo papai e mamãe. Talvez duas vezes por semana, na época em que nos casamos. Depois disso, talvez uma vez por mês. A luz em geral estava apagada. Às vezes, eu tinha um orgasmo... Acho. Não tenho certeza, talvez eu estivesse fingindo. Scott nunca fez sexo oral em mim. Recentemente, venho... me masturbando uma vez ou outra. Faz muito tempo desde a última vez. Scott sempre queria que eu colocasse seu pênis na minha boca. Fiz isso durante algum tempo, mas não consegui mais fazer depois que ele me bateu. Não consegui fazer mais nada com ele depois que me bateu. Ele morreu há quase quatro anos. Faz mais tempo do que isso que não faço sexo. Lamento, mas não posso terminar este teste, apesar de tentar dar o meu melhor.

Larguei a caneta e fechei o questionário. Mesmo tendo escrito só aquilo, me fez sentir um pouco aliviada.

Não ouvi Matilda deslizar de volta para dentro da sala.

“Como você está?”, perguntou ela enquanto se voltava para sua mesa e se sentava.

“Não muito bem; estou com medo.”

Ela pegou o questionário. Tive um forte desejo de arrancá-lo de suas mãos e apertá-lo contra o meu peito.

“Você sabe, não é o tipo de teste no qual você pode tirar nota baixa”, disse ela, com um sorriso triste cruzando seu rosto ao vislumbrar rapidamente minhas respostas. “Tudo bem. Cassie, venha comigo. Hora de conhecer o Comitê.”

Senti-me presa, como que soldada à minha cadeira grande e confortável. Sabia que, se cruzasse o limiar da sala, outro capítulo da minha vida iria se desdobrar. Eu estava pronta?

Estranhamente, eu estava. Com cada gesto, sentia que era mais possível fazê-lo. Talvez seja essa a sensação causada pelos Dez Passos. Lembrei-me de que nada de ruim estava acontecendo comigo. Muito ao contrário. Eu me sentia como se camadas de gelo estivessem caindo de mim.

Sáimos da sala juntas e cruzamos a área da recepção, onde Danica apertou outro botão debaixo de sua mesa. As portas brancas gigantes nos fundos se abriram para revelar uma grande mesa oval de vidro, em torno da qual cerca de doze mulheres estavam sentadas conversando em tom animado. A sala não tinha janelas e também era branca, com algumas pinturas coloridas semelhantes às do saguão. Havia um retrato na outra extremidade, acima de um amplo console de mogno, de uma mulher de pele morena, bonita, com uma longa trança caindo para a frente sobre um ombro. Entramos na sala, e as mulheres fizeram silêncio.

“Pessoal, esta é Cassie Robichaud.”

“Oi, Cassie”, responderam elas.

“Cassie, este é o Comitê.”

Abri a boca para falar, mas nada saiu.

“Sente-se aqui perto de mim, minha querida”, disse uma pequena mulher indiana em seus sessenta anos, vestindo um sári de cor vívida e um sorriso muito gentil. Ela puxou uma cadeira e bateu nela.

“Obrigada”, eu disse, e afundei no assento. Quis olhar para o rosto de cada uma e ao mesmo tempo olhar para ninguém. Eu alternava entre apertar as mãos firmemente no meu colo e sentar-me sobre elas, tentando impedir que me mexesse o tempo todo como uma adolescente. Você tem trinta e cinco anos, Cassie, cresça.

Enquanto Matilda apresentava cada mulher, sua voz soava distante e subaquática. Meus olhos flutuavam de rosto em rosto, demorando-se, conforme eu tentava memorizar seus nomes. Notei como cada uma tinha um tipo diferente de beleza.

Havia Bernice, uma mulher negra de cabelos vermelhos, rotunda, baixa e peituda. Ela era jovem. Talvez uns trinta anos. Havia uma dupla de loiras, uma alta, com cabelos longos e lisos

chamada Daphne, e outra com cachos curtos e arrumados chamada Jules. Havia uma mulher curvilínea, morena, Michelle, com um rosto angelical, que apertou as mãos sobre a boca, como se eu tivesse feito algo adorável em um recital de dança. Ela se inclinou e cochichou algo para uma mulher sentada a minha frente, Brenda, que tinha um corpo tonificado, atlético, e vestia roupas de ginástica. Roslyn, com os cabelos ruivos e longos, estava ao lado dela. Ela tinha os maiores olhos castanhos que já vi. Havia também duas mulheres hispânicas sentadas lado a lado, gêmeas idênticas. Maria tinha um olhar determinado em seus olhos; Marta parecia mais serena e aberta. Foi então que notei que cada uma das mulheres à mesa usava uma pulseira de ouro familiar.

“E, finalmente, ao seu lado está Amani Lakshmi, a mais antiga no Comitê. Ela foi minha guia, como serei a sua”, disse Matilda.

“Muito prazer em conhecê-la, Cassie”, disse ela com um leve sotaque, levantando seu braço fino para apertar minha mão. Vi que ela era a única pessoa na sala que usava duas pulseiras, uma em cada pulso. “Antes de começar, você tem alguma pergunta?”

“Quem é a mulher na pintura?”, me ouvi dizer.

“Carolina Mendoza, a mulher que tornou tudo isto possível”, disse Matilda.

“E que ainda torna”, acrescentou Amani.

“Sim, isso é verdade. Enquanto tivermos seus quadros, teremos os meios para manter o S.E.G.R.E.D.O. em New Orleans.”

Matilda explicou como conheceu Carolina mais de trinta e cinco anos atrás, quando ela era administradora de artes da cidade. Carolina era uma artista de origem argentina. Ela fugira na década de 1970, pouco antes de a repressão militar tornar impossível para artistas e feministas criar e se expressar livremente. Elas se conheceram em um leilão de arte. Carolina estava apenas começando a mostrar seu trabalho, grandes telas vivas e murais que não eram típicos das pinturas que as mulheres faziam na época.

“São estes os quadros dela? E os do lobby?”, perguntei.

“Sim. É por isso que a segurança aqui é tão reforçada. Cada um deles vale milhões. Nós temos alguns outros no depósito da Mansão.”

Matilda explicou como ela e Carolina começaram a passar tempo juntas, algo que surpreendera Matilda, porque ela não fazia novos amigos havia muito tempo.

“Não era um relacionamento sexual, mas conversávamos muito sobre sexo. Depois de um tempo, ela passou a confiar em mim o suficiente para compartilhar seu mundo comigo, um mundo secreto onde as mulheres se reuniam para falar sobre seus mais profundos desejos, suas fantasias mais secretas. Lembre-se, não era comum naquela época falar abertamente sobre sexo. Muito menos de quanto você gostava de sexo.”

No início, o grupo de Carolina era informal, Matilda contou, um encontro de amigas artistas e personagens locais pouco convencionais, que sempre existiram em grande quantidade em New Orleans. A maioria era solteira, algumas eram viúvas, algumas eram casadas havia muito, algumas delas bastante felizes em seu casamento, disse ela. A maioria era bem-sucedida e tinha acima de trinta anos. Mas algo faltava no casamento, na vida delas.

Matilda tornara-se sua corretora de arte exclusiva, e as pinturas de Carolina começaram a ser vendidas a preços altíssimos. No fim das contas, ela vendeu vários quadros para a mulher americana de um sheik do petróleo do Oriente Médio por dezenas de milhões de dólares. Ela comprou a mansão ao lado e, em seguida, colocou o restante de sua fortuna em um fundo que financiou o florescimento de seu coletivo sexual.

“Em última análise, percebemos que queríamos experimentar todas as nossas fantasias sexuais — todas elas. E seus cenários custam dinheiro. Encontrar homens, e às vezes mulheres, homens e mulheres certos, para cumprir essas fantasias, requeria um recrutamento. E... treinamento. Foi assim que o S.E.G.R.E.D.O. começou.

“Depois que todas ajudaram umas às outras a pôr em prática nossas fantasias sexuais, começamos a recrutar uma pessoa por ano a quem gostaríamos de conceder este dom: o dom da emancipação sexual completa. Como atual presidente do Comitê, era meu dever escolher a recruta deste ano. De acordo com o nosso regulamento, ela deve nos escolher.”

“É aqui que você entra, Cassie”, disse Brenda.

“Eu? Por quê?”

“Por várias razões. Temos observado você já há algum tempo. Pauline fez a sugestão depois de vê-la no restaurante. Ela não deixou seu caderno de propósito, mas não poderia ter planejado melhor. Nós já havíamos debatido sobre você umas duas vezes. Tudo funcionou muito bem.”

Aquilo me surpreendeu por um momento, que eu tivesse sido observada, verificada... para quê? Sinais de solidão abjeta? Senti um lampejo de raiva.

“O que você está dizendo exatamente? Que você viu que eu era uma garçonete patética e solitária?” Lancei um olhar acusador ao redor da sala.

Amani estendeu a mão e segurou meu braço, enquanto algumas das mulheres murmuravam palavras tranquilizadoras: “Não”, e “Não é assim” e “Ah, querida, não foi isso que eu quis dizer”.

“Cassie, não é um insulto. Operamos a partir de um espírito de amor e apoio. Quando alguém desliga seu ser sexual prematuramente, muitas vezes isto não é perceptível a ele. Mas outras pessoas podem percebê-lo. É como se você estivesse operando com um sentido a menos. Mas você não sabe. Às vezes, as pessoas nesse estado de retraimento precisam de uma intervenção da sorte. É só isso. Foi o que eu quis dizer. Nós a encontramos. Nós a escolhemos por isso. E agora estamos oferecendo a você a chance de um novo começo. Um despertar. Se você o desejar. Você quer se juntar a nós e começar sua jornada?”

Eu ainda estava presa ao fato de elas estarem me monitorando. Como? Sempre pensei que camuflava minha solidão, meu celibato accidental. Então, me lembrei de minha roupa marrom, meu rabo de cavalo bagunçado, meus sapatos horríveis, meu desleixo, minha gata, minha marcha até em casa ao entardecer para meu apartamento vazio. Qualquer um com um par de olhos poderia ter visto que uma aura de cor castanha pairava sobre mim, como uma névoa de derrota. Era hora. Hora de dar um salto.

“Sim”, eu disse, espantando da minha cabeça a dúvida que restava. “Eu estou dentro. Quero fazer isso.”

A sala irrompeu em aplausos. Amani assentiu, encorajando.

“Considere as mulheres neste círculo como suas irmãs. Podemos guiá-la de volta para o seu verdadeiro eu”, disse Matilda, ficando em pé.

Meu peito estava apertado de emoção. Eu sentia tantas coisas ao mesmo tempo — alegria, medo, confusão e gratidão. Aquilo estava realmente acontecendo? Comigo?

“Por que você está fazendo isso por mim?”, perguntei, lágrimas juntando-se nos cantos dos meus olhos.

“Porque nós podemos”, disse Bernice.

Matilda puxou de debaixo da mesa uma pasta com zíper. Ela a colocou a minha frente. Parecia pele de crocodilo verdadeira e tinha as minhas iniciais gravadas, CR. Elas sabiam que, em algum nível fundamental, isso era algo que eu não poderia recusar. Abri a pasta, expondo os dois lados dela, cada qual preenchido com documentos ricamente estampados. À esquerda, um envelope de linho com meu nome em caligrafia. Nem meus convites de casamento foram tão bonitos.

“Vá em frente”, disse Matilda. “Abra-o.”

Rasguei o selo com cuidado. Dentro havia um cartão.

Neste dia, Cassie Robichaud é convidada pelo Comitê a aceitar os Passos.

Cassie Robichaud

Sob esta, outra linha:

Matilda Greene, Guia

Escondido no lado direito da pasta havia um pequeno diário, exatamente como o de Pauline, também com minhas iniciais.

“Cassie, pode ler os Passos em voz alta para nós?”

“Agora?” Olhei em volta da mesa e não pude ver um único rosto que me assustasse; eu sabia que poderia sair pela porta a qualquer momento, mas não queria. Levantei-me, porém minhas pernas estavam congeladas. “Eu estou com medo.”

“Cada uma das mulheres ao redor desta mesa sentiu a mesma coisa que você sente agora”, disse Matilda, e as mulheres assentiram com a cabeça. “Cassie, nós somos a nossa vida sexual.”

As lágrimas agora fluíam livremente. Era como se, enfim, toda a tristeza que eu guardara dentro de mim estivesse encontrando um caminho para sair.

Amani inclinou-se para mim e disse: “A capacidade de nos curar nos possibilitou ajudarmos as outras. É por isso que estamos aqui. Esta é a única razão pela qual estamos aqui”.

Fiquei olhando para o diário. Juntei toda a força e a coragem que eu podia reunir. Eu queria tornar-me viva como aquelas mulheres. Queria sentir prazer e viver em meu corpo novamente. Queria tudo aquilo. Queria tudo. Abri os Passos e li todos os dez, as mesmas palavras que eu havia lido no diário de Pauline. Quando terminei, sentei-me, e uma imensa sensação de alívio passou através de meus pés, do meu corpo, dos meus braços.

“Obrigada, Cassie”, disse Matilda. “Agora tenho três perguntas importantes para você. Primeira: você deseja o que nós temos?”

“Sim”, eu disse.

“Segunda: dentro dos limites de proteção completa e segurança, e a orientação que lhe oferecemos, você está disposta a aceitar estes Passos?”

Tornei a olhar para os Passos. Eu queria aquilo. Eu queria mesmo. “Sim. Acho que sim.”

“E terceira: Cassie Robichaud, você me aceita como sua guia?”

“Sim, eu aceito”, respondi.

A sala explodiu novamente em aplausos.

Matilda envolveu minhas mãos nas dela. “Cassie, prometo que você estará segura, será cuidada, será valorizada. Você tem total autonomia sobre seu corpo e o que quiser fazer com ele. Você poderá

decidir como proceder em todos os momentos. Jamais será coagida. Isto não quer dizer que não sentirá medo, mas é para isso que estamos aqui. Que eu estou aqui. Agora tenho mais uma coisa para lhe dar.”

Ela caminhou até o console, acima do qual pendia o retrato de Carolina. Abriu a gaveta delgada superior e com suavidade removeu uma pequena caixa roxa. Ela a entregou a mim como se fosse a coisa mais frágil do mundo. Mas, quando a colocou em minhas mãos, a caixa parecia surpreendentemente pesada.

“Abra-a. É para você.”

Levantei a tampa de veludo e vi, debaixo de um pedaço macio de penugem, uma pulseira de ouro pálido aninhada em seda. Era idêntica à que cada pessoa naquela sala usava. Mas essa era uma pulseira simples — não havia talismãs presos a ela.

“É minha?”

Matilda tirou-a da caixa e prendeu-a em meu pulso trêmulo.

“A cada Passo que completar, Cassie, você receberá de mim um talismã de ouro, para celebrar sua conclusão. Isso vai acontecer até que tenha recebido todos os nove talismãs. O décimo talismã vem depois de você fazer sua escolha entre permanecer no S.E.G.R.E.D.O. ou sair. Você está pronta para começar sua aventura?”

A pulseira fez com que tudo parecesse real, seu próprio peso me trazia à Terra, fazendo-me consciente da magnitude do que acabara de ocorrer e do que estava prestes a vir.

“Eu estou pronta.”



Capítulo 4

Eu vibrava dos pés à cabeça a caminho de casa, pensando na tarefa que tinha pela frente. Matilda despedira-se de mim entregando-me a pasta e dizendo que ela incluía nove páginas, uma por fantasia. Eu devia preenchê-las imediatamente e ligar para Danica assim que estivessem prontas, talvez para que ela pudesse enviar um mensageiro para buscar os papéis. A última coisa que Matilda me disse foi: “Assim que tivermos esses papéis, tudo vai começar. Depois você e eu vamos falar a respeito de cada fantasia. Mas, nesse ínterim, não hesite em me telefonar, para qualquer coisa, ok?”.

No meu apartamento, peguei Dixie no colo e lhe dei beijos por toda a barriga. Então, acendi um monte de velas, tirei a roupa e mergulhei em um banho com aroma adocicado. Tudo isso deveria me ajudar a imaginar a melhor lista de fantasias possível. Apanhei minha caneta favorita e tirei a primeira página da minha pasta de couro de crocodilo. Senti uma agitação que já não experimentava havia anos. Matilda me instruíra a escrever abertamente, colocar para fora todos os meus desejos sexuais. Tudo o que eu sempre quis fazer ou experimentar. Ela me disse para não julgar, não questionar.

“Não seja muito descritiva, não pense demais. Basta escrever.” Não havia regras para as fantasias, explicou ela, mas as letras do S.E.G.R.E.D.O. representavam os critérios delas, aos quais haviam feito doloroso esforço para aderir. Matilda disse que cada fantasia deveria ser:

Segura, de modo que a participante não se sinta em perigo.

Erótica, de maneira que a fantasia seja de natureza sexual, não apenas imaginária.

Convincente, de modo que a participante queira realmente realizar a fantasia.

Romântica, de maneira que a participante se sinta cobiçada e desejada.

Eufórica, de modo que a participante experimente a alegria no ato.

Transformadora, de maneira que algo na participante se altere de modo fundamental¹³.

Olhei para a sigla de novo e distraidamente escrevi uma palavra embaixo de cada uma das primeiras letras, algo tão conveniente que me fez rir em voz alta: Sexual Emancipação (de) Cassie Robichaud. Para o E e o T finais [em inglês], tudo o que eu consegui imaginar foi Deliciosamente Orgástico [Exciting Times, no original]. Aquilo estava realmente acontecendo comigo!

Com Dixie circulando entre meus tornozelos e velas reluzindo na mesa, comecei marcando o quadradinho ao lado da frase: Eu quero ser servida. Eu não sabia o que aquilo significava, mas assinalei de qualquer maneira. Poderia ser algo sobre sexo oral? Sugeri isso uma vez com Scott, e ele enrugou o nariz de forma a repelir o pedido para sempre. Eu havia guardado aquele desejo em uma gaveta que ficava num lugar muito alto, distante, para nunca mais ser visto. Ou assim eu pensava. Havia muitos outros movimentos em sexo que eu nunca experimentara. Eu tinha um amigo na faculdade que vivia falando animadamente sobre fazer “pela porta dos fundos”, e ele sempre me deixou curioso. Eu jamais poderia pedir a Scott para tentar algo assim. E eu não tinha certeza de que era algo que eu gostaria.

Eu quero fazer sexo secreto, em público. Outro quadradinho assinalado.

Eu quero ser pega de surpresa. Isto mexeu comigo um pouco, embora, mais uma vez, eu não estivesse certa do que significava. Haviam me garantido que eu estaria segura, que eu poderia mandar parar qualquer coisa sempre que quisesse. Eu assinalei o quadradinho.

¹³ Iniciais de S.E.C.R.E.T., título original em inglês. (N. T.)

Eu quero ficar com alguém famoso. O quê? Como eles poderiam fazer isso? Parecia impossível, interessante. Assinalei.

Eu quero ser resgatada. Resgatada de quê? Marquei o quadrado.

Eu quero ser escolhida para ser princesa. Ai, Deus, que mulher não quer isso? Sempre fui considerada agradável, inteligente, talvez até engraçada. Mas nunca tinha sido a mais bonita, a princesa, nunca em toda a minha vida. Então, sim a essa opção. Claro. Mesmo que soasse infantil. Eu queria sentir isso. Só uma vez.

Eu quero ficar de olhos vendados. Imaginei que ficar no escuro poderia ser libertador, então assinalei o quadradinho.

Eu quero fazer sexo em um lugar exótico com um estranho exótico. Tecnicamente, todos esses homens não eram estranhos para mim, esses homens com quem eu ficaria, que nunca veria de novo? Sem conversar, sem falar, apenas corpos roçando um no outro e então... talvez ele agarrasse meu pulso... Continuei escrevendo.

Eu quero dramatização. Eu poderia fazer isso? Ser outra pessoa, que não eu? Eu teria coragem? Sempre poderia voltar atrás se precisasse fazê-lo.

Então, aquilo se tornou a minha lista: nove fantasias que seriam seguidas de uma decisão final. E, conforme as instruções, escrevi todas na ordem em que pensei que poderia lidar com elas.

Olhei para a lista uma última vez. Minha cabeça estava repleta de encanto e preocupação, alegria e medo que essas fantasias iriam liberar. Imagine ter tudo o que você sempre quis e muito mais. Imagine ser o que os outros querem e desejam — cada centímetro de você, exatamente como você é. Aquilo estava acontecendo. Estava acontecendo comigo. Pensei que minha vida havia acabado, mas estava prestes a mudar para sempre.

Quando terminei, liguei para Danica.

“Olá, Cassie”, disse ela.

“Como você sabia que era eu?”, perguntei, olhando inquieta pela minha janela da frente.

“Ahn, bina?”

“Certo.” Devo parecer estúpida. “Sei que é tarde, mas Matilda me disse para ligar assim que terminasse. Então, estou pronta, eu tenho as... selecionadas.”

“O quê?”

“Você sabe... da lista.”

Houve um silêncio.

“Lista?”, provocou ela.

“Minhas... fantasias”, sussurrei.

“Oh, Cassie. Nós definitivamente escolhemos a candidata certa: você. Você não consegue nem dizer a palavra!” Ela riu. “Vou mandar alguém aí de imediato, querida. E fique firme. As coisas estão prestes a ficar muito interessantes.”

Quinze minutos depois, a campainha tocou. Escancarei a porta, esperando ver um mensageiro adolescente e desarrumado, mas um homem magro, de boa aparência, recostou-se no batente. Ele tinha olhos castanhos românticos e usava um agasalho com capuz, camiseta branca e calça jeans. Parecia ter uns trinta anos.

Ele sorriu. “Estou aqui para buscar a sua pasta. E também estou instruído a lhe dar isto. Você deve abri-lo agora.”

Não consegui distinguir o sotaque dele. Seria espanhol? Ele me passou um envelope pequeno, de cor creme. Tinha a letra C no lado de fora.

Enfiei o dedo sob a aba e rasguei-a. Dentro havia um cartão que dizia: Primeiro Passo. Meu coração acelerou. “O que diz o cartão?”, perguntou ele.

Olhei para aquele homem incrivelmente bonito na minha frente, aquele mensageiro, ou fosse o que fosse. “Você quer que eu leia?”

“Sim, você deve.”

“Ele diz... ‘Renda-se’.” Minha voz estava quase inaudível.

“No início de cada fantasia vão perguntar a você se aceita este Passo. Você aceita este Passo?”

Engoli em seco.

“Qual Passo?”

“O Primeiro Passo, é claro. Render-se. Você deve render-se ao fato de que precisa de ajuda. Do ponto de vista sexual.”

Meu Deus, ele praticamente ronronou a palavra. Ele colocou a mão sob a camiseta e tocou a própria barriga enquanto se apoiava no batente da porta e me engolia com os olhos.

“Você aceita?”, questionou.

Eu não sabia que tudo iria começar tão rapidamente.

“Eu... com você? Agora?”

“Você aceita o Passo?”, perguntou ele, movendo-se suavemente em direção a mim.

Eu mal podia falar. “O que... o que vai acontecer?”

“Nada, a não ser que você aceite o Passo.”

Seus olhos, a maneira como ele vinha se inclinando para mim...

“Eu... sim. Aceito.”

“Por que você não abre um espaço para mim ali?”, perguntou ele, fazendo um grande círculo com a mão e indicando a área entre a minha sala de estar e a sala de jantar. “Eu já volto.” Então, ele se virou e saiu.

Corri para a janela da sala e o vi dirigir-se a uma limusine que estava estacionada logo ali.

Coloquei a mão em meu peito e olhei ao redor da minha sala de estar impecável — velas piscavam em todo lugar. Eu havia tomado banho e estava perfumada. Eu usava uma camisola de seda. Elas sabiam! Chutei o pufe para a parede e empurrei o sofá mais para perto da mesa de café.

O jovem voltou um minuto ou dois mais tarde com o que parecia ser uma maca de massagem portátil.

“Por favor, vá para o quarto e tire tudo, Cassie. Coloque esta toalha em torno de você. Vou chamá-la quando eu estiver pronto.”

Peguei Dixie pelo caminho. Aquilo era algo que minha gata não precisava ver. No meu quarto, deixei o robe cair no chão e dei uma última olhada em mim no espelho da cômoda. Minha crítica interna despertou imediatamente. Mas dessa vez fiz algo que nunca havia

feito. Eu a desliguei. Esperei, abrindo e fechando os punhos. Aquilo não podia ser real. Não podia estar acontecendo. Mas estava!

“Por favor, venha”, ouvi atrás da porta fechada.

Entrei tímida como um rato por uma sala reformada. As cortinas estavam fechadas. As velas haviam sido colocadas nas mesinhas, cada uma de um lado da maca de massagem. A maca era equipada com estribos, e sua metade inferior tinha uma divisão no meio. Apertei a toalha em volta de mim, enquanto subia na ponta dos pés na maca desse homem incrivelmente belo e jovem, que estava em pé no meio da minha sala de estar. Faltava-lhe pouco para chegar a um metro e oitenta de altura. Seu cabelo era brilhante e ondulado, comprido o suficiente para ter alguns cachos atrás das orelhas. Seus antebraços eram fortes e bronzeados, e suas mãos pareciam musculosas. Talvez ele fosse mesmo um massagista! Quando descansou uma das mãos sob a camiseta, consegui dar uma olhada em seu abdome plano, bronzeado. Ele sorria de um jeito que o fazia parecer um pouco mais velho e também muito mais sensual. Olhos castanhos. Eu mencionei os olhos? Eles eram amendoados, com um pouco de malícia. Como um cara pode aparentar ser gentil e ao mesmo tempo gostoso? Nunca havia experimentado essa combinação antes, mas era poderosa.

“Solte a toalha. Deixe-me olhar para você”, ordenou ele gentilmente.

Hesitei. Como eu poderia me mostrar a um homem tão atraente?

“Eu quero ver você.”

Bom Deus, Cassie, onde é que você se meteu? Que escolha eu tinha? Realmente não havia como voltar atrás agora. Eu mal o encarei quando deixei a toalha cair em torno de meus pés.

“Minhas mãos têm uma mulher bonita para trabalhar”, disse ele. “Por favor, deite-se. Estou aqui para fazer-lhe uma massagem.”

Eu relaxei na maca e me deitei de costas. O teto pairava acima de mim. Cobri o rosto com as mãos.

“Eu não posso acreditar que isto está acontecendo.”

“É. Isto tudo é para você.”

Ele colocou suas grandes mãos quentes em meu corpo nu e pressionou levemente os meus ombros, então retirou minhas mãos do meu rosto e colocou-as ao lado do meu corpo.

“Está tudo bem”, disse ele, os olhos castanhos sorrindo para mim. “Nada de ruim vai acontecer. Muito pelo contrário, Cassie.”

O contato era incrível. Suas mãos em minha pele sedenta. Quanto tempo fazia desde que eu havia sido tocada, ainda mais assim? Eu não conseguia sequer lembrar.

“Vire de barriga para baixo, por favor.”

Hesitei mais uma vez. Então rolei, empurrando os braços, que tremiam, debaixo de mim para acalmá-los, e virei a cabeça para um dos lados. Ele gentilmente colocou um lençol sobre meu corpo.

“Obrigada.”

Ele se inclinou para trazer a boca perto de meu ouvido. “Não me agradeça ainda, Cassie.”

Através do lençol, senti suas mãos em minhas costas, me pressionando contra a maca.

“Vai ficar tudo bem. Feche os olhos.”

“Eu... são meus nervos, acho. Não pensei que isto fosse acontecer tão rápido, como agora. Quero dizer...”

“Basta ficar quieta. Eu estou aqui para fazer você se sentir bem.”

Senti suas mãos percorrendo minhas coxas sob o lençol e, a seguir, cobrindo a parte de trás dos meus joelhos. Então, em pé na base da maca, ele dividiu a metade inferior da mesa em duas, como um Y, e ficou entre minhas pernas.

Ah, meu Deus!, pensei. Isto está acontecendo.

“Eu não sei se posso fazer isso agora”, disse, tentando me virar.

“Se eu tocar você de alguma forma que não goste, me diga. E eu paro. É assim que isto funciona. É assim que sempre funciona. Mas, Cassie, é apenas uma massagem.”

Eu podia ouvi-lo tirar algo de debaixo da maca, e então senti o delicioso perfume de loção de coco. Eu o ouvi esfregando-a em suas mãos. Em seguida, ele apertou a parte de trás dos meus tornozelos.

“Está ok? Diga-me com sinceridade.” Ok? Senti que era muito mais do que ok.

“Sim”, eu disse.

“E isto?”, perguntou ele, movendo lentamente suas mãos quentes, lubrificadas, pelas minhas panturrilhas.

Meu Deus do céu, suas mãos eram inacreditáveis. “Sim.”

“Que tal isto? Você gosta disto? Diga-me”, disse ele, atingindo minhas coxas e parando logo abaixo da minha bunda. Então, ele começou a massagear minhas coxas. Senti minhas pernas se abrindo para ele.

“Cassie. Você quer isso?”

“Sim.” Ai, Deus, eu disse isso.

“Bom”, disse ele, movendo suas mãos para a ponta da minha bunda. Ali, ele começou a massagear em círculos cada vez mais amplos, quase me tocando entre as pernas. Quase, mas não por completo. Meu corpo estava em pânico e ainda altamente excitado. Eu nunca estivera nesse lugar entre o medo e o nirvana, e era estranho, inebriante, maravilhoso.

“Você gosta que eu faça firme ou suave?”

“Hummm...”

“Eu estou falando da massagem, Cassie.”

“Ah. Firme, acho. Não, suave”, eu disse, minhas palavras ainda abafadas pela maca. “Não sei do que gosto. Isto é normal?”

Ele riu. “Que tal experimentar os dois, então?”

Ele esguichou mais loção em suas mãos e esfregou uma na outra. Dessa vez, subiu pelas minhas costas em um grande círculo, puxando inteiramente o lençol que estava sobre mim. Eu o vi cair no chão ao meu lado. Eu estava nua.

“Tire os braços de debaixo de seu corpo e descanse-os sobre a parte superior da maca, Cassie.”

Fiz isso e comecei a relaxar com a massagem mais intensa que já havia recebido. Seus polegares traçaram o contorno do meu cóccix até o pescoço; em seguida, em torno do meu tórax, e roçaram a lateral dos meus seios. Ele fez esses movimentos por vários minutos e então mergulhou as mãos, em círculos, em minha bunda, para cima e para fora. Eu podia sentir sua ereção através do jeans contra a parte interna da minha coxa. Não podia acreditar. Ele estava sentindo algo por mim também? Instintivamente, fiz uma pressão contra ele.

Deixei minhas pernas, abertas sobre a maca, abrir-se ainda mais. Era a coisa mais doce, e mais estranha, abrir-me para um homem como aquele.

“Vire-se, Cassie, quero você sobre suas costas.”

“Tudo bem”, eu disse. A sala estava quente por causa das velas, ou talvez do meu corpo superaquecido. As mãos, aquela massagem, haviam diminuído bastante a tensão e a ansiedade. Eu me sentia completamente sem ossos.

Fiz o que ele pediu. Ele parecia saber com precisão o que estava fazendo. Acho que era aquilo que Matilda queria dizer com Render-se. Antes de eu deixar a casa geminada naquele dia, ela me dera uma instrução simples para o meu Primeiro Passo:

“O sexo exige rendição, a capacidade de simplesmente derreter-se quando o momento chegar”, disse ela.

Quando me ajeitei, quase deslizei para fora da maca, de tão cheia de óleo que estava. Posicionado onde estava, entre minhas pernas, ele me agarrou pelas coxas para me segurar firme. Tomou meu corpo inteiro com olhos famintos. Ele estaria fingindo aquilo? Parecia, ousado dizer, que estava a fim, o que tornava a coisa toda muito mais agradável.

“Você tem a boceta mais doce e bela que eu já vi”, disse ele.

“Oh, bem, obrigada”, respondi, embaraçada, levantando uma das mãos para cobrir os olhos. Eu estava curiosa sobre o que iria acontecer e ao mesmo tempo incrivelmente tímida.

“Você quer que eu a beije?”

O quê? Aquilo era insano. E também era maravilhoso, aquele sentimento, aquela coisa estranha e perfeita que circulava feito uma corrente através do meu corpo. Ele ainda nem estava me tocando lá, e eu já estava perdendo uma parte da minha consciência. Duas semanas atrás eu não tinha ideia de que um mundo como aquele existia; um mundo onde homens sensuais batem a sua porta em uma noite de quarta-feira e a trazem até o êxtase sem nem sequer tocar em você. Mas era real e estava acontecendo comigo. Aquele homem belíssimo queria fazer aquilo. Comigo!

Eu poderia ter rido e chorado.

“Diga-me o que você quer, Cassie. Eu tenho o poder de dar a você. E eu quero lhe dar. Quer que eu a beije?”

“Quero, sim”, eu disse. E, então, senti seu hálito quente em mim, enquanto seus lábios roçaram minha barriga. Ah, meu Deus, ele arrastou um dedo pelo meu abdome e depois deslizou-o para dentro de mim.

“Você está molhada, Cassie”, sussurrou ele.

Coloquei a mão na cabeça dele e com delicadeza apanhei um punhado de seu cabelo.

“Quer que eu beije sua bocetinha doce?”

Aquela palavra de novo. Por que eu ficava tão tímida com ela?

“Sim... Eu... quero que você...”

“Você pode dizer o que você quer, Cassie. Não há nada de errado em dizer isso.”

Ele movia-se rápida e profundamente com um único dedo, girando dentro e fora de mim.

Em seguida, colocou a boca inteira na minha barriga e explorou meu umbigo com a língua. Ele a arrastou ao longo do mesmo caminho que percorrera com o dedo, e me encontrou lá e lambeu e mordiscou, o tempo todo mantendo os dedos circulando ao redor e fora de mim. Eu não podia acreditar naquela sensação, como se estivesse subindo devagar em uma montanha-russa, mais e mais. Ouvi quando ele gemeu, de leve. Ai, Deus, era como se milhares de terminações nervosas finalmente tivessem despertado.

“Cassie, eu amo o seu gosto.”

Sério? Seria possível?

Suas mãos começaram a mover-se pelo comprimento das minhas pernas, espalhando-as ainda mais abertas sobre a maca. Nunca havia me sentido tão indefesa, tão vulnerável. Eu estava exposta, era só necessidade e desejo. Sentia-me impotente — e feliz por estar assim. Estava à beira de um milhão de explosões, um milhão de sensações diferentes, e, se ele simplesmente continuasse, eu iria... E, então, ele parou.

“Por que você parou?”, gritei.

“Você não quer que eu pare?”

“Não!”

“Então me diga o que você quer.”

“Eu quero... gozar. Assim. Aqui mesmo.”

Sua pele bronzeada, aquele rosto... Deitei-me e cobri o rosto com as mãos mais uma vez. Eu não podia assistir. E também não poderia deixar de assistir. De repente, senti algo quente e úmido circulando meu mamilo esquerdo. Sua mão em concha segurava o outro seio com firmeza. Sua boca era quente. Ele chupou e puxou meus seios, enquanto sua mão livre viajava de volta para baixo do meu abdome trêmulo, meu osso púbico e além. Dessa vez, ele deslizou dois dedos para dentro de mim, ah, primeiro suavemente, depois com urgência. Ai, Deus, era tão bom! Tentei levantar os joelhos e arquear as costas.

“Fique quieta”, sussurrou ele. “Você gosta disso?”

“Gosto, gosto muito”, eu disse, jogando o braço por cima da minha cabeça, agarrando o topo da maca. Ele parou de mover os dedos. Então, ficou em cima de mim por um segundo e me encarou.

“Você é linda”, disse.

Em seguida, ele se inclinou e colocou a língua em mim novamente. Ficou parado ainda por um trêmulo segundo, e sua respiração soprava vida em mim. De maneira espontânea, empurrei meu corpo sobre seu rosto. Ele podia sentir minha necessidade e começou a me lambar, a princípio devagar. Então, voltou a usar os

dedos. Com o peso de sua boca e a língua em mim, me lambia mais e mais, liberando seus fluidos e os meus. Eu podia sentir todo o sangue do meu corpo disparar em linha reta até ali. Ah, doçura, aquilo era tão louco! Uma onda incrível correu através de mim, uma tempestade de algo que eu não podia impedir. Ele lançou as mãos em meus seios, enquanto sua língua circulava dentro de mim em um ritmo perfeito.

“Não pare!”, me ouvi dizer.

Foi tudo demais. Apertei meus olhos. A sensação maravilhosa crescia e crescia, e eu gozava com força contra seu rosto e sua língua. Quando terminei, ele se afastou e colocou a mão quente sobre a minha barriga.

“Respire”, sussurrou ele.

Minhas pernas relaxaram ao longo da borda da maca. Nenhum homem jamais me tocara assim, nunca.

“Você está bem?”

Balancei a cabeça. Eu não tinha palavras. Tentei recuperar o fôlego.

“Você deve estar com um pouco de sede.”

Balancei a cabeça novamente, enquanto uma garrafa de água apareceu. Sentei-me para beber. Ele me olhou, parecendo bastante orgulhoso de si mesmo.

“Tome um banho, belezinha”, disse ele.

Saí da maca.

“Quem tem o poder?”, perguntou ele.

“Eu tenho”, disse, sorrindo por cima do ombro.

Cambaleei em direção ao banheiro, tomei um banho quente e, depois, enquanto secava meu cabelo com a toalha, me dei conta de algo. Corri para a sala de estar.

“Ei, nem sei o seu nome!”, eu disse, ainda esfregando meu cabelo molhado em uma toalha.

Mas ele se fora. Assim como a maca de massagem e minha lista de fantasias que ele tinha vindo buscar. O local estava exatamente

como antes de ele chegar, exceto por uma diferença: em minha mesa descansava meu primeiro talismã de ouro. Corri pela sala para apanhá-lo e vislumbrei meu rosto no espelho sob a lareira. Parecia corado, e meu cabelo úmido serpenteava ao redor de meu pescoço e meus ombros. Peguei o talismã e balancei-o contra a luz das velas. Nele, estava gravada a palavra *Rendição* de um lado, e o numeral romano I do outro.

Eu o prendi à pulseira em torno de meu pulso, sentindo a ousadia crescer em mim, deixando-me tonta. Eu tinha feito a coisa mais estranha! Tinha feito a coisa mais louca! Eu queria gritar: alguma coisa aconteceu comigo. Algo está acontecendo comigo. E nunca voltarei a ser a mesma.



Capítulo 5

Sempre dizem que o primeiro passo é o mais difícil. A primeira entrega, a primeira vez que você diz: Sim, aceito que preciso de ajuda. Eu não posso fazer isto sozinha. Scott lutou contra isso quando parou de beber. Ele odiava a ideia de que precisava aceitar ajuda de qualquer coisa ou de alguém. Assim, lutou contra isso, custasse o que custasse. Mas aqui estava eu em completa rendição. Eu havia parado de lutar. Eu aceitara a ajuda de um estranho grupo de mulheres.

Então entrei em uma sala banhada à luz de velas vestindo só uma toalha. Deixei que a toalha caísse em torno de meus tornozelos e me descobri. Eu confiei nesse processo, nesse homem, nesse grupo S.E.G.R.E.D.O. Mas tudo o que havia acontecido fora em minha casa, na minha sala de estar, e, apesar de ter sido com o meu corpo, eu o entregara apenas temporariamente a um completo estranho. Enquanto eu contava aquilo a uma extasiada Matilda uma semana depois, não pude evitar a sensação de que eu falava sobre minha experiência como se tivesse acontecido com outra pessoa, alguém que eu conhecia muito bem, mas que tinha nuances que estava só começando a compreender.

Contei a Matilda que me senti segura, que o que fizemos foi erótico e que estava mais do que instigada a realizar a fantasia. E, por ser uma coisa passageira, eu precisava admitir que havia me sentido cobiçada, desejada, algo que, naturalmente, faz qualquer mulher se sentir em êxtase.

“Então, sim. Eu estava... transformada, acho”, disse, enterrando meu rosto, que ardia, em minhas mãos, suprimindo uma risadinha. Algumas semanas atrás eu não tinha sequer alguém para conversar, a menos que se contasse Will. Agora, ali estava eu, partilhando segredos íntimos com uma mulher que eu não poderia mais chamar de estranha. Eu tinha que admitir que ela estava se tornando minha amiga.

Durante as semanas que se seguiram à minha primeira fantasia, estive tão ocupada como nunca. Até mesmo peguei dois turnos da noite para que Tracina e Will pudessem sair juntos. Quando eu disse adeus a eles numa dessas noites, não conseguia detectar um pingo de inveja ou amargura em minhas entranhas. Bem, quem sabe uma gota de ciúme, mas não amargura. Nem desejo. Nenhuma tristeza detectável. Eu havia prometido a mim mesma ser mais agradável com Tracina e tentar enxergar o que Will via nela. Talvez nos tornássemos amigas, pensei, e Will poderia tentar mais uma vez me arranjar alguém — depois que eu terminasse meus Passos, é claro. No momento em que eu pensava sobre o casal de namorados, Dell me pegou assobiando no frigorífico. Às vezes, eu ficava por lá alguns minutos para esfriar, o tempo todo fingindo estar à procura de algo.

“Por que você anda tão feliz, menina?”, perguntou ela, balbuciando entre os dentes que lhe faltavam.

“A vida, Dell. É uma coisa boa, não é?”

“Nem sempre.”

“Eu acho que é maravilhosa.”

“Bem, ótimo para você”, retrucou ela enquanto eu voltava para o salão de jantar. Deixei-a cavando o sorvete para um pequeno encontro de aniversário entre banqueiros.

Meu casal, a dupla que eu mais adorava adular, não retornara desde a noite em que Pauline deixara cair seu diário. Mas as imagens de suas carícias agora haviam sido substituídas por flashbacks-relâmpago do belo rosto do homem entre as minhas coxas, da maneira faminta como olhou para mim, de modo deliberado, tão pungente. Pensei em seus dedos, como se encarregaram de tudo no momento certo, e como suas mãos firmes me guiaram, como se eu não pesasse nada, como se eu fosse feita de penas cobertas de veludo.

“Cassie, pelo amor de Deus”, gritou Dell, estalando os dedos na frente dos meus olhos. “Você continua saindo do planeta.”

Eu quase saltei para fora dos meus sapatos marrons de tão sem graça. “Desculpe!”

“Mesa 11 quer a conta, a 9 quer mais café.”

“Sim, certo”, eu disse, notando as duas meninas da mesa 8 olhando fixamente para mim.

Depois de servir as duas mesas, retomei meus pensamentos. Dell estava errada. Eu não fantasiava. Eu estava me lembrando. Aquelas coisas haviam de fato acontecido. Eu recordava coisas que tinham sido feitas comigo, com meu corpo. Sacudi a cabeça de maneira gostosa. Se isso era o que se sentia após o Primeiro Passo, como seria com um pouco mais de fantasia na minha bagagem?

Um dia, no início de abril, no meu único dia de folga naquela semana, um envelope cor creme chegou em minha caixa de correio. Não havia selo nele. Parecia ter sido deixado em mãos. Meu coração saltou pela garganta. Olhei para a rua. Ninguém. Rasguei o envelope. Dentro estava o cartão do Segundo Passo e a palavra Coragem. Havia também uma única entrada para um show de jazz no Halo, um bar no terraço do Hotel Saint, um hotel-butique construído recentemente e que seria inaugurado durante o festival desse ano. Embora não fosse lá grande fã de música, até eu sabia que essas entradas eram difíceis de conseguir. Olhei para a data. Hoje à noite! Não havia tempo suficiente! Eu não tinha nada para vestir! Eu fazia isso todo o tempo, desculpas, empilhando-as e empilhando-as, até que o medo tornava-se tão grande que derrubava qualquer plano para uma aventura. Era assim que sempre acontecia comigo. De alguma forma, abrir a porta do meu apartamento para um estranho parecia mais fácil de imaginar do que me aventurar na noite quente, sozinha, atravessar um bar, sentar ali sozinha, esperando... o quê? O que eu faria enquanto esperava? Ficaria lendo? Talvez três ou quatro semanas seja muito tempo entre as fantasias. Quem sabe minha coragem tivesse recuado. No entanto, o Segundo Passo tratava justamente de Coragem, então decidi concentrar-me em me manter aberta, o oposto da minha maneira usual, que costumava ser começar o meu dia com a palavra “Não” nos lábios. Foi assim que, horas mais tarde, experimentei alguns vestidos pretos e, uma hora depois, sentei-me bem quieta enquanto passava camadas de esmalte vermelho nas unhas dos pés e das mãos. O tempo todo eu dizia a mim mesma que sempre poderia voltar atrás se quisesse. Eu não

precisava enfrentar qualquer coisa. Podia mudar de ideia a qualquer momento.

Naquela noite, apanhei minha pasta de fantasias na mesa de cabeceira. Por que sair sozinha, assistir a um filme sozinha ou desfrutar de um jantar sozinha era tão difícil? Eu nunca conseguia fazer isso, preferia alugar um filme e ver em casa, a me sentar sozinha em um cinema escuro. Mas estar só não era o que eu temia. Estar só era fácil; eu me senti sozinha toda a minha vida, mesmo quando era casada. Não, eu estava com medo de que todo mundo, todas as pessoas, casais juntinhos, me vissem como uma das Grandes Não Escolhidas, A Tristemente Não Seleccionada, A Sexualmente Esquecida. Imaginei que eles iriam apontar e sussurrar. Imaginei que teriam pena de mim. Eu mesma chegara a tratar clientes solitários no Café com cuidado extra, como se tivessem um pequeno problema de audição ou algo assim. Posso até me culpar por ter oscilado demais em torno de suas mesas, nas minhas tentativas de fazer-lhes companhia.

Mas, talvez, às vezes as pessoas que saem sozinhas só queiram estar sozinhas. Há pessoas assim: confiantes, solitárias, seguras em sua própria companhia. Tracina, por exemplo, paga alguém para levar seu irmão de catorze anos para tomar sorvete todas as tardes de sábado, para que ela possa deitar no sofá e assistir à TV sem ser incomodada. Ela me disse uma vez que ir ao cinema sozinha era um de seus prazeres mais singulares.

“Gosto de ver o que eu quero, comer sem dividir, e não tenho que ficar sentada durante os créditos como Will me obriga a fazer quando estou com ele”, disse ela.

Mas é fácil estar sozinho quando isso é uma escolha, mais difícil quando isso é a sua posição-padrão.

Eu estava sentindo puro terror em relação a entrar naquele clube de jazz, quando o conselho de Matilda sobre o Segundo Passo invadiu minha cabeça. Durante uma conversa estimulante ao telefone, ela me dissera: “O medo é apenas medo. Temos que agir diante dele, Cassie, porque a ação aumenta a coragem”.

Diabos. Eu podia fazer aquilo.

Liguei para Danica, para mandarem a limusine.

“Está a caminho, Cassie. Boa sorte”, disse ela.

Dez minutos depois, a limusine virou a esquina na Chartres, saindo da Mandeville e parando em frente ao Hotel das Solteironas. Ai! Eu não estava pronta! Com os sapatos na mão, desci correndo os degraus de dois em dois, passando descalça por Anna Delmonte, que se mostrou muito intrigada.

“É a segunda vez que vejo essa limusine estacionada na frente da casa”, disse ela, enquanto eu passava por perto. “Você sabe alguma coisa sobre isso, Cassie? É tão estranho...”

“Eu vou falar com ele, Anna. Não se preocupe. Ou talvez o motorista seja uma mulher, certo? Nunca se sabe.”

“Eu suponho...”

Sem ouvir o resto de sua resposta, entrei na limusine e coloquei meus sapatos. Imaginei uma coisa engraçada: e se Anna soubesse o que eu estava fazendo? Eu queria gritar: Não sou solteirona! Eu estou viva, pela primeira vez em anos!

Enquanto a limusine acelerava pela Canal, olhei para o meu vestido, um modelo preto confortável, apertado no corpete, saia vistosa que ia até pouco abaixo do joelho. A parte de cima me amparava nos lugares certos e fazia alguns favores para os meus seios, que até mesmo para mim pareciam cheios e atraentes contra o contorno preto do corpete. Meus sapatos estavam um pouco apertados, mas eu sabia que iam se soltar durante a noite. Saltos pretos vão com quase tudo, disse a mim mesma, racionalizando quanto eu gastara neles. Eu havia penteado o cabelo para um lado e fizera escova, segurando a parte da frente com uma fivela de ouro. Esta era a única joia que eu tinha, exceto, é claro, minha pulseira S.E.G.R.E.D.O. com seu talismã singular.

“Você está linda esta noite, miss Robichaud”, disse o motorista. Tive a impressão de que os funcionários do S.E.G.R.E.D.O. eram orientados a manter uma distância profissional, algo que eu imaginava que Danica achava difícil de fazer. Ela parecia tão irreprimível! Meu “obrigada” mal passou pela abertura da janela da limusine antes de ela ser fechada entre nós.

Meu coração batia mais rápido enquanto virávamos cada curva. Tentei limpar a mente, como Matilda havia me instruído a fazer. Tente não antecipar. Tente estar no momento.

A limusine parou na frente do The Saint. Minha mão estava tão suada que escorregou na maçaneta da porta, mas o motorista já estava a postos, saindo e vindo abrir a porta para me ajudar a sair do banco de trás.

“Boa sorte, minha cara”, disse ele.

Balancei a cabeça, agradecendo, e em seguida fiquei por um momento olhando as pessoas bonitas da cidade em seu movimento de entrada e saída pelas principais portas — mulheres ousadas de longas pernas deixavam um rastro de perfume e confiança, e os homens pareciam muito orgulhosos por serem vistos com elas. Então, lá fui eu. Percebi que me esquecera de colocar perfume. Meu cabelo, alisado havia uma hora, começava a soltar fios quebrados. O pensamento de que essa fantasia iria acontecer em público afundou meu coração temeroso. Os corações deveriam se assentar, pensei, no fundo do estômago, onde há mais isolamento para esconder sua batida ansiosa. E, no entanto, eu estava nervosa e também... curiosa. Respirei fundo e fui direto para dentro, até os elevadores.

Um homem pequeno, com um uniforme do hotel, apareceu a minha esquerda.

“Posso ver a sua entrada?”

“Ah, sim”, eu disse, procurando-a em minha bolsa. “Aqui está.”

Ele olhou para a entrada e depois para mim, limpando a garganta.

“Ok, então”, disse ele, pressionando o botão para cima. “Bem-vinda ao The Saint. Esperamos que você aprecie sua estadia.”

“Ah, eu não vou ficar aqui. Eu só estou vindo... bem, vindo... ouvir, só ouvir música.”

“É claro. Tenha uma noite maravilhosa”, disse ele, fazendo uma reverência e a seguir se afastando de mim.

O elevador engoliu-me, sua subida causando estragos em meu estômago já revoltado. Fechei os olhos e me recostei na parede espelhada e fria, segurando firme no corrimão. Enquanto o elevador

se aproximava da cobertura, eu ouvia música abafada e vozerio. As portas se abriram para dezenas de pessoas bem-vestidas, aglomeradas em um saguão escuro, mais escuro ainda no bar que ficava além das portas de vidro. Precisei de uma força sobre-humana para soltar os dedos do corrimão, deixar os limites seguros do elevador e lançar-me no meio da multidão.

Cada pessoa segurava uma taça de champanhe e estava envolvida no que parecia ser uma conversa interessante. Algumas mulheres olharam para mim por sobre os ombros do mesmo modo que se olha para um adversário em potencial. Seus companheiros também me avaliaram. Aqueles olhares eram de... interesse? Não. Não poderiam ser. De jeito nenhum. Eu me movia devagar por entre a multidão, mantendo meus olhos baixos, ainda me perguntando o que diabos eu estava fazendo em um lugar tão chique. Vi algumas celebridades locais, como Kay Ladoucer, do conselho da cidade, que também presidia várias instituições de caridade proeminentes. Ela estava em uma animada conversa com Pierre Castille, o bilionário bonito, construtor, conhecido por ser um solteirão recluso. Ele olhou para mim, e desviei o olhar. Então, percebi o que ele estava realmente olhando. Ao meu lado estavam reunidas várias jovens alegres, filhas da nobreza do Sul, garotas cujas fotos se veem nas páginas de celebridades do Times-Picayune.

A banda The Smoking Time Jazz Club iria tocar nessa noite, mas ainda não havia subido ao palco. Eu tinha ido escutá-los antes no Blue Nile. Amei a vocalista, uma menina peculiar com a cabeça raspada e uma voz poderosa e hipnótica. Mas eu não estava ali apenas para apreciar a música. Quem eu iria encontrar, e como as coisas se desenrolariam? Apesar de meu nervosismo, não consegui deixar de notar um homem alto, atraente, falando com uma mulher de pernas longas que usava um vestido vermelho ousado. Enquanto eu olhava (discretamente, suponho), ele se despediu dela e caminhou em direção a mim. Todo o ar abandonou meu corpo quando ele se colocou em meu caminho até o bar.

“Olá”, disse ele, sorrindo. Com seus olhos verdes e cabelos louros, parecia saído de uma revista. Usava um terno cinza muito bem cortado sobre uma camisa branca. A gravata era fina e negra. Eu daria a ele uns trinta anos, um pouco mais jovem do que o

massagista, e mais musculoso também. Olhei para a mulher de vestido vermelho, cuja postura parecia sugerir derrota. Ele havia parado de falar com ela para atravessar a sala e me cumprimentar? Ele era louco?

“Eu sou... sou Cassie”, eu disse, esperando que ele não pudesse perceber meus pensamentos ansiosos.

“Eu vejo que você ainda não tem uma bebida. Vou pegar uma”, disse ele, colocando a mão em minhas costas e me guiando pela multidão crescente em direção ao bar.

“Ah, sim. Por que não?” A banda começou a subir ao palco. Eu podia ouvi-los passando o som.

“E a sua... companhia?”, perguntei.

“Minha companhia?” Ele parecia realmente perplexo.

Olhei por cima do ombro para onde a mulher estava antes. Ela se fora.

Ele puxou um banquinho vazio no bar e fez um gesto para que eu me sentasse. Então, inclinou-se sobre mim, colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha para que ele pudesse colocar sua boca perto dela. Senti seu hálito quente. Não pude evitar, fechei os olhos e me inclinei para ele.

“Cassie, pedi um pouco de champanhe”, disse ele. “Vou verificar uma coisa. Enquanto eu estiver fora, quero que você me faça um favor.” Ele colocou o dedo na minha mandíbula e com delicadeza a percorreu, delineando-a. Ele olhava profundamente em meus olhos. O homem era sedutor; sua boca bonita estava a apenas alguns centímetros de distância da minha.

“Enquanto eu estiver fora, tire sua calcinha. Deixe-a cair no chão sob o bar. Mas não deixe ninguém ver.”

“Aqui? Agora?” Vi meu reflexo no espelho sobre o bar, e minhas sobrancelhas haviam saltado para cima.

Um sorriso perverso e perfeito serpenteou sua boca. Dois dias de barba por fazer não tiravam dele a elegância.

Eu me virei e o vi caminhar, passando pelo palco e pela vocalista bonita. Olhei em volta para a multidão indiferente, agora

esticando o pescoço para ver a banda começar. Os riffs iniciais foram metálicos e altos, o baixo reverberava no fundo de meu corpo. Olhei para o banheiro das mulheres. Se eu deixasse meu assento, perderia meu lugar no bar. Então, ele não iria me encontrar.

A sala foi se enchendo. As luzes diminuíram um pouco mais. Uma taça de champanhe gelado foi colocada diante de mim. Eu estava sozinha, em um bar, pensando em tirar minha calcinha porque um homem jovem e gostoso havia me pedido que o fizesse. E se eu fosse pega? Certamente eu seria expulsa por comportamento lascivo. Tentei lembrar qual era a calcinha que eu usava. A tanga preta. Simples, sedosa. Como deixar uma calcinha escapar em público, sem ser notada, não era algo que eu tivesse aprendido com escoteiras.

Puxei a banqueta mais para perto do bar. Então, olhando-me no espelho, lancei mão de um artifício, mexendo os antebraços e as mãos no colo, enquanto acima da linha do bar os braços e ombros pareciam parados. Bom, isso poderia funcionar. Movi-me com agilidade, minha mão sob o bar suspendendo a parte da frente da saia. Subi a outra mão pela coxa, envolvendo um dedo na calcinha e levantando a bunda levemente, enganchando os calcanhares na base do banquinho para obter a alavancagem necessária. Quando puxei a calcinha com força, a canção chegou a um fim abrupto. Pensei que tivesse sido a única a ouvir o ruído, como uma agulha pulando as faixas de um vinil. Mas um homem com a cabeça raspada, que estava em pé, de costas para mim, virou-se para ver o que tinha feito aquele som. Congelei. Ah, não.

Sorri para ele sem jeito e deixei escapar um riso nervoso. Aquele homem era fascinante, tinha os olhos meio enrugados como os de Will, mas os dele eram de um tom azul gelado. Ele estava com terno preto, camisa e gravata da mesma cor. Para um homem que estava provavelmente mais perto dos cinquenta do que dos trinta, ele exibia um corpo saudável de jogador de futebol.

Inclinando-se para mim, perguntou: “Já tirou?”. Ele recebeu minha expressão de choque com um sorriso confuso e, em seguida, tomou um gole de uísque, abandonou o copo vazio e limpou a boca com as costas de sua mão larga. “Sua calcinha, eu quero dizer. Já tirou?”, disse ele com um sotaque britânico.

Olhei em volta, para o caso de alguém tê-lo ouvido. Mas a música havia recomeçado.

“Quem é você?”

“A verdadeira questão é: você aceita o Passo?”

“O Passo? O quê? Você? Eu pensei que ia ser com o outro cara.”

“Posso lhe garantir, Cassie, que você está em boas mãos comigo. Você aceita o Passo?”

“O que vai acontecer?” Em pânico, olhei ao redor. Mas ninguém nos observava; todos estavam assistindo à banda. Tampouco alguém se importava com o que estávamos falando. Era como se fôssemos invisíveis.

“O que vai acontecer?”, perguntei de novo.

“Tudo o que você quiser, e nada que você não queira.”

“É isso que vocês todos são treinados a dizer?”, perguntei, com uma pitada de diversão. Eu poderia fazer aquilo. Eu definitivamente conseguiria fazer aquilo com ele. Puxei a calcinha de novo, e, dessa vez, ela atravessou a curva das minhas coxas, deixando-me em uma posição bastante desconfortável.

“Você aceita o Passo, Cassie? Posso perguntar apenas três vezes”, disse ele, pacientemente. Seus olhos viajaram até a minha saia.

“Talvez se eu fosse até o banheiro...”

Ele se virou para chamar o garçom.

“Eu pego a conta e coloco seu champanhe nela, pode ser?”

“Espere. Você já vai?”

Ele sorriu e tirou duas notas de vinte de seu clipe de dinheiro.

“Não vá”, eu disse, levantando o braço por baixo do balcão e colocando-o sobre seu antebraço firmemente. “Eu aceito o Passo.”

“Boa menina”, disse ele, empurrando seu clipe de dinheiro de volta ao bolso.

Ele tirou o paletó e me pediu para mantê-lo no colo. Ao meu lado no bar, ele se virou, como para assistir à banda. Quando empurrou meu banquinho um pouco para trás, meu estômago levou

um segundo para se recuperar. Ele se apertou contra minhas costas, sua boca quente próxima ao meu ouvido. Eu podia sentir sua ereção contra a parte baixa de minhas costas, onde o primeiro homem colocara sua mão.

“Cassie, você está linda com esse vestido, mas esta calcinha precisa sair, agora”, sussurrou ele com voz rouca. “Porque eu vou brincar com você, se estiver tudo bem para você.”

“Aqui? Agora?”, engoli em seco.

“Ah, sim, agora.”

“E se alguém nos pegar?”

“Ninguém vai nos pegar. Eu prometo.”

Minhas costas estavam contra seu peito, ambos de frente para a banda, e ele enfiou a mão direita debaixo da minha saia e seguiu a fenda entre minhas coxas até a minha tanga. Com a naturalidade de um especialista, mergulhou um dedo dentro de mim. Eu estava molhada. Aquilo era uma loucura. A banda aumentou o ritmo, e a voz da cantora era como um instrumento musical, suas palavras saindo no exato momento em que dois de seus dedos agarraram-se em torno do cócs de minha tanga.

“Levante, meu amor”, ordenou ele, e com uma sincronia de perito deslizou a tanga danificada pela frente dos meus joelhos. Eu rapidamente a fiz descer, até meus tornozelos, e deixei-a cair discretamente no chão. O lugar era escuro, barulhento e lotado. Mesmo que eu gritasse, não causaria uma comoção.

Senti sua mão circulando devagar em minha coxa, provocando-me apenas o suficiente, enquanto ele continuava a respirar em meu ouvido. Imaginei o que devíamos parecer: um casal carinhoso assistindo à banda. Só nós dois sabíamos que a sua mão direita me devastava. Certo de que ninguém estava olhando, ele ficou mais ousado e deslizou a outra mão sobre meu seio direito, deixando-a ficar ali por um momento. Em seguida, cobriu meu seio com uma palma larga até que pudesse sentir meu mamilo endurecer.

“Eu queria colocar este na minha boca. Mas não posso, porque estamos em uma sala cheia de pessoas”, sussurrou ele em meu ouvido. “Isto está fazendo você ficar mais molhada?”

Ah, Deus, estava. Balancei a cabeça.

“Se eu deslizesse meus dedos para dentro de você agora, você ainda ficaria molhada?”

“Sim”, eu disse.

“Promete?”

Balancei a cabeça e senti a outra mão voltando à vida sob o casaco que descansava em meu colo. Ela deslizou pelas minhas coxas, e depois um dedo me abriu. Isso quase me fez cair para o lado, mas ele me segurou com firmeza. Cutucou minha coxa direita para que eu abrisse um pouco mais as pernas, e estendi o paletó para esconder melhor o que estava acontecendo debaixo dele.

“Tome um gole de seu champanhe, Cassie”, disse ele. Peguei a taça fria, senti a explosão de bolhas em minha língua. “Eu vou fazer você gozar aqui.”

Antes que eu pudesse engolir, seus dedos começaram a me persuadir a me abrir. A sensação era tão maravilhosa que engasguei um pouco com a bebida. Ninguém perto de nós poderia saber que as coisas mais deliciosas estavam sendo feitas comigo.

“Sente isso, Cassie?”, sussurrou ele em seu sotaque britânico sensual. “Curve-se sobre mim, meu bem”, disse ele. “Assim.”

Empurrou minha pélvis sobre sua mão, agora em concha debaixo de mim. Seus dedos mergulhavam dentro de mim, e seu polegar traçava círculos por fora. Fechei os olhos. Meu corpo inteiro sentia-se suspenso por sua mão poderosa, como que sentada em um balanço.

“Ninguém pode ver o que estou fazendo”, sussurrou ele. “Todo mundo pensa que estou falando com você sobre quanto eu amo a banda. Você sente isto?”

“Sim, ah, Deus, sim.”

Ele se apertou contra minhas costas. Inclinei-me para essa delícia, minha mão direita subindo e alcançando seu ombro que trabalhava, meu braço esquerdo segurando firme o casaco. Senti seus músculos do braço se retesar enquanto o polegar trabalhava seus círculos mágicos, seus dedos hábeis deslizando por dentro e por fora de mim. Ele me tocava como se eu fosse um instrumento. Eu me

perdi na escuridão daquele salão, no ritmo da música, nas ondas de prazer. Eu queria mais dele dentro de mim, e não apenas os dedos. Ele. Tudo dele. Joguei minha coxa direita para o lado, e ele leu minha sugestão de me explorar mais fundo com os dedos. Minha cabeça se inclinou para a frente. Tentei parecer como se eu estivesse totalmente perdida na música, mas eu cambaleava com as ondas que aquele homem criava em meu corpo, mais e mais, agora subindo a um clímax celeste.

“Cassie, eu consigo sentir. Você vai gozar na minha mão, não é, menina?”, sussurrou ele.

Agarrei a beirada do balcão com a mão direita, sentindo-me em transe, e a sala tornou-se um breu, e a música misturava-se com um gemido baixo (meu?) que me fazia dar saltos para trás. Ele agiu como uma parede a me conter quando fui inundada, onda após onda. Ah, meu Deus, eu não podia acreditar que ele pudesse fazer aquilo comigo, ali mesmo. Eu não podia acreditar que havia acabado de gozar em um salão no escuro, cheio de estranhos, alguns deles a menos de dois metros de distância de mim. Ele diminuiu o ritmo do polegar conforme as ondas em meu corpo desapareciam, e a sala voltou a entrar em foco. Ele ficou parado, segurando-me por um momento. Quando eu me movi um pouco, puxou os dedos para fora suavemente, rastreando-os por toda a minha coxa.

Ele deslizou a taça de champanhe a minha frente. “Você é destemida, Cassie.”

Peguei o copo com a mão ainda instável e engoli a bebida, então depusitei a taça vazia sobre o balcão, fazendo barulho demais. Eu sorri, e ele também. Ele olhava para mim como se fosse a primeira vez.

“Você é linda, sabia?”, disse.

E eu, em vez de dizer algo autodepreciativo, acreditei. “Obrigada.”

“Eu é que agradeço”, disse ele, fazendo sinal para o bartender trazer a conta. Ele tirou as duas notas de vinte novamente.

“Fique com o troco”, disse ele para o barman. Em seguida, pescou algo em seu bolso. “Isto é para você”, disse ele, sacudindo o que parecia uma moeda no ar e deixando-a bater contra o balcão.

Quando ele levantou a mão, eu vi meu talismã do Segundo Passo brilhando sob as luzes do bar, com a palavra Coragem gravada nele.

“Foi encantador”, disse ele, beijando meu cabelo. Então, ele arrancou seu casaco do meu colo e desapareceu na multidão.

Depois de ganhar meu talismã e admirá-lo junto ao outro que já estava em minha pulseira, deslizei para fora do banco, e minhas pernas estavam tão meladas que quase caí ao lado de minha tanga abandonada. Enquanto eu me movia no meio da multidão, no escuro, minha respiração ainda vacilava, minha visão estava embaçada. Esbarrei em uma menina que usava sapatos plataforma bem altos e quase a derrubei. No início, não reconheci Tracina, porque ela estava bem-arrumada, com uma coroa silvestre no cabelo encaracolado, e sua pele morena contrastava com o vestido verde-limão. Nem reconheci Will de smoking e gravata alinhada. Ele parecia... diabolicamente sensual.

“Viu?”, perguntou ela, batendo com força no peito dele. “Eu disse ao Will que era você!”

Merda! Isto não pode estar acontecendo. Não agora. Não aqui.

“Oiiiiii”, foi tudo o que consegui dizer.

“Assim que eu vi você e aquele... sujeito, comentei, ‘Will, olha lá a Cassie em um encontro!’”, disse ela, estalando os dedos e cantarolando a última palavra. Tracina estava balançando, bêbada.

Will parecia tenso e desconfortável. Será que eles me viram pressionar contra o estômago do homem, agarrar seu ombro, me contorcer? Ah, Deus! Poderiam ter entendido o que estávamos fazendo? Certamente, não. Estava tão escuro, a música tão alta... Em que lugar eles estavam? Fiquei em pânico, mas não havia nada a fazer agora, apenas alguns comentários bobos sobre a banda. Em seguida, fugir.

“Para onde ele foi?”, perguntou Tracina.

“Quem?”

“Seu gato gostoso?”

“Ah... ele foi buscar o carro. Nós estamos indo. Nós temos que ir. Sim... então...” Eu podia sentir o suor escorrendo pelo meu decote e pela nuca.

“Mas a banda vai tocar outro set. Essas entradas são difíceis de conseguir, Cassie.”

“Talvez eles tenham ouvido música suficiente por esta noite”, disse Will, rigidamente, tomando um gole de cerveja. Era ciúme que eu detectava? Ele mal conseguia olhar para mim. Eu tinha que sair de lá.

“Bem, não quero deixá-lo esperando, então... até amanhã”, murmurei, acenando e já caminhando em direção aos elevadores.

Santo inferno. Dentro do elevador, sozinha, eu pulava para cima e para baixo, como se aquilo pudesse fazê-lo chegar ao chão mais rapidamente. Eu tinha que sair e me recompor. Eu deixara um estranho colocar as mãos dentro de mim — em público — e me fazer perder a cabeça, enquanto meu chefe e sua namorada estavam em algum local próximo. O que eles teriam visto? Como algo tão maravilhosamente sensual podia ter uma reviravolta tão imprópria? Mas eu tinha que deixar aquilo pra lá agora. Eu falaria com Matilda. Ela saberia o que fazer.

As portas do elevador se abriram. Saí correndo pelo saguão e pelas portas de vidro em direção à rua. Estava uma noite linda, o ar era refrescante. A limusine me esperava exatamente onde havia me deixado. Abri a porta de trás antes que o motorista pudesse reagir, entrei e me sentei, ainda sentindo o ar da noite subindo por baixo da minha saia, esfriando a umidade entre minhas coxas.



Capítulo 6

Sempre no mês de maio, a Spring Fling¹⁴ na rua Magazine tornava óbvio quão pouco a rua Frenchmen tinha a oferecer em termos de atrações diurnas. Cinco quilômetros de lojas, música e tráfego de pedestres atraíam multidões para os restaurantes e cafês no distrito de Lower Garden. Não havia nada parecido em Marigny. A Frenchmen era um local noturno, ao qual as pessoas iam para ouvir jazz e ficar bêbadas. O rosto de Will dizia tudo enquanto ele se debruçava sobre os recibos do dia anterior, os músculos de seus braços se retesando ao digitar os números na velha calculadora.

“Por que meu pai tinha que comprar este edifício e colocar um café diurno nesta rua? E por que os Castille tinham que construir aquele condomínio bem aqui em frente?”

Ele deixou cair o lápis. Tinha sido um mês ruim financeiramente.

“Entrega especial”, eu disse, tentando aliviar o clima. Apontei para o café americano em sua mesa, que eu acabara de fazer para ele. Ele nem sequer olhou para a xícara.

“E se colocarmos meia dúzia de mesas na parte de trás do meu estacionamento, espalharmos algumas lanternas acesas em torno, colocarmos música e chamá-lo de pátio? Pode ficar bonito lá atrás. Mais tranquilo”, disse ele, em uma espécie de torpor.

Eu poderia ser qualquer pessoa ali em pé.

Nesse momento Tracina saltou para dentro do escritório.

“Se estiver falando em reformar, primeiro tem que consertar os banheiros, as cadeiras quebradas e os malditos azulejos do pátio, querido.” Ela jogou a bolsa sobre a cadeira no canto. Em seguida, arrancou a folgada camiseta branca na minha frente e na de Will e vestiu um top apertado vermelho que tirou da bolsa, aquele mesmo

¹⁴ Tradicional dia de ofertas especiais na rua conhecida como Magazine, em New Orleans. (N. T.)

que usava no turno da noite. Ela era tão casual, tão confiante com seu corpo minúsculo, perfeito.

Tentei desviar meus olhos.

A Spring Fling dera a Will mais cabelos brancos do que a perda de clientes para o Mardi Gras¹⁵ ou para o festival de jazz. Mas cabelos brancos só tornavam Will ainda mais sensual. Ele era um daqueles sujeitos cuja aparência melhorava com a idade, algo que eu estava a ponto de dizer em voz alta naquela manhã, quando Tracina nos interrompeu. Minhas duas aventuras e a ousadia que haviam produzido em mim me deixavam escapar todo tipo de coisas. Eu estava até mesmo falando mais palavrões, para a consternação da pobre Dell e sua pequena Bíblia de bolso vermelha.

“Está cheio hoje?”, perguntou Tracina, ajeitando a camiseta.

Eu estava terminando meu turno, assim como ela começava o dela, e não havia contas para entregar aos clientes. O restaurante estava morto a esse ponto.

“Não, não está.”

“Nem um pouco”, disse Will. “Spring Fling.”

“Foda-se Spring Fling”, disse ela, empertigando-se para fora da sala.

Vi Tracina afofar seu rabo de cavalo a caminho do corredor até o salão de jantar.

“Ela é incrível”, disse eu.

“Esta é uma das palavras para defini-la”, respondeu Will, passando os dedos pelos cabelos. Ele fez isso tantas vezes que me perguntei se haveria trincheiras em sua cabeça. Finalmente, ele reparou que eu estava ali. E olhou para mim. “Planos para hoje à noite?”

“Não.”

“Não está saindo com aquele sujeito?”

“Que sujeito?”, perguntei, perplexa.

“O sujeito do Halo.”

¹⁵ Celebrações do Carnaval. (N. T.)

“Ah, aquele sujeito”, eu disse, com o coração acelerado. Fazia semanas desde aquela noite, e nem Will nem Tracina haviam mencionado o sujeito do bar. Tracina porque, provavelmente, estava bêbada demais para se lembrar, e Will porque nunca se metia em nada. E se, afinal, ele tivesse visto alguma coisa?

“Aquele sujeito foi apenas um encontro. Não havia química de verdade.”

Will parecia lembrar-se das coisas de um modo um pouco diferente. “Sem química?” Ele se voltou para sua calculadora e marcou mais números. “Então, eu estava enganado.”

Quando perguntei a Matilda o que fazer se encontrasse com alguém que eu conhecia durante um encontro do S.E.G.R.E.D.O., ela me disse que a verdade era sempre melhor que a mentira. E, ainda assim, ali estava eu, mentindo.

“Will, Tracina já chegou, então vou cair fora. Vejo você amanhã”, eu disse, preparando-me para fugir.

“Cassie!”, disse Will, assustando-me.

Por favor, não me dispare mais perguntas, eu rezava em silêncio.

Will olhou-me bem nos olhos. “Obrigado pelo café”, disse ele.

Assenti com a cabeça e saí.

“Cassie!”

O que ele queria agora? Eu me virei e caminhei de volta para enfiar a cabeça pela porta.

“Você estava realmente... muito bonita naquela noite. Muito mesmo.”

“Ah, obrigada”, eu disse, corando como uma adolescente. Ah, Will, pobre Will. Pobre Café Rose. Algo tinha que ser feito em breve.

Foi inevitável. Naquela noite, Tracina prendeu o salto de um dos sapatos neon em uma rachadura na calçada. Seus dedos foram adiante, mas o pé ficou onde estava o salto, deslocando um de seus tornozelos de passarinho. Ela tinha avisado — e tinha sido avisada — sobre as fendas na calçada e os perigos de usar esses saltos no trabalho. Mas tal é a vaidade de uma mulher, e tal era a minha vida,

que somente eu poderia pegar alguns de seus turnos da noite até que seu tornozelo inchado voltasse ao delicado tamanho natural. Reclamei com Matilda, que me pediu para mantê-la a par de minhas horas de trabalho. Eu queria que minha próxima fantasia acontecesse na Mansão, e eu esperava que fosse logo. Mas cada vez mais começava a parecer que nesse mês não haveria fantasia alguma. “Isto não é um problema”, disse ela. “Nós só vamos agendar dois eventos para o mês seguinte.” Ainda assim, as memórias daquele interlúdio no bar de jazz estavam desaparecendo, e a verdade era que eu ansiava por mais.

Graças à Spring Fling, era tudo em que eu conseguia pensar, enquanto limpava as mesas. Eu não teria conseguido encarar uma semana de dupla jornada se tivéssemos muito movimento. Os dias permaneceram mortos, e o início da noite lançava uma sombra ainda mais triste sobre o nosso lado da cidade. Havia muito poucos clientes para absorver o brilho das luzes da rua, que refletiam sobre as paredes e o vidro, e davam ao Café a sensação de uma pintura solitária. Will estava hospedado na casa de Tracina para ajudá-la a se locomover, por isso sua presença tranquilizadora não era sentida no andar de cima. Eu não me importava. Estava no meio de dois bons livros e ousava até mesmo empregar meu tempo livre no rabisco de alguns pensamentos em meu diário de fantasias, o único dever de casa que o S.E.G.R.E.D.O. havia me pedido para fazer.

Era precisamente isso que eu fazia no bar quando os sinos da porta me alertaram para o que pensei ser um cliente no fim da noite. Mas era o entregador de doces. Estranho, já que esses caras traziam as encomendas ao amanhecer, quando Dell estava por perto para assinar o boleto de recebimento. Eu dispensara o cozinheiro havia horas, porque as únicas coisas que servíamos depois das sete da noite eram café e sobremesas, e apenas para pessoas que estavam encerrando suas refeições. Virei-me ao ver um jovem de capuz cinza empurrando em minha direção um carrinho com caixas de doces empilhadas, sem dizer uma palavra.

“Desculpe”, eu disse, escorregando para fora do meu banco e escondendo o diário em minhas costas, “mas você não veio um pouco tarde? Não é normalmente pela manhã que...”

Ele passou por mim, tirou o capuz e lançou-me um sorriso por cima do ombro. Tinha um corte de cabelo rente à cabeça, um rosto esculpido, olhos azul-escuros e antebraços cobertos de tatuagens. Em minha imaginação, congelei a imagem de cada garoto malvado que no colégio havia ferido meu coração.

“Eu só vou colocar estas caixas na cozinha. Encontro você lá?”, disse ele, segurando sua prancheta.

Eu tinha a sensação de que iria ganhar muito mais do que duas dúzias de beignets¹⁶ e uma bandeja de tortinhas de limão. Segundos depois de ele abrir com um soco as portas da cozinha escura, ouvi um estrondo que me deixou feliz por Will não estar no andar de cima. E a cacofonia não aconteceu somente uma vez. Foi em etapas. Primeiro, uma batida e, então, uma série de estrondos, para, em seguida, outro pesadelo metálico.

“Ah, meu Deus!”, gritei, avançando para a porta da cozinha, atrás da qual pude ouvir gemidos. “Você está bem?”

Empurrei a porta e senti um corpo, o corpo dele, movimentar-se um pouco. Tateei ao longo da parede e acendi as luzes fluorescentes, e lá estava ele, deitado no chão, apertando as costelas. Doces de várias cores manchavam o chão até a porta do frigorífico.

“Eu ferrei com tudo de verdade”, resmungou ele.

Eu teria rido, mas meu coração não tinha se acalmado o bastante.

“Você está bem?”, perguntei de novo, e me aproximei dele com cuidado, como se ele fosse um cão que tivesse sido atropelado por um carro e pudesse fugir se eu me movesse muito rapidamente.

“Acho que sim. Uau, desculpe pela bagunça.”

“Você é um dos caras... você sabe?”

“É. Eu deveria ter ‘apanhado você de surpresa. Tchan!’. Ai”, disse ele, agarrando seu cotovelo e desabando no chão, tendo uma caixa de torta de nozes como travesseiro acidental.

“Você me apanhou de surpresa, de certa forma”, eu disse, rindo da bagunça que fizera. Pelo jeito que estava o cenário, parecia que

¹⁶ Beignets, em francês, são uma espécie de donuts. (N. T.)

seu carrinho havia deslizado para dentro da ilha de Dell na cozinha, feita de tampas de aço, e jogado todos os tachos e as panelas suspensas no chão.

“Quer ajuda?”, perguntei, estendendo a mão. Que sujeito! Se um garoto malvado pudesse parecer também angelical, ele seria assim. Tinha uns vinte e oito anos, talvez trinta, no máximo. Tinha um leve sotaque do sul da Louisiana, muito sensual. Ele abriu o agasalho com capuz, encolheu os ombros e atirou-o no chão para conseguir olhar melhor o cotovelo lesionado. Estava alheio ao fato de revelar seu torso de boxeador sob a regata branca, com tatuagens intrincadas que lhe cobriam braços e ombros.

“Amanhã de manhã isto aqui vai estar um belo roxo”, disse ele, em pé ao meu lado.

Ele não era alto, mas sua brutal sensualidade lhe dava uma presença incrível. Depois que se livrou dos últimos vestígios de dor, ele se esticou para trás como um gato. Estava me observando.

“Uau. Você é muito bonita”, disse ele.

“Eu... Acho que temos um kit de primeiros socorros ou algo assim por aqui.”

Enquanto passava por ele para ir até o escritório, agarrou-me pelo cotovelo e com delicadeza me puxou para perto dele.

“Então? Você vai?”

“Eu vou o quê?”, perguntei. Cor de avelã. Os olhos eram, definitivamente, cor de avelã.

“Você vai fazer este Passo comigo?”

“Não é assim que você deveria dizer isso.”

“Droga”, resmungou, quase se torturando.

Era um cara muito bonito, apesar de não muito esperto, mas isso não tinha tanta importância.

“Você deveria me perguntar: ‘Você aceita o Passo?’”

“Certo. Você aceita o Passo?”

“Aqui? Agora? Com você?”

“É. Aqui. Agora. Comigo”, disse ele, inclinando a cabeça e soltando um sorriso torto. Apesar de ter um rosto meio tosco e uma fina cicatriz no lábio superior, ele tinha os dentes mais brancos que eu já vira. “Você vai me fazer implorar?”, acrescentou. “Ok, então. Por favor?”

Eu estava gostando daquilo. Muito. E decidi brincar mais um pouco: “O que você vai fazer comigo?”.

“Isso eu sei”, disse ele. “Vou fazer tudo o que você quiser, nada que você não queira.”

“Boa resposta.”

“Viu? Não sou de todo ruim.” Tão doce e tão sensual. “Então? Você aceita o Passo?”

“Qual é?”

“Huumm... Terceiro, eu acho. Fé?”

“Certo”, respondi, observando os danos na cozinha. “Você aparece aqui bem no momento em que estou para fechar e causa o tipo de estrago que vai me prender aqui por horas.” Coloquei as mãos no quadril e o encarei como se tivesse mesmo que pensar sobre minha escolha. Aquilo era muito divertido. “E você realmente acha que está bem fisicamente para...”

“Eu não entendo. Você está dizendo que não aceita o Passo?” Ele fez uma careta, como se sentisse dor de verdade. “Merda, estraguei tudo.”

Depois de uma longa pausa, eu disse: “Huumm, eu vou... aceitar o Passo”.

“Uhhhh!”, disse ele, batendo palmas com tanta força que me fez gargalhar. “Eu não vou te decepcionar, Cassie”, acrescentou, desligando as luzes fluorescentes, deixando-nos iluminados apenas pelo brilho quente dos postes da rua que entrava pela janela recortada da cozinha. Ele deu um passo em minha direção e segurou meu rosto em suas mãos.

Afinal, não foi a entrega especial no fim da noite ou o acidente que me pegaram de surpresa. Foi aquilo. Aquele beijo. De repente, ele me encostou contra o azulejo frio da parede da cozinha e pressionou seu corpo firmemente contra o meu, o suficiente para me

deixar saber que ele queria mesmo aquilo. Nossa, eu podia sentir sua ereção crescendo! Um segundo depois, eu estava sem blusa, que ficou jogada sobre seu agasalho no chão. Não houve nenhum beijo nas duas primeiras vezes, e eu não havia me apercebido disso. Mas, agora, era algo bem diferente. Meus joelhos estavam tão bambos que ele precisou segurar na minha cintura para impedir que eu desabasse. Quando eu fora beijada assim, com o significado exato de urgência? Nunca em minha vida.

Sua língua explorou minha boca, com uma necessidade que combinava com a minha. O gosto dele era algo parecido com o do meu tipo de chiclete de canela preferido. Depois de mais alguns segundos de beijos profundos, ele mordeu gentilmente meu lábio inferior, e então sua boca bonita passou da minha para o pescoço, buscando-o e beijando-o, e afinal pousou em algum ponto bem acima de minha clavícula. Ele me beijou ali, com vigor, o que me fez suspirar. Suas mãos pareciam abrir caminho para sua boca, mas, em seguida, elas libertaram meus seios do sutiã, e sua boca as seguiu com avidez. Sua boca chupou um mamilo até que ele sentisse sua dureza, o que o fez procurar o outro mamilo, enquanto a mão dele deslizava pela parte da frente da minha calça jeans para descobrir o que eu suspeitava ser verdade: eu estava completamente molhada. Ele parou de me beijar, encarou meu olhar, e seus dedos me exploraram, os olhos vidrados e intensos. Então, tirou a mão de dentro da minha calça e colocou um dedo em sua boca. Pensei que eu iria gozar logo a seguir.

“Estou morrendo de fome. Tira fora esse jeans, vai? Eu vou pôr a mesa.”

O olhar feroz em seus olhos, a camada de suor cobrindo seu corpo perfeito, o sorriso de cachorro sem dono. Meu Deus, o rapaz me ganhou. Olhei para a carnificina cremosa e doce que manchava todo o chão.

“Aqui? Na cozinha?”, perguntei, soltando o cinto.

“Bem aqui.” E, com um movimento de seu braço tatuado, ele varreu o resto de entulho que estava sobre a mesa de aço inoxidável de Dell. As bacias de metal, as panelas, as batedeiras e os utensílios de plástico, tudo caiu ruidosamente no chão. Ele pegou uma toalha

xadrez da prateleira e arremessou-a sobre o metal. Saí da minha calça jeans e fiquei com os braços cruzados sobre minha nudez.

“Sabe o que tem para a sobremesa?”, disse ele, virando-se para mim, uma sobrancelha arqueada. “Você.”

Ele deu alguns passos em minha direção e me envolveu em seus braços, beijando-me mais uma vez. Gentilmente, me levantou até a mesa e me deixou lá, com as pernas balançando. Eu o vi caminhar até o frigorífico e desaparecer lá dentro.

“Vamos ver agora...”, disse. Ele surgiu com uma braçada de recipientes de plástico e a embalagem de chantili.

“O que diabos você está fazendo?”, perguntei.

“Feche os olhos e deite.”

Ele foi até meus tornozelos, fez círculos com as mãos e me puxou para a borda inferior da mesa. Abriu minhas pernas com uma facilidade constrangedora. Soltei uma risada alta, mas parei, atordoada, quando ele esguichou chantili bem no meio de meu umbigo. Eu gritava. Então, ele esguichou uma bolota em cada mamilo e olhou sua obra seriamente.

“O que você está fazendo?”

“A sobremesa. Eu sou um chef de doceria na vida real, acredite se quiser. Vamos ver... mais um...” E com isso ele desenhou uma linha de chantili do meu umbigo até embaixo. Pegou o recipiente com a cobertura de chocolate e com delicadeza deixou pingar um pouco daquilo em mim. Estendeu a mão e pôs uma única cereja maraschino sobre meu umbigo. Tentei parar de rir, mas não conseguia. Era tudo frio e delicado, porém incrivelmente sensual. Ele dispensou à sua obra um longo olhar, inclinou-se e fechou a boca sobre meu umbigo, pegou a cereja e lambeu o creme. Manchou meus seios com glacê, enquanto sua boca fazia uma descida ansiosa. Suas mãos pegajosas logo percorreram meu tronco e minha barriga, depois partiu para minhas pernas. Sua língua era quente e vigorosa. No começo, ele apenas lambeu, sem me tocar diretamente ali, e eu senti que iria morrer se ele não o fizesse. Então, fechou a boca em torno de mim, movendo-a para lá e para cá, macia, quente, pegajosa, colocando-me em uma névoa entorpecente. Senti seus dedos tatear fora de mim, sua firmeza complementando as suaves lambidas

molhadas, enquanto limpava todo o creme sobre mim. Eu estava ardendo por ele como nunca havia acontecido. Ele me puxou tão rapidamente para a beirada que tive que agarrar os lados da mesa para me estabilizar.

Então ele parou.

“Por que você parou?”, engoli em seco, sem fôlego. Olhei para os olhos famintos dele, as costas de sua mão limpando o creme no rosto.

“Cassie, você sentiu o que eu estava fazendo com a língua?”

Huummm, sim. Definitivamente senti o que ele estava fazendo. Estava me deixando louca.

“Sim”, eu disse tão calmamente quanto podia.

“Eu quero que você faça isso com os dedos. Na minha frente. Para mim.”

“Você quer que eu faça o quê?” Eu me senti bêbada ao olhar para ele, seu rosto ainda adoravelmente manchado de chantili.

“Eu quero ver você se tocar”, disse ele.

“Mas... eu não sei como. Vou estragar tudo. Posso começar e, depois que eu sentir... Eu não sei... e com você assistindo, eu...”

“Me dê sua mão.”

Com relutância, coloquei minha mão na dele. Ele a segurou com firmeza, guiando-a para onde estava quente e úmido. Pegou meu dedo indicador, colocou-o delicadamente em mim e, usando sua boca ali, me fez ficar molhada de novo. Sua mão guiava meu dedo em círculos, sua língua percorria em volta. Ah, Deus, foi incrível.

“Eu não sei o que tem um gosto melhor, você ou o creme”, disse ele.

Uma vez que encontrei o ritmo, ele soltou minha mão, e meus próprios dedos continuaram, enquanto ele suavemente movia a boca sobre mim. Suas mãos agarraram o interior das minhas coxas, pressionando-as para baixo na mesa. Ele parou por um segundo e me olhou. Eu estava à beira do êxtase. Joguei a cabeça para trás, tentando absorver tudo, aquelas sensações. Ele observou como eu me tocava. Então sua boca logo se juntou aos meus dedos.

“Você está sentindo isto? Você gosta disto?”, perguntou, entre lambidas febris.

“Ah, sim”, respondi, sentindo cada impulso e combinando-o com os meus. Eu não tinha certeza de onde estava vindo o orgasmo, mas veio de um lugar novo, algum lugar profundo atrás de sua boca e de sua língua molhada, puxando algo para fora do meu centro mais profundo. Ele empurrou seus dedos dentro de mim até que não pudessem ir mais fundo, e, enquanto a outra mão pressionava minhas coxas para que se abrissem completamente, o prazer acendeu todas as fibras do meu corpo. Ele sentiu toda a energia se acumulando em mim.

“Putá merda!”, exclamei, quase com medo do que estava por vir, como se tudo o que viesse a acontecer fosse demais, e foi aí que um “tiro” picante me atravessou por inteiro, obrigando-me a elevar o quadril, uma deixa para ele assumir, empurrando minha mão, me beijando e lambendo com vigor. A agitação foi tão forte que me fez sentir como se tivesse que me agarrar em alguma coisa, qualquer coisa, para salvar minha vida.

“Aimeudeusaimeudeusaimeudeus” era tudo o que eu conseguia dizer, me contorcendo sobre a mesa escorregadia, sem me importar se eu cairia para o lado, tonta de felicidade. Ele me agarrou, mantendo tudo muito calmo, até que percebesse que eu estava caindo no precipício. E quando meu orgasmo começou a diminuir, ele gentilmente enxugou o rosto no lado de dentro das minhas coxas.

“Isso foi... uau... forte mesmo, Cassie; eu senti tudo.”

“Sim. Foi”, eu disse, jogando o braço sobre minha testa como se tivesse acabado de acordar de um sonho.

“Quer fazer de novo?”

Eu ri. “Eu acho que jamais vou ser capaz de fazer isso de novo.”

Ele saiu de mim, pegou um par de toalhas de debaixo da mesa e encharcou-as por alguns segundos em água quente na pia ao lado do refrigerador.

“Ah, você vai.”

“Onde elas encontraram você?”, perguntei, sentando-me devagar.

“Quem?”

Deixei as pernas penduradas sobre os lados da mesa, quando ele voltou e começou a limpar delicadamente com uma toalha quente todo o melado que havia sobre mim. “As mulheres do S.E.G.R.E.D.O.”

“Não estou autorizado a dizer, a não ser que você se torne um membro.”

Ele trouxe outra toalha para eu usar no rosto e nas mãos. Era meticuloso e delicado ao mesmo tempo.

“Você tem filhos?”, perguntei, do nada.

Houve uma longa pausa. “Eu tenho... um filho. Estamos conversando demais, Cassie.”

Eu até podia imaginar seu filho, um menino que se parecia exatamente com ele, mas com bochechas maiores e sem tatuagens.

“Elas pagam você para fazer isso?”

Ele estava limpando meus braços, a toalha passando pela pele macia de meus pulsos. “Claro que não. Elas não precisam me pagar para fazer o que fiz. Eu faria isso por você a qualquer momento.”

“Então, o que ganha com isso?”

Ele parou em seguida, minha mão na toalha. Olhou com severidade para o meu rosto por alguns segundos. “Você realmente não sabe, não é?”

“Sabe o quê?”

“Como você é linda.”

Fiquei sem palavras, meu coração quase arrebentou. Eu não tinha escolha, a não ser acreditar nele. Ele parecia bem sincero. Terminou de me limpar e depois jogou as toalhas sujas sobre o ombro. Pegou o agasalho com capuz do chão. E me passou as roupas para nos vestirmos.

“Deixe-me ajudá-la a limpar tudo”, disse ele, chutando uma lata de lixo vazia para o centro da sala. Demorou dez minutos para jogar fora todas as caixas quebradas, e só duas foram salvas. Enchi um balde com água quente para lavar o chão e lhe disse que faria o restante.

“Eu não queria, mas tenho que ir agora. Essas são as regras. Obrigado pela sobremesa. E pela costela quebrada. E o cotovelo quebrado”, disse ele, avançando em direção a mim. Ele hesitou num primeiro momento, e então se aproximou e deu um beijo firme em meus lábios.

“Você é legal”, disse ele.

“Você é legal também”, eu disse, surpresa ao me ouvir dizer aquilo em voz alta. “Vou ver você de novo?”

“É possível. Mas as probabilidades estão contra mim.”

Então, ele saiu pela porta da cozinha, deu uma piscadela e deixou o Café. Vi-o ganhar a rua escura e ouvi os sinos da porta tocar seu adeus.

Pensei que tivesse me livrado de todas as evidências. Mas ali, sob a luz da manhã seguinte, observei enquanto Dell passava algum solvente especial sobre o aço inoxidável com um pano. Talvez fosse minha imaginação, mas, enquanto ela trabalhava, era quase como se estivesse atirando-me um olhar de advertência, que dizia: Não sei como a sua bunda ficou impressa na minha mesa, mas eu não vou perguntar.

Examinei a cozinha procurando minha bandeja e, quando a encontrei, tranquei a porta do salão de jantar apenas para receber mais um olhar acusador, dessa vez de Matilda. Ela estava sentada absolutamente imóvel na mesa posta para oito pessoas. Fui em sua direção.

“O que você está fazendo aqui?”, sussurrei, olhando ao redor.

“O que quer dizer, Cassie? Este é um dos meus cafés favoritos em New Orleans. Você tem um segundo para conversar?”

“Eu só tenho um segundo”, disse eu, deixando o cardápio cair sobre a mesa. “Tem sido muito corrido. Estamos sem uma garçonete, e tenho trabalhado feito louca.”

Sinceramente, eu estava evitando essa conversa com Matilda, porque fiquei preocupada que tivesse quebrado as regras ao conversar com o homem de ontem à noite por muito tempo e ao fazer perguntas pessoais. Olhei ao redor do restaurante quase vazio. A multidão do café da manhã não iria aparecer na próxima meia hora.

Will talvez ainda estivesse na casa de Tracina e sabia que eu estava agendada para o turno do café da manhã. Deslizei na cadeira, sentindo-me culpada, mas não sabia de quê.

“Você se divertiu ontem à noite? Com Jesse?”, perguntou ela.

“Jesse? É o nome dele?” Borboletas despertaram em meu estômago.

“Sim. Jesse. Sinto muito se você ficou surpresa com a chegada dele tão tarde.”

“Deu tudo certo. Muito certo”, eu disse, olhando para baixo. “Eu... gostei dele.”

“É por isso que estou aqui. Acho que você causou uma boa impressão nele também, Cassie.”

Meu coração pulou um pouco com essa observação e foi tomado pela estranha improbabilidade de tudo isso.

“Olha, isso acontece às vezes. As pessoas se conectam. Alguma coisa faz um clique, e as pessoas querem saber um pouco mais uma sobre a outra. O que eu posso dizer é o seguinte: posso facilitar um encontro entre você e Jesse. Mas, se esta for a sua escolha, acabou para você. Sua jornada terminaria no Terceiro Passo. Você estaria fora do S.E.G.R.E.D.O. Ele também.”

Engoli em seco.

“Eu não acho que Jesse seja o seu tipo. Quero dizer, ele é sensual, mas é...”

“Casado?”

“Divorciado. Porém eu não posso dizer nada além disso, Cassie. Pense a respeito. Vou lhe dar uma semana.”

“Ele é... Será que ele... quer me ver de novo?”

“Sim. Ele quer”, disse ela, um pouco triste. “Ele deixou isso bem claro. Ouça, Cassie. Não posso lhe dizer o que fazer, mas você está progredindo. Consigo ver isso. Eu detestaria ver você dar fim a essa dinâmica por um homem sobre quem você não sabe nada, tão no início de sua jornada, baseando-se apenas em uma grande noite.”

“Isso acontece com frequência?”

“Muitas mulheres dão um ponto final à sua autoexploração prematuramente. A maioria se arrepende. Não só no S.E.G.R.E.D.O., mas na vida.”

Matilda colocou a mão sobre a minha, enquanto Will entrou apressado pela cozinha e foi até o salão de jantar, passando por nós e indo até onde Tracina tentava estacionar a caminhonete em uma pequena faixa de rua, em frente ao restaurante. Mesmo de onde eu estava sentada, era possível ver que era uma má ideia.

“Santo Deus! Pare! Eu disse para você esperar por mim!”, gritou ele para a porta.

Não consegui ouvir o que Tracina deu como resposta, mas foi alto e animado; a caminhonete estava torta e bloqueava o tráfego à frente.

Isso é ter um namorado, pensei, e isso é ser a namorada de alguém. Você passa seus dias virando curvas fechadas entre felicidade e amor, decepção e um pouco de ódio, e cada ação é pesada contra a aprovação e a desaprovação de alguém. Você não é dono dele, e ele não é seu dono, mas você é responsável por todas as suas vontades e os seus desejos, todos os dias. Alguns, você pode satisfazer; alguns, você nunca, jamais, satisfará. Será que é isso que quero agora? Eu queria ser a namorada de alguém? E eu lá sabia alguma coisa sobre esse tal Jesse? Um chef de doceria, tatuado, que vive deus sabe onde e tem um filho? Claro, houve química entre nós. Mas, ainda assim, eu mal o conhecia!

Enquanto eu repassava todas essas coisas em minha mente, vi, pela janela, Tracina sair da caminhonete mal estacionada e bater a porta. Vi quando ela balançou as chaves na frente do rosto de Will e, em seguida, as atirou a seus pés.

Will pegou as chaves e ficou parado por alguns segundos, olhando para a frente.

“Sabe o que mais?”, perguntei, virando-me para Matilda. “Eu não preciso de mais tempo para pensar nisso. Eu sei o que quero fazer. Eu quero mais. Eu quero o S.E.G.R.E.D.O.”

Matilda sorriu. Gentilmente, depositou o talismã do Terceiro Passo em minha mão e fechou-a com carinho. “Jesse esqueceu de dar isto a você. Mas acho que sou a pessoa certa para lhe entregar.”

Olhei para a palavra gravada no talismã: Fé. Sim. Mas será que eu acreditava que fizera a escolha certa?



Capítulo 7

Três semanas depois de minha quase desistência, meu cartão do Quarto Passo chegou até a mim à maneira antiga, pelo correio. Subi a escada de volta para o meu apartamento pulando dois degraus de cada vez, sentindo-me tão animada para ver os envelopes quanto eu ficava ao contemplar minhas fantasias. Era como receber um convite para uma festa incrível todos os meses. De vez em quando, pensamentos sobre Jesse me invadiam, deixando-me especialmente maravilhada que o S.E.G.R.E.D.O. tivesse escolhido justo ele, um chef de doceria tatuado, como o meu “tipo”. Mas elas acertaram. Aquilo me fez perceber que eu escolhera homens, paixões e encontros com base em parâmetros bastante restritos. Mas não me arrependi da decisão de permanecer no S.E.G.R.E.D.O. Eu estava descobrindo muito sobre mim mesma para dar fim a tudo agora. Ainda assim, às vezes, uma memória de seus braços, de seu sorriso perverso, piscava em minha cabeça e provocava um arrepio em todo o meu corpo.

Rasguei o envelope pardo. O menor cartão, mais ornamentado, saiu. Meu cartão do Quarto Passo. A palavra Generosidade estava elegantemente impressa no verso. Dentro havia um convite para uma refeição caseira na Mansão na segunda sexta-feira do mês. A Mansão. Uma refeição caseira. Generosidade, de fato! O dress code, no entanto, parecia estranhamente específico: Por favor, vista calça de ioga preta e camiseta branca, prenda os cabelos em um rabo de cavalo, use tênis, mas não de corrida, e muito pouca maquiagem. Uma parte de mim estava um tanto desapontada por ir à Mansão sem que me fosse permitido vestir algo ultrassensual ou sofisticado. Ah, pelo menos eu não teria de ir às compras antes. E eu iria, enfim, entrar na Mansão, aquele lugar mítico que se apoderara de minha imaginação de uma forma tão boa quanto assustadora.

Meus pensamentos foram interrompidos por uma batida na porta. Will! Eu prometera acompanhá-lo a um leilão de produtos de

restaurante em Metairie. Precisávamos de novas bandejas, cadeiras para substituir as que viviam esgarçadas e uma mesa para a cozinha mais resistente, já que a nossa tornara-se misteriosamente bamba. Will estava à procura também de um batedor de massa e uma fritadeira funda, para que pudéssemos começar a fazer nossos próprios doces e, talvez, até mesmo beignets. Normalmente, ele teria pedido a Tracina para ir com ele, mas o tornozelo dela ainda estava em recuperação. Ela não usava mais muletas, porém andava mancando pelo salão de jantar, para fazer com que Will se sentisse culpado pelo acidente. Ela até sugeriu, brincando, que se não estivesse namorando Will ela o teria processado. Não sei muito bem se ela estava brincando de verdade. Eu seria a namorada substituta de Will naquele dia.

“Já vou!”, gritei.

Enfiei o envelope na minha pasta, coloquei-a debaixo do colchão e corri para a porta, interrompendo a segunda batida de Will. Ele usava uma das camisas que eu mais adorava ver nele, uma vermelho-escura com botões na frente, que Tracina havia comprado. Por mais que ela me incomodasse, eu tinha que admitir que ela o fazia se vestir melhor e até o convencera a cortar um pouco o cabelo.

“Oi, entre.”

“Estou em fila dupla. Desça quando ficar pronta. Não me ouviu buzinando?”

“Desculpe, não; é que eu estava... passando o aspirador.”

Will olhou em torno para a bagunça do meu apartamento, minha sala de estar por onde o aspirador não havia passado. “Certo”, disse ele. “Eu espero lá embaixo.”

Will permaneceu distante e distraído durante o curto trajeto, mudando a estação de rádio sempre que ouvia uma música de que não gostava, ou se uma das boas era seguida de um comercial em som alto.

“Você parece nervoso”, disse eu.

“Estou um pouco fora de mim, eu acho.”

“O que deixou você assim?”

“E isso importa?”

“O que você quer dizer com ‘E isso importa?’. Sou sua amiga. Pensei que pudesse perguntar.”

Will se manteve em silêncio por um quilômetro depois disso. Até que parei de olhar para ele e comecei a apreciar a paisagem. Finalmente, não aguentei mais. “As coisas estão bem com você e Tracina? Eu vi a briguinta no outro dia por causa do carro.”

“As coisas estão ótimas, Cassie. Obrigado por perguntar.”

Eu não conseguia me lembrar de outro momento em que Will tivesse sido tão lacônico comigo. “Ok, então”, eu disse. “Não vou mais forçar a barra. Mas se soubesse que você seria uma companhia tão chata hoje, nem teria vindo. É domingo. Meu dia de folga, lembra-se? Pensei que seria divertido, mas...”

“Me desculpe”, interrompeu ele. “Você não está se divertindo? Eu deveria trabalhar um pouco mais, para que você possa se divertir. Devo também parar de interromper suas conversas com seus amigos novos e divertidos no trabalho?”

Ele estava falando sobre Matilda. Eu tinha lhe pedido que não fosse muito ao restaurante, mas no outro dia, depois da nossa conversa sobre Jesse, Will fez um comentário a respeito de eu não dever me sentar com clientes quando estivesse trabalhando.

“Ela é uma freguesa que estou começando a conhecer como amiga, nada mais. O que há de tão errado nisso?”

“Um freguesa que compra joias para você, que combinam com as joias que ela mesma usa?” Ele olhou para a pulseira descansando sobre minha coxa. Eu amava seu acabamento sobre metal batido, seu brilho dourado pálido. Era tão bonita que eu não conseguia evitar usá-la desde que começara a receber os talismãs.

“Esta?”, perguntei, segurando meu pulso. “Isto. Eu... consegui com uma das amigas dela. Uma amiga dela que faz. Eu achei linda e quis uma também. Garotas fazem esse tipo de coisa, Will.” Eu esperava ter soado convincente.

“Quanto custou? Parece ouro dezoito quilates.”

“Eu economizei para comprá-la. Mas você realmente não tem nada a ver com isso.”

Will suspirou e depois voltou a ficar em silêncio.

“Não estou mais autorizada a falar com nossos clientes agora, é isso? Porque, eu tenho que dizer, eu trabalho duro, e o restaurante significa muito para mim. Você sabe que eu faria qualquer coisa para...”

“Me desculpe.”

“... por...?”

“Escute, Cassie. Me desculpe, mesmo. Não sei por que estou tão... As coisas estão bem com Tracina. Mas ela está querendo... Ela quer levar as coisas para um outro nível, e eu não tenho certeza de que estou pronto, você sabe? Então, sim, estou um pouco impaciente. Estou um pouco irritado com as coisas.”

“Você quer dizer, casamento?” Quase sufoquei a palavra. Por quê? Eu tinha rejeitado Will. É claro que ele devia se casar com a garota que ele ama, certo?

“Não! Deus, não. Quero dizer, tipo vivermos juntos... mas sim, afinal é casamento o que ela quer.”

“É o que você quer, Will?”

Era perto do meio-dia. O sol se derramava através do teto solar, aquecendo o topo de nossa cabeça. Aquilo estava me deixando um pouco tonta.

“Claro que é. Quero dizer, por que não? Por que eu não iria querer casar? Ela é uma ótima garota”, disse ele. Ele olhava para a frente, para a estrada. Então, virou-se para mim por um momento, sorrindo fracamente.

“Uau, sua paixão é cega”, eu disse, e nós dois rimos.

Chegamos ao estacionamento do leilão. Estava meio vazio, e isso foi bom — menos gente faz com que os preços sejam mais baixos.

“Vamos lá comprar um pouco de lixo”, disse ele, desligando o motor e quase pulando para fora do carro.

Tive uma vontade momentânea de me sentar ali com ele por um tempo, de confortá-lo, tocar seus cabelos, dizer que tudo ia ficar bem, que tudo o que ele tinha a fazer era ser honesto consigo

mesmo. Mas também senti uma pontada de ciúme. Tracina nunca pareceu se incomodar com minha amizade com Will, não ficava nem um pouco desconfiada quando passávamos algum tempo juntos, o que eu de fato achava um pouco irritante. Eu sabia que não era uma ameaça para ela, e ainda havia uma parte de mim que queria causar algum desconforto, um pedaço cada vez maior de mim que queria provar que eu era uma força a ser reconhecida, mesmo que apenas uma pequena força.

Mas não tive a oportunidade de dizer nada. Will já estava a meio caminho para o leilão, então eu abri a porta do carro, saí e o segui.

A sexta-feira demorou a chegar. Eu havia estendido sobre a cama uma nova calça de ioga e uma camiseta branca de stretch, que decidira usar sobre um top preto apertado. Já era chato o suficiente ter que usar roupas de ginástica, e ainda tive o cuidado de manter Dixie longe da calça. Eu não precisava me apresentar na Mansão coberta de bolas de pelo, como uma senhora gateira de meia-idade. Bem na hora marcada, vi a limusine parar em frente ao meu prédio. Eu estava lá embaixo e do lado de fora, antes que o motorista pudesse alcançar a campainha.

“Eu estou aqui”, eu disse, saudando-o, sem fôlego.

Com a mão enluvada, ele me dirigiu ao carro e abriu a porta de trás para mim.

“Obrigada”, eu disse, ajeitando-me no assento de pelúcia e olhando para trás, para o meu prédio. A cortina de renda no piso principal estava aberta e solta. Pobre e confusa Anna.

Na limusine, havia um balde com champanhe e água no gelo. Peguei uma garrafa de água, até porque eu não queria chegar meio bêbada. Eram sete da noite, e o tráfego estava tranquilo; portanto, logo chegamos à frente da sede do S.E.G.R.E.D.O. Em geral, eu entrava pelo portão da rua para a casa adjacente, que ficava fora da propriedade murada principal. Dessa vez, as portas duplas que levavam à Mansão abriram-se automaticamente para deixar entrar a limusine. Com o carro passando pela casa, dava para ver por cima do muro de vinhas que as luzes das quatro janelas de mansardas estavam acesas. Gostaria de saber que tipo de trabalho estava sendo feito na casa adjacente em uma noite de sexta-feira, que tipos de

cenário estavam sendo traçados para mim e talvez para outras mulheres que também poderiam estar percorrendo os Passos agora. Havia mais de uma? Eu era a única? Tantas perguntas que eu sabia que Matilda jamais responderia, a menos que eu me tornasse membro do S.E.G.R.E.D.O.

Se o pátio ao redor da casa adjacente era um emaranhado de cipós e arbustos, o terreno da Mansão era aparado e intocado e emitia um brilho verde brilhante e sobrenatural, que fazia a grama curta parecer quase falsa. Havia um forte cheiro de rosas no ar, as rosas que subiam até a metade das laterais da Mansão e pareciam uma crinolina gigante em rosa, amarelo e branco. O edifício tinha uma fachada italiana típica de algumas das casas mais exuberantes do bairro, com grandes colunas brancas que se escondiam na varanda fria e apoiavam outra varanda arredondada, que ficava acima. Mas a Mansão era grandiosa, de um modo que as outras casas da região não eram. E, apesar de bonita, parecia distante, como se demasiadamente perfeita. O prédio inteiro era coberto de estuque cinza pálido, com molduras brancas, e a varanda envolvia a parte superior e a inferior. Sacadas ornamentadas ao estilo Julieta enquadravam pequenas portas no segundo e no terceiro andar. O local era iluminado por um brilho amarelado e sombrio, convidativo e, ao mesmo tempo, estranho. Paramos na entrada lateral, e a calçada de paralelepípedos continuava sobre uma colina de rolamento que levava a uma garagem no quintal. Parecia um lugar de onde jamais se quereria sair, mas onde nunca se poderia viver.

Uma mulher vestida com um uniforme preto e branco surgiu da porta lateral. Ela acenou. Baixei a janela da limusine.

“Você deve ser Cassie”, disse ela. “Meu nome é Claudette.”

Eu havia me habituado a esperar que o motorista saísse do carro e abrisse a porta. Quando saí, notei alguns homens com jeito de guarda-costas, todos vestindo terno sob medida e óculos escuros, um deles com fone de ouvido.

Claudette disse: “Ele está esperando por você na cozinha. Ele não tem muito tempo, mas está muito animado para conhecê-la”.

“Quem é ele?”, perguntei, seguindo-a. E o que ela queria dizer com “ele não tem muito tempo?”. Não era a minha fantasia?

“Você vai ver”, respondeu ela, colocando ao meu redor uma mão reconfortante ao me conduzir pela porta.

A entrada lateral tinha um piso de mármore quadriculado em preto e branco que ia até um corredor. Uma pequena fonte ladeada por dois querubins derramava água de vasos em uma piscina rasa. Peônias saíam de vasos gigantes. Consegui vislumbrar um hall de entrada espetacular a minha direita. Outro guarda-costas estava sentado em uma cadeira aos pés da escadaria, lendo um jornal.

“Por que você não espera lá fora?”, perguntou-lhe Claudette, dispensando-o.

O grandalhão hesitou antes de abandonar o assento.

Caminhamos por um longo corredor e seguimos o som alto de música hip-hop — ou rap, eu não sabia a diferença. Meu coração batia forte. Eu me sentia terrivelmente malvestida para aquele lugar e me perguntava por que eles me meteram em uma roupa sem graça do dia a dia. Os guarda-costas, o cronograma apertado, a música — tudo era muito confuso. Seguimos para o que parecia ser os fundos da casa, passando por uma série de pequenas cadeiras de pelúcia que ladeavam um amplo corredor, e a música tornava-se mais alta conforme nos aproximávamos de um conjunto de portas de folhas duplas de carvalho. Notei que as janelas redondas incrustadas nas portas estavam cobertas por papel de seda preto. O que estaria acontecendo?

Claudette abriu uma porta, e fui atingida pelo impacto da música e do cheiro de sopa quente, frutos do mar, talvez tomates e especiarias. Virei-me para perguntar para onde eu estava indo e quem iria encontrar, mas Claudette se fora, a porta balançando silenciosamente atrás dela. Olhei em torno da grande cozinha, decorada como uma copa ao estilo antigo, as paredes brilhantes e laqueadas, metade brancas, metade negras. Dezenas de panelas de cobre corado estavam presas sobre a área do fogão. Os aparelhos domésticos eram grandes como pequenos carros, embora modernos, já que apenas imitavam um visual antigo. A geladeira era como a que tínhamos no trabalho, porém um pouco mais nova — e estava impecável. O fogão era de ferro preto, com oito bocas, nada parecido com o da cozinha do Café. Aquele era o tipo de cozinha que você encontraria em um castelo.

Então ele apareceu, à frente do fogão, de costas e sem camisa diante de mim. Ele estivera curvado, ajustando uma chama, e agora mexia algo que cozinhava em uma panela grande, o tempo todo falando alto em um receptor de telefone encaixado no pescoço. Suas costas tinham os músculos de um atleta normal, não de um fisiculturista, e a pele escura era perfeita. Usava um jeans caído abaixo do cóccix, mas não tão baixo, apenas o suficiente para mostrar uma cintura ridiculamente fina. Ele falava e agitava-se ao mesmo tempo.

“Com licença”, eu disse, por cima da música explosiva, mas não alto o suficiente para que ele se virasse.

“Eu não estou dizendo que não gosto da faixa inteira”, dizia ele, “é só aquela passagem. Ouça.” Ele esperou soar uma batida da música e segurou o telefone no ar. “Ouviu isto? Não acho que seja o sampleado certo. Você lhe perguntou se eu poderia contratar Hep para fazê-lo para mim? Sei que ele está usando Hep no álbum dele, mas seria um favor pessoal para mim.”

Ele se virou com um pequeno sobressalto por eu estar ali e nem sequer ter notado. Ele me olhou dos pés à cabeça e colocou a mão livre no quadril. Seus músculos abdominais se contraíram. Tentei não olhar, mas era difícil. Era a perfeição, aquele homem. Olhei por cima do ombro para as portas de carvalho duplas. Ainda ouvindo a conversa ao telefone, ele me abriu um sorriso que só as pessoas que nascem com carisma sabem exibir. Literalmente, a temperatura na sala havia mudado. Ele levantou um dedo para sinalizar que eu esperasse mais um minuto. Parecia-me familiar, com aquele sorriso largo, os olhos castanhos meio sonolentos.

“Diga a ele que vou pagar-lhe o dobro para gravar o single comigo”, continuou, o telefone apoiado no pescoço, mas agora seus olhos estavam em mim, fazendo com que me sentisse insegura outra vez. Apesar de não ser um cara grande, ele se portava como se fosse um gigante, quase como se fosse famoso ou qualquer coisa do gênero, mas claro que não poderia ser.

“Vamos colocá-lo no Ritz. Tem que ser na França. É lá que estamos finalizando o álbum.” Ele cobriu o receptor e sussurrou: “Desculpe. Um minuto. Fique à vontade, Cassie”.

Ele sabia o meu nome! Em seguida, continuou: “Eu não sei. Talvez dois dias. Tenho que ver minha avó em N.O., depois vamos a Nova York e à França. A turnê é daqui a oito semanas, mas quero fechar faixas para dois singles. Soltá-los enquanto ainda estivermos em turnê. Eu não me importo. Diga a ele que tem muito mais de onde veio isto. Nós ainda estamos fazendo esse álbum”.

Quando se lembrou de agitar o caldeirão de novo, virou-se de costas para mim e provou um pouco do prato que estava em fogo brando. Parecia completamente à vontade ali e sabia qual gaveta abrigava cada utensílio. A cada pitada que colocava e a cada mexida na panela, revelavam-se os músculos da parte superior de suas costas e ao longo dos braços. O ritmo da música era hipnótico, e de vez em quando eu percebia que ele se deixava levar pela música, como se ela o tomasse e lhe despertasse movimentos internos. Ainda segurando o telefone entre o ombro e a orelha, virou-se e deu um passo em minha direção, dessa vez segurando uma colher de sopa, a outra mão embaixo da colher.

“Só provando a receita da minha vovó. Vou trazer um pouco para você. Vou ficar ocupado durante a próxima hora”, disse ele, soprando a colher, depois trazendo-a mais perto de minha boca.

Dei uma mordida cuidadosa, pois estava muito quente. Gumbo¹⁷. Ah, meu Deus, melhor que o da Dell; melhor que qualquer outro que eu já havia provado.

“Melhor daqui a duas horas. Eu ligo quando estiver de volta ao hotel. Tchau.”

Ele largou a colher, desligou o telefone e se virou para mim. Ficou em pé sem dizer uma palavra por pelo menos dez segundos. Parecia totalmente confiante, só ali, parado, em silêncio, olhando-me de cima a baixo, a música ainda tocando alto. Aquele homem era alguém. Com toda a certeza. Decidi quebrar o gelo.

“Espero que não esteja interrompendo nada importante”, eu disse, por cima da música. Sem dizer nada, pegou um controle remoto e mirou acima da minha cabeça, diminuindo o volume. Perguntei: “Quem é você?”.

¹⁷ Guisado ou sopa grossa, que pode incluir diferentes tipos de carne ou mariscos; prato típico da culinária da Louisiana, nos Estados Unidos. (N. T.)

Ele estava prestes a dizer algo, mas apenas riu e balançou a cabeça. “Eu sou quem você quer que eu seja, meu bem.”

“Mas... os guarda-costas lá fora. São para você, certo?”

E lá estava ele de novo, a sacudida de cabeça, o sorriso tímido de menino.

“Sem comentários”, disse ele. “Não estamos aqui para falar de mim. Estamos aqui para falar... do que você está vestindo. Conte-me um pouco sobre essa roupa que você está usando”, pediu ele, cruzando os braços sobre o peito e, em seguida, descansando um polegar nos lábios. Ele saiu de trás da área da cozinha e se posicionou a três centímetros de mim, me avaliando, como se eu estivesse fazendo um teste para alguma coisa. Meus joelhos bambearam com a visão da fivela de seu cinto abaixo da cintura, bem na minha frente. Tentei não encarar, mas ele era um homem poderosamente sedutor. Eu me senti boba e velha em minha estúpida calça de ioga.

“Huummmm, eles me pediram para que eu vestisse isto”, respondi, olhando para meus tênis idiotas.

“Legal. Quando eu disse a eles ‘mãe que acompanha os filhos aos jogos de futebol do colégio’, não quis dizer no sentido literal. No entanto, devo confessar, é bem isto o que eu tinha em mente. Mas as roupas estão em torno de um pacote mais sensual do que eu imaginava.”

“Posso?”, perguntei, apontando para um banco da cozinha. Eu tremia muito e, se não me sentasse, poderia até cair.

“Claro. Você gosta de gumbo?” Ele pegou a colher e voltou-se para o forno, para dar outra mexida no caldeirão.

“Eu amo. Acho... acho uma delícia, de verdade. Huumm... Você vai cozinhar para mim? Só não tenho certeza de ter dito algo sobre uma fantasia que envolvesse cozinhar.”

“Eu vou cozinhar para você. E você vai fazer alguma coisa para mim”, disse ele, apontando a colher em minha direção.

“Eu vou?”

“Você vai.”

“Eu pensei que esta fantasia fosse minha.”

“Vamos ter algum problema?”, perguntou ele, com uma espécie de superconfiança que me deixou um pouco fraca. Ele não parecia ser um homem habituado a ouvir a palavra “não”.

“Você vai me dizer o seu nome?”, perguntei, sentindo-me mais ousada.

“Eu uso um nome diferente no meu trabalho, mas meu nome verdadeiro é Shawn.”

Ele desligou o fogão e deu a volta na área da cozinha para ficar ao meu lado, elevando-se sobre meu banquinho vermelho. Seu cabelo era raspado rente à cabeça. De seu pulso direito pendia uma profusão de pulseiras de couro, faixas de borracha e uma corrente de ouro que era mais grossa e mais brilhante do que minha pulseira. Sem talismãs. Senti um pouco de aroma de almíscar em sua pele, algo que havia saído de um vidro caro.

Trinquei meu queixo. Seu jeito audacioso parecia mexer com algo em mim, algo novo e feroz. “Vai me dizer quem você é?”

“Isso é você quem deve descobrir. Mais tarde. Agora, o que eu sou para você é sua fantasia sexual com alguém famoso. Mas este é o S.E.G.R.E.D.O., lembra? Essas coisas tendem a funcionar nos dois sentidos, como eu tenho certeza de que você vem descobrindo. Então, você aceita o Passo?”

“Você quer dizer que minha fantasia é também a sua fantasia, de alguma forma?”

“Sim.”

“E eu tenho que acreditar na sua palavra, de que você é famoso?”

“É isso.” Ele colocou um braço musculoso no banco do bar onde eu estava sentada, bem entre minhas pernas vestidas com a calça de ioga.

“Tudo bem. Entendo. Mas como eu poderia ser a sua fantasia?”

À medida que eu falava, ele percorria um dedo firme de cima a baixo da minha coxa. Arrepios me atravessaram. “Cassie”, disse ele, encontrando meus olhos, “quando você é famoso, todo mundo quer

um pedaço de você, e apenas porque é famoso. Você pediu uma fantasia com uma pessoa famosa, mas não disse que tinha que ser famoso para você. Eu comentei que faria isso se fosse com alguém que não soubesse quem eu era, como algum tipo de mamãezinha que frequenta os jogos de futebol do filho no colégio. Alguém ocupado demais levando os filhos para cima e para baixo, para que desse importância ao fato de vestir calça de ioga e camiseta. Porque eu estou de saco cheio de bichinhos bonitos treinados. Sabe como é?”

“Mãe de futebol. Então era isso que eu deveria ser?” Desatei a rir, e ele, também. “Você já fez isso antes? Com o S.E.G.R.E.D.O.?”

Ele ignorou a pergunta e retornou aos fornos atrás de mim para verificar o cozimento de algo lá dentro.

“Parece bom. Pão de milho.”

Ele fechou a porta. Um momento depois, estava bem atrás de mim, a centímetros de distância. Colocou as mãos sobre meus ombros e desceu-as lentamente pelos meus braços. Senti meus batimentos cardíacos acelerar quando ele juntou minhas mãos atrás das minhas costas e segurou meus pulsos com uma das mãos. Consegui sentir sua respiração em meu ouvido.

“Você vai aceitar o Passo, minha mamãezinha do futebol?”, perguntou ele, levando a mão até o meu rabo de cavalo, fazendo o elástico que o prendia deslizar até liberar meus cabelos. Sua boca respirava contra eles enquanto se soltavam em cascata sobre meus ombros.

“Sim”, eu consegui dizer, rindo. Mamãezinha do futebol é uma fantasia? Quem diria?

“Bom.”

Então, ele chegou sua boca mais perto de minha orelha. “Quer saber quem eu sou?”

Balancei a cabeça. Ele sussurrou seu nome, seu nome de trabalho, seu nome artístico. Fiquei feliz por ele não estar a minha frente, porque meus olhos saltaram. Eu não curti muito hip-hop, mas conhecia aquele nome. E agora Shawn ia deslizando as mãos sobre minha camiseta. Ele a retirou como se ela fosse feita de frágeis

teias de aranha. Abraçou-me e tocou meus seios através do top apertado.

“Isto vai ter que sair. Braços para cima!”

Ele esticou meu top de ioga até minha cabeça, arremessando-o pela cozinha. Pegou meu banquinho e me virou de frente para ele. Puxou-me para perto dele, de modo que meus joelhos ficassem entre suas coxas abertas, sua mão direita inclinando minha cabeça para encará-lo, a esquerda dedilhando meu mamilo. Ele timidamente deslizou um dedo em minha boca, e por instinto suguei os temperos remanescentes da sopa que havia nele, o que o fez fechar os olhos. Gostei de como aquilo o fazia derreter-se em desejo, como o fazia ficar um pouco bambo. Chupei o dedo com um pouco mais de força.

“Aposto que você é boa no que faz”, disse ele, abrindo os olhos pesados com prazer. “Aposto que você pode fazer um homem morrer um pouco com essa sua boca.”

Parei o que estava fazendo. Até agora todas as minhas fantasias haviam implicado que eu receberia prazer, e não daria prazer. Agora, eu queria muito dar prazer, ser generosa, como o Passo exigia, mas não sabia bem como fazê-lo.

“Quero fazer algo por você”, eu disse.

“E o que é, Cassie?”, perguntou ele, mordendo o lábio inferior em agonia, enquanto eu fechava a boca em torno de seu dedo indicador.

Olhei bem em seus olhos, e minha boca se manteve fechada em torno de seu dedo por um segundo. Então, com toda a ousadia que consegui reunir, eu disse: “Quero você em... minha boca. Você todo”.

Juntei ar nos pulmões, mas não o liberei. Eu realmente dissera aquilo. Dissera a um homem, um homem muito famoso, que eu queria... fazer um boquete nele. E agora? Eu só havia feito um único boquete no colégio. Tentei com Scott algumas vezes, quando ele estava bêbado e exigiu que o fizesse, porém a experiência fora horrível — terminei com a mandíbula dolorida e com Scott apagado. Não sentira prazer naquilo. A perspectiva de tentar agora — e falhar — me deixava nervosa. Mas, já que eu estava vivendo uma fantasia sexual com uma pessoa famosa, decidi deixar a pessoa famosa fazer

aquilo em que as pessoas famosas são boas: ele deveria exigir um serviço de alto nível.

“Eu quero que você me mostre como... dar prazer a você”, eu disse.

Ele arrastou seu dedo molhado pelo meu pescoço e, então, colocou meu queixo em sua mão e disse: “Acho que posso fazer isso”.

Aquele homem divino queria que eu lhe fizesse um boquete!

“É só que... não sei se sou boa nisso. Quero dizer, se esta é a sua fantasia, receio que vá ser uma lambança.” Levei um segundo para perceber que o que eu dissera o fez rir alto. “Quero dizer, uma lambança de maneira ruim.”

Ele parou de rir, e eu juro que poderia ter caído em seus profundos olhos negros, de tão intensos. Eu podia ver por que ele era famoso, mesmo sem conhecer sua música. Ele tinha carisma, presença, inspirava confiança.

Diante de meu pedido de aulas, ele começou:

“Primeiro, você fica nua.”

Levantei-me e dei um passo para trás. Enquanto ele observava, tirei o resto de minha roupa, chutando os tênis, deslizando para fora da calça de ioga e depois da calcinha. Ele ficou me olhando. Ele queria aquilo. Ele me queria. Eu! Dava para sentir. Eu dizia a mim mesma: vai junto, ele vai mostrar como é, você vai se dar bem. Meus nervos estavam a meu favor quando me deixei levar por seu delicioso feitiço. Ele se virou, puxou uma cadeira da mesa da cozinha e sentou-se.

“Você não vai conseguir estragar esse lance, Cassie, a menos que coloque seus dentes na história. Eles não foram convidados. Qualquer outra coisa fora disso, e você vai me fazer um homem feliz. Venha cá.”

Dei um passo na direção dele. Em seguida, outro. Eu estava em pé bem na frente dele, nua. Tomando meus pulsos em suas mãos grandes, ele me puxou para baixo, de joelhos a sua frente. Dele desprendia-se um odor picante, acalorado, ou talvez fosse o cozido e o pão, mas éramos nós dois que estávamos fervendo. Ele pegou

minhas mãos e colocou-as sobre seu peito e arrastou-as por sobre sua barriga incrivelmente rija.

“Tire minha calça, Cassie.”

Algo dentro de mim derreteu, e eu abaixei e desafivelei seu cinto. Ele arrastou a calça até o chão. Ele estava duro e grande. E grosso.

“Jesus”, sussurrei, envolvendo minhas mãos em volta dele, sentindo sua pele macia. Como ele poderia ser assim... duro e tão macio ao mesmo tempo?

“Agora incline-se e beije a ponta”, disse ele. “Assim, devagar no começo. Assim, isso. Beijando. Assim mesmo.”

Levei-o à minha boca e o lambi inteiro, da ponta até a base, sentindo seu corpo balançar, conforme minha boca e minhas mãos pegavam um ritmo constante.

“É isso mesmo, só um pouco mais rápido.”

Acelerei o ritmo, enquanto ele movia com suavidade uma de minhas mãos em torno de seu pênis, deixando-a lá. Devorei-o avidamente, enquanto colocava a outra mão sob ele.

“Isso”, disse ele, movendo os dedos com carinho pelo meu cabelo. “É assim mesmo.”

Minhas mãos encontraram meus lábios e formaram um vácuo em torno dele, minha boca inteira consumindo-o. Eu o liberei um pouco e lambi somente a cabeça, com a pontinha da língua. Ele me encarava quando olhei para cima, e nossos olhos se encontraram. Seu rosto estava feliz e descontraído, o que enviou uma onda de energia pelo meu corpo. Ele era meu. Envolvi-o novamente com a boca, chupando-o e puxando-o para mim, e senti uma vibração em sua pélvis. Aquilo fez com que me sentisse ainda mais ousada, e engoli um pouco mais dele. Eu podia senti-lo pressionando contra mim, mas, ao mesmo tempo, ele se soltava, enfraquecido, e se derretia. Era eu quem fazia aquilo nele. Eu estava no controle, no comando. A qualquer momento, eu faria aquele homem gozar... em minha boca.

“Menina, você não precisa da minha ajuda.”

Quanto mais eu o agradava, mais molhada eu parecia estar, algo que nunca me acontecera. Por que será que eu achava essa uma tarefa chata? Agarrei suas costas com uma das mãos, enquanto minha boca o puxou mais e mais. Então, lendo seu corpo, senti que ele estava em ponto de bala e diminuí o ritmo.

“Ai, assim, perfeito. Não pare!”

Suas palavras alimentaram minha fome. Suguei-o mais fundo, e ele se agarrou ao balcão para se estabilizar. Quando olhei para seu rosto e vi que estava à beira de gozar, sob meu comando, me senti mais competente e ainda mais sensual.

“Ai, Cassie”, suplicou ele, meus cabelos entrelaçados em uma de suas mãos, a outra mantendo o equilíbrio no banco acima de mim. “Mãe de Deus”, sussurrou ele, enquanto me senti engolindo o orgasmo dele. Ele soltou uma respiração afiada e endureceu, e minha boca se encheu com sua energia. Em seguida, ele ficou bem quieto. Depois de alguns momentos, recuou e deslizou para fora de minha boca. Eu beijei aquele ponto encantador onde seu torso encontrava suas coxas. Então, apanhei do chão minha camiseta e limpei levemente a boca. Um sentimento de triunfo explodiu através de mim, e eu sorri para ele.

“O homem está vivo, garota”, suspirou ele, afastando-se de mim. “Você não precisa de nenhuma instrução. Foi tudo... incrível.”

“Sério?”, perguntei, dando um passo na direção dele. Estávamos colados, e eu podia sentir os músculos de seu peito contra mim.

“Realmente”, disse ele, tocando sua testa na minha. “Ma-ra-vi-lho-so.”

Ele tinha um olhar espantado e ainda respirava forte. Eu continuava nua e em pé sobre minhas roupas. Olhei para baixo.

“Adorável. Do cacete. Tem um banheiro atrás da despensa, ali”, disse ele, apontando.

Juntei meu uniforme de mãe de futebol e comecei a me afastar.

“Espere.”

Voltei-me, e ele se aproximou de mim e deu um beijo longo, firme em minha boca. “Era exatamente o que eu precisava”, disse ele.

No banheiro, fechei a porta atrás de mim. Mesmo esse espaço pequeno na despensa era exuberante e ornamentado, tinha torneiras de ouro e papel de parede dourado e aveludado, com relevos cor de vinho estampados. O pedestal da pia eram os braços de uma mulher com as mãos abrindo-se como flores para formar a cuba. Joguei água fria no rosto e na parte de trás do pescoço. Tomei um gole de água. A água escorreu pelo meu peito e meu decote. Eu a segui com os dedos. Eu tinha dado prazer a alguém, fora generosa pelo simples interesse de sê-lo, e não por um motivo específico.

Eu tinha começado a me vestir quando ouvi uma batida suave na porta.

“Sou eu, abra.”

Talvez, ao contrário do massagista, Shawn quisesse me dizer adeus. Eu abri uma fresta da porta. Ele empurrou seu corpo para dentro do banheiro, e eu senti meu pulso acelerar. Ele me virou, para que eu ficasse de frente para o espelho, e ele, atrás de mim. Em seguida, enterrou a cabeça na curva do meu pescoço, como fizera antes, na cozinha.

“Isto é para você”, disse ele.

Ele já havia vestido o jeans, mas eu podia sentir que estava duro outra vez atrás de mim. E, enquanto lancei meus braços para cima e em torno da nuca dele, senti sua pélvis pressionada contra mim, o aro da cerâmica gelada da pia contra minhas coxas. Fiquei molhada em um instante. Ele mordiscou meu pescoço levemente e deslizou um braço para a frente e entre minhas coxas. Minhas costas arquearam-se sobre sua mão. Inclinei-me para mais perto do espelho e vi o reflexo dele, os olhos fechados, as mãos se movendo para baixo em meus seios, minha barriga, os dedos abertos em leque. Mesmo isto tinha um ritmo para ele, como se estivesse encontrando uma melodia em meu corpo. Ele estava tocando sua música em mim, puxando-me cada vez para mais perto, os dedos pulsando com intensidade dentro de mim. Sentir-me desejada, ser tomada e tocada assim era como tornar-me viva, de dentro para fora. Nossos olhos se encontraram no espelho. Quando dei por mim, tudo era um borrão de cor e ritmo, e eu me senti explodindo em suas mãos, o calor me percorrendo, e depois a inundação de alívio.

“Vai, vai”, murmurou ele, e, sem perceber, eu pressionava as costas contra ele, até que ambos batemos contra a parede atrás de nós, inclinando-nos contra ela para ficar em pé. Então, sem nenhum motivo, desatei a rir.

“Obrigada”, eu disse, ainda sem fôlego. Lembrei-me de minhas roupas, a razão pela qual eu entrara no banheiro. Minha indumentária de mãe de futebol jazia em uma pequena pilha no chão em frente à pia.

“Acho que você precisa vestir isso”, disse ele.

“Acho que sim.”

E, depois de dar mais um beijo em meu pescoço, ele voltou para a porta e fechou-a atrás de si. Meu rosto no espelho estava corado com ar e vida. Terminei de me vestir e, em seguida, joguei mais água no rosto.

“Você está fazendo tudo”, sussurrei, sorrindo para mim mesma no espelho. “Você fez isto. Você acaba de fazer um boquete em um ganhão da música pop, topo da Billboard, vencedor do Grammy. E ele fez você gozar em um banheiro.” Com esse pensamento, soltei um pequeno grito entre os punhos. Ahhh!

Completamente vestida outra vez, meu cabelo bagunçado pelo sexo, tornei a entrar na cozinha de luzes baixas. Não havia mais música. A panela desaparecera. Bem como o homem. Em uma das pontas da área da cozinha havia um Tupperware pequeno, cheio de gumbo quente e um talismã de ouro sobre ele. Sentei-me no banco do bar, respirei e pensei sobre o que acontecera.

Alguns momentos depois, Claudette entrou.

“Cassie, sua limusine a aguarda. Espero que sua estadia conosco tenha sido deliciosa”, disse ela, com um leve sotaque de New Orleans.

“Obrigada. Foi, sim.” Segurei o talismã contra o peito, peguei meu Tupperware e fui conduzida para fora pela porta lateral da Mansão até o assento de pelúcia da limusine.

Enquanto dirigíamos ao longo da rua Magazine, eu observava o cenário lá fora, mas estava realmente olhando para dentro. Segurei o talismã de ouro na palma da mão. Por que eu sempre tivera medo de

dar prazer? Do que eu tinha medo? Talvez de me sentir usada. De que, se me doasse a alguém, isso pudesse me esvaziar. No entanto sentira satisfação em me entregar, sentira prazer em agradar. Baixei a janela e deixei o vento esfriar meu rosto, enquanto o gumbo aquecia meu colo. Era este o objetivo do S.E.G.R.E.D.O., fazer com que nos entregássemos por inteiro às necessidades de nosso corpo e ajudar os outros a se render também. Por que será que parecia tão difícil antes? Abri a mão e olhei para o talismã de ouro brilhante, a palavra Generosidade gravada em uma caligrafia elegante.

“Generosidade mesmo”, eu disse em voz alta, enquanto segurava o quarto talismã de minha pulseira.



Capítulo 8

O verão envolveu a cidade como um grosso cobertor de lã. E como o ar-condicionado do Café vivia quebrado, o único alívio para o calor era uma breve visita ao frigorífico. Tracina, Dell e eu cobríamos uma à outra enquanto íamos ao frigorífico, e tomávamos cuidado para não deixar Will ver que desperdiçávamos ar frio.

“É só você se mover mais devagar”, Will aconselhou certo dia. “Era assim que se fazia antigamente.”

“Não deve ser um problema para Dell”, Tracina zombou, ao descarregar uma caixa de louça suja perto de mim.

Eu queria culpar o calor pelo mau humor de Tracina, mas não havia nenhuma correlação real. Uma música do meu cantor de hip-hop preferido começou a tocar no rádio, e eu aumentei o volume, deixando Tracina enfurecida.

“O que essa garota branquela pensa que está fazendo, ouvindo a música desse belo homem negro?”, perguntou ela, reduzindo o volume.

“Eu sou fã dele.”

“Fã? Você?”

“Sou bem familiarizada com o trabalho dele”, disse eu, mal escondendo um sorriso. Tracina balançou a cabeça e foi embora. Eu alegremente aumentei o volume outra vez e continuei passando o alvejante nas tábuas de corte. Embora jamais pudesse me imaginar em um mar de fãs a seus pés, a emoção daquela fantasia perdurava. Eu rememorava um flash de minha pele contra a dele, seu rosto retesado, em êxtase, e um arrepio excitado cobria minha coluna. Uma coisa era usar uma fantasia para desencadear aquela sensação, outra totalmente diferente era a fantasia se realizar, eu guardá-la e, em seguida, me lembrar dela. Era aquilo que fazia do S.E.G.R.E.D.O. algo tão maravilhoso. Essas fantasias iam criando memórias sensoriais que eu poderia guardar para toda a vida e ter no ponto

sempre que precisasse de um impulso. Eu não era uma voyeuse. Era uma participante.

Mas, apesar de todos esses cenários emocionantes, eu tinha começado a fantasiar sobre certo tipo de sexo que até então só havia me iludido. Eu queria... queria um homem dentro de mim. Lá. Admitir para mim mesma que eu queria alguma coisa ia ficando cada vez mais fácil.

A parte difícil foi admitir isso em voz alta para Matilda, que, naquela tarde, sentou-se perto de mim no Tracey's, na rua Magazine. Tinha se tornado o nosso ponto de encontro, e não somente porque ficava perto da rua da Mansão. O ambiente parecido com um estridente bar de esportes tornava mais fácil conversar sem que ninguém nos ouvisse.

Eu dissera a mim mesma que nesse dia eu lhe perguntaria por que nenhum dos homens quisera fazer “aquilo” comigo. Meu cérebro, é claro, interpretara tudo como uma rejeição, sobra do medo de minha época com Scott. Ele tinha um talento especial para me fazer sentir indesejada. E, como eu estava começando a compreender a estranha reciprocidade que havia no trabalho com as fantasias, comecei a me preocupar que talvez não estivesse satisfazendo os homens com quem estivera — que eu era, em uma palavra, indesejável.

“Bobagem, Cassie! Você é muito desejável!”, disse Matilda um tanto alto demais durante um súbito intervalo de música. Em um sussurro, ela acrescentou: “Você está dizendo que está insatisfeita com seus enredos?”

“Não! Não tenho reclamações sobre as fantasias até agora”, eu disse. “Elas me surpreendem. Mas por que ninguém quis... você sabe?”

“Cassie, há uma razão para que essas fantasias não tenham envolvido sexo completo”, disse ela. “Às vezes, o sexo tem uma forma de se transformar em amor para algumas mulheres. Suas emoções se misturam ao êxtase, e elas se esquecem de que o prazer físico e o amor podem ser duas coisas separadas. Não estamos tentando ajudar você a se apaixonar por um homem. Você claramente não precisa de ajuda para isso. Nós queremos que você se apaixone por si

mesma em primeiro lugar. Depois disso, você vai se encontrar em uma posição muito melhor para escolher um parceiro, o parceiro certo. Um de verdade.”

“Então você está dizendo que eu não posso ter relações sexuais em minhas fantasias, porque você tem medo que eu me apaixone?”

“Não. O que eu quero dizer é que precisamos esperar até que você entenda as artimanhas que seu corpo vai pregar contra sua mente. O sexo cria químicas que podem ser confundidas com amor. Não compreender isso a respeito de nosso corpo cria uma série de mal-entendidos e sofrimento desnecessário.”

“Entendo”, eu disse, olhando em torno do bar, repleto, sobretudo, de homens bebendo cerveja com outros homens. Gordos, baixos, jovens ou velhos, eu costumava me perguntar como eles faziam aquilo, como alguns homens podem ter relações sexuais e, em seguida, se desligar tão facilmente da outra pessoa. Acho que não era culpa deles. Era a química. Ainda assim, Matilda estava certa. Eu me apegava com facilidade. Acabei casando com o primeiro homem com quem fizera sexo, porque meu corpo inteiro me disse que aquilo era a coisa certa, a única coisa a fazer, mesmo que minha mente soubesse que era errado. Quase desci do trem na parada “Jesse” só porque ele falou comigo, me fez rir e me beijou fantasticamente.

“Cassie, por favor, não se preocupe tanto. Mas acredite em mim quando digo que isso se trata de sexo. Prazer e sexo. Amor, minha querida, é uma coisa bem diferente.”

Meu próximo cartão de fantasia chegou quase seis excruciantes semanas mais tarde, depois de a onda de calor ter sido substituída por um alerta de tempestade, o tempo espelhando perfeitamente a minha frustração. Todas as fantasias aconteceriam ao longo de um ano, e eu havia sido lembrada a respeito. E, embora eles tentassem espaçá-las de maneira uniforme, Matilda admitiu em um rápido telefonema que seis semanas era algo incomum. “Paciência, Cassie. Você não pode apressar certas coisas.”

Alguns dias depois, à noite, um mensageiro tocou a campainha. Desci a escadaria praticamente correndo, para assinar e receber o que ele trazia. Fiquei tão animada que quase o beijei na boca.

“Eu vi que você estava acordada”, disse ele, apontando para as janelas no terceiro andar do Hotel das Solteironas. Ele era jovem, talvez tivesse vinte e cinco anos, e exibia um tipo de corpo que somente o mais atlético dos entregadores de bicicleta poderia ter em uma cidade plana. Mas era tão bonitinho que chegou a passar pela minha cabeça convidá-lo a subir.

“Obrigada”, disse eu, tomando o envelope de suas mãos másculas. O vento embaralhou meus cabelos em volta do meu rosto e fez meu robe agitar-se entre minhas pernas.

“Ah, tem isto aqui também”, disse ele, entregando-me um envelope acolchoado do tamanho de um pequeno travesseiro. “A tempestade está chegando. Vista-se adequadamente”, acrescentou, dirigindo um olhar arrojado para minhas pernas e afastando-se num giro com a bicicleta, como uma onda.

Subi os degraus de dois em dois, rasgando o cartão enquanto eu corria. Lia-se: Quinto Passo, Destemor, o que fez com que um pequeno arrepio descesse pela minha coluna. O cartão informava que uma limusine viria me buscar logo cedo e que “a indumentária adequada está incluída”.

Conforme o vento fazia minhas janelas bater naquela noite, me senti aliviada pelo fato de Scott e eu termos chegado um ano após o furacão Katrina e de suas irmãs, Wilma e Rita, terem devastado a cidade. Com exceção de Isaac e duas outras tempestades tropicais que deixaram as árvores inclinadas e quebraram alguns vidros, não tivéramos mais nenhum grande desastre na escala dos furacões desde então, algo pelo qual esta garota de Michigan sentia-se grata. Eu estava preparada para o tempo chuvoso, mas não para o tipo perigoso que às vezes havia aqui.

Cortei o envelope almofadado e derramei seu conteúdo em minha cama. Uma roupa para a manhã seguinte fora selecionada para mim: calça capri branca e justa, túnica de seda azul-clara, decotada, lenço branco, óculos escuros estilo Jackie O., sandálias de salto anabela — tudo, naturalmente, feito sob medida para mim, e com perfeição.

Na manhã seguinte, deixei a limusine esperando enquanto eu tentava atar das mais diferentes maneiras o lenço ao redor do

pescoço, decidindo-me, afinal, a vesti-lo em volta da cabeça. Uma rápida olhadela no espelho, e eu tive que admitir que parecia um pouco aristocrática. Mesmo Dixie, estendida a meus pés, parecia me conferir sua aprovação. Mas nunca vou esquecer o olhar no rosto de Anna, aquela mulher nascida e criada em Bayou, quando retirei um guarda-chuva dobrável do suporte no foyer.

“Se a tempestade desabar, você vai se dar melhor se usar um desses guarda-chuvinhas que vêm em bebidas chiques”, bufou ela.

Eu me perguntei se deveria lhe dizer algo, inventar um namorado rico, só para impedir que a curiosidade dela sobre a limusine se transformasse em algo maior e menos inofensivo. Não vai ser hoje, decidi. Não há tempo.

“Bom dia, Cassie”, disse o motorista, segurando a porta.

“Bom dia”, respondi, tentando não parecer muito acostumada a ser apanhada por uma limusine preta no meio de Marigny.

“Você não vai precisar disto no lugar para onde a estou levando”, disse ele, balançando a cabeça em direção ao meu pequeno guarda-chuva. “Estamos deixando este tempo cinzento para trás.”

Emocionante, pensei. Havia pouco tráfego naquela manhã, e, se houvesse algum, deveria estar na direção oposta à do lago para onde nos dirigíamos. Perto da praia de Pontchartrain, mantivemos a direita e passamos pela enseada de South Harbor, que abraçava a costa violenta, o que, de vez em quando, eu conseguia enxergar por entre as lacunas da barragem que fora erguida. A água estava agitada, furiosa mesmo, embora não tivesse caído nem uma gota de chuva. Na estrada Paris, o motorista se manteve à esquerda e dirigiu ao longo da via de cascalho acidentado, com a lagoa a nossa direita. Cinco minutos depois, viramos outra vez à direita e descemos outra estrada de cascalho. Apertei o assento de couro, o medo crescendo dentro de mim. Chegamos a uma clareira na mata, onde a hélice de um helicóptero azul-escuro fazia círculos lentos, ameaçadores, antes de acelerar.

“Huummm, aquilo é um helicóptero?” Uma pergunta estúpida; melhor teria sido: “Você espera que eu suba naquela coisa?”. Mas a segunda pergunta ficou entalada em minha garganta.

“Você vai partir em uma viagem muito especial.”

Vou mesmo? Ele claramente não me conhecia muito bem. A ideia de entrar em um helicóptero era ridícula, não importavam as promessas que me aguardassem depois da viagem. A limusine chegou a um total de vinte pés de parada do heliponto. Aquilo não parecia nada bom. O motorista saiu e abriu a porta. Fiquei sentada, congelada em meu lugar, a palavra “não” emanando de cada poro de meu corpo.

“Cassie, não há nada a temer”, o motorista gritou por cima do vento forte e do ruído da hélice ainda mais alto. “Por favor, siga aquele jovem! Ele vai cuidar muito bem de você! Eu prometo!”

Foi então que notei o piloto, que segurava seu quepe e corria em direção à limusine. Ao se aproximar, ele penteou os cabelos dourados de sol com os dedos e colocou o quepe de volta na cabeça, dando-me a impressão de que raramente deixava de usá-lo. Ele me cumprimentou de modo simpático e desajeitado.

“Cassie, eu sou o capitão Archer. Devo levá-la ao seu destino. Por favor, me acompanhe!” Ele deve ter percebido que eu estava hesitante. “Vai dar tudo certo.”

Que escolha eu tinha? Acho que algumas, incluindo me manter colada a meu assento e exigir que o motorista me levasse de volta para casa. Em vez disso, enrolei meu lenço na cabeça e me lancei para fora da limusine, antes que meu cérebro pudesse me convencer a fazer o contrário. O capitão Archer segurou meu pulso com uma grande mão bronzeada, e corremos até o helicóptero, abaixando-nos sob a hélice veloz.

No helicóptero, aquela mesma mão passou por sobre meu colo, roçando minhas coxas enquanto ele me afixava ao banco de trás. Está tudo bem, está tudo bem, está tudo bem, eu continuava repetindo. Não há nada a temer. Senti a chicotada de alguns fios de meus cabelos batendo contra meu rosto e agradei por ter trazido meu lenço. Enquanto o capitão colocava cuidadosamente fones gigantes em meus ouvidos, eu podia sentir o cheiro de chiclete de menta em seu hálito. Então, ele olhou para mim com olhos que eram de um cinza profundo e intenso.

“Você consegue me ouvir?”, perguntou ele, sua voz agora zumbindo diretamente em meus ouvidos pelo microfone. O sotaque era australiano?

Balancei a cabeça.

“Vou tomar conta de você, Cassie, não se preocupe. Você está segura. Relaxe e aproveite o passeio.”

Eu achava um pouco enervante que todos os participantes do S.E.G.R.E.D.O. parecessem saber meu nome. Esta é a minha vida, pensei, meio zozona. Uma limusine me pega. Isto não é lá grande coisa. Dirige até um helicóptero que me espera. E um piloto incrivelmente bonito levanta voo rápido comigo para um local desconhecido.

Nós decolamos, e, uma vez que estávamos acima de nuvens ameaçadoramente escuras, o dia parecia completamente diferente, como em um paraíso tropical. O capitão Archer me pegou olhando para as nuvens quando deixamos o mau tempo abaixo de nós e inclinamos em direção ao nascer do sol.

“Aquela é uma tempestade das boas. Mas, para onde vamos, ela não vai nos pegar.”

“Para onde vamos?”

“Você vai ver”, disse ele, sorrindo com os olhos, demorando-se em meu olhar.

As borboletas ainda se remexiam em meu estômago, mas foram se tornando mais gerenciáveis, e o medo tornou-se algo que eu conseguiria fazer passar. Que eu estivesse disposta a partir em um helicóptero quando uma tempestade se formasse, voar acima dela para Deus sabe onde, para fazer sabe-se lá o quê com quem quer que fosse, teria sido impossível imaginar cinco meses antes. Mas, hoje, sob o medo natural que sentia, havia um sentimento que eu reconhecia como a mais pura emoção.

Uma vez que se estabilizou acima das nuvens, o helicóptero acelerou em direção ao azul intenso do golfo. Eu alternava entre olhar para a água abaixo e observar as mãos esculpidas do piloto mexendo nesse e naquele botão com eficiência e facilidade. Seus antebraços eram bronzeados e levemente cobertos por pelos louros-

pálidos. Seria esse o homem? Que papel ele tomaria em minha fantasia? Se fosse ele, já estava de bom tamanho.

“Para onde vamos?”, gritei, puxando o lenço e deixando meus cabelos cair em cascata. Eu estava flertando. Pela primeira vez na minha vida, parecia acontecer naturalmente.

“Você vai ver. Não vai demorar muito agora”, disse ele, com uma piscadela.

Segurei seu olhar, dessa vez deixando que ele desviasse os olhos primeiro. Eu nunca havia feito aquilo, e foi um pouco inebriante flertar com meu medo.

Poucos minutos depois, senti o helicóptero começar a descer. O pânico penetrou em mim; eu não conseguia ver nada abaixo de nós, por isso, do meu ponto de vista no banco de trás, parecia que pousaríamos diretamente nas águas azuis do golfo. Quando o trem de pouso do helicóptero bateu em algo sólido, percebi que havíamos descido sobre um barco. Era um barco muito grande. Um iate, para ser exata.

O piloto saltou e abriu minha porta, oferecendo-me a mão.

Pulei para o convés polido, protegendo os olhos do sol ofuscante e pensando em como o tempo pode mudar rapidamente.

“Isto é inacreditável”, disse eu.

“É”, disse o piloto, dando-me a impressão de que ele poderia não se referir especificamente ao barco. “Fui instruído a trazer você aqui e agora tenho que ir embora.”

“Isso é muito chato”, disse eu, pensando que, de fato, era péssimo. Do convés superior, eu podia olhar ao redor. Era um iate, de fato, e um dos veículos mais bonitos que eu já vira. O convés brilhava com sua madeira polida; o casco e as paredes eram de um branco vívido. “Você pode ficar para um drinque? Apenas um?”

O que eu estava fazendo? As fantasias geralmente se desenrolavam diante de mim, e agora eu estava querendo interferir com o que fora planejado. Mas a viagem de helicóptero tinha me energizado, e eu queria continuar com o flerte.

“Acho que um drinque não faria mal”, disse ele. “Você me acompanha até a piscina?”

Piscina? Minha respiração parou quando me inclinei em torno da proa e vi a piscina em formato oval, circundando o convés à frente. Cadeiras brancas estavam alinhadas em ambos os lados, e toalhas listradas de vermelho e branco haviam sido cruzadas casualmente no encosto das cadeiras. Tudo isso era para mim? Acontecesse o que acontecesse, não importava, pensei, desde que eu pudesse nadar em uma piscina, em um iate! Não parecia haver empregados por perto. E, ainda que as águas estivessem começando a se agitar, o barco era enorme, e eu me senti segura, mesmo com um pequeno helicóptero empoleirado no topo dele. Ocorreu-me que não havia roupa de banho entre os trajes fornecidos, mas o piloto, já a caminho da piscina, deixou cair peças de sua roupa antes de dobrar uma curva e desaparecer de vista.

Esperei um instante e depois o segui. Não parecia haver mais ninguém a bordo do barco; as janelas da ala onde fica o piloto eram de uma tonalidade tão escura que seria impossível ver a tripulação, se é que ela estava ali. Quando consegui alcançá-lo na piscina, o piloto estava submerso e, pelo modo como deixara para trás a pilha de roupas, estava nu.

“Entre. Está quentinha.”

“Você vai ter problemas por conta disso?”, perguntei, sentindo um pouco de timidez.

“Não, a menos que você se queixe de eu estar aqui.”

“Não vou fazer isso”, eu disse. “Mas... você se importaria em se virar para o outro lado?”

“Eu não me importo”, disse ele, voltando-se para o outro lado. Ele era bronzeado, embora eu pudesse ver abaixo da superfície da água que sua bunda era de um branco reluzente. Hesitei por um momento, e então me liberei dos últimos resquícios de medo. Eu era responsável por essa fantasia, ao que parece, e ninguém estava me impedindo de nada. Tirei a roupa e coloquei tudo cuidadosamente sobre uma cadeira de praia. Deslizei para dentro da água, que parecia ainda mais quente, porque não havia sequer um leve vento frio no ar, o tipo de frio que as tempestades trazem. O sol ainda brilhava quente, mas nuvens escuras assombravam o horizonte, e uma sensação de eletricidade pairava na atmosfera.

“Tudo bem, você pode se virar agora”, eu disse, mantendo os braços sobre os seios, que estavam embaixo da água. Por que eu me sentia tão tímida? Percebi que ele não me pedira para aceitar o Passo, coisa que havia se tornado quase pavloviana para mim. Depois de murmurar aquelas palavras, entrei em uma espécie de transe que permitiu que eu me deixasse levar por uma fantasia. Dessa vez, eu era a única que impulsionava as coisas com um homem que não parecia predeterminado para mim, embora devesse ser. Eu nunca tivera uma queda por louros, mas ele era tão masculino, seus braços lançavam-se em minha direção, me puxavam para ele através da resistência da água.

“A sensação de sua pele na água é incrível”, disse ele, passando as mãos pelas minhas costas, levantando-me no colo. Senti que ele estava duro. Inclinou-se para levar audaciosamente um de meus mamilos à boca, e sua mão apertava minha bunda nua. Nossos corpos espirravam água um contra o outro, enquanto a piscina ondulava cada vez mais com nossos movimentos. Pelo menos era isso que eu imaginava estar provocando as ondas. Voltei a abrir os olhos em direção ao céu, e, dessa vez, ele lançou um brilho muito diferente, mais malévolo. O sol estava encoberto por nuvens escuras, do tipo que fizeram o capitão Archer parar de mordiscar meu ombro.

“Ai, meu Deus, é um céu muito, muito ruim”, disse ele, colocando-se em pé, me derrubando de seu colo. “Eu tenho que tirar aquele helicóptero do barco, ou ele vai cair no golfo. Você, minha querida, vá para debaixo do convés e não se mova até que alguém venha buscá-la, está me ouvindo? Isso realmente não estava nos planos. Sinto muito por isso. Vou pedir ajuda pelo rádio.”

Em um segundo, ele estava fora da piscina. Não houve tempo para vaidades. Ele me estendeu uma toalha, que me engoliu por inteira, e colocou as roupas em minha mão. O vento soprava em frenesi, quase nos levando para o lado. Ele me agarrou e me pressionou contra a parede da proa, arrancando um colete salva-vidas de um gancho que estava acima de mim.

“Vá para baixo, vista-se e coloque este colete!”

“Não posso ir com você?”, perguntei, o medo voltando a se acumular em meu estômago. Apertei a toalha sob o queixo e caminhei atrás dele, pingando por todo o caminho até o heliponto.

“É muito perigoso, Cassie. Você ficará mais segura no barco. Ele se move rapidamente. Ele vai tirá-la da tempestade. Vá lá para baixo agora e não saia até que alguém apareça para buscar você. E não se preocupe”, disse ele, dando um beijo em minha testa.

“Mas alguém sabe que estou aqui?”

“Não se preocupe, está tudo bem, minha querida!”

Apertei mais a toalha em torno de mim, enquanto ele punha a hélice em movimento. Quando o helicóptero decolou da pista, a poucos metros, uma súbita rajada de vento fez com que ele desse um pequeno giro. Eu me abaixei na cabine e vi com espanto e horror como ele habilmente pilotou pela tormenta, e eu só tinha a agradecer por não estar a bordo e por não vomitar sobre seus sapatos. Ouvi o motor do iate ser ligado e percebi suas vibrações passeando por meus pés, fazendo com que meus dentes batessem — ou, quem sabe, fosse apenas o medo. Em seguida, o iate parou subitamente. Onde estava todo mundo? Se uma equipe pilotava o barco, onde estava? Dentro da cabine vesti minhas roupas, atravessei o bar e subi os degraus que conduziam, supus, até a ala do capitão. Quando abri a porta do convés, ouvi a chuva, que batia na madeira dura e provocava ecos fortes.

Vi o céu negro acima de mim.

“Isto não é nada bom”, murmurei, fechando a porta. As janelas-vigia estavam embaçadas por causa da chuva. Mas eu precisava encontrar alguém da tripulação, dizer a eles que eu estava ali e descobrir qual era o plano, se é que havia um. Dei um soco na porta, que estava aberta novamente, e me segurei contra a chuva, que agora atacava de lado e espetava minha pele. Eu estava prestes a ir à ponte, quando ouvi uma voz. Pensei que viesse do alto-falante do iate, mas vinha do convés de um rebocador da Guarda Costeira que engatara ao lado do iate. Do convés, um homem alto, de camiseta branca e calça jeans, gritou meu nome pelo megafone.

“Cassie! Meu nome é Jake! Você deve desembarcar agora! Precisamos que você saia desse barco imediatamente, antes que a tempestade piore. Venha, vou pegar sua mão. Mandaram-me aqui para salvá-la.”

Salvar-me? Se não fosse pelo mau tempo, que causava pânico muito real, eu teria pensado que esta era, de fato, minha fantasia de resgate. Mas havia uma tempestade a que eu precisava sobreviver, e a expressão tensa daquele homem deixava claro que isso não fazia mesmo parte da fantasia. Eu estava em perigo. Agarrei um corrimão, e minha túnica estava colada à pele. Era mais seguro no barco pequeno do que no iate enorme e sólido? Nada fazia sentido.

“Cassie! Aproxime-se e pegue minha mão!”

Saí para o convés e vi o mar revolto em torno de mim. Ondas por cima de ondas quebravam altas sobre o convés, batendo contra minhas pernas, enviando galões de água sobre o piso de madeira polida e a piscina azul. Outra onda bateu, dessa vez tirando-me do chão e acertando meu quadril com um estrondo. Caí ali, de pernas abertas, e congelei, como acontece em momentos de pânico. Não conseguia mais ouvir a voz de Jake, apenas o som do mar, negro e irritado. Segurei em um corrimão inferior, com medo de ficar em pé. Eu tinha a sensação miserável de que, se largasse dali, seria arrastada para fora do barco pela água. Antes que eu percebesse o que estava acontecendo, um braço forte como um tronco de árvore me agarrou pela cintura e me levantou do chão.

“Temos que sair deste barco agora!”, gritou Jake.

“Ok, então!”

O que mais eu poderia dizer? Eu me debati feito um gato assustado, molhada da chuva. Agarrei onde pude, mas a camiseta dele estava escorregadia, e eu não conseguia segurá-la. Fui para o lado do barco, sentindo a dor aguda da água. Por um segundo, fiquei submersa e só pude ver a agitação acima da minha cabeça. Gritei debaixo d'água, sem fazer barulho, e senti meu corpo fustigado pelas ondas, até que finalmente minha cabeça emergiu e meu grito perfurou meus ouvidos. Puxei uma respiração rápida e tive apenas um segundo para ver que, se os barcos se aproximassem um pouco mais um do outro, eu seria esmagada. Antes que eu pudesse ter ideia do que fazer, vi Jake lutando com as ondas para chegar até mim.

“Cassie! Calma!”, gritou Jake, nadando até onde eu estava. “Você vai ficar bem, mas precisa relaxar.”

Tentei ouvir, tentei lembrar que, de fato, sabia nadar. Ajudei para que chegássemos até a lateral do barco de salvamento, e de lá ele segurou minhas mãos em um degrau mais baixo da escada, escalou alguns degraus acima e, em seguida, estendeu a mão e me puxou a bordo, como se eu fosse uma boneca de pano molhada. Caí sobre o convés, sem fôlego. Ele balançou os cabelos, tirando a água do mar de seus ouvidos, pegou meu rosto em suas mãos e disse: “Muito bem, Cassie”.

“O que você quer dizer?”, perguntei. “Quase matei a mim e a você! Entrei em pânico!”

“Mas depois você se acalmou e nos ajudou a nadar até o barco. E nós estamos bem agora. Nós vamos ficar bem.” Ele tirou mechas de cabelo que pingavam em meu rosto. “Vou levá-la para o convés.”

Quando ele se levantou, finalmente consegui dar uma boa olhada no homem que havia me salvado. Ele era enorme, tinha quase dois metros, cabelos cheios, ondulados e pretos, e olhos também pretos. Tinha o perfil de uma estátua grega. Ele me pegou olhando para seu tronco, e foi então que me dei conta. Ele sabia o meu nome!

“Você é um dos homens do...”

“Sou”, disse ele, puxando-me para o chão. Ele jogou um cobertor de lã grosso ao redor de meus ombros e acrescentou: “Agora que estamos aqui e você está segura, talvez devêssemos voltar para o plano. O que você acha? Você aceita o Passo?”

“Eu... acho que sim. Aceito.”

“De qualquer forma, eu ainda tenho que tirar a gente daqui. Sou mergulhador profissional e salva-vidas, só para o caso de você estar em dúvida.”

Ele colocou suas mãos firmes em meus ombros trêmulos e me conduziu até uma saleta menor, mais aconchegante do que qualquer outra que eu havia visto no iate, mas muito menos estável. As ondas batiam contra as vigias. Eu corri para um aquecedor num canto e usei o cobertor para juntar o ar quente em torno de mim. Olhei em volta, tentando manter o equilíbrio enquanto a tempestade jogava o barco de um lado para o outro. A sala era mal iluminada, com arandelas de luz a gás, paredes de carvalho e travesseiros acolchoados, espalhados em uma cama alta. Notei uma quitinete

esquisita, com um fogão à moda antiga e uma pia de cerâmica. Parecia o cantinho do capitão.

“Desculpe por eu ter entrado em pânico. Pensei que estivéssemos nos afastando da tempestade. De repente, eu estava bem no meio dela.” Comecei a fungar; os eventos da última meia hora, afinal, apoderavam-se de mim.

“Shhh... está tudo bem”, disse Jake. Ele rapidamente atravessou a sala e me tomou em seus braços. “Você está segura agora. Mas tenho que deixá-la aqui para nos levar para longe do furacão.”

“Furacão!”

“A princípio era uma tempestade tropical. Mudou de repente. Espere aqui. E tire essas roupas molhadas. Não vai demorar muito até atingirmos uma distância segura”, disse ele, deixando seu torso musculoso aparente através da camiseta branca encharcada. Esse homem era perfeito, do tipo que aparece nas fotos em capas de livros super-românticos. E, embora eu não quisesse ficar sozinha novamente, ele tinha uma autoridade na voz que era difícil de ignorar.

“Entre debaixo dessas cobertas e se aqueça. Já venho me juntar a você.”

Ele ia saindo, mas deu meia-volta e veio até onde eu estava em pé, em frente ao aquecedor. Quando ele se inclinou para me beijar, quase ri de pensar em nós dois ali; eu, uma mulher nua sob um cobertor, sendo beijada por um deus gigante, sem camisa, com cachos molhados e os mais grossos cílios que eu já vira em um homem. Ele colocou seus lábios nos meus e pressionou, separando-os facilmente, sua língua quente forçando a entrada, no início de modo hesitante. Ele se dobrou sobre mim, sua mão enorme segurando minha cabeça como se ela tivesse o tamanho de um pêssego. Quando ele se afastou de mim, pude sentir que foi com relutância.

“Eu não vou demorar”, disse ele.

“Volte depressa.” Volte depressa? Eu poderia até ter dito aquilo com o sotaque mais sensual do Sul! Nós estávamos correndo perigo de verdade, e eu estava quase desmaiando como uma colegial.

Deixei cair o cobertor úmido no chão e olhei em volta da sala. Abri o armário da cozinha pequena e encontrei penduradas algumas camisetas azuis, batidas, de trabalho. Peguei minhas roupas molhadas e amarrei-as cuidadosamente em uma cadeira em frente ao aquecedor. Vesti uma das camisas de flanela. Era tão grande, ele era tão grande, que chegava até meus joelhos. Arrastei-me para cima da enorme cama, sentindo as ondas. A cada minuto que passava, as águas do golfo pareciam mais calmas e serenas. Pensei no piloto bonito e esperava que ele tivesse conseguido chegar à praia com segurança. Anotei mentalmente para pedir a Jake que verificasse isso para mim. Devia haver algum número, alguma central onde todos os membros e participantes podiam falar com alguém do S.E.G.R.E.D.O.

O som do motor parando me acordou de um cochilo. Eu não fazia ideia de quanto tempo dormira, mas as ondas haviam se acalmado consideravelmente. Dava para ouvir Jake caminhando acima de mim, pela plataforma e em direção aos degraus da cozinha do barco, onde eu esperava deitada na cama. E eu não era muito boa nessa experiência de esperar. Calma diante do caos não fazia meu estilo. Mas esta era, afinal, minha fantasia de resgate. Ao mesmo tempo que decidi que não gostava nem um pouco de ser resgatada, estava disposta a participar do restante.

“Oi”, disse ele, sorrindo de orelha a orelha ao me ver na cama.

“Oi.”

“Está tudo bem lá em cima. Estamos seguros e longe da tempestade. Você se importa se eu tirar o resto das minhas roupas molhadas?”

“Não me importo”, eu disse, descansando de volta sobre os travesseiros. Se ele ia me salvar, eu faria parte da brincadeira. “Então, estou segura agora?”

“Você nunca esteve em perigo”, disse ele, livrando-se de seu jeans molhado. Esse comentário estourou minha bolha de fantasia e me fez cambalear na realidade.

“Você está brincando? Eu caí de um barco no golfo, durante um furacão!”

Ele era tão alto que precisava se abaixar no compartimento para chegar até a cama.

“Sim, você caiu, Cassie, mas sou treinado para salvar vidas. E a sua nunca correu grande perigo. Posso garantir.”

Ele era tão liso ao toque, da cabeça aos pés, que parecia mármore. “Mas, mas e se... algo acontecesse comigo?”

“Foi uma tempestade tropical que se transformou em um furacão muito rapidamente. Ninguém sabia que aquilo ia acontecer, nem mesmo o serviço meteorológico.”

Eu tinha que admitir, havia algo de emocionante em sobreviver a um acidente. Você se sente vivo da forma mais visceral; suas veias pulsam, você consegue perceber a pele respirar. Você se sente muito frágil e humana, e, ao mesmo tempo, quase imortal. Jake timidamente se aproximou da cama. Senti o cheiro da água salgada em sua pele e outro perfume sob ele, algo aveludado e obscuro.

“Você ainda aceita o Passo?”, perguntou ele, seus olhos negros em mim, com as mãos empurrando seu cabelo molhado para trás de um modo que me lembrou de Will.

“Eu... acho que sim”, respondi, com o queixo por cima do cobertor como uma criança insolente. “Mas não sei se consigo me sentir sensual e apavorada ao mesmo tempo.”

“Deixe que eu a ajudo”, disse ele, levantando um punhado de meu cobertor com uma das mãos.

Afastou o cobertor de meus ombros e o aninhou em volta da minha cintura. Ele me lançou um longo olhar, então me puxou para mais perto dele, inclinando a cabeça para cima e colocando seus lábios salgados sobre os meus. Ele agigantou-se sobre mim, fazendo-me sentir segura novamente, protegida. Disse-me várias vezes que eu estava bem, que ia ficar bem, empurrou devagar o cobertor da minha cintura em direção ao chão e me jogou de volta na cama. Senti meu cabelo úmido se espalhar em torno dos meus ombros, e a pele dele, aquela extensão de suavidade deliciosa, passou a conhecer cada centímetro de minha carne. Fechei os olhos e deixei minha teimosia derreter. Aspirei o cheiro: era o oceano.

“Eu vou cuidar muito bem de você, sabe disso.”

Balancei a cabeça, atordoada demais para falar. Aquele era o tipo de homem que eu nunca tinha visto nem experimentado. Ele me fez sentir relaxada, pequena e delicada, de um modo que nunca me sentira. Em minha constante autossuficiência, eu havia me esquecido que é possível ter um homem que me proteja, que seja minha âncora. Juro por Deus que tremi quando o vi passar para o pé da cama, enredando gentilmente suas mãos enormes em torno de meus tornozelos, levantando um pé sobre seu rosto, e em seguida passando a língua ao longo daquela curva delicada, beijando a ponta dos meus dedos, e depois colocando-os na boca. Eu não consegui evitar umas risadinhas. Relaxei as costas sobre os cotovelos, enquanto ele deslizava as mãos pela extensão de minhas panturrilhas, das coxas, e então ele parou seu olhar em meu rosto, devorando-me com os olhos. Ele se ajoelhou na cama, deitando minhas pernas uma de cada lado dele, e abriu-as diante de seu rosto incrível. Ele arrastou suas mãos ao longo de minhas coxas, que estremeciam (sim, elas tremiam mesmo!). Ele me tateou com os polegares, sem que chegasse a me tocar lá, então passou ao meu tronco e aos meus seios. Arqueei para a frente, sedenta por ele, de um modo que dizia: Agora, por favor! E ainda assim ele continuou a me provocar com a língua, me despertando rápida e completamente. Vê? Vê o que você está fazendo comigo?, eu queria dizer. Mas estava sem palavras. Ai, Deus, eu nunca tinha estado com um homem tão impressionante, tão forte. Ele era uma obra de arte.

“Você me quer dentro de você, Cassie?”, perguntou, apoiado no cotovelo, a mão livre acariciando meu peito.

Se eu queria?

“Huumm... sim.”

“Diga, então. Diga que você me quer.”

“Eu... quero você”, disse, com uma urgência que me deixava à beira das lágrimas.

Ele arrastou uma das mãos dos meus seios até minha barriga e enfiou o dedo dentro de mim. “Você quer mesmo que eu...”, disse ele, com um sorriso cruel cruzando os lábios.

Quase fiz uma piada sobre me lançar ao mar, mas tirei-a logo da cabeça. Seu rosto veio para o meu, e seu beijo era cheio de vigor e

fogo. Eu o beijei de volta com a mesma força. Era diferente do beijo de Jesse, ou de qualquer beijo que eu já havia experimentado. Este me consumia por inteiro. Beijei-o como se minha vida dependesse daquilo. Então, ele pôs a mão debaixo de um travesseiro e apanhou um preservativo, parando de me beijar apenas por tempo suficiente para rasgar a embalagem com os dentes. Ele a colocou com facilidade e guiou seu pênis para mim.

“Você nunca vai ter medo de novo, Cassie”, disse ele.

Eu me ergui para ele e, a seguir, com os olhos fechados, saboreei a sensação dele. Quanto tempo se passara desde que um homem havia me penetrado? Alguma vez eu já fora tomada de forma tão suntuosa, tão completa? Nunca. Meu desejo era tão intenso que parecia minha primeira vez.

Ele empurrava seu pênis para dentro de mim, mais e mais profundamente, parando a cada centímetro para que eu pudesse envolvê-lo, respirar com ele dentro de mim, e então começava a se mover sobre mim, primeiro devagar e depois mais rápido, de forma rítmica, suave. Não consegui evitar, soltei suspiros. Seus braços estavam sob meu corpo, me puxando para que ele pudesse se mover mais profundamente dentro de mim. Eu não conseguia acreditar em quão molhada estava. Minhas coxas agora estavam enroladas nas costas dele, seus músculos dos braços estavam tensos e soltavam espasmos.

“Cassie, isto é incrível”, disse ele, antes de me virar e fazer com que eu escorregasse por cima dele. Suas mãos encontraram minha cintura, e ele a segurou e me levantou, até que encontramos nosso ritmo novamente. Então, ele pôs seu dedo em meu clitóris, despertando outra parte de mim.

“Eu poderia fazer isso com você para sempre”, disse ele.

Mas era demais para suportar. Joguei a cabeça para trás, com as mãos sobre o peito. Ele estava tão profundamente dentro de mim que parecia ser parte do meu corpo; enquanto se movia para dentro e para fora, algo se acendeu em mim quando ele tocou em um ponto, o mais doce ponto que eu tinha.

O prazer veio até a superfície, tirando meu eu do caminho, para que somente o prazer pudesse assumir. “Meu bem, você vai me fazer gozar.” As palavras escaparam da minha boca.

Ele empurrou o pênis para dentro, atingindo aquele ponto dentro de mim, até que eu não tivesse outra escolha senão me abandonar. Foi como uma onda, por dentro e por fora. Eu o montei com força e, no momento em que o senti tenso, soltei um gemido baixo e profundo. Eu não me importava mais com a queda, com o perigo, com o lugar onde eu estava, com o que acontecia lá fora no mar. Só me importava com o que estava acontecendo ali naquela cama, naquele barco, com aquele deus grego que me arrancou da água e sobre quem eu estava sentada de pernas abertas, em uma cama alta e macia.

Momentos depois, caí sobre seu peito. Senti-o recuar, até que ele gentilmente saiu de mim. E ali estava ele, preguiçosamente acariciando minhas costas, correndo os dedos por meus cabelos úmidos e resmungando de vez em quando “Incrível!”.

Naquela noite, deitada em minha cama, com meu diário no colo e Dixie no travesseiro a meu lado, eu ainda sentia alguma vertigem do barco. O Hotel das Solteironas parecia balançar suavemente de um lado para o outro.

Tentei colocar em palavras por que aquela aventura no mar havia sido tão transformadora. Teria sido o passeio emocionante até o iate, o fato de ter sobrevivido à queda no mar ou o sexo no barco de resgate com um homem que fizera tudo tão lindamente? Teria sido ir ao convés com ele para saborear chocolate quente e assistir ao pôr do sol, tão vívido depois da tempestade? Teria sido quando ele depositou o talismã do Quinto Passo em minha mão, com Destemor gravado na parte de trás? Sim, eram todos esses momentos e muito mais. Lembrei-me de Matilda me dizendo que o medo não pode ser liberado sem nossa permissão. Como nós mesmos o geramos, apenas nós podemos abandoná-lo. E foi exatamente isso o que eu havia feito. Havia medo. Eu senti medo. E o deixei ir embora.



Capítulo 9

Poucas semanas depois de quase ter me afogado no golfo e da sessão incrível no rebocador, um inédito destemor se manifestou em mim. Comecei sutilmente a resistir ao bullying de Tracina no trabalho. Eu não o fazia por crueldade, mas, quando ela se atrasava, eu deixava meu turno na hora certa, em vez de ficar esperando solícita até que ela chegasse. Decidi que preencher a lacuna do horário era problema de Will, e repreendê-la também, não meu. Comecei a usar meu cabelo em um rabo de cavalo baixo, que mostrava meus novos reflexos louros. Eu pegara o dinheiro do seguro que havia recebido quando Scott morreu e comprei roupas novas, um luxo que nunca me permitira antes. Comprei algumas calças pretas apertadas e camisetas de gola em V com brilho. Afinal, tive coragem de entrar na Trashy Diva, uma loja de roupas e lingerie retrô no Bairro Francês que Tracina frequentava. Comprei alguns sutiãs bonitos e tangas que combinavam com eles, e uma camisola sensual para dormir. Nada muito ousado, mas foi um passo acima da minha mesmice de algodão. Eu não estava sendo irresponsável com o dinheiro. Queria apenas que meu exterior refletisse a vivacidade que eu começava a sentir por dentro. Minhas corridas depois do trabalho tornaram-se mais regulares, e passei a fazer o circuito de três quilômetros em torno do Bairro Francês. Vi partes da cidade que sempre havia ignorado, porque vivia presa em minha própria rotina. Até me ofereci para ser voluntária na barraca do Café durante o baile à fantasia com o intuito de arrecadar fundos para a Sociedade de Revitalização de New Orleans, embora Will tenha recusado minha oferta de imediato. “Já não temos trabalho o suficiente com a reforma do Café?”

Era verdade que o Café passava por um renascimento muito lento e, por isso, consumia muito do tempo livre de Will, para desgosto de Tracina. Começara com a pintura do interior e a compra de novos aparelhos de aço inoxidável. Seu grande plano era abrir o segundo andar para jantares e música, mas, depois de ter instalado

um pequeno banheiro perto do hall da escada, a prefeitura paralisou as licenças. Ele jogou um colchão no chão, e, se não dormia na casa de Tracina, era ali que eu às vezes o encontrava, planejando, ruminando ou simplesmente fazendo beicinho. Por enquanto, ele tinha que se contentar em transportar para o lixo a sucata que costumava ficar lá em cima desde que o estabelecimento fora uma franquia de café PJ.

“O altruísmo é ótima publicidade, Will”, eu disse. “Dar é bom para a alma.” Tive um flashback da cena do mês anterior na cozinha da Mansão, quando aprendi os benefícios inerentes à doação. Houve tantas mudanças em tão pouco tempo!

Ao me oferecer como voluntária na barraquinha, pela primeira vez na vida eu me atirava em um dos passatempos mais populares de New Orleans: participar das coisas. Nunca havia pensado na possibilidade de entrar em clubes ou participar de grupos ou instituições de caridade, ou qualquer coisa do gênero. E, embora ler as páginas sobre celebridades no jornal não me fizesse desejar dinheiro ou prestígio, tinha a sensação de que existia todo um mundo lá fora, no qual a comunidade importava e a camaradagem e a folia poderiam ser divertidas. Eu vivia na cidade havia quase seis anos. Certa vez, um dos frequentadores do Café me disse que New Orleans “chama você às sete”. Eu começava a entender o que ele queria dizer com aquilo. Aquele lugar finalmente era parecido com uma casa para mim. Conteí isso a Matilda, quando a encontrei em um de nossos papos pós-Passo no Tracey’s.

“Leva-se sete anos para se construir uma casa”, disse Matilda. Ela mesma fora transferida havia décadas, embora fosse do Sul. Ela ofereceu as mais profundas desculpas pelo transbordamento do iate e o pavor que causara. “Aquilo não fazia parte do cenário. Nós iríamos fingir que o motor havia morrido, no momento em que Jake deveria encontrá-la, sem imaginar que, de fato, aconteceria uma falha. Muito menos durante uma tempestade tropical!”

“Tempestade tropical? Foi um furacão, Matilda”, disse eu, as sobancelhas para cima.

“Sinto muito. Mas você mereceu esse talismã do Quinto Passo”, disse ela, apontando para minha pulseira lindamente desarrumada. Segurei o ouro pálido contra a luz e vi os talismãs cintilando. Ao

mesmo tempo que adorava colecioná-los, desejava constância em minha vida. Tinha começado a imaginar como seria ter um homem, um homem dedicado apenas a mim. Por mais que as fantasias estivessem mudando minha vida e a maneira como me sentia comigo mesma, eu sentia um vazio. Não quis mencionar isso a Matilda. Eu ainda tinha quatro fantasias por vir, e sabia que ela iria insistir que eu as encarasse, em vez de me meter apressadamente em um relacionamento antes de estar pronta, se é que algum dia eu estaria pronta. Mas, então, minha breve passagem pelo S.E.G.R.E.D.O. teria terminado. Será que eu gostaria de me tornar parte do S.E.G.R.E.D.O., ou queria ter minhas próprias experiências e encontrar alguém especial para construir uma vida juntos? Eu estava pronta? E quem iria me querer? Eu tinha muitas perguntas a fazer a Matilda.

“Você está passando por uma exploração”, disse ela enquanto tomávamos drinques no Tracey’s. “Quem você é como pessoa, quais são seus gostos e desgostos — eles vêm em primeiro lugar. Em seguida, seu parceiro. Você entendeu?”

“Mas e se eu contar ao próximo homem que falo sério a respeito de eu ter sido membro do S.E.G.R.E.D.O., e ele ficar doido com isso?”

“Então, ele não será o homem certo para você”, disse ela, dando de ombros. “Qualquer homem que se deixar contrariar pelo fato de uma mulher solteira e saudável ter feito sexo com outros adultos, com consentimento mútuo, com alegria e com segurança íntima, não vale o seu tempo, Cassie. Além disso, você não deve a cada novo amante um inventário completo de seu comportamento sexual passado, em especial se ele não o afetar em nada. Principalmente se esse homem se beneficiar dele!”

Voltei a olhar para minha pulseira. Eu não a usava todos os dias, mas, quando estava com ela, sentia como se estivesse impregnada por algo especial. Talvez tivesse a ver com as palavras estampadas nos talismãs: Coragem, Rendição, Fé, Generosidadee, agora, Destemor. Até então, além do comentário de Will no leilão, ninguém no Café havia mencionado aquilo. Nem mesmo Tracina, que se portava como uma gralha quando via coisas brilhantes.

“Essas palavras significam realmente algo para mim”, eu disse a Matilda. Fiquei surpresa por ter dito aquilo em voz alta.

“Esse é o paradoxo, Cassie, que espero que você esteja aprendendo a abraçar. Em alguns aspectos, um momento de felicidade não significa nada. Mas se você puder deixá-lo acontecer e depois conseguir abandoná-lo, ele pode passar a significar tudo.”

Eu conhecera homens que não admitiam ficar com apenas uma mulher, que morreriam pela oportunidade de experimentar todas as suas fantasias sexuais, sem compromissos, com várias mulheres recrutadas para esse fim específico. Não que eu não fosse grata a Matilda e ao S.E.G.R.E.D.O., mas o desejo de me ligar a alguém, de atrair uma pessoa especial para perto de mim, tornava-se cada vez mais difícil de resistir. Por que eu rejeitara Will anos atrás? Eu sempre o achei atraente. Incrivelmente atraente. Mas, naquela época, senti que, se ele se aproximasse de mim, me veria como eu de fato era — chata, medrosa, indigna de ser amada. Agora, pela primeira vez, eu começava a acreditar que não era nenhuma dessas coisas. Estava recolhendo informações sobre mim mesma, alimentava a crença de que poderia ser digna de um homem como Will. Infelizmente, isso acontecia no momento exato em que ele passava a ter um relacionamento mais sério com Tracina.

Eu ainda ansiava por ver Will no trabalho. E me sentia animada ao ouvir seu caminhão estacionar, ficando nervosa quando estávamos sozinhos no escritório. Com os planos para montar o estande de doações do Café Rose no baile da Sociedade de Revitalização de New Orleans, passávamos mais tempo juntos do que nunca, para projetar os banners. Mais tempo do que ele passava com Tracina.

Na noite antes do baile, Tracina me recrutou para ajudá-la a dar uma mãozinha com a fantasia de Will. Ela não sabia costurar, mas sabia mandar em mim enquanto eu costurava. O tema do baile daquele ano era “Faz de Conta”, e os convidados se vestiriam como seus personagens favoritos de ficção ou de contos de fadas. Depois do jantar, os solteiros mais cobiçados da cidade seriam leiloados a quem fizesse as apostas mais altas, e os vencedores ganhariam uma dança com seus “prêmios”. Tracina havia colocado tanto Will quanto ela a leilão. Ela podia não ter posição social, mas era um estouro e provavelmente levantaria uma boa soma. E Will, apesar de ser o proprietário de um

café bastante pequeno, vinha de uma das famílias mais antigas do estado da Louisiana. Ainda assim, era um participante relutante.

“Vamos lá, Will! Vai ser divertido”, disse Tracina. “E é por caridade.”

Eu segurava uma porção de alfinetes na boca e trabalhava na bainha da calça dele. Will iria de Huckleberry Finn, com calça curta, suspensórios, chapéu de palha e uma vara de pesca. Tracina iria de Sininho, com tutu branco, asas e uma varinha. Vestir-se como uma fada irritante parecia a escolha perfeita para ela, pensei, enquanto a observava pavonear-se pela cozinha. Ela segurava a varinha, tocava em todos na cabeça com aquilo.

“Dell, tenho a honra de lhe conceder um desejo”, disse ela, tocando-lhe a cabeça com a varinha.

“Se você me cutucar com essa coisa de novo, vou parti-la ao meio e enfiá-la na sua bunda.”

Tracina fez cara nhe-nhe-nhem para Dell e, em seguida, apontou a varinha para mim, como uma pistola imaginária.

“Bang! Escute, não posso trabalhar no estande com você, Cassie. Eu vou dançar! E é melhor você dançar também.”

“Não estou indo para me divertir. Vou para ajudar.”

“Vamos lá, é um baile! Quando é que você sai de casa? De qualquer forma, você vai se vestir de quê?”

“Nada”, eu disse. “Meu turno termina quando o jantar for servido. E, se você não assumir a barraca, vou ter que encontrar alguém que o faça.”

“Eu vou ajudar”, Will se ofereceu.

“Mas você é meu par”, Tracina lamentou. “Nós mandamos a Dell ficar lá. Mas você tem que vestir uma fantasia, Cassie, e eu sei qual seria perfeita. Cinderela!”

Pensar em mim metida em um vestido de baile era risível, e, quando eu disse isso, Tracina também riu.

“Não, eu quis dizer Cinderela antes do baile! Quando ela era uma empregada que fazia tudo, de costura a limpeza, enquanto suas irmãs más se divertiam. É perfeito para você!”

Eu não tinha certeza se Tracina estava me insultando ou se ela tentava apenas ser engraçada. Will estava sem camisa, inclinado sobre mim, e segurava sua calça larga com uma das mãos, parecendo-se bastante com a estátua de Davi. Ele não era um rato de academia, mas tinha o abdome impressionantemente trabalhado e os braços musculosos. Eu me esforçava para não olhar.

“Cassie, por que você está fazendo o papel de ‘Senhora-que-não-quer-participar?’”, perguntou ele. “Isto não é muito legal de sua parte para com a comunidade.”

“Eu acho que ainda estou aperfeiçoando minha cidadania.”

Tracina advertiu Will de que queria ter uma dança com o convidado de honra, Pierre Castille, o bilionário dono de vários acres de uma propriedade ao longo do lago Pontchartrain, que pertencia à família dele havia gerações. Era um homem discreto, que tinha a reputação de entrar sem alarde e sair pela porta dos fundos em todas as festas.

Fazia quatro anos que Kay Ladoucer, uma decana local e o membro mais conservador do conselho da cidade, presidia o baile. Ela havia conseguido que Pierre aparecesse durante o baile deste ano. Will não era grande fã de Kay. Ele tivera um desentendimento com ela durante sua tentativa de expandir o restaurante no andar superior. Kay argumentara que, até que reformasse a parte elétrica do edifício inteiro, ele não poderia expandir. Mas Will não podia se dar ao luxo de fazer aquilo, a menos que fosse autorizado a expandir. Então, houve um impasse sobre as devidas autorizações, apesar de metade dos lugares na rua Frenchmen ter fiação antiga.

Se a tática de Tracina incomodava Will, ele se esforçava para não o demonstrar. Além disso, a presença de Pierre Castille não era dada como certa. Em uma das reuniões de organização, ouvi Kay reclamar que ele se recusava a dizer a que horas chegaria exatamente e que nem iria permitir que os promotores do baile mencionassem sua presença, tampouco que compareceria ao leilão ou se comprometeria a participar da refeição.

Will me encarou, parecendo tão miserável como eu nunca o vira. Dei a ele um encolher de ombros simpático e puxei mais um centímetro da bainha para cima, lembrando-me de que Will era o

homem de outra mulher, independentemente de Tracina se sentir ou não tão envolvida por ele quanto ele por ela, algo que eu começava a questionar. Nas últimas semanas, ela desaparecia e ficava inacessível durante horas, e eu conhecia Will bem o suficiente para senti-lo exalar ciúme.

“É provável que tenha levado o irmão a uma consulta”, disse ele, esticando o pescoço, observando os pontos de estacionamento em frente ao Café e esperando que ela parasse ali. “Ou talvez esteja fazendo compras. Ela está sempre na correria para fazer compras.”

Eu sorria e assentia com a cabeça, cuidando para não o contrariar, achando fascinante o modo como mentimos para nós mesmos quando não queremos enxergar a verdade. Eu fizera o mesmo por anos com Scott. Mas um dos muitos presentes que o S.E.G.R.E.D.O. me dera foi que minhas experiências estavam me ensinando a parar de mentir para mim mesma. No meio da cozinha, enquanto eu fazia a bainha da calça de Will, seus olhos encontraram os meus por um pouco mais de tempo do que o habitual. Eu disse a mim mesma que aquilo não significava nada. Quando ele se ofereceu para me levar em casa mais tarde, lembrei-me de que meu apartamento estava no caminho da casa dele.

Mas quando ele parou o caminhão enquanto esperava que eu entrasse com segurança no Hotel das Solteironas e divertidamente me mandou um beijo da cabine do motorista, me perguntei se estava mentindo para mim mesma de novo.

A Sociedade de Revitalização de New Orleans era uma das mais antigas de seu tipo na cidade, remontando aos dias do pós-Guerra Civil. Naquela época foi usada com a intenção de arrecadar dinheiro para construir escolas nos bairros onde os escravos libertos começavam a se estabelecer. Depois da devastação do furacão Katrina, a Sociedade reconstruiu escolas em bairros desfavorecidos, porque esperar que o governo o fizesse significava esperar para sempre. O fato de eu me apresentar como voluntária para a Sociedade era parte da minha tentativa de estabelecer esta cidade como minha casa e fazer amigos para além do Café e seus arredores. Meu trabalho naquela noite era tomar conta da barraca de doações, coletar cheques e passar cartões de crédito. Nenhum traje especial e nenhuma dança estavam reservados para mim. Eu queria levar

aquele evento a sério. Em troca do meu tempo dedicado ao baile, Kay nos permitiu pendurar um banner do Café Rose na toalha da mesa.

Este ano, o baile seria realizado no Museu de Artes de New Orleans, um de meus edifícios favoritos na cidade. Eu amava suas quatro colunas de fachada grega e seu foyer quadrado de mármore, rodeado por todos os lados por uma varanda alta. Costumava vagar por suas salas quando ainda estava casada com Scott e as coisas estavam tensas entre nós. Eu visitava a “Garota de Verdec”, de Degas, porque ela parecia triste, de costas, preocupada com o passado ou com medo do futuro. Ou talvez eu só estivesse projetando algo da minha vida. Eu tinha uma hora para montar o estande e pegar um resumo com Kay. Encontrei-a vestida como a Rainha Vermelha, de Alice no país das maravilhas, gritando no meio do foyer de mármore branco.

“Movam a escada!”

Dois jovens tentavam prender flocos de neve gigantes e brilhantes no teto. Kay não era uma grande fã daquilo.

“Não sei o que flocos de neve têm a ver com o tema ‘Faz de Conta’, mas o que mais podemos prender no teto? Fadas?”

Uma imagem de Tracina pendurada por um fio trouxe um sorriso ao meu rosto, interrompido apenas por Kay me olhando por cima de seus óculos de leitura.

“Onde você vai montar a barraca? Não aqui, espero!”

“Acho que ali”, eu disse, apontando para uma área perto do fundo da sala.

“Não! Eu não quero que as pessoas confundam o nosso belo jantar com uma arapuca de dinheiro sujo! Perto do vestiário, por favor. E onde estão suas ferramentas?”

“Ferramentas? Eu não sabia que...”

Kay bufou, exasperada. “Vou chamar dois sujeitos da manutenção para ajudar.”

Quando Tracina chegou, totalmente empertigada em seu tutu branco e com sua tiara, o estande já estava instalado e

funcionando, e eu, escondida confortavelmente atrás de sua saia de tecido elevada.

“Onde está Will?”, perguntei, procurando soar tão casual quanto possível.

“Estacionando o caminhão. Vou pegar um drinque. Você quer um?”

“Eu estou bem, obrigada.”

Os primeiros convidados começaram a chegar. Vi uma Branca de Neve, diversas Scarletts e um Rhett Butler [de ...E o vento levou], dois Dráculas, um Ali Babá e um Harry Potter. Havia ainda uma Dorothy [de O mágico de Oz], um Chapeleiro Louco, um pirata Barba Negra e um Barba Azul, o aristocrata assassino. Olhei para minha saia rodada e a blusa lisa. Talvez devesse ter me empenhado um pouco mais para a ocasião. Será que eu realmente precisava usar um avental de garçonne? Mas havia a questão de ter que guardar canetas e boletos de cartão de crédito. E eu não estava ali para encontrar homens. Estava ali para trabalhar para uma instituição de caridade. No momento em que apoiava o segundo banner do Café Rose na parte de trás do estande, ouvi: “Cassie, aqui!”. Uma mulher bonita em um traje de Scheherazade acenou para mim do meio da multidão que se formava perto do estande. Era Amani, a pequena médica indiana que se sentara ao meu lado no meu primeiro dia na sede do S.E.G.R.E.D.O. Ela estava magnífica, envolta em camadas de lenços vermelho e cor-de-rosa, que acentuavam as qualidades de um corpo de quase sessenta anos com curvas formidáveis e presença marcante. Eram seus olhos, porém, que se destacavam — cintilavam com malícia e estavam maquiados com linhas pretas, emoldurados por um véu vermelho-vivo.

“O que você está fazendo aqui?”, perguntei. Era estranho ver alguém do S.E.G.R.E.D.O. solto na comunidade.

“Acredite ou não, nosso pequeno grupo é muito generoso em suas doações a essa causa todos os anos, mas não sob o nosso nome. Tome aqui”, disse ela, empurrando um envelope para mim. Agradei-lhe a doação. “Matilda está a caminho. Você não vai conseguir deixar de notá-la. Ela está vestida como fada madrinha. Naturalmente.”

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Kay estava ao meu lado, observando enquanto convidados após convidados deixavam cair um envelope na caixa sobre a mesa.

“Doutora Lakshmi”, disse Kay, oferecendo a mão. “Você está absolutamente deslumbrante.”

“Obrigada, Kay”, disse Amani, fazendo uma ligeira reverência. “Vejo você em breve, Cassie, espero.”

Kay não perguntou como eu chegara ao tratamento pelo primeiro nome com um membro estimado da comunidade.

“O leilão ainda não começou, e parece que vamos alcançar a nossa cota”, comentou ela.

“Assim espero.”

O jantar teve seis extravagantes pratos de especialidades locais: lagosta étouffée e grits com trufas e conhaque. Filé-mignon com caranguejo ao béarnaise. A sobremesa foi um pudim de pão encorpado, coberto com crème fraîche e flocos. Quando os pratos foram retirados, era a minha deixa para sair. Mas eu estava curiosa sobre o leilão, curiosa para ver quem iria ganhar Will.

“Ok, é hora de começar as apostas!”, disse Kay, correndo para a frente da sala. “Não podemos continuar esperando por ele.” Ela se referia a Pierre Castille. Tracina não era a única mulher com esperança de passar algum tempo ao lado dele.

Vi como as concorrentes do sexo feminino se reuniram mais perto do palco, onde Kay juntara os homens para o leilão. Além de Will, o leilão de solteiros incluía o nosso muito jovem senador do Estado, por quem eu teria cultivado uma paixão, fosse ele democrata. Havia o juiz municipal, que já envelhecia, mas ainda era bonito, e que passou a correr maratonas depois que sua mulher morreria, ganhando a simpatia e os olhos de toda e cada mulher solteira acima dos cinquenta. E um ator afro-americano atraente de um programa de TV que fora filmado em New Orleans. Era plausível pensar que o ator gostoso levantaria o maior lance, mas o juiz foi leiloado por 12,5 mil dólares para a presidente da Sociedade Histórica de Garden District. O ator marcou um distante segundo lugar, levantando 8 mil dólares.

Ao observar a diversão estridente e a energia obscena dos leilões por detrás da barraca, comecei a me sentir meio enalhada novamente. Por que eu sempre deveria só observar a vida acontecer, em vez de ser uma participante integral? Quando iria aprender?

“E nosso último solteirão”, Kay anunciou, “é Will Foret, o proprietário, de segunda geração, do estimado Café Rose, um dos melhores na Frenchmen. Ele tem trinta e sete anos, senhoras, e é solteiro. Quem vai iniciar as apostas?”

Will parecia mortificado, mas, ainda assim, sensual em seu traje de Huck Finn, com a vara de pesca e a calça larga presa por suspensórios. O salão parecia concordar. Quando a aposta esquentou, Tracina começou a entrar em pânico. Assim que a contagem chegou a 15 mil dólares, Tracina pegou o microfone da mão de Kay.

“Este homem não é realmente solteiro”, disse ela. “Estamos namorando há mais de três anos e pensamos em morar juntos.” Ela havia bebido muito champanhe, e se eu ainda achava que Will não poderia ficar mais envergonhado, estava errada. Ele agora estava vermelho-escuro.

Finalmente, uma mulher idosa com uma tiara manchada fez a oferta vencedora de 22 mil dólares, para a qual Kay emitiu um sonoro “Vendido!”. Will, o maior preço de solteiro da noite, foi escoltado até sua compradora, que o aguardava.

“Isso encerra o leilão dos homens”, disse Kay com uma batida de martelo. “Mas, por favor, peguem mais bebidas. O leilão das senhoras está próximo, e precisamos de mais 75 mil dólares, amigos. Portanto, não guardem ainda seus talões de cheque!”

Nesse momento um silêncio caiu sobre a sala. Dois seguranças entraram no salão de baile, abrindo caminho por um mar de gente. Eles eram seguidos por um homem alto, vestindo um smoking bem cortado, gravata-borboleta preta, camisa preta e óculos de aviador com lentes azul-claras. Trazia um capacete de moto debaixo do braço, que rapidamente entregou a um dos seguranças em pé ao lado dele. Ele retirou os óculos e cruzou-os no bolso.

“Desculpe, estou atrasado”, anunciou ele. “Não conseguia encontrar nada para vestir.”

Era Pierre Castille, com os cabelos cor de areia ligeiramente despenteados pelo capacete. Ele cumprimentou um punhado de pessoas que se reuniram para dizer “olá”, incluindo Kay, claramente agitada, que chegou a deixar o microfone cair. Seu sorriso fácil o fazia se parecer menos com um herdeiro recluso do que com um roqueiro indie mais elegante. Quando se afastou de Kay e seguiu para minha barraca, meu coração disparou. Amaldiçoei Tracina por me abandonar. Olhei para baixo e me ocupei com boletos de cartão de crédito, tentando não parecer chocada.

“É aqui que posso deixar minha doação?”

Quando olhei para cima, ele estava encostado com uma das mãos no estande. Não parecia totalmente desconfortável no smoking, o que era animador. Por um segundo, esqueci como se falava.

“É... sim... você pode deixar um cheque na caixa, se quiser, ou posso passar o cartão de crédito.”

“Maravilha”, disse ele, mantendo o contato visual comigo pelo que parecia uma eternidade. Meu Deus, ele era sensual! “Qual é o seu nome?”

Olhei para trás, por cima do ombro, para me certificar de que ele estava falando comigo. A sala inteira assistia àquilo, inclusive Will, que se movia do meio da multidão até nós.

“Cassie. Cassie Robichaud.”

“Robichaux? Dos Robichaux de Mandeville?”

Eu já estava chocada ao ver Will no estande, oferecendo a mão para cumprimentar Pierre.

“Ela o soletra com um D do Norte, não com um X do Sul”, disse ele.

“Ora, se não é Will Foret, o Segundo. Quanto tempo faz? Quinze anos?”

Vi com assombro como meu Will apertou as mãos do Pierre Castille, Tracina empurrando a multidão para chegar até eles.

“Mais ou menos esse tempo, sim.”

“É bom ver você, Will”, disse ele. “Pena que nossos pais não estejam mais por aqui. Eles estariam felizes em ver isto.”

“Os seus, talvez”, disse Will, que derrubara seu chapéu de Huck. “Cassie, eu vejo você no trabalho amanhã.”

Eu o vi passar por Tracina e sair pela porta.

“Então, Cassie Robichaud, que não é de Mandeville. Onde estávamos?”

“Curiosamente, vivo na rua Mandeville, em Marigny, mas sou de Michigan. É um nome francês, por parte de pai. Não tenho certeza de suas origens...” Você está falando demais, Cassie!

“Certo. Vou parar no estande para fazer uma doação antes de sair”, disse ele, curvando-se ligeiramente.

Pessoas ricas e poderosas não me deslumbram com facilidade, mas aquele homem tinha carisma.

De repente, Tracina estava ansiosa para ser voluntária. “Vou assumir a partir daqui”, disse ela, esquivando-se atrás da barraca. “Will foi embora, então posso ficar e ajudar. Você pode ir para casa agora. Além disso, você não está de fantasia.”

“Você sabia que Will o conhecia?”, perguntei.

“Eles são amigos de infância.”

“Entendi. Ok, então. Huumm, acho que é hora de eu sair.”

“Sim, corra, bem rápido”, disse ela, sem olhar para mim, observando Pierre tomar um assento próximo à frente do salão.

O leilão de senhoras começaria em breve. Olhei para minha roupa. Tracina estava certa o tempo todo. Eu era apenas a empregada. Agora que os pratos já estavam lavados, era hora de partir. Caminhei pelo lobby, procurando por Will. Em vez dele, vi Matilda falando no celular e vindo em minha direção. Ela se despediu da pessoa com quem estava falando e fechou o telefone. Notei seu figurino, um vestido de sereia impressionante, coberto de lantejoulas cor de esmeralda, uma pequena coroa no alto da cabeça.

“Cassie! Espere! Aonde você vai?”

“Terminei meu turno no estande das doações. Estou indo para casa. Aliás, obrigada pela doação. Foi muito gen...”

“Não, você não está indo para casa”, disse ela, agarrando-me pelo braço, virando-me e fazendo-me marchar em direção a uma

porta onde se lia “Privado”. “Sei que mantivemos isto como um segredo muito bem guardado, mas esta noite é... é a sua noite especial, Cassie.”

“Hoje à noite?”, perguntei, levando um choque ao perceber que ela havia preparado uma fantasia para mim. “Mas eu estou vestindo...”

“Não se preocupe. A ajuda já está a caminho.”

Ela moveu um cartão por sobre um pequeno mecanismo de segurança branco na parede, e uma porta se abriu. Dentro, havia um camarim acolhedor, onde Amani e outra mulher que eu vagamente reconheci estavam refesteladas em cadeiras forradas de seda. Puseram-se em pé assim que entramos e demonstraram agitação no rosto. À esquerda delas, via-se uma penteadeira com um espelho emoldurado por lâmpadas e maquiagem cuidadosamente organizada sobre uma toalha branca. Pendurado em uma prateleira próxima havia um belo vestido rosa pálido, longo até o chão. Eu não era uma mulher chegada a fru-frus, mas aquele vestido de baile de cetim fez cócegas em algo há muito entranhado em meu DNA. Embaixo dele estava um deslumbrante par de sapatos de salto alto brilhante.

Matilda limpou a garganta.

“Nós explicaremos mais tarde, Cassie, mas, por enquanto, temos que prepará-la. Rápido. Está prestes a começar.”

“O que está prestes a começar?”

“Não importa”, disse ela.

Aquilo tudo fora feito para mim? O vestido, a maquiagem... Eu iria ficar em exposição, mas para quem e para quê?

“Você se lembra de Michelle? Da sede do S.E.G.R.E.D.O.? Ela é sua estilista.” Lembrei-me de seu rosto arredondado e angelical e do riso fácil. Estilista? Para que estava me metendo em uma roupa de estilista?

“Cassie, estou muito animada por você, mas temos que nos apressar. Lingerie primeiro. Tire tudo.”

Antes que eu tivesse a chance de reagir, Michelle me empurrou para trás de um biombo de bambu e jogou um sutiã de seda leve, uma tanga e meia-calça sete oitavos de tom pálido.

“Aposto que você imaginou que pássaros e borboletas apareceriam para ajudar você”, disse ela, rindo. Eu não tinha ideia do que ela queria dizer.

Uma vez que coloquei a lingerie, Michelle me deu um roupão e, em seguida, sentou-se comigo na frente do espelho. Ela reuniu meus longos cabelos em um coque baixo na nuca. Amani pintou minhas maçãs do rosto e meus lábios em tom cor-de-rosa luminoso e deu ao restante do rosto um brilho natural com um pincel grande. Depois de adicionar um toque de rímel, ela terminou.

“Hora do vestido”, disse Michelle, cuidadosamente retirando o vestido rosa, sob medida, do cabide e me empurrando outra vez para trás do biombo.

Durante todo o tempo, Matilda ia e vinha pela sala.

“Quanto tempo temos?”, perguntou Amani.

Quanto tempo temos para quê? Levantei o vestido pesado sobre os ombros e o senti deslizar facilmente pelo meu corpo e cair com perfeição em torno de meu quadril. Pedi ajuda com o zíper e, quando vislumbrei a mim mesma no espelho, fiquei sem palavras. O vestido era lindo em seu tom rosa pálido, como o forro de uma concha. Ele se encaixava tão confortavelmente na cintura que me dei conta de que eu realmente tinha uma. O brilho vinha apenas do cetim, e o vestido era sem alças e tinha decote em formato de coração, mostrando meus ombros e meus braços. A saia abria-se, como a de uma bailarina, com crinolina macia por baixo para manter sua estrutura armada.

“Você está... linda”, disse Matilda.

“Mas como vai ser isto? As pessoas me conhecem. A namorada do meu chefe ainda está aqui. A cidade inteira está aqui!”

“Confie em nós, Cassie. Vai dar tudo certo”, disse Matilda, olhando para o relógio.

Era bem verdade que algumas das outras fantasias haviam me tomado de surpresa, especialmente Jesse, mas isto era diferente. Era a primeira vez que eu estava cercada de pessoas que eu conhecia na vida real. Era emocionante e perigoso, e me enchia de ansiedade. Com gentileza, Michelle removeu uma tiara, um toque delicado de

prata e brilho, de um saquinho de veludo. Ela a ajeitou no topo de minha cabeça, emoldurando meu coque despenteado.

Matilda e eu nos olhamos no espelho.

“Impressionante, minha querida. Mas não se esqueça destes”, disse ela, entregando-me os sapatos de salto alto, brancos e brilhantes.

Deslizei os pés para dentro deles e ensaiei alguns passos sobre o salto, sentindo-me ridícula e ao mesmo tempo muito feliz. Sim, eu poderia dançar com aqueles sapatos; eu suspeitava que faria justamente isso depois do leilão, que, pelos meus cálculos, deveria ter início agora. Fiquei contente de ter perdido aquela parte.

“Está na hora!”, anunciou Matilda, levando-me por um braço e me puxando por todo o hall de entrada até o salão de baile.

“O quê? Para onde estamos indo? A dança não começou”, protestei.

Mas Matilda não estava escutando. Nós nos movíamos tão rapidamente que precisei colocar a mão sobre minha tiara para impedi-la de cair. Chegamos ao salão, e entrei atrás de Matilda, certificando-me de que ela estava me protegendo de ser vista. Quando olhei por cima de seu ombro, vi uma fileira de mulheres bonitas, cada uma tomando uma cadeira no palco. Entre elas estava uma atraente âncora de notícias local, uma modelo que parecia a jovem Naomi Campbell, uma atriz da mesma série de TV da qual um dos atores havia sido leiloado, uma violoncelista bonita e loura da orquestra sinfônica de New Orleans, duas belas irmãs italianas que tinham um dos melhores spas da cidade, algumas “filhas de”... e Tracina, que já estava mais do que tonta em seu tutu ligeiramente desajeitado.

“Há uma cadeira vazia”, Kay anunciou no microfone, colocando a mão por cima das sobranceiras para investigar o fundo da sala. “Mas talvez ela tenha ido embora.”

Por favor, me façam ficar invisível, rezei. Eu não posso atravessar o salão com este vestido, para ser leiloada diante de uma multidão. Eu iria fazer papel de boba.

“Ela não foi embora!”, gritou Matilda, empurrando-me para a frente.

“Lá está ela!”, sussurrou Kay. “É a senhorita Cassie Robichaud, uma de nossas adoráveis voluntárias. Ela não está encantadora?”

Matilda colocou as mãos sobre meus ombros encolhidos. Ela deve ter notado que eu havia morrido um pouco por dentro. E sussurrou em meu ouvido: “Lembre-se, Cassie, este é o Sexto Passo: Confiança. Isto você já tem dentro de você. Encontre-a. Agora”.

Com uma última cutucada, fui lançada para a multidão e caminhei lentamente, os olhares pesando sobre mim. Fiz a curva em torno das mesas, e minha saia esbarrava nas pernas das cadeiras e em minhas panturrilhas. Enquanto eu atravessava a pista de dança vazia e me dirigia ao palco, o vestido provocou alguns ooohs e suspiros. Mas o uivo de lobo que veio da varanda me fez rir um pouco. Aquilo havia sido para mim? Quando passei pela mesa de Pierre, tentei evitar um contato visual com ele. Subi os degraus e passei por Tracina, empoleirada em seu banquinho como um pássaro agitado.

“Você se torna mais e mais interessante quanto mais passo a conhecê-la”, sussurrou ela enquanto eu tomava meu lugar.

“Vamos começar?” Kay deu o lance com a âncora de notícias, que, depois de ferozes idas e vindas, saiu por 7,5 mil dólares, para o gerente-geral de um dos cassinos à beira-mar. A modelo, que havia feito tentativas agressivas para chamar a atenção de Pierre, foi abatida quando Mark “Tubarão” Allen, o Rei das Joias, que mantinha comerciais bregas tarde da noite na TV, gritou a quantia de 16 mil dólares para ganhar uma dança com ela. As irmãs foram leiloadas em pacote, e duas das debutantes atraíram lances de cinco dígitos. Tracina continuava ajeitando-se e envaidecendo-se, enquanto encarava Pierre em sua mesa perto do palco. Mas foi Carruthers Johnstone, um promotor excepcionalmente alto, de ombros largos, de Orleans Parish, que abriu e fechou o leilão de Tracina em 15 mil dólares, um inferno de soma que fez o salão entrar em polvorosa com uma salva de palmas.

Eu nunca atrairia tamanha quantia. Tracina tinha aquelas pernas longas e uma personalidade vivaz. Ela era engraçada e moderninha. Sabia como ganhar a simpatia de um salão. Sabia se defender. Mesmo vestida como fada, ela era sensual, assim que tirasse a roupa. Senti-me ainda mais humilhada enquanto o evento chegava perto de um final sem cerimônia.

“Estamos ainda aquém de nosso objetivo, mas temos mais uma solteira para o leilão. Cassie trabalha como garçonete no Café Rose, um de nossos estimados patrocinadores. Então, acho que vamos abrir o leilão em quinhentos dólares.”

Ai, Deus, ai, Deus, alguém tenha pena de mim e acabe com isto. Eu realmente pago de volta à pessoa que me der um lance baixo e me tirar deste pódio, pensei. Mas, quando a voz de um homem disse “Eu vou começar em cinco mil”, tive certeza de que ouvira mal. O holofote se virou em minha direção, e eu mal pude ver os rostos na multidão.

“Você quis dizer quinhentos dólares, senhor Castille?”, Kay perguntou.

Senhor Castille? Será que Pierre Castille havia acabado de lançar quinhentos dólares? Para mim?

“Não. Eu disse cinco mil, Kay. Eu gostaria de abrir em cinco mil dólares”, repetiu ele, dando um passo em direção ao palco e ao refletor, onde finalmente pude vê-lo. Seus olhos me encararam como se eu fosse um doce confeitado que ele nunca havia experimentado. Juntei as mãos em meu colo e, em seguida, cruzei as pernas, para depois descruzá-las.

“Isto é... é muito generoso, senhor Castille. Abrimos em cinco mil. Alguém disposto a dar lance maior?”

“Seis mil”, disse uma voz no fundo, uma voz que pertencia a... Will.

Ele voltou? Tracina se contorceu em seu banquinho e franziu os lábios brilhantes. O que Will estava pensando? Ele não tem esse dinheiro todo!

“Sete mil”, disse Pierre, olhando para Will. Eu me senti mal do estômago, depois me senti incrível. E fiquei enjoada novamente.

“Oito mil”, Will engasgou.

Tracina me lançou um olhar irritado e atirou o mesmo olhar para Will, que se dirigia à frente do salão, para ficar ao lado de Pierre. O que Will estava fazendo? Kay estava prestes a bater o martelo, para anunciar a vitória de Will, quando Pierre anunciou: “Dou cinquenta mil”. A multidão engasgou, espantada. “Será que essa quantia atinge a sua meta, Kay?”

Kay estava pasma. “Monsieur Castille, cinquenta mil dólares está bem além de nossa meta. Mais alguma aposta?”

O olhar de Will quase me fez chorar. Ele baixou a cabeça e deu o sorriso de um derrotado.

“E... vendida!”, gritou Kay, fechando o leilão com uma batida do martelo contra o palco. “Podem começar a dançar!”

A multidão logo passou a tagarelar e a levantar de seus assentos, caminhando até o espaço vazio em frente ao palco. Tracina saltou de seu banco e desapareceu em meio à multidão, para encontrar o homem que apostara nela. Pierre estava na beirada do palco com um sorriso desconcertante, e Will ao lado dele, sem jeito.

“Boa tentativa, velho amigo”, disse Pierre, dando uma batida um tanto forte nas costas de Will. “Agora que tenho um bom motivo, vou fazer questão de passar sempre pelo Café.”

“Faça isso”, disse ele. “Cassie, espero que você não... Ah, esqueça. Vou para casa.”

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Will desapareceu no meio da multidão.

“Você está deslumbrante, senhorita Robichaud”, disse Pierre. “Digna de um príncipe”, acrescentou enquanto tomava minha mão e me levava ao centro da pista de dança, com os guarda-costas nunca distantes demais dele.

Eu podia sentir a pergunta na mente de todos os que nos observavam: Quem é essa garota que conquistou Pierre Castille? E, mesmo quando outros casais foram se juntando à pista de dança, parecia que Pierre e eu éramos as únicas pessoas no salão inteiro. Ele me puxou para tão perto dele que eu podia sentir sua respiração

em meu pescoço. Quando a banda começou a tocar e ele deu os primeiros passos ao redor da pista, pensei que fosse desmaiar.

“Por que eu?”, perguntei. “Você pode ter qualquer garota que quiser.”

“Por que você? Você vai entender o motivo depois de aceitar o Passo”, disse ele, apertando-me ainda mais contra seu corpo.

Pierre Castille é membro do S.E.G.R.E.D.O.? “Eu... mas... você?”

“Cassie, você aceita?”

Levei quase um minuto para absorver o fato de que esse homem era um deles. Quem mais naquele salão fazia parte do S.E.G.R.E.D.O. ou sabia sobre ele? Kay? O promotor público? Uma ou duas debutantes? A sala girava com minha mente, até que a banda terminou a música com um floreado. Pierre me soltou e beijou a minha mão.

“Obrigado pela dança, senhorita Cassie Robichaud. Até a próxima.”

Eu queria gritar: Espere! Eu aceito o Passo! Mas eu o aceitara? E Will? Pierre se curvou profundamente e, em seguida, saiu da sala cercado por seus seguranças, deixando-me sozinha na pista de dança. Procurei por Matilda, Amani, qualquer pessoa, exceto Tracina, que foi justamente a primeira a chegar a mim.

“Então você é cheia de mistérios”, disse ela, com a mão na cintura da saia de tutu murcho.

“Onde está Will?”, perguntei, esticando o pescoço para tentar encontrá-lo.

“Foi embora.”

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, um segurança agarrou meu cotovelo. “Senhorita Robichaud, há um chamado urgente. Por favor, venha comigo”, disse ele, para meu espanto e de Tracina.

O guarda me guiou para fora do salão de baile, passando pelo saguão de mármore até uma limusine à espera — o tempo todo deixou seus olhos sobre mim. Minha cabeça girava. Que noite! Toda

a comunidade tinha me visto ser selecionada, escolhida, desejada. Era tudo tão inebriante e tão maravilhoso! Mas, para desfrutar o momento plenamente, precisava afastar da cabeça os pensamentos sobre Will.

Na limusine, encontrei um copo gelado de champanhe no descanso para o braço. Tomei um gole e me deixei afundar no assento de couro, enquanto o motorista dirigia o carro por uma rampa particular, onde surgiu um grupo de seguranças. Antes que eu pudesse piscar, Pierre saiu do meio deles e entrou secretamente na limusine. Foi tudo tão rápido que parecia algo instintivo para todos, exceto para mim.

“Vamos sair pela parte de trás, pela garagem”, instruiu.

O motorista assentiu e, em seguida, fechou a janela entre a frente e a parte de trás da limusine.

“Olá”, disse Pierre, agora de frente para mim, sorrindo e um pouco corado. “Funcionou tudo bem, acho.”

“Eu... sim, funcionou”, gaguejei, enquanto brincava com as dobras do vestido. Era realmente a roupa mais bonita que eu já tinha vestido, ou visto.

“Então, você aceita o Passo?”

Minha mente ainda estava embaralhada pelo fato de que o bilionário de Bayou era um membro do S.E.G.R.E.D.O. Tive um flash da noite de inauguração do Halo, quando o vi conversando com Kay Ladoucer no lobby. Fiquei um pouco vermelha, lembrando-me daquele incrível britânico e das coisas que ele fizera com as mãos. Será que Pierre participava de uma fantasia naquela noite?

“Cassie, as regras dizem que esta é a última vez que posso lhe perguntar: você aceita o Passo?”

Esperei um instante e depois assenti.

Seu beijo me tomou tão rapidamente que levei vários segundos para me recuperar. Uma vez recuperada, não tive nenhum problema em me igualar ao seu ardor. Ele me puxou para cima dele, beijando minha clavícula, meus ombros, meu pescoço, e seus braços me envolviam completamente. Pela janela da limusine, tive um breve vislumbre de Tracina de mãos dadas com o promotor. O quê? Não!

“Aquele é Carruthers Johnstone?”, perguntei a Pierre, ofegante.

Pierre se virou no momento exato em que o gigantesco homem apanhava Tracina no colo e a colocava em um carro, beijando-a profundamente.

“Sim. Ele é um tanto promíscuo, creio.”

“Ah, pobre Will”, murmurei em voz alta.

“Cassie.” Pierre segurou meu queixo, fazendo-me olhar diretamente para os olhos mais verdes e maliciosos que eu já vira. “Estou bem aqui. Temos que tirar você deste vestido. Agora.”

Eu não poderia, não queria pensar em Will. Não enquanto estivesse na parte de trás de uma limusine com um dos homens mais sensuais da cidade.

“E o motorista?”

“O vidro apenas reflete sua imagem do outro lado. Podemos vê-lo, mas ele não pode nos ver. Ninguém pode.”

Pierre chegou perto de mim, e eu senti o zíper delicado de meu vestido serpentear pelas minhas costas, o corpete se descolando de mim, deixando-me cercada por cetim cor-de-rosa e crinolina, como se fosse um cupcake derretendo no colo dele. Pierre começou a separar as dobras, agarrando um bom punhado de tecido e levantando a roupa inteira por cima de minha cabeça. Minha tiara ficou presa nas dobras, desfazendo meu coque. Por isso, quando eu já tirara o vestido e o jogara para o outro lado da limusine, estava toda bagunçada, corada, vestindo apenas um sutiã rendado sem alças, uma tanga de seda e sapatos de saltos brilhantes. Meu cabelo caía em cascata em torno de meus ombros nus.

“Inacreditável”, disse ele, apertando-me contra o banco em frente a ele. “Quero ver você inteira. Tire o resto, Cassie.”

Eu me sentia mais atrevida por causa do leilão, da dança, do champanhe, da privacidade daquela limusine em movimento rápido e da óbvia atração que ele tinha por mim, por isso tirei tudo. Desabotoei lentamente meu sutiã e o deixei cair. Então, preendi um dedo sob uma tira de minha tanga e a fiz deslizar até os tornozelos, sacudindo levemente o pé para removê-la. Recostei-me no banco e abri as pernas para ele, ainda usando salto alto. O que havia

acontecido com a tímida Cassie, incapaz de deixar o próprio quarto sem vestir um robe? Eu estava feito geleia naquele banco, minhas pernas fraquejavam e estremeciam. Mantínhamos tão profundamente os olhos nos olhos que pensei que seria impossível desviá-los.

“Sensacional!”, disse ele, esperando um segundo antes de saltar adiante e enterrar o rosto em meus seios, sua mão prendendo meu mamilo, sugando-o e lambendo-o lentamente e, em seguida, com urgência. Ele era, ele era, muito sensual. Lentamente, deslizou um dedo para dentro de mim. Minhas mãos correram entre seus cabelos macios, seus beijos indo e vindo entre meus seios, até que sua boca desceu sobre minha barriga trêmula. Meu Deus, aquilo era demais! Eu estremecia a cada beijo.

“Eu vou fazer você gritar, Cassie”, disse ele, antes de mergulhar sua língua dentro de mim, pousando-a naquele ponto delicado.

“Ah, Deus!” Foi tudo o que consegui dizer quando caí para trás sobre os cotovelos e me entreguei às sensações. Ele beijou minhas coxas, provocando-me, e, depois, sua boca quente fechou-se em torno de mim, puxando-me rápido para aquele lugar mágico. Eu não conseguia parar as ondas de prazer que se debatiam em mim; nem queria. Estava totalmente submissa, com as pernas abertas, meu corpo se derretendo no assento.

E então passei daquele ponto, o ponto da virada, branco e quente, a que sua boca me levou com tanta facilidade. Eu podia ouvir sua voz, sua respiração. Deixei aquele doce tornado crescer dentro de mim, sabendo que estava apenas começando.

Enquanto eu ofegava, ele arrancou suas roupas, como se estivessem queimando sua pele. Ele segurou seu pênis com uma mão livre, e eu estendi a minha para agarrar um músculo em seu braço, me amparando enquanto ele me penetrava.

“Sentir você é uma delícia”, disse ele, com voz rouca.

A determinação em seu rosto era muito sensual. Precisei tocá-lo e, quando o fiz, sua boca capturou meus dedos e os chupou enquanto rebolava dentro de mim, elevando-me a um nível de desejo completamente novo. Minhas pernas se enroscaram em volta de seu quadril delgado, e eu me movi com ele, agarrando sua bunda, com

cuidado para não cravar minhas unhas, mas amando a sensação de sua carne firme em minhas mãos. Ele jamais perdia o ritmo do meu corpo, mesmo quando o carro fazia uma curva. Disse meu nome uma e outra vez, até que afinal eu o senti estremecer e endurecer, seu braço encaixado sob mim, fazendo-me arquear até sentir aquele doce ponto que eu começava a conhecer tão bem. Ele me levou para um estado de êxtase inteiramente novo. Gozei outra vez, forçando meu corpo contra o dele e prendendo-o firme entre as coxas. Dava para sentir que ele estava gozando também, e depois, devagar, ele deitou sobre mim, segurando uma de minhas mãos, nossos dedos entrelaçados, bocas a poucos centímetros de distância, embora não pudéssemos nos beijar mais. Precisávamos recuperar o fôlego. Ele se afastou lentamente, caindo no assento a minha frente enquanto eu ofegava.

“Desculpe se pareceu tudo meio apressado na limusine, mas eu queria rasgar seu vestido desde que a vi no palco esta noite. Até que consegui me reprimir bem, não é?”

“Fico feliz que você tenha se segurado.” Sentindo-me atrevida, fiz algumas perguntas. “Você já fez isso antes? Com o S.E.G.R.E.D.O.? Quero dizer, você é do tipo cobiçado... Por que você precisa fazer algo assim para realizar as suas fantasias sexuais?”

“Você ficaria surpresa, Cassie. De qualquer forma, não posso falar muito. Matilda me avisou que você era curiosa. Eu poderia fazer a mesma pergunta a você. Por que uma mulher tão atraente precisa do S.E.G.R.E.D.O.?”

“Você também ficaria surpreso”, disse eu, sentada, enquanto recolhia o vestido. Eu me senti vulnerável e um pouco irritada que Matilda tivesse lhe dito algo sobre mim.

“Tem sido tudo o que você pensou que seria?”, perguntou.

“O S.E.G.R.E.D.O. me ensinou muito”, respondi, segurando meu corpete para fechar a parte de trás.

“Como o quê?”

“Como ser impossível que um único homem realize todos os desejos de uma mulher.” Por que eu estava me comportando de um modo tão indiferente?

“Você pode estar errada a respeito disso”, disse Pierre, vestindo a cueca e, a seguir, a calça do smoking.

“Ah, é?”

Ele estendeu a mão sobre o assento, colocou-a sobre meu pulso e me puxou, até que eu ficasse de joelhos a sua frente. Seu olhar reteve o meu por alguns momentos antes de ele mergulhar o rosto em meu pescoço e enterrar um beijo firme na curva do meu ombro. Nesse momento a limusine parou em frente ao Hotel das Solteironas. Ele enfiou a mão no bolso do smoking e retirou um talismã de ouro. Meu talismã de ouro.

“Ah, deixe-me ver. O numeral romano seis, com a palavra Confiança escrita atrás. Muito encantador.”

Enquanto ele sorria, tentei pegar o talismã, mas Pierre o afastou de mim.

“Não tão rápido assim”, disse ele, a luz em seus olhos verdes agora em chamas. “Quero que você saiba de uma coisa, Cassie. Quando você terminar com isso... com esta coisa que você está fazendo, vou encontrar você. E, quando a encontrar, vou lhe mostrar que um homem pode realizar todos os seus desejos.”

Eu não sabia se devia me sentir excessivamente feliz ou desarmada, apenas levei comigo seu beijo de boa-noite e meus sapatos, enquanto subia a escadaria e passava pela porta de Anna no segundo andar, onde notei que a luz ainda estava acesa.



Capítulo 10

Dias após o baile, meu humor resvalava do êxtase à melancolia. Eu tinha flashes das cenas com Pierre na limusine, e precisava apertar as pernas bem juntas para conter meu desejo. Outras vezes, me sentia despencando, já que o outro lado de uma fantasia, por mais real que seja e por mais fantasticamente que seja executada, não é de fato real.

Ainda assim, foi difícil resistir a me debruçar sobre as páginas dedicadas às celebridades no Times-Picayune, um dos principais pilares de New Orleans em uma cidade que amava seus eventos beneficentes e bailes. Lá estava eu, fotografada ao fundo, porque Pierre Castille fora o foco da noite. A lenda me descrevia como a “Cinderela sedutora que conquistou o solteiro de Bayou”. Isto forneceu um material infinito para provocações até mesmo de Dell, que pareceu mais impaciente comigo do que era com Tracina.

“Ei, Cinderela Sedutora”, brincava Dell, “será que há alguma possibilidade de você cuidar da mesa 10 para mim? É que um príncipe vem me buscar hoje à noite em uma abóbora gigante. Vai estacionar bem aqui na rua Frenchmen. Você tem uns sapatinhos para me emprestar?”

Tracina, ao contrário, tornara-se mais humilde. Parecia arredia, embora muitas vezes eu tivesse a sensação de que ela estava se segurando, armazenando seu veneno até que surgisse uma oportunidade futura de me picar.

Confesso que estava tomada por pensamentos sobre Pierre. Quando encontrei Matilda para uma de nossas conversas pós-fantasia, imediatamente indaguei sobre ele: eu iria vê-lo de novo? Ele havia perguntado sobre mim? Mas, antes de ela abrir a boca, eu já sabia que iria me aconselhar a não tornar a vê-lo, por receio de que isso reacendesse algo. Porque, àquela altura, estávamos cientes de que meu corpo se sentia atraído por homens que minha mente não sabia com exatidão se eram certos para mim.

“Não é que ele seja um sujeito ruim, Cassie”, disse ela. “Ele é generoso e inteligente. Mas pode ser perigoso para qualquer mulher que acredite que ele seja capaz de ter mais intimidade do que realmente pode.”

“Se Pierre é tão perigoso, por que você o recrutou?”

“Porque ele era perfeito para essa fantasia em particular. Fiquei animada quando ele me ligou e aceitou, depois de ter visto você no Halo. Nós vínhamos tentando recrutá-lo por anos. E eu sabia que você não ficaria decepcionada. Não era essa a fantasia que você queria experimentar?”

“Sim, era. Mas...”

“Sem mas.”

Balancei a cabeça, à beira das lágrimas. Ah, Deus, pensei, não chore. Não há nenhum motivo para chorar. Foi apenas uma pequena aventura. Sexo, sexo maravilhoso, só isso. No entanto, as lágrimas escorriam.

“Talvez eu não sirva para esse tipo de coisa”, eu disse, fungando. Olhei em volta do salão do Tracey’s para ver se algum dos homens, aqueles assistindo ao jogo na TV, aqueles que comiam seus enormes sanduíches recheados de queijo, carne e salada, havia notado. Nenhum deles notara.

“Bobagem”, disse Matilda, me entregando um lençinho. “Permita-se ter seus sentimentos, eles são normais. Pierre é um homem poderoso. Qualquer mulher iria desmaiar. Para ser honesta, eu estava quase esperando que ele não participasse, porque havia uma parte de mim que sabia que ele exerceria alguma espécie de domínio sobre você. Mas, Cassie, não posso reforçar isto o bastante. Trata-se de fantasia, e os homens que participam não dariam necessariamente bons parceiros para a vida toda. Aprecie o momento e o saboreie, para depois o abandonar.”

Balancei a cabeça e assoei o nariz.

Algumas semanas mais tarde, o inverno cobriu a cidade com uma geada repentina. Saí no ar gelado, batendo a porta do Hotel das Solteironas atrás de mim. Eu ia dar uma corrida rápida antes de meu turno no Café, e mais uma vez me surpreendi que New Orleans

tivesse mesmo um inverno. E este ano não seria um inverno fraco. Estava congelando, era o tipo de frio que penetra em seus ossos e faz você querer se sentar em uma banheira quente por horas para se aquecer. Eu usava um chapéu, luvas e roupas de baixo térmicas, mas ainda assim levei várias quadras até que a corrida cumprisse sua função de me aquecer.

Corri de Mandeville até Decatur e peguei a direita para a French Market, evitando a orla e a região do porto para não me lembrar de Pierre, que era dono de quase tudo por ali. Eu me perguntava o que, afinal, ele iria fazer com toda aquela área vazia. Construir condomínios? Shoppings? Outro cassino? Will vivia reclamando que Marigny havia se tornado o paraíso dos moderninhos. “A Frenchmen vive inundada de turistas”, dizia ele, e não do tipo bacana de turistas, não dos que sabem apreciar de verdade a música e a comida, mas que usam chapéus de festa ridículos, carregam bebidas em copos de plástico e pechinçam para comprar joias artesanais no mercado ao ar livre.

Passei correndo pela longa fila no Café du Monde. Apesar de ser uma grande atração turística, do tipo que a maioria dos moradores de New Orleans evitava, eu amava terminar minhas corridas no café Du Monde. Dispensei os beignets. “Afinal, qual era o propósito de correr quarenta minutos, para depois parar e engolir uma montanha de gordura e açúcar?”, Will costumava dizer. Meu Deus, entre Will e Pierre, minha mente estava repleta de ecos de vozes masculinas. Eu precisava me livrar delas.

Quando voltei para casa após a corrida, fiquei preocupada ao encontrar a porta aberta, e ainda mais alarmada ao dar de cara com Anna no hall de entrada do Hotel das Solteironas, lendo o que estava escrito em uma grande caixa embrulhada em papel marrom liso.

“Oh, Cassie, me desculpe”, disse ela, o olhar de um ladrão estampado em seu rosto. “Eu acidentalmente abri o pacote. Quando assinei para recebê-lo, pensei que fosse para mim. Estou ficando velha. E os meus olhos... mas é um belo casaco. E os sapatos! É um presente de Natal antecipado, minha querida?”

Peguei a caixa pesada de seu colo e examinei o conteúdo. Havia um mantô longo com um cinto simples. Junto dele, um par de sapatos pretos Christian Louboutin, com saltos de dez centímetros.

Constatee que Anna abri a caixa, mas não o cartão colado no exterior, graças a Deus!

“É um presente, Anna”, eu disse, tentando esconder minha angústia em relação a sua bisbilhotice. Aquilo não tinha sido um acidente. Ela estava cada vez mais curiosa sobre minhas idas e vindas; a presença da limusine era um motivo de preocupação cada vez que parava ali para me buscar. Ao lado do casaco e dos sapatos havia ainda uma pequena bolsinha de veludo preto amarrada com uma cordinha. Anna a notou ao mesmo tempo que eu.

“O que tem aí dentro?”, perguntou ela, apontando.

“Luvras”, eu disse. Inventei uma mentira sobre um sujeito ousado que eu conhecera no trabalho e com quem saíra umas duas vezes e que estava tentando me conquistar. Acrescentei, ainda, um falso protesto: “Eu gostaria que ele parasse de me comprar essas coisas. É muito cedo”.

“Bobagem!”, disse ela. “Pegue tudo enquanto puder.”

De volta aos limites seguros de meu próprio apartamento, abri o cartão anexado à caixa. Sétimo Passo: Curiosidade. Que conveniente, pensei. Anna teria passado por este com mérito. Em seguida, abri a bolsinha de veludo. Se ela tivesse visto o que havia dentro, poderia ter desmaiado.

No dia seguinte, logo após o pôr do sol, a limusine parou na calçada em forma de U e me deixou bem em frente à Mansão. Na última vez em que estivera ali, a limusine estacionara na entrada lateral. Agora, o carro parou em frente à entrada principal. Eu tinha me habituado a esperar que o motorista abrisse a porta da limusine, algo que uma garota de Michigan nunca poderia ter imaginado, e novamente ele o fez. Pisei sobre os paralelepípedos com aqueles saltos, que eram, para minha surpresa, bastante confortáveis. Talvez porque tivessem custado uma pequena fortuna. Ao olhar para a casa naquela noite, percebi que cada quarto parecia estar em chamas, com aquele mesmo brilho ocre, como se estivessem esperando por mim antes que pudessem ganhar vida novamente. Um frio ártico beliscou meus tornozelos nus, e eu estava feliz por usar o casaco comprido, que cobria tudo.

Subi lentamente a ampla escadaria de mármore que levava às portas dianteiras duplas, e meu estômago sacudia ao pensar naquilo que a fantasia daquela noite poderia me trazer. Eu esperava que tivesse obtido Destemor, Fé e Confiança suficientes nas etapas anteriores, para realmente passar por esta. Essas eram qualidades que eu precisava reunir, Matilda me dissera. E eu precisava de algo plenamente satisfatório e emocionante para afastar de vez os últimos pensamentos de Pierre do meu corpo e Will do meu coração. Remexi no bolso procurando a bolsinha de veludo. Tive a sensação de que conseguiria as duas coisas.

Duas batidas à porta, e Claudette me cumprimentou no hall de entrada como uma velha conhecida, quase com a intimidade que se demonstra ao ver um amigo.

“Creio que o seu trajeto até aqui foi confortável?”

“Sempre é”, eu disse, olhando ao redor da entrada imponente, com sua bela escadaria curva. Fiquei feliz que o ambiente estivesse escuro e quente, quase quente demais, com o calor proveniente da sala a minha esquerda, onde pude ver uma lareira. Notei a balaustrada de ouro e o tapete de pelúcia vermelho que se estendia até o meio dos degraus. Os ladrilhos em preto e branco formavam uma espiral que culminava com um brasão de armas incrustado no centro. O desenho incluía um salgueiro que deitava sua sombra sobre três mulheres nuas, cada uma com um tom de pele diferente — branco, moreno, negro —, sob as quais estavam esculpidas as palavras: *Nihil judicii. Nihil limitis. Nihil verecundiae.*

“O que querem dizer?”, perguntei a Claudette.

“Nosso lema: Sem julgamentos. Sem limites. Sem vergonha.”

“Certo.”

“Você trouxe o negócio?”, perguntou ela.

Ela não precisou especificar qual “negócio” era. “Sim, eu trouxe.” Entreguei-lhe a bolsinha de veludo.

“Está na hora”, disse, pegando a bolsinha e entrando logo atrás de mim. Cheguei a ouvi-la puxar o cordão para abrir a bolsa. Segundos depois, Claudette amarrava uma venda de cetim preto sobre meus olhos.

“Você consegue enxergar alguma coisa?”

“Não.” E não conseguia mesmo. Apenas a escuridão total. As mãos de Claudette estavam sobre meus ombros, tirando meu casaco. E, antes que eu pudesse perguntar o que deveria fazer em seguida, ouvi seus passos se distanciando calmamente.

Fiquei ali por vários minutos, quase sem me mover. Os únicos sons que conseguia distinguir eram o crepitar do fogo, meus saltos batendo, conforme eu nervosamente alternava o peso de uma perna para a outra, e o tilintar da minha pulseira toda vez que movia o braço. Eu me sentia agradecida por ser um ambiente tão bem aquecido, porque, além da venda e dos sapatos de salto alto, não estava vestindo mais nada. O cartão do Passo especificara que eu deveria trazer a bolsinha de veludo no bolso e chegar vestindo só um mantô e os sapatos de salto alto. Fiquei parada, de olhos vendados e nua pelo que pareceu ser uma eternidade, à espera de a fantasia começar.

Após um tempo descobri que, sem a visão, meus outros sentidos começaram a se tornar mais aguçados. Em dado momento, estive certa de que havia alguém no vestíbulo além de mim, apesar de não ter ouvido ninguém entrar. Apenas sentia uma presença, o que me causou um leve arrepio na espinha.

“Tem alguém aqui?”, perguntei. “Por favor, diga alguma coisa.” Não houve resposta, mas, alguns segundos depois, ouvi sua respiração.

“Tem alguém aqui”, afirmei. Apesar do calor intenso, comecei a tremer de nervosismo. “O que você quer que eu faça?”

Ouvi um homem limpar a garganta, o que me fez saltar.

“Quem é você?”, perguntei, um tanto alto demais. Eu estava com os olhos vendados, mas ouvia bem, e por alguma razão minha voz se projetou mais que o habitual.

“Faça um quarto de volta para a esquerda”, disse a voz. “Dê cinco passos e então pare.”

Ele tinha um timbre de voz muito sensual, talvez fosse um homem um pouco mais velho, quem sabe alguém acostumado a

estar no comando. Fiz conforme me foi instruído, sentindo que caminhava em direção a essa voz.

“Por favor, estique os braços e leve as mãos à frente.” Fiz isso. “Agora, ande até que você me toque.”

Havia algo na languidez de sua voz que me atraía para a frente. Eu dei um, depois dois passos cuidadosos, ciente de como a cegueira pode atrapalhar seriamente o equilíbrio. Estiquei as mãos até que elas fizeram contato com sua carne tonificada e quente. Apesar de eu não ter coragem de deixar minhas mãos deslizar até embaixo, senti que ele também estava nu e que era alto, com um peitoral firme e largo.

“Cassie, você aceita o Passo?”

Sua voz era como fumaça líquida, seus “esses” sibilando com ondulações em torno das vogais.

“Sim, aceito”, disse, talvez com entusiasmo demais, enquanto deixei que minhas mãos deslizassem para baixo, pelas laterais de seu torso esguio e de volta até seu abdome e sua clavícula. Percebi que minha timidez havia desaparecido, se derreteria, ou eu a abandonara em algum lugar, no Halo, quem sabe no meio do golfo, ou talvez no banco de trás de uma limusine. Eu não sabia, não conseguia me lembrar, e não me importava.

“Qual é o seu nome?”, perguntei.

“Não importa, Cassie. Posso?”

“Pode o quê?”

“Tocar sua pele?”

Deixei minhas mãos cair para o lado, tão disposta a me render quanto jamais estivera. Concordei, e ele deu um passo para perto de mim. Senti seus dedos roçar meus mamilos, que reagiram de imediato. Ele movia as mãos lentamente e com habilidade sobre meus seios, envolvendo um deles e tomando-o em sua boca úmida. Seu outro braço me envolvia, demorando-se em minha bunda e me puxando para ele, para que nossos corpos ficassem um contra o outro, pele com pele. Eu podia sentir que ele estava duro contra minha coxa. Sua mão deslizou por trás de mim e para cima. Eu já estava molhada.

Lembrei-me de como, no início, meu corpo levava tempo para reagir, mas agora minha paixão era instantânea. Eu o desejava. Não, não ele. Como poderia desejar a ele, um homem que eu nem sequer conhecia? Mas eu queria aquilo. Aquilo tudo. Comecei a entender o que Matilda quisera dizer ao comentar que, se eu conseguisse me voltar para dentro do corpo, poderia arrancar de minha cabeça os pensamentos a respeito de Pierre. Tão logo as coisas haviam começado, o homem me liberou de seu abraço quente, e quase tombei sobre meus calcanhares.

“Onde está você?”, perguntei, minhas mãos alcançando o ar em torno de mim. “Para onde você foi?”

“Siga minha voz, Cassie.”

A voz vinha do outro lado do hall de entrada. Eu me virei um pouco para segui-lo. Estávamos indo para longe do fogo, longe do calor daquela sala para outra sala, um quarto diferente.

“É isso mesmo, um pé na frente do outro”, sussurrou ele. “Você sabe como fica sensual usando apenas esses saltos?”

Suas palavras foram me deixando mais quente e mais molhada, enquanto eu cuidadosamente percorria o caminho até sua voz, os braços adiante. Senti o calor de outra lareira na parte da frente do corpo. Quando senti o tapete sob os saltos, quase tropecei.

“Há uma cadeira bem na sua frente. Mais dois passos.” Meus dedos bateram contra uma cadeira de madeira, de espaldar alto, que parecia tão grande quanto um trono. Sentei-me sobre o que parecia ser uma almofada de seda crua. Eu me preocupei com a forma que minha barriga tomava quando estava sentada. Pressionei uma perna contra a outra. Pare com isso, Cassie. Agora não é o momento de pensar. A sensação da seda sob minha bunda era deliciosa, e minhas mãos começaram a acariciá-la. Dava para sentir o homem se movendo pelo quarto, até que ele parou bem atrás de minha cadeira.

Senti suas mãos grandes e quentes sobre meus ombros, acariciando minha pele. Elas se arrastaram até meu pescoço, onde ele deixou uma segurando minha nuca, enquanto a outra foi buscar algo a nossa frente. A borda de um copo roçou meus lábios, meu nariz, e fui atingida pelo cheiro encorpado de vinho tinto.

“Tome um gole, Cassie.”

Ele gentilmente virou a taça para a frente. Tomei um gole ansioso. Eu não era grande apreciadora de vinho, mas o sabor era rico e cheio de camadas. Não sei se tinha gosto de carvalho, de cereja ou tons de chocolate, mas eu sabia que era provavelmente o vinho mais caro que já havia bebido. Ouvi-o colocar suavemente o copo de volta na mesa. Segundos depois, ele ficou diante de mim, e sua boca estava na minha, a língua explorando a minha. Ele tinha gosto de vinho — e de chocolate. Cada célula dentro de mim despertou para seu gosto e seu toque, seu cheiro e sua pele. Então ele parou.

“Você está com fome, Cassie?”

Assenti com a cabeça.

“Fome de quê?”

“De você.”

“Isso é para mais tarde. Primeiro, abra essa sua boca deliciosa.”

Fiz isso, e ele começou a esfregar pedaços de frutas em meus lábios, deixando-as ali apenas por tempo suficiente para que eu as cheirasse e sentisse com a língua seu sabor delicado. Provei a carne succulenta de uma manga, e, quando minha língua se enrolou em torno de uma pequena fatia que ele ofereceu com os dedos, lambi os dois. Então, ele me deu alguns morangos, um após o outro, alguns mergulhados no chocolate, outros em creme. Mas foram as trufas que me enlouqueceram — ele só me permitiu lambe e morder suas bordas, sem deixar que eu desse uma mordida inteira. Depois de cada pedaço, ele pressionava sua boca contra a minha, me beijando. Eu não podia ver seu rosto, porém a sensação tornara-se excruciante, a maneira como ele instigava minha boca a se abrir com sua língua.

Então, ele escancarou minhas pernas, postou-se em cima de mim, enquanto eu me recostava no trono almofadado. Eu podia sentir suas coxas nuas contra as minhas. Engoli em seco quando ele agarrou os braços de madeira da cadeira, puxando-a para a frente.

“Estique as mãos”, disse ele, e, quando o fiz, entrei em contato com ele, firme, quente e suave.

Passei a mão em torno dele, ansiosamente trazendo-o à boca. Usando as duas mãos, engoli-o profundamente, sentindo o prazer

que estava dando, o prazer de dar prazer tomando-me de novo. Imaginei como eu deveria parecer naquela cadeira, de olhos vendados e saltos, com aquele belo corpo em cima de mim. Um formigamento passou por mim acompanhando o pensamento.

“Pare, Cassie”, disse ele, retirando-o da minha boca. “Isto é incrível, mas você tem que parar.”

Ele me ergueu do assento, e minhas pernas estavam bambas de desejo. Ele me fez caminhar alguns metros para a frente, colocando as mãos sobre o que eu achava que era o braço de um sofá de seda. Senti o cheiro de laranjas, vinho e velas de sândalo. Ouvi a fogueira crepitar e soltar fagulhas a nossa frente, e meu coração disparou. Minhas costas se arquearam quando senti suas mãos segurando ambos os lados do meu quadril, puxando-me contra ele. Senti seu desejo por mim, e ele foi se tornando mais e mais duro.

“Vou penetrar você agora, Cassie. Você quer isso?”

Eu me ergui para ele, para mostrar que sim, eu queria aquilo, queria muito.

“Diga-me, Cassie. Diga.”

“Eu quero você”, sussurrei, minha voz embargando o sentimento.

“Diga, Cassie. Diga-me que você quer.”

“Eu quero! Eu quero!”

“Diga!”

“Eu quero você. Eu quero você dentro de mim. Agora!”, ordenei.

Eu o ouvi rasgando um pacote e, segundos depois, o senti deslizar inteiro para dentro de mim, mergulhando fundo e rápido e duro. Eu o senti ao redor e abaixo de mim, seus dedos me tocando em um ritmo estonteante. Sua outra mão segurava meu quadril tão firmemente que ele quase me levantou do chão. Ele pegou um punhado dos meus cabelos e puxou minha cabeça suavemente para trás. Suas mãos percorreram minhas costas arqueadas, agarraram minha bunda e apertaram-na com uma intensidade que me fez girar. Pensei que o estivesse deixando louco, pelo modo como rosnava em tom baixo.

“Você está tão gostosa, com a bunda no ar assim, Cassie. Eu amo isso. Você não?”

“Sim.”

“Diga isto. Diga mais alto.”

“Eu amo isso... Eu amo transar com você assim”, disse, surpreendendo-me com minhas próprias palavras. Parecia animalesco, mas muito divino.

Ele abriu minhas pernas ainda mais e começou a se mover mais e mais rápido dentro de mim.

“Ah, Deus!”, eu disse. Tudo estava acontecendo de uma vez e muito rápido, o desejo se acumulando em uma tempestade dentro de mim.

“Você pode gozar agora. Eu quero que você goze, Cassie”, insistiu ele, e foi o que eu fiz, de corpo inteiro e com todo o meu coração. Em seguida, foi a vez dele. E, quando terminou, ele se afastou, e eu fiquei estirada sobre o divã, tão completamente exaurida que deslizei suavemente até o tapete de pele de urso e fiquei ali deitada de costas. Eu o senti deslizar para o meu lado. Fiz menção de levantar minha venda.

“Não”, disse ele, pegando minha mão, mantendo intacta a venda.

“Mas eu quero ver você. Quero olhar para o rosto de quem foi capaz de fazer isto com meu corpo.”

“Eu valorizo meu anonimato.”

Sentindo minha frustração, ele se inclinou em direção ao meu rosto e colocou minha mão na dele.

“Aqui, sinta meu rosto”, ofereceu ele. “Mas mantenha a venda nos olhos.”

Ele pegou minha mão e a levou até seu rosto um pouco áspero. Senti uma mandíbula bem talhada, angulosa, olhos grandes, cabelos macios, compridos, com costeletas nas têmporas. Meus dedos acariciaram sua boca larga, e ele brincou, mordiscando-os. Então, minha mão se moveu mais uma vez sobre seu peito musculoso e seu abdome plano.

“Você é gostoso”, eu disse.

“Digo o mesmo de você... Mas está na hora de ir, Cassie. Antes de eu sair, abra sua mão.”

Eu abri e o senti pressionar uma pequena moeda — meu talismã do Sétimo Passo, Curiosidade — na palma de minha mão úmida. Parecia mais delicada e frágil por eu não conseguir vê-la, como se ao mais leve aperto ela pudesse ser esmagada.

“Obrigada”, eu disse, meu corpo ainda vibrando. Ouvi-o distanciar-se até a saída.

Segundos depois, ele sussurrou seu adeus.

“Tchau”, eu disse.

Quando ele fechou a porta silenciosamente, tirei a venda dos olhos e olhei ao redor da sala. Era impressionante, viril, com uma enorme mesa de carvalho no meio e prateleiras de livros que cobriam três paredes inteiras. As velas grossas de sândalo cintilavam sobre a mesa, onde descansava uma grande tigela de laranjas. Fiquei ali sentada, nua, meus dedos vasculhando os pelos do tapete de pele de urso sobre o qual eu estava. O fogo diminuía gradualmente.

Enquanto eu prendia o talismã do Sétimo Passo em minha pulseira, perguntava-me como seria seu rosto, o do meu novo homem, misterioso, aquele que partira momentos antes, deixando-me saciada e curiosa, e plenamente viva.



Capítulo 11

Depois de minha fantasia vendada, a vida pareceu mais desperta. Todos os meus sentidos estavam vivos. Passei a prestar mais atenção às coisas e pessoas que eu costumava ignorar. Ao caminhar, deixava as mãos se arrastar pelos portões no Garden District, observando a palha de milho ou os pequenos pássaros esculpidos a ferro forjado, imaginando o artista a criar aqueles toques ornamentais. Antes, costumava ficar irritada no Café, quando fregueses ocupavam uma mesa do lado de fora somente para tomar um café e passar a manhã conversando com todos que passavam por ali, obstruindo a calçada estreita com cães e bicicletas. Agora eu ficava maravilhada com a intimidade matutina na rua Frenchmen e como as pessoas de diferentes raças e idades se sentavam todas em torno da mesma mesa no café. Entendi que tinha sorte por fazer parte dessa comunidade. Comecei, de fato, a me sentir em casa.

Em vez de somente jogar o café em frente ao velho tagarela que andava com uma vistosa bengala entalhada, fiz algumas perguntas a respeito de sua vida. Ele me contou sobre a mulher que fugira com seu advogado e as três filhas que ele raramente via. Comecei a entender que as excentricidades daquele homem provavelmente eram calculadas com a intenção de atrair as pessoas para perto dele, para que pudesse conversar e se sentir menos solitário. Com um pouco de incentivo, Tim, da loja de motos Michael, algumas portas adiante do café, me contou algumas histórias angustiantes sobre ter sobrevivido a furacões e sobre alguns amigos que não conseguiram vencê-los. “Muitos sobreviveram ao furacão apenas para morrer de desgosto depois”, disse ele.

E eu acreditei nele, sabendo que a perda e a decepção podiam gerar dor demais.

New Orleans estava passando por um dos mais quentes invernos já registrados. Por isso, quando um voluntário me ligou para dizer que eu ganhara a rifa do Baile de Revitalização, com

direito a uma viagem para dois a Whistler¹⁸, na Colúmbia Britânica, no fim de semana, fiquei animada. Eu queria voltar a esquiar e, mais do que isso, precisava sentir um inverno de verdade na pele. Embora tivesse abraçado a vida no Sul e estivesse começando a conhecer a cidade profundamente, eu era uma garota do Norte em meu coração.

Antes de sair para minha viagem, pedi a Anna que ficasse com Dixie no fim de semana em seu apartamento lá embaixo. Eu não queria lhe dar acesso ao meu apartamento, para o caso de ela decidir fuçar e encontrar meu diário, alguma fantasia ou qualquer outra evidência que explicasse meus misteriosos passeios de limusine. Quando contei a Matilda sobre meu prêmio, e que viajaria, ela não falou muito, a não ser que me divertisse e entrasse em contato quando voltasse.

Will estava um tanto relutante em me dar uma folga, mas sempre havia uma calma pós-férias, pouco antes de o Mardi Gras começar. Lembrei-lhe que esse era o momento perfeito para eu tirar uns dias de férias.

“É, acho que sim”, concordou ele, depois do que falei. Ele se juntou a mim para um rápido café depois que a turma do almoço foi embora. “Você vai sozinha?”

“Eu realmente não tenho ninguém com quem possa ir.”

“E Pierre Castille?” Ele praticamente cuspiu o nome.

“Ah, pelo amor...”, eu disse, esperando camuflar o estremecimento que senti ao ouvir o nome Pierre dito em voz alta. “Aquilo não foi nada. Em todos os sentidos da palavra.”

“Você lançou um feitiço sobre ele, Cassie. Ele mantém contato?” Will não fez nenhuma tentativa para esconder seu ciúme, que agora pairava sobre nossa mesa de metal no pátio como uma nuvem carrancuda.

“Não, Will, ele não mantém contato. Nem eu esperava que o fizesse”, eu disse, e era verdade. Percorri a borda do meu avental com os dedos, pensando em como estava loucamente curiosa a respeito da conexão entre Will e Pierre. E, enfim, tive a coragem de perguntar.

¹⁸ Whistler é uma cidade canadense com resorts em montanhas da costa da província da Colúmbia Britânica (British Columbia). (N. T.)

“Como foi mesmo que você conheceu Pierre? E por que você nunca falou sobre ele?”

“Santa Cruz”, disse ele, referindo-se a uma escola particular para rapazes. “Fui com bolsa de estudos. O pai dele mexeu os pauzinhos para eu entrar.”

“Então vocês são amigos de infância?”

“Melhores amigos. Fomos, por anos. Mas o tempo e nosso temperamento nos separaram. Aquele lugar colocou o último prego no caixão”, disse ele, apontando para o outro lado da rua do condomínio. “O pai dele construiu a Castille Desenvolvimento, e Castille construiu essa monstruosidade. Eu lutei contra ele. E perdi. Não sei por que precisava ter nove andares. Quatro, talvez cinco, mas eles construíram uma porcaria de um arranha-céu bem na Frenchmen. Como o Conselho Municipal pode permitir tal coisa, mas não me permite ter duas dúzias de pessoas jantando ou tomando drinques no andar de cima no Café Rose?”

“Bem, há a questão das vigas envelhecidas. E também a fiação elétrica de sessenta anos de idade.”

“Gostaria de ajeitar essas coisas, Cassie, gostaria mesmo”, disse ele, para em seguida tomar um gole de café.

“Com o dinheiro que você ia doar quando apostou em mim no baile?”, eu disse.

Ele estremeceu com a lembrança, e fiquei arrependida de ter tocado no assunto.

“Eu me deixei levar pelo momento.” Então, mudando rapidamente de assunto, acrescentou: “Vou pegar um empréstimo para fazer a reforma. Posso até me qualificar para obter uma doação para melhorias. Ou talvez um desses fundos de furacão. Preciso descobrir um modo de ganhar mais dinheiro com este maldito edifício”.

Olhei para o prédio de nove andares a nossa frente na rua, o de tijolos claros, pensando que, sempre que Will olhava para ele, provavelmente pensava em Pierre.

“Vou sentir sua falta, Cassie.”

Eu não podia acreditar no que acabara de ouvir. “São apenas quatro dias.”

“Eu não sabia que você esquiava.”

“Já faz um tempo. Dez anos”, respondi, lembrando que minha antiga roupa de esquiaria estaria provavelmente fora de moda. “Você já esquiou?”

“Que nada. Menino do Sul, nascido e criado aqui. Ainda fico espantado com a neve, quando temos. Tire fotos, viu?”, pediu. Em seguida, adotando o mais profundo sotaque sulista, acrescentou: “Porque eu nunca vi nenhuma montanha grande na vida!”.

Ao olhar para o alto da montanha Whistler, três semanas depois, focalizando-a através do visor da câmera fotográfica, eu tinha que admitir que nunca vira uma montanha tão grande também. Em Michigan, esquiávamos nas colinas altas — altas e íngremes, mas somente colinas. Elas tinham nomes como monte Brighton e monte Holly, mas não eram exatamente montanhas. Não como esta. Apesar de ser um dia claro, eu não conseguia sequer enxergar o topo, e, mesmo em janeiro, não fazia tanto frio na Colúmbia Britânica quanto nos invernos de Michigan. Eu passara a detestar minha nova roupa de inverno, azul-clarinha, peça inteira, porque sempre precisava abrir o zíper do casaco e deixá-lo cair em volta da cintura para obter algum alívio por conta do calor do sol. Eu tinha certeza de que parecia uma tulipa estranhamente colorida, com pétalas murchas. Minha touca e minhas luvas brancas logo ficaram cheias de manchas de café e chocolate quente, porque levei um dia e meio zanzando ao pé da montanha antes de reunir coragem para subir em uma cadeira até o topo.

Eu passara algum tempo no Canadá, em Windsor, Ontário, porque lá a idade de permissão para beber era mais baixa do que em Michigan, e eu namorava Scott, um homem que bebia muito, mesmo antes de nos casarmos. Lembro-me de que por um tempo tentei acompanhá-lo, mas eu não gostava dos efeitos de todo aquele álcool em meu corpo. Ainda assim, a marca registrada do nosso namoro era que tudo o que Scott fazia e gostava, eu me via fazendo e gostando também. Ele dirigia Ford, então meu primeiro carro foi um Focus. Ele gostava de comida tailandesa, então me tornei fã daqueles pratos. Scott era um ávido esquiador, então também me transformei

em uma. Esquiar foi, no entanto, a única coisa que ele me apresentou de que eu realmente gostava e em que me tornei muito boa.

No início, esquiávamos juntos, porém Scott nunca era totalmente ele mesmo quando me dizia ou me mostrava como fazer determinada coisa. Mas eu era uma parceira cheia de vontade, queria tanto que aquilo funcionasse, para que estabelecêssemos um vínculo, que houvesse aquele “clique” entre nós, que cheguei a correr o risco de quebrar o pescoço depois de apenas três dias de aula. Eu tinha um talento natural para esquiar, o que agradou Scott no início e depois, aos poucos, começou a incomodá-lo. No fim das contas, enquanto eu ia para as encostas pela manhã, Scott ficava para trás, esquentando um sofá em frente à lareira, com um conhaque pronto para quando eu voltasse. Ao esquiar sozinha, eu tinha a sensação de independência e aquele frêmito que surge quando se perseguem acessos de adrenalina. Eu amava ir rápido demais, e também o modo como os músculos de minhas coxas faziam força contra o frio. Mas aquele hobby que eu assumira recentemente durou pouco. Uma vez que Scott percebeu que eu estava me divertindo de verdade e que vinha ganhando um pouco de atenção masculina pelo caminho, paramos de esquiar totalmente.

Agora, marchando com minha nova roupa de esqui em meio à principal praça de Whistler, lotada, tive um déjà-vu ruim, mas também senti algo de bom. Antes de Scott piorar, tenho que admitir, alguns de nossos dias mais felizes como casal foram passados em viagens de fim de semana para a península Superior, em Michigan. Talvez fosse a sensação de começar a perdoar Scott, de abandonar meu ressentimento em relação a ele e a suas decisões egoístas, as que me deixaram viúva aos 29 anos — eu esperava que fosse isso. Estava cansada de culpá-lo pela minha solidão, farta de me sentir triste por causa daquilo. E, em dias como hoje, quando o sol brilhava e a neve era cintilante, eu podia até dizer que amava ainda mais minha vida, porque era, enfim, completamente minha. Olhei para a montanha. Eu nunca faria pouco de tamanha beleza, mesmo que morasse aqui e visse aquilo todos os dias. Não foi apenas a gratidão que inundou meu coração naquele momento, mas a mais pura alegria.

“Deixe que eu bata uma foto de você na frente da montanha.”

Assustei-me com a voz e a mão, que, antes que eu pudesse impedir, já estava na minha câmera.

“Opa!”, eu disse, afastando-o da câmera. Demorei alguns segundos para enxergar o jovem com uma covinha na bochecha esquerda e os cabelos castanhos, desgrenhados, aparecendo por debaixo de sua touca preta. Detectei um sutil sotaque francês.

“Eu não estava tentando roubá-la”, disse ele, as palmas das mãos abertas para mim em sinal de rendição. Então ele sorriu, os dentes brancos brilhantes em seu rosto beijado pelo sol. “Só achei que você ia querer aparecer na foto. Meu nome é Theo.”

“Oi”, eu disse, oferecendo com cautela uma das mãos, a outra ainda segurando minha câmera longe de seu alcance. Ele não poderia ter mais de trinta anos. Mas esse era um rosto que se deleitava com o sol e o vento o dia todo. As rugas ao redor dos olhos castanhos e sensuais lhe davam uma aura de maturidade, apesar de sua juventude. “Cassie.”

“Sinto muito. Não tive a intenção de assustar você. Eu trabalho aqui. Sou instrutor de esqui.”

Huumm. Eu estivera sozinha por dois dias, e gostara muito daqueles dias. Mas aqui estava este homem lindo na minha frente. Provavelmente, era um dos homens de Matilda. Decidi ir direto ao ponto.

“Então, você trabalha aqui, em Whistler? Ou você é um dos... você sabe...?”

Ele ergueu a cabeça diante da minha pergunta.

“Um dos... você-sabe-o-quê?... Um dos... homens?”

Ele olhou ao redor da praça lotada, um olhar confuso. “Eu sou... um homem”, disse ele, claramente uma resposta furada.

Ocorreu-me, então, que ele poderia ser apenas um cara, um cara aleatório, alguém muito bonito que por acaso falou comigo, alguém sem nenhuma relação com S.E.G.R.E.D.O. Isso parecia menos impossível de imaginar, e sorri por causa desse pensamento.

“Tudo bem”, eu disse. “Agora eu é que peço desculpa. Não quis dizer que você fosse um ladrão de câmeras.” Eu agia de acordo com o notório passatempo canadense de pedir desculpas a estranhos, algo a que meu guia de viagem fazia referência.

“Que tal uma aula de esqui gratuita para você me recompensar por isto?”, ofereceu ele. Sim, definitivamente havia um leve sotaque francês, ou melhor, de Québec.

“E se eu não precisar de aulas?”, perguntei, sentindo um pouco da minha autoconfiança retornar.

“Então você está familiarizada com estas curvas?” Ele abriu um sorriso irresistível. “Você conhece suas condições e sabe onde estão as pistas Black Diamond¹⁹, sabe quais elevadores podem levá-la até que local e quais pistas de principiantes podem tornar-se traiçoeiras se você não estiver prestando atenção?” Quem eu achava que estava enganando?

“Na verdade, não”, admiti. “Tenho rodado pela base há dois dias. Não sei se tenho coragem de subir.”

“Eu vou ajudar você”, disse ele, oferecendo-me o braço.

Theo era um professor nato, e, embora eu tivesse medo das assustadoras pistas Black Diamond, depois de uma hora trinchando com meus esquis até Saddle, a fria inclinação glacial onde a neve era a mais cortante e encrespada que eu já vira, tomamos um elevador expresso para a bacia Symphony. Theo me prometeu uma mistura de descidas desafiadoras com cristas fáceis para dar sossego aos meus músculos trêmulos das coxas e, em seguida, um passeio leve de cinco quilômetros até a cidade. Dei graças pela minha rotina de corridas noturnas em New Orleans. Se tivesse vindo para estas encostas sem nenhum condicionamento prévio, ficaria parada na frente de uma lareira durante o resto do fim de semana.

À beira da bacia, tive que parar. Sim, o branco encrespado da neve, que se estendia para encontrar um céu tão azul que doía só de olhar, era de tirar o fôlego. Mas também fiquei maravilhada com a possibilidade de meu mundo ter mudado com um simples “sim”. Ao longo dos últimos meses, eu havia sido capaz de fazer coisas que

¹⁹ A categoria Black Diamond pertence às curvas de níveis mais difíceis nas áreas de esqui. (N. T.)

seriam completamente inconcebíveis um ano antes. Não era só sexo com estranhos, mas me oferecer como voluntária no Baile, começar a correr, me vestir de modo um pouco mais sensual, ser mais extrovertida com as pessoas, ser capaz de defender meus pontos de vista e vir até aqui, sozinha, com pouca ideia de como se desdobrariam meus quatro dias de férias. Eu nunca teria feito essas coisas antes de aceitar o presente do S.E.G.R.E.D.O.

Quando aquele jovem com esquis sobre o ombro se aproximou de mim na praça, em vez de recuar depois do avanço, ou desconfiar dele, tentei aceitar que aquilo era possível, que eu poderia ser digna das atenções daquele homem. Uma hora mais tarde, literalmente no topo do mundo, comecei a me sentir transformada. No entanto, ainda havia uma parte de mim que duvidava da espontaneidade. Parte de mim esperava que atingíssemos uma crista e compartilhássemos um demorado olhar, e então Theo me perguntaria se eu aceitava o Passo.

“Maravilha”, murmurou Theo, parando ao meu lado, observando o que eu admirava.

“Eu sei. E acho que jamais vi uma coisa tão espetacular em toda a minha vida.”

“Eu quis dizer você”, disse ele, e vislumbrei seu sorriso casual, antes que ele desse um impulso, saltando sobre a borda da bacia.

Não pude deixar de segui-lo, e por alguns segundos terríveis me mantive suspensa no ar. Depois de um pouso vacilante, eu me acertei e deslizei pelo sulco que Theo havia esculpido na minha frente. Ele ia habilmente tecendo curvas através de clareiras, olhando para trás de vez em quando, para ter certeza de que eu o acompanhava. Depois de uma curva difícil para a direita num caminho sem marcação, logo nos juntamos a um grupo de esquiadores que apostavam corrida contra o anoitecer até a cidade acolhedora, que agora cintilava em amarelo e rosa sob o sol poente.

Na base, esquiamos até que um encontrasse o outro, e ele levantou a mão para bater a palma contra a minha.

“Garota corajosa!”, disse.

“Que coragem foi essa?”, perguntei, enquanto nossas mãos enluvadas faziam contato. Senti meu rosto enrubescer, e tive certa vertigem por causa da rápida descida.

“A primeira milha da última pista, uma pista Black Diamond, e você foi lá e desceu. Sem pensar!”

Senti orgulho misturado com alegria.

“Uma bebida para comemorar?”, perguntei.

Fomos até o Chateau Whistler, onde eu estava hospedada, e atravessamos o Great Hall, onde todos pareciam conhecer Theo. Ele me apresentou ao garçom, Marcel, um velho amigo também de Québec, que nos trouxe fondue e rum toddies²⁰ quentes, seguidos por tigelas fumegantes de mexilhões e fritas. Eu estava com tanta fome que comecei logo a devorar um punhado de batatas fritas, mas em seguida me contive.

“Ai, meu Deus”, disse, mortificada. “Estou comendo como um animal. Olhe para mim”, falei, incapaz de resistir a colocar outro punhado de batatas em minha boca.

“Resistir foi o que estive fazendo o dia inteiro”, disse ele, aproximando-se do outro lado da mesa e me puxando em direção a ele para um beijo. Suas mãos eram fortes e calejadas por segurar bastões de esqui durante todo o dia. Seu cabelo estava desganhado, e eu sabia que o meu também, embora, provavelmente, não tão adorável quanto o dele. Mas aquilo não importava. Aquele cara era meu, dava para saber. Eu tive um flashback de Pauline e seu homem no Café Rose, sua intensa conexão. Agora eu vivia o mesmo tipo de experiência. Olhei timidamente ao redor do chalé para ver se alguém notara aquilo... eu... nós. Não. Estávamos em nosso próprio mundo, mesmo em público.

Conversamos por um longo tempo depois disso, em especial sobre esqui e a sensação que aquilo nos dava, rememorando nossos melhores momentos naquele dia. Não evitei nenhuma pergunta pessoal. Elas simplesmente não pareciam tão importantes quanto o modo como ele tocava meu pulso ou olhava em meus olhos. Depois do jantar, quando ele pegou a conta na mesa e olhou para mim, segurando minha mão, eu soube que não ia dizer boa-noite tão cedo.

²⁰ Bebida à base de cacau e rum. (N. T.)

Eu não tinha percebido como o frio me atingia os ossos até Theo remover minhas roupas no banheiro do quarto de hotel, uma camada após a outra.

“Há um pouco de carne por baixo de tudo isso?”, brincou ele, ao tirar meu legging.

“Sim.” Eu ri.

“Promete?”

“Prometo.”

Depois que ele jogou minhas roupas em uma pilha fora do banheiro, fiquei completamente nua, exceto por algumas manchas roxas impressionantes que haviam florescido nas panturrilhas e nos braços. Elas provocaram um assobio longo e lento de Theo.

“Uau, feridas de guerra.” Ele ligou o chuveiro, e o vapor começou a encher o quarto. “Hora de esquentar você.”

“Você não vai me fazer entrar sozinha, não é?”, perguntei, mais chocada pela minha ousadia do que parecia estar.

Ele riu, arrancando suas roupas. Seu corpo estava em forma e era atlético. Sim, aquele homem esquiava o dia inteiro. O ano todo, provavelmente. Entrei no chuveiro, e ele se juntou a mim, e segundos depois nossas bocas se uniam sob a água que jorrava. Ele percorreu meus braços com as mãos, guiando-as sobre minha cabeça e empurrando-as contra a parede molhada atrás de nós. Theo usou os joelhos para abrir os meus, levantando um pouco meu corpo até que minhas pernas ficassem uma de cada lado dele. Agia com firmeza, mas sem forçar nada. Eu me senti como uma estrela-do-mar pressionada contra a parede. Ele lambeu o lado do meu pescoço, sua ereção contra minha barriga. Em seguida, apanhou um dos meus seios com sua mão larga e chupou as gotas de água do meu mamilo. Os dedos da outra mão começaram uma descida ansiosa pelo meu corpo, até que ele escorregou um, depois outro dedo para dentro de mim. Dava para sentir minha própria umidade enquanto a água jorrava sobre nós. Seus olhos encontraram os meus, e eu baixei meus braços e entrelacei as mãos em seu cabelo molhado. A água fazia meus pés deslizar, então ele gentilmente colocou uma das mãos atrás da minha bunda, ancorando-me.

“Você gosta disso?”

“Eu nunca tinha feito isso antes”, disse.

“Quer experimentar algo novo, então?”

O vapor do chuveiro tornava-se espesso ao nosso redor. Eu podia sentir todos os poros da minha pele se abrindo para Theo, eu me abrindo inteira para ele.

“Eu experimentaria qualquer coisa com você”, disse.

Ele ergueu meu corpo nu em torno de seu quadril e, antes que eu percebesse, estava me carregando, gotejando, para fora do banheiro e, em seguida, do tapete para a cama king-size, onde me deitei. Theo voltou ao banheiro para fechar o chuveiro e buscar sua calça, quando então abriu os bolsos, eu presumi, atrás de um preservativo. Então, ficou na beirada da cama, com os olhos brilhando.

Arrastei-me até ele, tomei seu pênis em minha boca, enquanto Theo me observava. Segundos depois, rasgou o pacote e me entregou o preservativo. Eu o deslizei sobre seu pênis, e gentilmente ele me empurrou para baixo e me lambeu com habilidade e ansiedade, com meus joelhos totalmente abertos e um de seus braços sobre meus olhos. Antes que eu pudesse recuperar o fôlego, ele me virou com seus braços fortes, para que as minhas costas ficassem de frente para ele, e pude sentir sua ereção mais dura ainda do que tinha estado até poucos minutos atrás.

Ao beijar meu pescoço, sussurrou: “Estamos apenas começando”. Empurrando minhas pernas para fora, puxou uma de minhas coxas para cima dele, até que nossos corpos entrelaçados formaram a letra S. Senti suas mãos explorando minhas costas e, em seguida, uma parte inteiramente nova de mim. No início, apenas um dedo, doloroso a princípio, mas a dor diminuiu rapidamente e deu lugar a enorme plenitude. Senti meu estômago estremecer do mesmo modo emocionante de quando eu esquiava sobre a crista. Em seguida, ele entrou em mim por trás, não da maneira que eu esperava. A sensação era intensa, dolorosamente prazerosa. Ele me agarrou com força, para me manter mais perto dele.

“Está tudo bem? Você está bem?”, sussurrou ele, tirando com carinho meu cabelo molhado de meu rosto e pescoço.

“Sim”, respondi. “Sim. A sensação é tão... é uma dor boa.”

“Eu posso parar a qualquer momento. Você tem certeza de que se sente bem?”

Balancei a cabeça de novo, porque era mesmo bom, me sentia muito bem, e era algo muito íntimo aquilo que estávamos fazendo. Agarrei um punhado do lençol e puxei-o para mim quando a sensação de plenitude deu lugar a uma onda de prazer intenso que percorreu todo o meu corpo. Isso era algo que eu nunca, nem em um milhão de anos, pensara que poderia experimentar. Mas aqui estava eu, dizendo “sim, sim, sim”, enquanto ele avançava para dentro de mim ainda mais profundamente, e sua mão passeava ao redor e embaixo de mim, fazendo com que eu ficasse mais e mais molhada. Gozei de novo, empurrando-me contra ele, numa espécie de abandono que senti ser difícil de conter. Eu precisava daquele tipo de libertação, naquele lugar, naquele quarto, naquela cama, com aquele homem que parecia ter sido posto ali para me conduzir por aquela experiência.

“Eu vou gozar. Você está me fazendo gozar agora”, disse Theo, segurando meu centro com uma das mãos, forçando-me mais para a frente enquanto mordida suavemente meu ombro, a outra mão acariciando meus seios. Quando terminou, retirou-se com um puxão suave, e ambos nos deitamos de costas, sua mão sobre minha barriga, o olhar para o teto ornamentado, que nenhum de nós havia percebido até então.

“Isso foi... intenso”, disse ele.

“Eu sei”, respondi, ainda ofegante.

Eu tinha feito algo de novo, e fora emocionante, mas agora eu me sentia um pouco vulnerável. Aquele homem não era do S.E.G.R.E.D.O. Não houve nenhum Passo a ser aceito, apenas um mergulho em um terreno inteiramente novo. Theo deve ter sentido minha mudança de humor. “Você está bem?”

“Estou. Eu só... Eu nunca havia feito isso. Normalmente não encontro estranhos e os levo para a cama”, acrescentei. Apesar de os homens do S.E.G.R.E.D.O. serem tecnicamente estranhos, as mulheres do S.E.G.R.E.D.O. os conheciam.

“E daí que você tivesse encontros com estranhos? Que crime há nisso?”

“Acho que nunca me vi como esse tipo de mulher.”

“Eu vejo o seu tipo de mulher como ousada, corajosa.”

“Sério? Você me vê assim?”

“Vejo”, disse ele, gentilmente me abraçando, de modo que foi tão terno que era estranho pensar que mal nos conhecíamos. Puxou um edredom pesado sobre nossos corpos e o encaixou em torno de nós.

Quando acordei, seis horas mais tarde, Theo havia partido. E estranhamente eu me sentia bem. Estava muito feliz por ter passado aqueles momentos com ele e por deixá-los passar sem sentir como se fossem uma perda. Por mais doce que Theo fosse, eu queria aproveitar meus últimos dias em Whistler sozinha. Ainda assim foi bom ler um bilhete que ele deixou no armário do banheiro: Cassie, você é linda. E eu estou atrasado para o trabalho! Mas você sabe onde me encontrar. À bientôt, Theo.

Matilda estava admirando minhas fotos enquanto eu tagarelava sem parar, na casa geminada, sobre como tinha sido emocionante deslizar pelas encostas outra vez. Contei-lhe sobre as pequenas áreas de impacto na montanha Blackcomb, onde passei meu último dia. Danica veio até nós para trazer café e comentou sobre uma foto que Marcel havia feito de Theo e eu desfrutando nosso fondue.

“Ele é uma graaaaaaça”, disse ela, antes de se afastar e me deixar sozinha com Matilda.

Quando lhe contei sobre Theo, Matilda ficou encantada. Ela me perguntou como nos conhecemos, o que ele disse, o que eu disse. Então, contei-lhe sobre... o que fizemos.

“Você gostou?”, perguntou ela.

“Sim”, respondi. “Talvez eu fizesse tudo de novo. Com o parceiro certo. Alguém em quem pudesse confiar.”

“Cassie, tenho algo para você”, disse ela, abrindo uma gaveta da mesa e puxando uma pequena caixa de madeira.

Ela abriu a caixa. O talismã do Oitavo Passo parecia deslumbrante contra seu fundo de veludo preto.

“Mas eu pensei que Theo fosse apenas um cara aleatório, não um membro.”

“Não importa se ele era parte da nossa sociedade ou não.”

“Eu não entendo.”

“Este passo é a Bravura, que é diferente da coragem, porque a coragem requer assumir riscos sem pensar demais nas coisas. A Bravura diz: ‘Vá em frente’. Então, se Theo faz ou não parte do S.E.G.R.E.D.O. é irrelevante. Você merece este talismã.”

Retirei o talismã da caixa, virei-o na palma da mão e o preendi com um clique em minha pulseira. Dei uma sacudida em meu pulso e admirei os talismãs que cintilavam. Então Theo era um estranho, acidental e naturalmente atraído por mim? Ou ele estava envolvido com o S.E.G.R.E.D.O.? Eu não conseguia entender. Mas talvez Matilda estivesse certa: não importava.

“Vou me permitir acreditar que atraí Theo”, eu disse, “embora ainda tenha minhas dúvidas.”

“Muito bem, Cassie. Chega de ser invisível. Você, minha querida, desabrochou.”



Capítulo 12

Durante as semanas que antecedem o Mardi Gras, toda a cidade de New Orleans assume o espírito de uma noiva cuidando dos preparativos de última hora para seu grande dia. Não importa que as festividades ocorram neste ano, e no próximo ano, e em todos os anos; cada Mardi Gras parece o último, o melhor.

Quando me mudei para cá, era fascinada pelas krewes²¹, grupos, alguns antigos, alguns modernos, que faziam os bailes e construía os carros alegóricos para os desfiles do Mardi Gras. Eu me perguntava por que se gastava tanto tempo livre costurando e colando lantejoulas nas fantasias. Mas, depois de viver aqui por alguns anos, comecei a compreender a natureza fatalista de boa parte do povo nascido em New Orleans. As pessoas nesta cidade tendem a viver e amar intensamente o presente.

Ainda que eu quisesse participar de uma krewe, muitas dentre as mais antigas com nomes como Proteus, Rex e Baco, era absolutamente impossível entrar nesses grupos, a menos que sua linhagem pertencesse à realeza Bayou. Mas, quase no final do meu período com o S.E.G.R.E.D.O., comecei a sentir aquele forte impulso de pertencer a alguém ou a alguma coisa — o que vem a ser, afinal, o único antídoto para a solidão. Eu começava a perceber que a melancolia não é romântica. É apenas uma palavra bonita para a depressão.

No mês anterior ao Mardi Gras, eu não conseguia caminhar por uma rua de Marigny ou Tremé, muito menos no French Quarter, sem invejar aquelas pessoas reunidas em círculos costurando em uma varanda, tecendo à mão brilhantes figurinos e colando lantejoulas em máscaras elaboradas ou fazendo enormes cocares de penas. Em outras noites, eu corria pelo distrito de Warehouse e via, através da rachadura em uma porta, gente com máscara dando os toques finais

²¹ São como alas que desfilam no Mardi Gras de New Orleans. (N. T.)

com spray em um vívido carro alegórico. Meu coração parava de bater por um segundo, e eu então era capaz de deixar entrar um pouco de alegria em mim.

Mas havia um evento que atingia meu coração com puro e inalterado terror: o anual Les Filles de Frenchmen Revue, um espetáculo burlesque²² do Mardi Gras com as mulheres que trabalhavam em bares e restaurantes de Marigny. Era considerado uma forma sensual de celebração em nosso bairro, e todo ano Tracina, um das líderes entre os organizadores, perguntava se eu queria participar. Todo ano eu dizia que não. Inequivocamente não. Will permitia que o Les Filles usasse o segundo andar do Café para ensaiar suas danças, sem nunca deixar de mencionar que, se vinte meninas podiam sapatear pelo andar de cima sem que o assoalho antigo despencasse, vinte clientes poderiam se sentar calmamente ali e comer, sem que isso representasse qualquer perigo.

Este ano, Tracina deixou de me convidar para participar e declinou ela mesma do convite, citando obrigações familiares. Will me contou que a condição do irmão dela tornara-se mais complicada de lidar, agora que ele chegava à adolescência, algo que tentei manter em mente sempre que estava à beira de criticá-la.

Fiquei surpresa quando Will me instigou a me juntar ao Les Filles.

“Vamos, Cassie. Quem é que vai representar o Café Rose na Revue?”

“Dell. Ela tem pernas muito legais”, eu disse, evitando contato visual com ele, enquanto limpava a máquina de café.

“Mas...”

“Não. Esta é a minha resposta final.” Despejei as caixas de leite vazias no lixo para pontuar minha decisão.

“Covarde”, Will brincou.

“Eu quero que você saiba, senhor Foret, que tenho feito algumas coisas este ano que fariam seus dentes bater. Acontece que

²² Espetáculo musical caricato. (N. T.)

conheço os limites de minha coragem. E isso significa não sacudir meus seios diante de um grupo de homens bêbados.”

Na noite do Revue, eu estava fechando o Café para Tracina pela segunda vez naquela semana. Às oito horas em ponto, enquanto virava as cadeiras para começar a passar o rodo, ouvi as dançarinas treinando lá em cima pela última vez — uma dúzia de coisinhas graciosas rebolando em cima de minha cabeça. Eu podia ouvir cada “fille” em sua performance diante das gargalhadas do grupo, que urrava e assobiava. Aquela sensação familiar de solidão e inferioridade voltara em mim, com o pensamento de que eu seria ridicularizada se ousasse fazer tal coisa. Aos trinta e cinco anos, quase trinta e seis, eu seria uma das bailarinas mais velhas, ao lado de Betty Barco a Vapor e Kit DeMarco. Kit era uma garçonete do Spotted Cat, que aos quarenta e um ainda conseguia se sair bem com um cabelo curtinho e azul, além de usar short jeans rasgado. Betty Barco a Vapor cuidava da antiga cabine de cigarros no Snug Harbor e, todos os anos, fazia sua performance usando o mesmo traje de burlesque que alegava ter vestido por trinta e seis anos seguidos, sem jamais deixar de se vangloriar de que ainda cabia nele. De maneira alguma eu poderia dançar ao lado de Angela Rejean, uma deusa escultural haitiana que trabalhava como hostess na Maison e era cantora de jazz. Seu corpo era tão perfeito que tirava qualquer razão de haver inveja.

Depois de completar minhas tarefas para fechar o lugar, subi para entregar as chaves a Kit, que havia se oferecido para trancar tudo depois que elas terminassem. O ensaio não começou antes das dez da noite. As meninas iriam ensaiar até o último minuto, enquanto eu só queria ir para casa e tomar uma chuveirada para lavar aquele dia do meu corpo. Eu tinha esperança de ver Will no show, mas, no início do dia, quando perguntei se ele e Tracina iriam ao evento, ele deu de ombros, sem se comprometer.

No topo da escada, passei por uma menina nova, com cachos louros, sentada de pernas cruzadas no chão, segurando um espelho de mão. Ela aplicava cílios postiços com a precisão de uma especialista. Eu não sabia dizer se o cabelo era peruca ou era real, mas ela era hipnotizante. Uma dúzia de outras meninas em vários estágios de nudez estava sentada ou em pé, todas se preparando

para a grande noite, com casacos amontoados no velho colchão que Will mantinha no chão e onde às vezes dormia. Além do colchão, o único outro móvel ali era uma cadeira de madeira meio quebrada, onde eu às vezes encontrava Will sentado, virado para o espaldar, perdido em pensamentos, com o queixo apoiado na parte de trás. O Café lá em cima tinha um enorme espaço vazio, perfeito para uma sala de ensaios temporária. Fechamos cedo, estávamos a poucos metros do Blue Nile, o anfiteatro do evento naquele ano, e seu banheiro no andar de cima era novinho em folha, apesar de ainda lhe faltar uma porta. Várias mulheres, uma de topless, esticavam-se ao redor do espelho do banheiro se revezando para aplicar a maquiagem de palco. Babyfiss e chapinhas estavam conectados a tomadas por toda parte. Trajes brilhantes, boás de plumas e máscaras traziam um pouco de festa àquele ambiente geralmente maçante, cinzento.

Encontrei Kit, de sutiã sem alça e meias, sapateando uma sequência de passos, com seu traje pendurado na parede de tijolos, exposto como uma obra de arte. Ela havia mandado fazer a roupa sob medida, um corpete bordado branco em fundo preto de cetim, com uma borda ondulada cor-de-rosa em torno do decote em forma de coração. As rendas atrás também eram cor-de-rosa. Estendi a mão para tocá-lo, mas estremeci quando meus dedos roçaram o cetim — memórias de ter sido vendada retornavam em uma precipitação quente. Eu nunca conseguiria me virar fazendo o que Kit e o restante das garotas estavam prestes a fazer na frente de uma sala cheia de pessoas — não sem uma venda nos olhos.

“Ei, Cass. Não deixe de agradecer a Will por nos deixar ficar depois do fechamento do bar. Devolvo as chaves para você no Blue Nile”, disse ela, sem perder o ritmo com os pés. “Você vai lá esta noite, não?”

“Eu não perderia por nada.”

“Você deveria dançar conosco um ano, Cassie”, gritou Angela, lá de dentro da aglomeração de garotas no banheiro.

Eu me senti lisonjeada com a atenção dela, mas disse: “Eu ia ser uma completa idiota”.

“Você tem que ser uma completa idiota. É isso que torna você sensual”, sussurrou.

As outras mulheres riram e assentiram com a cabeça, enquanto Kit sacudiu um pouco a bunda. “As lésbicas normalmente se vestem assim?”, perguntou Kit, me provocando.

Quando ela saiu do armário, dois anos antes, a única pessoa que se mostrou surpresa foi Will. “Típico hétero”, disse Tracina, revirando os olhos para ele. “Só porque ela se veste de maneira sensual, você acha que é para chamar a atenção do sexo masculino.”

Kit havia começado a se vestir de maneira ainda mais sensual depois que saíra do armário, e mantinha um namoro firme. Para hoje à noite, ela desenhara uma pinta acima de sua boca e usava cílios postiços e o mais vermelho tom de batom que eu já vira. Ela deixara o cabelo crescer um pouco mais, de modo meio desganhado, que a tornava muito atraente. Ainda assim, sua feminilidade exagerada contrastava com as botas de caubói, sua marca registrada, e pulseiras de couro grossas que sempre exibia nos pulsos.

“Talvez eu me junte a vocês no ano que vem, Kit”, eu disse, quase falando a verdade.

“Promete?”

“Não.” Eu ri.

Desejei boa sorte às garotas e desci a escada, mas ao chegar lá embaixo percebi que havia me esquecido de entregar as chaves a Kit! Quando me virei para correr de volta para cima, bati com a cabeça em Kit, que vinha descendo, provavelmente por ter se dado conta da mesma coisa. Em vez de desviar de mim, ela perdeu o equilíbrio por completo e escorregou pelos últimos cinco degraus, batendo em cheio com a bunda no chão de ladrilhos. Ainda bem que eu estava usando tênis.

“Kit!”

“Jesus, porcaria”, gemeu ela, rolando para o lado.

“Você está bem?”

“Acho que quebrei minha bunda!”

Desci os degraus restantes até chegar a ela. “Ah, meu Deus! Sinto muito! Deixe-me ajudar você!”

Foi então que Angela, sobre saltos finíssimos de dez centímetros, desceu cuidadosamente os degraus, com um boá rosa brilhante caindo sobre os ombros e em torno dos pulsos.

Kit permaneceu imóvel. “Não mexa em mim, Ange. Isto não é nada bom. Não é a minha bunda. É o meu cóccix.”

“Ah, meu Deus!”, gritou Angela, agachada sobre ela. “Você consegue se sentar? Você consegue sentir as pernas? Você está vendo as coisas em dobro? Quem sou eu? Quem é o presidente? Devo chamar uma ambulância?”

Sem esperar por uma resposta, Angela cambaleou até o telefone da cozinha. Assisti a uma tentativa de Kit de se endireitar, e ela então estremeceu e deitou-se.

“Cassie”, sussurrou ela.

Arrastei-me mais para perto. “O que é, Kit?”

“Cassie... este piso... está mesmo imundo.”

“Eu sei. Desculpe”, respondi. Eu estava prestes a pegar a mão dela para consolá-la, quando notei que a queda havia tirado do lugar uma de suas grossas pulseiras de couro, expondo uma parte de uma pulseira de ouro brilhante, uma pulseira do S.E.G.R.E.D.O.! Coberta de talismãs!

Um olhar passou entre nós.

“O que aconteceu?”

“Minha bunda está muito bem, Cassie. E mais uma coisa”, sussurrou Kit, curvando o dedo para me chamar para perto. Inclinei-me para sua boca coberta de batom. “Você... aceita o Passo Final?”

“Eu o quê? Com você? Quero dizer, você é adorável e tudo, Kit, mas...”

Um sorriso brincou em seus lábios quando ela se sentou. “Relaxe, eu não sou membro. Mas me pediram para cutucar você e lançá-la para a frente. Você está quase lá, menina. Agora não é o momento de recuar. Não quando está prestes a ficar muitodivertido!”

Quando ouvimos Angela voltando da cozinha, Kit caiu de volta para o chão, fingindo mais um gemido.

“Isto vai ser um problema”, disse Angela, as mãos no quadril.

“Eu sei. Quero dizer, quem vai dançar no meu lugar?”, perguntou Kit, um braço dramaticamente atirado sobre os olhos. “Quem podemos arranjar em tão pouco tempo?”

“Eu não sei”, disse Angela.

Ela também estava envolvida?

“Quero dizer, quem nós conhecemos que está livre esta noite? E é bonita? E caberia em minha fantasia?”, perguntou Kit.

“É difícil dizer”, disse Angela, sem tirar seus olhos maliciosos de cima de mim.

Eu conhecia Kit havia anos, mas pensei que ela sempre fora assim: confiante, dinâmica, forte. Para estar no S.E.G.R.E.D.O., ela deve ter passado por um momento de muito medo e insegurança. No entanto, não demonstrava nenhum sinal disso agora. E ainda havia Angela, um exemplo impressionante de perfeição física, se de fato existisse tal coisa. Por saber tudo sobre o S.E.G.R.E.D.O. e como elas escolhiam seus membros, por que será que me surpreendi quando o boá cor-de-rosa caiu de seus braços e percebi que Angela usava uma pulseira também?

“Tudo bem, então”, disse Angela, estendendo a mão para me ajudar a levantar de onde eu estava agachada, ao lado de Kit. “Você, lá em cima, agora, mocinha. Temos alguns passos novos para aprender.”

“Mas... suas pulseiras? Vocês duas?”

“Haverá muito tempo para perguntas mais tarde. Agora vamos dançar!”, disse ela, estalando os dedos como uma dançarina de flamenco.

“Falando nisso, onde está sua pulseira?”, perguntou Kit, limpando a poeira de sua pele. Ela ainda estava de sutiã sem alça e calcinha, e alguns poucos pedestres paravam e olhavam para ela pela janela da frente do Café Rose.

“Em minha bolsa”, eu disse.

“É a primeira coisa que você vai colocar. Minha fantasia é a segunda.”

Engoli em seco.

Angela me fez girar e me lançou de volta lá para cima. Quando anunciou ao restante das meninas que eu ficaria no lugar de Kit na Revue, eu esperava decepção ou impaciência. Afinal, eu faria a qualidade da coreografia decair. Em vez disso, todas aplaudiram, assobiaram e me colocaram em fila com elas; em seguida, solícitas e lentamente, mostraram-me os primeiros passos da performance. Kit, com as costas curadas como por milagre, tornou-se a coreógrafa designada, estalando os dedos e contando os passos, de sutiã e calcinha. Era como estar numa festa do pijama a que eu jamais fora convidada, mas com lingerie. Quando errava, ninguém me repreendia, todas riam e faziam com que eu sentisse que, como dançarina amadora, eu conquistaria o público, independentemente de prejudicar a performance do grupo. A verdade é que a generosidade, o apoio genuíno e o incentivo delas para essa coisa terrível que eu estava prestes a fazer trouxe lágrimas aos meus olhos, que tive o cuidado de estancar para que não manchassem as seis camadas de rímel que Angela aplicara em mim. Aquilo eliminava um pouco do meu pavor. Só um pouco.

Duas horas depois, uma delas passada na aprendizagem da coreografia do grupo e outra gasta com Angela me ajudando a aprender a minha, eu estava nos bastidores do Blue Nile, enquanto uma multidão, formada em sua maioria por homens, entrava e se reunia ao redor das mesas bambas da frente. Entre as etapas do treinamento e os acessos de pânico profundo, tive a ajuda de uma das garotas para aplicar os toques finais, colocando-me uma pinta falsa, ajustando minhas meias arrastão sete-oitavos. Finalmente, Angela apareceu diante de mim com o traje burlesco de Kit, renda branca contra o preto que pendia de seus dedos, e os longos laços cor-de-rosa espalhavam-se pelo chão.

“Ok, garota. Uma perna, depois a outra”, disse ela, enquanto deslizava o traje justo pelas minhas coxas. “Vire-se, eu amarro os laços para você.”

Eu me virei, mantendo uma mão em meu estômago revolto. Assisti a Angela amarrando bem apertado os laços, meus seios inchando mais para o alto na parte superior do corpete. Matilda abaixou-se para entrar na coxia, e a visão dela roubou o restante de

ar que havia em meus pulmões. Ela sorriu para Angela e abriu os braços.

“Você é uma campeã, Angela!”, disse ela. E inclinou-se para sussurrar-lhe: “Acho que você está quase pronta para guiar. Deixem-nos sozinhas um pouco, minha querida”.

Angela saiu, radiante. Então, logo ela se tornaria uma guia do S.E.G.R.E.D.O. Eu me perguntei o que ela estaria sentindo.

“Cassie, olhe para você!”, disse Matilda.

“Eu me sinto como um salame. E não tenho certeza de que esta seja uma boa ideia.”

“Absurdo.” Matilda me puxou para onde as outras meninas não pudessem nos escutar e me deu algumas instruções de última hora.

“Hoje, a escolha é sua, Cassie.”

“Escolher o quê?”

“Homens.”

“Quais homens?”

“Homens de suas fantasias. Aqueles a respeito de quem você pensou por mais tempo neste último ano. Os que marcaram você, os que deixaram em você pensamentos remanescentes.”

“Quem? Quais? Eles estão aqui?” Quase gritei.

Matilda colocou a mão sobre minha boca. O pavor que se acumulava em meu âmago foi rapidamente substituído por náuseas.

Ela me deu uma olhada. “Obviamente, você sabe quem um deles é.”

“Pierre?”

Meu coração pulou com seu nome. Matilda assentiu, parecendo um pouco sombria.

“Quem mais?”

“Quem mais a fez desmaiar?”

Eu tive um flashback da carne tatuada, a camiseta branca levantada para expor um abdome rasgado... a maneira como ele me deitou sobre aquela mesa de metal... Fechei os olhos e engoli.

“Jesse.”

Eu tinha certeza de que nunca mais veria qualquer um deles, daí vinha minha capacidade de me portar com total abandono. Sabendo que estariam na plateia, por certo eu iria congelar.

“Mas Pierre e Jesse sabem um do outro? Eu vou escolher um deles e rejeitar o outro? Não sei se me sinto confortável, Matilda. Na verdade, eu sei que não me sinto. Não posso continuar com isso. Não posso.”

“Escute. Eles não sabem um do outro. Tudo o que sabem é que foram convidados para um lendário espetáculo de burlesque junto ao restante da comunidade. Eles não têm ideia de que você vai se apresentar. E não vão saber que é você no palco.”

“Como eles não vão saber que sou eu?”

Ela enfiou a mão na bolsa e retirou uma peruca loira platinada, estilo Veronica Lake, e a girou com seu punho.

“Você vai usar isto”, disse Matilda. Ela revirou sua bolsa e acrescentou: “É uma destas”. Ela tirou uma máscara preta e lustrosa de gato preto do Mardi Gras.

“Lembre-se, Cassie. Você está interpretando um papel”, disse ela, falando devagar e deliberadamente enquanto fixava a peruca sobre minha cabeça. “Você pode ficar nervosa lá em cima. A velha Cassie poderia pensar que não era digna de atenção, ou que não era bonita ou sensual o suficiente para obtê-la. Mas a mulher vestindo esta peruca e esta máscara nunca pensaria tal coisa. E os homens assistindo à performance jamais acreditariam nisso. Porque ela sabe que pode cativar um homem e também tem toda a sala na palma de sua mão”, disse Matilda, colocando cuidadosamente a máscara sobre meus olhos e esticando o elástico em torno de minha cabeça.

“Deslumbrante. Agora vá ser essa mulher!”

De que mulher ela estava falando?, eu me perguntava, até que, momentos depois, dei de cara com ela no espelho da coxia.

As meninas estavam reunidas em frente a ele, fazendo ajustes de última hora em seus trajes, cabelos e maquiagens. Eu estava entre elas, igual a elas. Pensei: “Não há ninguém melhor ou pior, apenas alguém alegrando-se em meu corpo”. Foi então que Betty

Barco a Vapor abriu caminho de modo vigoroso até a frente do grupo, para ajeitar agressivamente os seios em seu corpete.

“As meninas estão inquietas esta noite”, disse ela, referindo-se, provavelmente, não a Les Filles de Frenchmen.

Kit e Angela sorriram para mim como mães orgulhosas. Em seguida, ergueram suas pulseiras, dando-lhes uma sacudida. Balancei meus talismãs em resposta, e o tilintar coletivo soou como música para meus ouvidos.

A banda começou. Eu podia ouvir o apresentador anunciar Les Filles de Frenchmen Revue deste ano, lembrando aos homens para “doar generosamente”, mas “se comportar com respeito, ou sua bunda será chutada para fora”.

Angela gritou: “Depressa, Cassie, somos nós!”.

Dei um último suspiro profundo e olhei para minhas colegas artistas, todas nós belas, cada uma a sua própria maneira, com nossas perucas e nossos cílios postiços e nossas pintas falsas. Cada uma de nós interpretava uma versão de si mesma, uma versão exagerada, alternativa e mais arriscada. Talvez fosse isso o que todas as mulheres faziam de vez em quando. Sob nossos trajés cotidianos, estamos todas repletas dos mesmos medos, das mesmas ansiedades. Angela deve tê-los, e Kit, também. Mas, olhando para elas agora, eu não podia imaginá-las hesitando diante da porta vermelha da casa geminada, congeladas de medo. O sentimento que inundou meu coração naquele momento foi de gratidão e alguma esperança de que, se elas foram capazes de enfrentar seus medos, eu poderia enfrentá-lo também. Eu só precisava acreditar que podia.

Dei meus primeiros passos. E encontrei o ritmo, contando as batidas de modo audível, até que a primeira fileira de garotas pulou junta das laterais e sobre o palco, balançando as mãos enluvadas como dançarinas de Bob Fosse. A multidão, escurecida por trás dos holofotes brilhantes, ficou louca, o que nos injetou uma espécie de adrenalina que vinha da performance e se transferia de uma menina para a outra, me atingindo com força total.

“Viu?”, sussurrou Angela. “Eu disse que eles iam amar você!”

Os primeiros minutos da dança foram como um borrão, enquanto eu ajustava os olhos diante das luzes e continuava a me

obrigar a lembrar que ninguém sabia quem era eu ali, a tímida Cassie do Café Rose. Dividimo-nos em nossos pares de dança no palco, e meu disfarce tornou mais fácil o ato de dar as costas para a multidão e rebolar devagar para a frente e para trás, imitando os movimentos de Angela, com a batida dos tambores acompanhando o ritmo de nossos giros coreografados. Ela era minha parceira na dança, e era tão emocionante entrar corajosamente em sintonia com aquela música sensual e a bela Angela Rejean que comecei a relaxar o corpo e improvisei um pouco. Logo, eu estava balançando a bunda tão rápido que fiz com que Angela jogasse a cabeça para trás e soltasse um grito. Quando Angela se virou e pulou do palco para o meio da multidão, eu a segui sem pensar, imitando o modo como ela pegava a gravata de um homem e a jogava para trás, ou despenteava o cabelo deles e por vezes também o de suas esposas. As mulheres na plateia se divertiam tanto quanto os homens, e nossa exuberância as inspirava a ficar ali e a oferecer sua própria vibração à multidão entusiasmada. Alguns desses homens eram turistas, sortudos por toparem com essa celebração local. Mas eu reconheci muito fregueses do Café; músicos, lojistas e excêntricos haviam saído para aplaudir esse pequeno espaço de beleza em nossa cidade machucada e preocupada.

Angela e eu fizemos nosso passo de chutes coreografados para a multidão. Então, ela piscou e sussurrou: “Venha comigo, Cass”, antes de girar, jogar o boá cor-de-rosa em volta do meu pescoço e me puxar para um beijo de língua de verdade.

Uma explosão de palmas e gritos veio a seguir, enquanto a boca de Angela permanecia colada à minha, e então ela terminou o beijo com sucesso, empurrando-me para o lado. Meus joelhos tremiam, e eu tentava continuar minha coreografia de dois passos, mostrando as ligas em minhas coxas, mas seu beijo havia me tirado a concentração e colocado a multidão enlouquecida em pé. Vi Kit e Matilda sentadas perto do bar, batendo palmas e assobiando como orgulhosas “mães de miss”.

Quando me virei para mandar um beijo ao público, meus olhos pousaram sobre um olhar familiar. Era Jesse, que ocupava uma mesa principal na frente e tinha um sorriso que poderia derreter um iceberg.

“Olá”, disse ele, recostando-se na cadeira e me olhando com uma inclinação de cabeça.

Como eu poderia ter esquecido o quanto esse homem era sensual? Dessa vez, ele usava uma camisa xadrez confortável, uma camiseta branca por baixo que estava à mostra e um jeans. Aquela camiseta. Seu abdome côncavo, enxuto, sua mão casualmente descansando sobre os pelos que levavam a... “Ah, meu Deus”, eu disse, em pé em frente a sua mesa. Sua expressão confusa lembrou-me de que ele não sabia quem estava por baixo da peruca e da máscara. Olhei nervosamente ao redor da sala. Todos os olhos estavam sobre nós. Sorri para Jesse de novo e congelei. Angela pegou meu braço e me virou para nossa coreografia de balançar a bunda em dupla. Olhei para Jesse por cima do ombro. Ele estava claramente emocionado por estar na boca dos refletores, um espectador na primeira fila. Quando terminamos nosso pequeno número, ele e todos os outros na sala explodiram em urros e gritos.

Encorajada pelo anonimato, me virei e me inclinei para a frente, colocando as duas mãos nos ombros dele, e lhe ofereci uma boa e longa olhada no decote impressionante que meu vestido realçava. Para qualquer observador, pareceria que éramos conhecidos e trocávamos amabilidades, mas, quando me inclinei, sussurrei: “As coisas que eu gostaria de fazer com você...”.

“Uau, eu também, querida”, sussurrou ele, sua respiração quente em meu ouvido.

Então é assim que funciona, pensei, levantando um dedo e colocando-o sob o queixo mal barbeado de Jesse. Quando fiz os olhos dele se encontrarem com os meus, pensei ter percebido um flash de reconhecimento em seu rosto. Eu me afastei rapidamente, e ele jogou a cabeça para trás, rindo, amando a atenção do flerte. Quem era essa mulher corajosa, fazendo essas coisas ousadas? Essa não era eu. Mas era eu! E Jesse tinha dado uma mãozinha para me libertar.

Àquela altura, todas as garotas saíram do palco e levaram a multidão ao delírio. Duas delas pairavam sobre Jesse, que tinha uma expressão de prazer sofrido em seu lindo rosto. De repente, a menina com os cachos jogou seu boá ao redor do pescoço dele. Eu a vi puxá-lo até seus pés. Enquanto a multidão gritava, ele voluntariamente a seguiu porta afora, o tempo todo com o sorriso de cara mais sortudo

do salão estampado no rosto. Eu tivera minha chance e não o escolhera. Sorri e disse um adeus silencioso e melancólico ao meu adorável intruso.

Segui minha parceira no dueto, Angela, avançando mais para dentro da multidão. Quando ela passou atrás de uma enorme coluna, perdi-a de vista e, momentos depois, encontrei os olhos de outro membro na plateia fervorosa, Pierre Castille, recostado de braços cruzados contra uma parede, olhando-me com uma expressão confusa, o guarda-costas ao lado dele. Aqui estava minha escolha. O tamanho poder que você exerce quando possui total controle de seu próprio corpo, pensei. Com as mãos sobre o quadril, queixo abaixado e ombros para a frente, eu rebojava para Pierre no ritmo do baterista. Diminuí a distância entre nós, lembrando que eu era a garota de peruca platinada e máscara preta. Eu podia ver seu pomo-de-adão se mover. A menos de um metro de distância, coloquei um dedo enluvado entre os dentes e tirei a luva com um puxão. Joguei-a por cima do ombro, enquanto a multidão atrás de mim explodia. Então, tirei a outra luva, dessa vez girando-a na mão. A centímetros de Pierre, que agora sorria, estendi a mão e gentilmente lhe dei um tapa com ela — uma vez, duas vezes.

“Ouvi dizer que você é um menino muito, muito mau”, murmurei, com a mesma voz sussurrante que usara com Jesse.

“Você ouviu certo”, disse ele. Avidamente, Pierre me engoliu com os olhos e, em seguida, estendeu a mão em direção a minha cintura, como se eu lhe pertencesse. Como o meu príncipe encantado, quando me dissera que era parte do papel, da fantasia. Mas seu toque agora parecia brutal, grosseiro.

Angela interveio e o repreendeu: “Ah, ah, ah, ela não é sua, senhor. Lembre-se disso”.

Todos os olhos estavam voltados para mim, apesar de as outras meninas terem se reposicionado em fila e estarem sapateando uma coreografia imbecil na volta para o palco. Quebrei o feitiço ao me virar. De costas para Pierre, fiz uma manobra meio burlesca, rebolando meu corpo como fumaça na frente dele para provocar o público. Finalmente, o foco saiu de nós e retornou à ação que acontecia no palco, dando a Pierre a oportunidade de puxar as cordas de meu corpete como se ele me tivesse presa em uma coleira.

Com um puxão, levou-me para trás, para ele, sua boca pairando em minha orelha.

“Pensei que nunca mais veria você, Cassie.”

Meus olhos se abriram por trás da minha máscara. “Como?”

“Sua pulseira. Eu reconheci o meu talismã.”

“Você quer dizer, o meu talismã”, eu disse.

“Eu gosto mais de você morena”, disse ele.

Virei-me rapidamente. Meus seios roçaram seu peito. Meus saltos nos colocava quase olho no olho. Senti uma resistência sensual crescer dentro de mim.

“E eu gostava mais de você como meu Príncipe Encantado”, respondi. Eu podia usar uma máscara, mas eu conseguia ver Pierre sem a máscara dele. Enquanto a minha escondia alguns medos e algumas inseguranças comuns, sob a sua superfície senti ameaça; as mulheres serviam a um propósito seu, e, depois que ele as usava, ele as descartava. Ele foi adorável por uma noite de fantasia, mas, além disso, eu não conseguia imaginar uma vida ao seu lado.

“Eu não sou sua”, sussurrei. “Na verdade, é o contrário.”

Justo quando os holofotes nos encontraram novamente, Pierre estendeu a mão para o meu decote e o puxou até abri-lo. Ele despejou dezenas de moedas de ouro na frente de meu corpete, deixando algumas tilintarem sobre o chão para causar sensação. Ele me chocou, e fez com que eu me sentisse gelada. A multidão parecia não saber se batia palmas ou vaiava Pierre. Os holofotes se voltaram para o palco novamente, onde as garotas davam seus últimos chutes para o alto.

“Solte ela”, disse uma voz no escuro. “Ou eu vou chutar fortemente seus dentes.”

Vi uma figura que se aproximava, recortada pelas luzes. Mas eu não precisava que homem algum viesse em meu socorro. Puxei meu corpete longe do alcance de Pierre e dei de costas com Will Foret, que colocou sua mão quente em minha cintura para me firmar.

“Você está bem?”, perguntou ele.

“Estou bem”, disse. A bateria estava levando o número ao encerramento.

Will se virou para Pierre, que ainda estava inclinado arrogantemente contra a parede. “Este não é um clube de striptease, Pierre.”

“Eu estava apenas recompensando esta bela dançarina com um bom dinheiro”, respondeu Pierre, com as mãos levantadas em sinal de rendição.

“Você tocou no vestido dela. Isto não é permitido.”

“Eu não sabia que havia regras, Will.”

“Este sempre foi o seu problema, Pierre.”

Aplausos irrompiam agora, e todos em torno de nós ficaram em pé para uma ovação às garotas no palco.

Pierre passou a mão limpando uma manga e depois a outra, ajeitou o paletó, e então ofereceu-me o braço.

“O show acabou, claramente. Vamos sair daqui, Cassie.”

Ao som de meu nome, Will se virou para mim, com a boca aberta. Eu não poderia dizer se ele estava impressionado ou decepcionado.

“Cassie?”

Tirei a máscara.

“Oi”, eu disse, com as mãos em meu corpete. “O que eu posso dizer? Substituição de última hora.”

Will gaguejou: “Eu... eu pensei.. Puta merda. Você está incrível”.

A paciência de Pierre estava se esgotando. “Podemos ir agora?”

“Sim”, eu disse. Mas, naquele momento, vi os ombros de Will caírem, do mesmo modo que no baile, depois que Pierre fez o lance vencedor. Virando-me para Pierre, acrescentei: “Você pode ir. A qualquer hora”.

Dei um passo hesitante em direção a Will para pontuar o fato de que eu estava fazendo a minha escolha.

“É você”, sussurrei. “Eu escolho você.”

Assisti à expressão de Will amolecer, relaxar com a vitória, tornada completa quando ele deslizou sua mão na minha e apertou-a, um gesto tão íntimo que me fez sentir fraca. Will não tirava os olhos dos meus. Vencer combinava com ele, decidi.

Pierre riu e balançou a cabeça, como se Will tivesse compreendido errado algo muito importante.

“Caras legais realmente terminam por último”, disse Will, olhando apenas para mim.

“E quem disse que eu e você terminamos?”, Pierre respondeu.

Depois de um demorado olhar para mim e um sorriso arrogante, Pierre desapareceu na multidão, seu guarda-costas tentando acompanhá-lo. Eu estava feliz por vê-lo ir embora.

“Vamos dar o fora daqui”, disse Will, puxando-me no meio da multidão.

Quando passamos pela mesa de Matilda e Kit, ambas sacudiram os pulsos para mim. Eu balancei o meu para trás. Então vi Angela, empinando-se de volta no palco. Ela também se virou e deu uma sacudida em sua pulseira, fazendo de seus talismãs deslumbrantes o centro das atenções.

“Ei, ela tem uma pulseira igual a sua”, disse Will.

“Ela tem.”

Uma mão agarrou meu braço. Era a de uma senhora atarracada, de meia-idade, que vestia uma camiseta enorme onde se lia: “Fazemos tudo melhor em New Orleans”. “Onde posso comprar uma pulseira como essa?”, perguntou, ou melhor, exigiu. Seu sotaque era da Nova Inglaterra, Massachusetts ou Maine.

“Foi presente de uma amiga”, eu disse. Mas antes que eu pudesse tirar meu pulso de perto dela, a mulher beliscou um de meus talismãs entre o polegar e o indicador.

“Eu preciso de um destes!”, gritou.

“Você não pode comprá-lo!”, eu disse, puxando meu pulso para fora de seu alcance. “Você precisa merecê-lo.”

Will me afastou da mulher e me conduziu pelo meio da aglomeração de espectadores que ainda restava na porta. Lá fora, na

noite de inverno intenso, ele jogou seu casaco em volta de meus ombros nus e em seguida me recostou contra a janela do Three Muses, incapaz de esperar mais tempo para me beijar. E me beijou. Ele me beijou profundamente, sinceramente, parando de vez em quando, como se para verificar se eu estava de fato na frente dele, estremecendo com seu abraço. Eu não estava com frio. Eu estava acordando, meu corpo tremia para a vida em seus braços. É uma coisa ser contemplada por um homem que você deseja, outra bem diferente por quem você ama. Mas...

Eu tinha que perguntar, ainda que não tivesse certeza de que queria mesmo saber a resposta.

“Will... e você e Tracina...?”

“Acabou. Acabou já tem um tempo. Somos você e eu, Cassie. Sempre deveria ter sido você e eu.”

Deixamos alguns turistas passarem enquanto eu acolhia essa notícia de parar o coração. Você e eu. Andamos um pouco mais adiante e Will me reteve novamente, dessa vez me pressionando contra a parede de tijolos vermelhos da Praline Connection, onde uma dupla de garçons levantou as sobancelhas lá dentro. Will Foret e Cassie Robichaud?, devem ter pensado. Beijando-se? Na Frenchmen?

As mãos de Will, seu cheiro, sua boca, o amor que eu pensei ter visto em seus olhos, tudo fez sentido então. Eu o queria por inteiro. Ele já estava em minha cabeça e em meu coração, e agora eu o queria em meu corpo também. Quando ele me parou na rua novamente e segurou a minha cabeça com suas mãos quentes, procurando meus olhos para uma resposta à sua pergunta não formulada, eu sabia que ele ouviu meu sim sem palavras. Nós praticamente corremos por meia quadra que faltava para chegar ao Café Rose, onde as mãos de Will tremiam tanto que ele não conseguiu abrir a porta, por duas vezes, sem deixar cair as chaves.

Como era possível que ele estivesse mais nervoso que eu? Como eu não estava nervosa, afinal?

Os Passos.

Eles se derramaram em minha mente. Eu poderia me render a esse homem a quem eu havia resistido desde o início. Senti-me

destemida, corajosa, generosa e confiante o suficiente para aceitá-lo. Eu confiei em Will, o que me deu coragem para enfrentar o que quer que o nosso futuro guardasse para nós. E eu estava tão descontroladamente curiosa para descobrir como era esse homem na cama, como seríamos juntos. Um novo sentimento cresceu dentro de mim, a Exuberância, o compromisso final do Nono Passo. Éramos a própria alegria em ação.

Cambaleamos pelo restaurante, rindo e nos beijando, tropeçando nos sapatos que arrancamos em nossa pressa de subir as escadas, ele freneticamente desamarrando a parte de trás do meu corpete, me ajudando a arrancar a sua camiseta, em uma sala que nunca mais iria parecer um lugar solitário.

Ele estava longe de ser o amante tímido que eu imaginava que fosse. Era feroz e suave ao mesmo tempo, e cheguei a me igualar a ele. Puxei-o, beijando-o com força total, não deixando nenhuma dúvida sobre o meu desejo. Esse homem era meu. Em pé em cima de mim, sem camisa, com os braços bonitos e o peito à mostra, ele arrancou seu cinto feito um chicote. Então atirou a calça jeans e a cueca pela sala.

“Merda”, ele murmurou, alguma coisa clareando em sua cabeça. Will correu para recuperar o jeans, sacudindo-o para liberar a carteira, onde buscou um preservativo. Jamais um homem colocara uma camisinha tão rapidamente na vida, pensei, olhando enquanto ele a deslizava sobre o pênis.

Voltando ao colchão, ele se ajoelhou e abriu minhas pernas. Seus olhos me engoliram por inteira, e ele balançou a cabeça, como se não pudesse ter imaginado o momento mais perfeitamente. Então, ele subiu sobre mim, regando-me de beijos, suaves, depois, mais fortemente, começando uma trilha lenta do meu pescoço até a minha clavícula, e persistentemente em meus seios. Não pude conter meu riso conforme ele avançava para baixo, sua barba por fazer me dando cócegas; ele parava de vez em quando para olhar meu rosto, seus olhos procurando os meus, fazendo-me implorar por ele. Estou prestes a transar com Will Foret, meu chefe, meu amigo, meu homem.

Minha respiração tornou-se baixa e arqueei minhas costas quando ele deslizou para dentro de mim. Como se chama isto,

quando você anseia por alguém e ele está bem ali com você, dando-lhe exatamente o que você quer? Como se chama algo que mexe com o seu coração, com a sua cabeça e com o seu corpo ao mesmo tempo? Com os outros homens, estive plena e fisicamente lá, mas meu coração nunca esteve totalmente desperto. Com Will, cada parte de mim estava viva debaixo dele. Minha cabeça dizia sim, meu corpo estava dizendo agora, e meu coração estava perto de estourar com a maravilhosa sensação de tudo aquilo. É isto o que é amar? Sim, pensei, isto é amor, percebi. Este é o meu amor, meu jovem homem velho, meu Will.

“Você está tão linda assim”, ele sussurrou, as palavras embargando um pouco na garganta.

“Ah, Will.” Era difícil acreditar que aquilo fosse possível, aquela sensação de êxtase. Eu me contorcía sob ele, louca de desejo. Eu queria gozar, tinha que gozar, e ainda assim eu queria parar, para congelar essa sensação de alegria líquida dentro de mim.

“Eu quis fazer isso desde o dia que nos conhecemos”, disse ele.

Ele se moveu para beijar o meu rosto. Seus movimentos lentos e profundos provocaram mil rendições em mim. Descansou os cotovelos em cada lado da minha cabeça, enquanto alisava meus cabelos, os olhos procurando o meu rosto. E então ele começou a ansiar por algo que ele tinha apenas começado a provar. Eu podia ver em sua expressão. Em um único movimento suave, ele me virou para cima dele.

Coloquei minhas mãos em seus ombros musculosos e meus quadris encontraram o ritmo dele. Will estava sentindo aquilo também, eu sabia: um prazer maior e mais forte do que qualquer experiência anterior. Quando a felicidade disparou através de mim, só pude me jogar para ele com mais fervor. Quando gozei, o ouvi chamar meu nome, arqueando o tronco enquanto ele me preenchia, fundindo o seu belo corpo com o meu.

Depois disso, eu estava sobre o seu peito. Com o frio do lado de fora, nossa respiração e nossos corpos haviam aquecido o quarto, fazendo com que as janelas embaçassem. Antes que eu pudesse acalmar minha respiração, sua boca encontrou a minha em um

beijo. Então, ele caiu novamente e fechou os olhos. Ambos perdidos em uma tranquila serenidade.

“Acho que provavelmente você vai se atrasar para o trabalho amanhã”, disse ele em voz baixa um pouco depois. “E acho que eu não ligo para isso.”

Ri quando descansei a minha cabeça contra o seu peito, ouvindo o seu coração. Ele passou os braços em volta do meu corpo, me puxando para ele, beijando o topo da minha cabeça.

“Você pensou em fazer isto desde o dia que nos conhecemos?”, perguntei.

“É. E praticamente nada além disto, Cassie.”

Uma dúvida terrível surgiu em mim. Eu precisava saber.

“Então, por que vocês dois se separaram?” Aquilo explicava o mau humor de Tracina e suas ausências nas últimas semanas.

Ele fechou os olhos como um homem que sabe que tem que entregar a notícia que ele preferia esquecer. “Algumas semanas atrás, peguei algumas mensagens de texto que iam e vinham entre ela e o promotor do leilão. Mas já estava acabado entre nós havia mais tempo. Ela só me deu uma desculpa.”

“Ela estava traindo você?”

“Ela diz que não. Mas não me importo de qualquer maneira. Não importa. Acabou.”

“O que ela vai dizer quando descobrir sobre nós?”

“Ela vai dizer: ‘Eu te disse’. Ela sempre soube que eu era um pouco apaixonado por você.”

Um pouco apaixonado por mim? Ele deve ter sentido o meu espanto. “Sim, você me ouviu”, disse ele, fazendo cócegas em mim. “O que assusta você? Eu dizer isso?”

“Não, você disse um pouco apaixonado, você não disse muito apaixonado. Isto me assustaria.”

“Bem...”, ele começou.

Pus a mão sobre a sua boca deliciosa.

“Não”, eu disse, descansando sobre um cotovelo e olhando para o seu rosto muito bonito e agora muito pensativo.

Ele tirou minha mão e beijou-a. “Você é diferente do que pensei que seria, você sabe”, disse ele, olhando-me fixamente.

“Você quer dizer... na cama?”

“Não. Não falo de sexo, não exatamente. Quero dizer, você. Você parece mais... inteira. Mais confiante, não sei. Quero dizer, eu sempre a enxerguei assim, mas não acho que você se via desta forma até recentemente. Nos últimos tempos, você tem sido mais... mais você.”

Sorri para ele, porque havia acabado de receber o melhor elogio da minha vida.

“Acho que você está certo. Talvez eu seja mais eu ultimamente”, disse, inclinando-me para beijá-lo de novo.

Momentos depois, caímos no sono ao som do saxofonista que fazia ponto depois do horário na porta do Café Rose, um chapéu a seus pés, colocando sua própria solidão na música enquanto a minha dissipava-se na noite.



Capítulo 13

Como consegui deixar Will dormindo lá nunca vou saber. Pensei que o veria novamente algumas horas mais tarde, depois de correr para casa, alimentar a gata, tomar banho e vestir um bom jeans e um top sensual para abrir o restaurante.

Acontece que não me atrasei. Cheguei cedo, na verdade, cedo o suficiente para que eu conseguisse preparar o café antes de nosso primeiro cliente entrar pela porta, passando por cima do Times-Picayune em vez de ser educado e trazê-lo para mim. Mas não fiquei chateada. Nada poderia me derrubar naquele dia, decidi, nem a chuva, nem o fato de que as garotas haviam feito uma bagunça miserável na sala do andar de cima, que provavelmente caberia a mim limpar. Afinal, Will e eu havíamos contribuído um pouco com aquela baderna, não é? Will e eu. Eu e Will. Éramos um “nós”? Eu esperava que sim. Não. É muito cedo para pensar assim, Cassie. Ainda havia a questão de receber meu talismã e dizer a Matilda que eu tomara minha decisão. Eu escolhia um relacionamento com um homem que eu amava em vez de o S.E.G.R.E.D.O. E eu era grata, muito grata, a essa decisão que havia sido tão fácil de tomar. A emancipação sexual de Cassie Robichaud estava completa.

Evidentemente, uma parte de mim sentiria falta do entusiasmo. E eu amava o sentimento de irmandade que eu tinha com as mulheres de o S.E.G.R.E.D.O., como Matilda e Angela e Kit. A mim agora restava apenas imaginar como seria ajudar a viabilizar fantasias para outra mulher, passar as lições adiante. Mas eu queria uma vida com Will. Algo em mim sabia que seria gratificante e amorosa e divertida. Ele já provara para mim que o sexo com ele poderia ser tudo o que eu precisava, que eu queria ou imaginava. E eu estava pronta para fazer aquilo por ele também.

Não, nada poderia me derrubar naquele dia, até que vi Tracina virar a esquina do prédio em frente, esperando que um caminhão de

refrigerantes passasse antes de atravessar lentamente a Frenchmen, seus braços apertados em volta do corpo. Senti uma pontada de culpa, apesar da certeza de que eu não fizera nada errado. Eles haviam se separado. Nós não éramos amigas. Eu não lhe devia nada. Ainda assim, fugi para a parte de trás do café e me ocupei na preparação dos sanduíches. Meu estômago embrulhou quando ouvi os sinos da porta anunciando a sua chegada. Ela disse Olá a uma dupla de fregueses. Por que ela estava aqui tão cedo? Rapidamente joguei fora uma dúzia de fatias de pão, como se estivesse embaralhando cartas.

“Ei”, ela disse, me fazendo pular.

“Ah!”

“Cassie, relaxe. Eu não queria assustar você.”

Deixei escapar um riso nervoso. “Está tudo bem. Estou só um pouco nervosa.”

Ela perguntou sobre o show. Tinha ouvido falar que eu dancei, afinal.

“Eu me fiz de idiota mesmo”, disse, dando de ombros.

“Não foi o que eu ouvi.”

Ela sabia de alguma coisa. Eu podia dizer pelo tom de sua voz. Will e eu tínhamos deixado o Blue Nile de mãos dadas.

“Só estou aliviada que aquilo tenha acabado”, eu disse, passando maionese por todo o pão e evitando seus olhos.

“Will apareceu por lá?”

“Ah... Acho que sim.”

“Ele não voltou para casa ontem à noite”, ela disse, apertando mais o casaco no corpo. Eu queria gritar: O que quer dizer “casa”? Vocês se separaram. Ele está dormindo no andar de cima nas últimas duas semanas! Ele me contou.

“Por acaso você o viu sair na noite passada?”

“Não o vi sair”, menti.

“Você foi a Maison com o restante das meninas depois do show?”

“Não, fui direto para casa.”

“Acho que é por isso que não vi você lá.”

Meu sangue congelou. Eu estava percebendo a pista de que sim, de fato, Tracina sabia de algo. O pânico se infiltrou em mim. Será que ela vai rasgar meus olhos, chutar meus dentes? Bom Deus, onde estava Will?

“Will me disse que você não estava se sentindo bem ontem. Está melhor agora?”, perguntei.

“Eu já me recuperei. As manhãs são piores. Quero dizer, olhe só para a minha pele”, disse ela. Relutantemente, me detive sobre o rosto e tive que admitir que a sua pele estava um pouco pálida, os olhos um pouco fundos. “Mas o médico disse que o enjoo matinal vai passar logo, assim que eu entrar no segundo trimestre.”

Segundo trimestre? Mas o quê...? “Você está...?”

“Grávida? Sim, Cassie, estou. Mas eu queria ter certeza porque eu havia passado por isso antes e depois me decepcionei. Eu não queria dizer nada até que soubesse pra valer. E agora... Sei com certeza.”

Ela colocou a mão sobre seu estômago, que, olhando diretamente para ele, como eu fazia nesse momento, parecia exibir uma leve curva.

“Will... sabe?”

Seus olhos encontraram os meus. “Ele soube agora. Liguei para ele. Cerca de uma hora atrás. Ele veio correndo atrás de mim.”

Deve ter sido logo depois que o deixei para ir até em casa e trocar de roupa. “O que ele disse?”

“Ele estava tão feliz que estava... à beira das lágrimas. Você acredita nisso?”, disse ela, seus olhos enchendo-se de água.

Eu acreditava que tal notícia levaria lágrimas aos olhos de Will. Na verdade, ali mesmo, eu também me emocionei.

“É tudo muito repentino, eu sei. Mas depois que eu disse a ele esta manhã, ele me pediu em casamento. Ele é um homem tão bom, Cassie. E você sabe o quanto ele ama o meu irmão. E quer ser um bom exemplo para ele.”

Minha cabeça girava. Como aquilo poderia acontecer agora? Eu o escolhi e ele me escolheu.

Eu abri a boca, mas tudo o que consegui foi: “Não sei o que dizer”.

Ela olhou para mim, com seu corpo relaxado, agora que ela havia colocado tudo para fora.

“Basta dizer parabéns, Cassie. Deixe por isso mesmo.”

“Parabéns”, eu disse, me oferecendo para um abraço desajeitado. Não pude respirar por um segundo, e quando os sinos da porta soaram, usei aquilo como desculpa e saí rapidamente para a entrada.

Mas não era um cliente. Era Will, parecendo tão assustado como jamais o vira.

“Cassie!”

“Tenho que ir”, eu disse. “Tracina está na cozinha.”

“Cassie, espere! Eu não sabia! O que posso fazer? O que posso dizer?”

Eu me virei para encará-lo. “Nada, Will. Você já fez a sua escolha. Não há mais nada a fazer.”

As lágrimas corriam pelo meu rosto. Ele estendeu a mão para limpá-las, mas afastei seu braço.

“Por favor não vá, Cassie”, ele sussurrou, implorando.

Arranquei meu casaco do cabideiro e o joguei sobre mim, deixando a porta aberta ao sair do Café Rose. Enquanto eu caminhava para o sul da Frenchmen, a chuva fria começou a diminuir. Minha caminhada transformou-se em uma corrida em Decatur, enquanto eu atravessava o Bairro Francês, já acordando para as festividades do dia. No Canal, a loucura do Mardi Gras começava a crescer, e me movimentei no meio da multidão em um ritmo louco. Eu tinha que sair dali. Na Magazine, quando me inclinei ofegante para recuperar o fôlego, percebi que ainda usava meu avental de garçoneiro. Eu não me importava. Imagens do meu corpo entrelaçado ao de Will passaram pela minha mente. Seus beijos, seu peito flexionado debaixo do meu, o jeito como ele embalou

minha cabeça em suas mãos. Eu me abracei enquanto os soluços foram puxados com violência até a superfície. Meu Will, meu futuro, dissolvido. Somente isso. Eu deixei passar um ônibus lotado, em seguida, outro. Decidi caminhar até a rua Third para que eu pudesse continuar chorando, sem me importar com quem me via, as multidões de turistas lutando por uma vaga privilegiada na rota do desfile.

Ah, Will. Eu o amava, mas não havia nada a fazer. Eu não poderia ser a mulher que afastaria um pai de seu bebê. Uma noite perfeita, foi o que tivemos, e agora eu precisava deixá-lo partir. Aprendi com os outros homens como estar com eles e então deixá-los partir. Eu poderia fazer a mesma coisa com Will? Tinha que tentar.

Na travessia sob a via expressa Pontchartrain, comecei a sentir meu corpo relaxar enquanto a horda de turistas diminuía. O cheiro úmido do Bairro Francês deu lugar ao perfume das trepadeiras floridas que serpenteiam as casas no distrito de Lower Garden. A chuva havia parado, e as calçadas mais largas acalmaram meu coração.

Ao virar na Third, me lembrei da minha primeira incursão por essa rua exuberante e de como meu medo me paralisara tantas vezes naquele dia. Agora, aqui estava eu de novo, toda molhada, com meu coração machucado. Eu já sentira tanto medo do mundo. E mesmo que agora sentisse dor, o medo se fora, havia sido substituído por uma noção verdadeira e real de mim mesma. Eu tinha os meus pés no chão. O meu coração estava pesado, mas eu sobreviveria a isso e ficaria mais forte. Eu sabia o que queria. Sabia o que precisava fazer.

Danica abriu o portão para mim. Caminhei lentamente pelo pátio, maravilhada com a forma como a primavera chegara a New Orleans em fevereiro. Antes mesmo de eu bater na enorme porta vermelha, Matilda a abriu, com um sorriso de expectativa.

“Cassie. Você veio buscar seu último talismã?”

“Vim.”

“Então, você tomou a sua decisão?”

“Tomei.”

“Você está dizendo adeus a nós, ou você está escolhendo o S.E.G.R.E.D.O.?”

Eu pus os pés sobre a soleira da porta e entreguei a Danica meu casaco molhado. “Estou escolhendo o S.E.G.R.E.D.O.”

Matilda aplaudiu, e, em seguida, pôs as mãos sobre o meu rosto.

“Primeiro vamos secar estas lágrimas, Cassie. Depois telefonamos para o Comitê. Danica, prepare o café. Vai ser uma longa reunião”, disse ela, delicadamente, fechando a enorme porta vermelha atrás de nós.



Esta obra foi formatada pelo grupo de MV, de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição da obra literária física ou em formato ebook. O grupo é ausente de qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. **O Grupo tem como meta a formatação de ebooks achados na internet, apenas para melhor visualização em tela, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupos, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download do livro cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.**

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao **uso pessoal e privado**, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, blog, sites e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo. O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderão individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo-se os grupos citados no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.